

ANNA EN EL MEDIO



BARBARA ELSBORG



Traductoras Inexpertas



Barbara Elsborg ANNA NO MEIO

Anna está no meio de uma confusão.

Está sendo perseguida por um cara manipulador que está a ponto de casar-se com sua irmã e que ainda por cima convenceu a todos que Anna está enciumada. Sua sorte muda quando conhece o alto, moreno e muito bonito Jax. Mas depois de uma incrível noite de sexo, Anna descobre algo que a faz pensar que ele é casado.

Jax está no meio de um dilema.

Sente-se dividido entre o homem que ama e a mulher que acaba de conhecer. Ir atrás dela significa arriscar o que já tem. Jax está desesperado por encontrá-la, mas entenderá ela o que tem que lhe dizer?

Will está no meio de um mal de amor.

Sabe que Jax lhe ama, embora nunca disse isso. Também sabe que Jax encontrou uma mulher. Dividido entre ser um bom amigo e o amante de Jax, Will não está seguro que sua relação seja capaz de sobreviver. A única maneira de descobrir é localizar Anna para Jax. Mas quando Will a encontra descobre por que Jax se apaixonou por ela.



Comentário da Revisora Lu Avanço: amei esse livro, faz tempo que não tenho o prazer de fazer um livro tão bom. Este livro é maravilhoso. Dois moços lindos que gostam de variar para não enjoar. kkkkk E a mocinha é tudo de bom. Tadinha tem um carma na vida dela, tem momentos no livro que eu tive vontade de matar esse carma kkk, mas leiam é super hot e não tenham preconceitos não, leiam para esquentar e molhar a a calcinha kkkkkk.

Comentário da Revisora Lívia: Gente que livro show de bola! Amei fazer este livro, muito bom, além de ser hotíssimo é muito bem escrito, os personagens são muito sensíveis e carinhosos. Essa autora escreveu com emoção e muito carinho. Amei meninas e vcs também vão amar.

Capítulo 1



Anna olhou com o cenho franzido a cerca de mais de 1,80 de altura. Não tinha nem ideia de quem estava ao outro lado, mas sim sabia quem estava neste lado. Gareth e Beth, sua irmã, e Anna não tinha nenhum desejo de falar com nenhum dos dois. A voz de Beth fez-se mais forte enquanto caminhava pelo atalho do jardim. Anna olhou de novo a cerca. Ela estava fora de vista, atrás de um abrigo, e se tivesse estado nos braços de um homem, estaria bem, mas não estava.

Não havia nenhuma desculpa razoável para estar à espreita, sozinha, ao fundo do jardim quando a festa estava dentro da casa. Anna esteve comendo, bebendo e teve um momento relativamente tranquilo até que Gareth chegou e começou a soltar mentiras. Em lugar de discutir, ela queria fugir. Antes que algum pensamento pudesse detê-la, Anna colocou a alça de sua bolsa entre os dentes, subiu sobre um montão de troncos empilhados e balançou uma perna sobre a cerca. Só precisava esconder-se no pátio do vizinho do lado durante uns minutos até que Beth e Gareth voltassem para dentro.

Anna esperava que os vizinhos não tivessem cachorro.

Um pouco tarde para pensar nisto quando já estava sentada escarranchada sobre a cerca, agarrando-se fortemente com os braços e as pernas. Quando a estrutura começou a balançar como um pêndulo lento, Anna se perguntou se a decisão de subir ou voltar ia depender dela. Ainda duvidava. O jardim estava escuro e tranqueou. Muitos arbustos e árvores. Nenhum sinal de cães, mas provavelmente, haveria um tigre ou dois à espreita.

—Anna, está aqui? —chamou-a Gareth.

Merda. Anna deixou de pensar e sem mais o fez, balançou sua outra perna por cima e se deixou cair. Só que não era tão simples como isso. A tira do ombro de seu vestido se enganchou e puxou-a para trás. Anna deslizou acompanhada pelo som da rasgadura e a dor de algo agudo parecido em seu traseiro. Quando a bolsa caiu de sua boca e ela caiu sobre seus joelhos, apertou os dentes para deter o grito de dor que a percorria.

—O que foi isso? —perguntou Beth.

—Anna, é você?

Anna olhou furiosamente para o som da voz de Gareth e logo se arriscou com um miado débil. Tratou de avançar lentamente longe da cerca, mas esta não a deixou partir. Com uma habilidade que não sabia que tinha, Anna conseguiu transformar um chiado em um miau comprido.

—Miaaaaauuuuuuuu.

Merda, seu miado soava realmente lastimoso.

—Acredita que é um gato ferido? —perguntou Beth. — Será melhor que comprovemos.

Maldita Beth e sua obsessão com os programas de televisão sobre resgatar animais. Anna deu um puxão em seu vestido, rasgando-o e ficando livre. Superou a dor e com desespero pegou a bolsa e subiu pelo mato em busca de um lugar para esconder-se. Descobriu um grande depósito de plástico azul, um pouco parecido ao que ela e Beth tinham utilizado uma vez como um fosso de areia. Anna escapuliu por debaixo e conteve outro grito de dor quando se aconchegou.

Compartilharia esse espaço com algum verme. Ou uma aranha. OH, Deus! Ou uma serpente.

—Vê-o, Gareth?

OH, merda, acabava ele de ver o que ela tinha feito?

—Não há rastro dele.

—O pobre parecia ferido — disse Beth. — Esse triste miado. Anna pôs seus olhos em branco.



—O que vocês procuram?

O coração de Anna saltou. A voz de um homem e não era Gareth. O tipo parecia perto de seu lado na cerca.

—Olá, ouvimos um gato com problemas em seu jardim. —disse Beth.

Merda. Havia alguém neste lado da cerca.

—Aqui não. Você está confundida.

Anna conteve o fôlego. Talvez não a tivesse visto. Ela ficaria onde estava durante um momento. Ah, Deus, doía-lhe a ferida. Realmente doía. Anna se arriscou a deslizar uma mão para trás. Seu vestido estava rasgado e sua calcinha também. Pareciam estar úmidas. Já que não tinha tido esse tipo de acidentes desde que tinha dois anos, isto tinha que ser sangue. Seus dedos exploraram uma lasca larga de madeira que sobressaía de sua nádega direita. Merda. Agora que sabia o que acontecia, doía-lhe ainda mais. Lágrimas brotaram de seus olhos. Por que aceitou vir a este banho de sangue em primeiro lugar? Ela sabia o que passaria uma vez que o casal se apresentasse. Bom, ela não sabia que saltaria por uma cerca, mas sim sabia que terminaria por sair correndo.

—Pode sair agora. —disse uma voz.

Seria muito esperar que o tipo não estivesse falando com ela. Entretanto, Anna ainda esperava.

—Eles se foram — disse o tipo. — Você estará bem. Não, não o faria.

Anna fez um último tento.

—Miauuuu.

OH Deus, não se parecia nem sequer vagamente a um gato.

O som de uma risada se filtrou através da tampa de plástico azul.

Como de bem seria capaz de fazer outra má imitação de algum animal? Era muito tarde para tentar ser um ouriço? Ela estava sorvendo os mucos.

—É seguro agora, gatinha. Retornaram para dentro.

Gatinha? Com um metro setenta e oito centímetros Anna se rendeu. Separou-se da coberta e ficou de pé, lutando por conter as lágrimas. O proprietário da voz descansava sobre uma cadeira de madeira, metido onde ela não o tinha visto, as longas pernas esticadas e cruzadas no tornozelo, uma lata de cerveja na mão. Inclusive na penumbra, podia ver seu sorriso. Seus dentes brilharam e durante um momento ela lamentou que ele não fora um homem lobo que a rasgasse em pedaços e terminasse a confusão no que estava. Depois de haver tido sexo fabuloso com ela, é obvio.

Não havia nenhuma maneira de fazer uma saída digna. Anna nem sequer estava segura que pudesse caminhar. Olhou por cima do ombro à parte de madeira que se sobressaía de seu traseiro e engoliu em seco. O sangue corria por sua coxa. Ela não permitiria que Beth e Gareth a vissem assim. Fariam uma ideia totalmente equivocada.

—Você desmaia ao ver sangue? —perguntou Anna. Ele se levantou de um salto.

—Está ferida?

Era mais alto que ela uns três ou quatro centímetros. A luxúria de Anna a golpeou junto com a dor.

—Uma lasca. —disse ela. Ele se pôs a rir.

—Acredito que posso fazer frente a uma lasca. A mão.

—Não está em minha mão — disse. Logo se voltou para mostrar-lhe. Ao menos tinha deixado de rir.

—Vai ter que entrar na casa.



—Não poderia fazer aqui?

Anna não queria mais olhadas sobre seu traseiro do absolutamente necessário, sobre tudo se ia ser inspecionado por um tipo que aumentava sua formosura com cada segundo que acontecia. Por que não podia ser gordo e feio? Só que se alegrava que não fosse.

—Entre. — ordenou ele.

Anna deixou cair os ombros. Não tinha opção. Não havia maneira que pudesse voltar por cima da cerca. Apertou os dentes, agarrou sua bolsa e saiu coxeando atrás dele, cada passo era uma agonia ainda com a compensação de estar distraída com seu corpulento corpo. Tinha os ombros largos e a cintura estreita. Sua camisa de cor clara estava rodeada nas costas e pendurando sobre os jeans escuros. A Anna gostava do traseiro, todo apertado e firme e sem lascas. Ele abriu a porta e a fez passar. Dentro da cozinha iluminada Anna se voltou para ele e engoliu em seco. Seu cabelo loiro, cortado estilo despenteado, parecia-se com uma versão mais curta do dela e emoldurava um fabuloso rosto. Suas pestanas eram longas e escuras e os olhos de um cinza profundo. A única imperfeição era uma branca e estreita cicatriz que percorria a maçã do rosto esquerdo. Anna nunca tinha visto um indivíduo com um olhar perigoso em sua vida. Mas isso explicaria por que seu corpo reagiu como o fez. Os músculos se apertaram entre suas pernas, seu coração se acelerou e sua boca secou. Que esbanjamento de adrenalina! Ele nunca fantasiaria com alguém como ela.

—Se incline!

—Perdão? —*Ele também tinha estado pensando no sexo?*

—Se incline sobre a mesa.

É obvio, assim poderia ver seu traseiro. Anna fez uma careta, mas o que outra coisa podia fazer? Tinha meia cerca entupida no traseiro e não podia tira-la sozinha. Nem sequer podia sentar-se enquanto tivesse isso fincado nela assim tampouco poderia entrar em um táxi. Não acreditava que ia a casa de todos os modos, se não voltava pra casa de seus pais, já que Beth estava esperando para compartilhar o táxi. O passeio estava fora de toda questão, assim suspirou e se inclinou sobre a mesa.

Quando Anna escutou a rápida exalação de seu fôlego, o alarme a alagou.

—Oh Deus! Está muito mal? —tentou ficar de pé.

Uma mão na metade das costas a voltou a empurrar para baixo.

—Não se mova.

Anna gemeu ao tempo que ele tocava ligeiramente a parte de madeira. *Merda, como doía.* Ela estremeceu quando tratou de levantar o vestido de seu corpo e seus dedos se dobraram com mais força sobre a beirada da mesa.

—Sinto muito. Vou ter que cortá-lo.

—A mim? —sua voz soou como um chiado embaraçoso. Parecia-se muito a sua irmã.

—Não. Seu vestido.

Bom, já estava arruinado. Poderia ter sido capaz de voltar a costurar a ombreira sem problema, mas não poderia ter costurado o rasgo nas costas. Anna o viu revolver em duas gavetas da cozinha até que chegou com um par de tesouras. Quando o vestido se abriu e caiu a ambos os lados da cintura, voltou-lhe a ouvir exalar de novo.

—Ahhhh! —murmurou de novo.

—O que significa esse “ahhhhh”, tenho que amputar uma nádega ou um “ahhhhh” que agradável roupa íntima? —perguntou Anna.

Ele riu e ela sentiu seus dedos percorrer com o passar da beira de sua melhor roupa íntima



de renda vermelha. Um calafrio de desejo se uniu a seu estremecimento de dor. Anna estava dividida entre o alívio, que pôs algo sexy em lugar de sua acostumada lingerie de algodão branco, e a decepção que sua renda havia se arruinado. Quando sua mãe havia se queixado sobre assegurar-se que ela e Beth usassem a roupa íntima limpa em caso que estivessem implicadas em um acidente, Anna duvidava que tivesse tido em mente este incidente. Quando cortou o cordão, Anna se agarrou na beira da mesa o suficientemente forte como para arranhá-la. Seus dentes se apertaram quando ele tocou a lasca.

—Deixa de brincar com isso e dê um puxão para fora à maldita coisa.

—Tenho que me assegurar que retiro no mesmo ângulo em que entrou. Se prepare.

—Talvez devesse ter um pedaço de madeira entre os den...

Anna não pôde terminar o que tinha estado a ponto de dizer, porque um grito surgiu de sua garganta. Apertou a testa contra a mesa e respirou fundo para deter o horrível grito que lutava para sair. Algo frio e úmido golpeou duramente seu traseiro. Lágrimas deslizaram por suas bochechas e as deixou cair sobre a mesa. Demorou um momento antes que pudesse respirar normalmente.

—Está bem? —perguntou ele.

—Estupendamente.

Ele deu um bufo tranquilo.

—Tenho aqui um pedaço de madeira que pode pôr entre os dentes se quiser — disse a ela.

—Muito gracioso.

Em realidade era gracioso, mas Anna não podia reunir um sorriso.

—Você gostaria de me explicar por que saltou sobre a cerca?

Como poderia explicar sem soar patética? Mas pensou em algumas ideias antes que lhe chegasse alguma inspiração. Uma invasão policial? Estava procurando mais álcool? Fugindo de um louco assassino com um machado? Escapando de sua irmã e seu namorado doninha? Não, ela não podia dizer isso.

—Tentava evitar a vergonha, a estupidez e a humilhação — resmungou Anna em voz baixa. Pôs-se a rir.

—Acredito que está desejando voltar para o outro lado. “Anna pensou em Gareth e Beth, a cara perpetuamente culpada de Beth e o sorriso de Gareth vai à merda”.

—Não, na realidade não.

Levantou-se, deslizando seus dedos por detrás para sustentar tudo o que ele estava pressionando sobre suas costas e cobriu sua mão com a sua. O zumbido que sentiu quase a faz cair de volta sobre a mesa. Pensou que ele afastaria os dedos, mas não o fez. Não durante um comprido momento. Anna manteve a mão sobre a dele, não estando segura de retirá-la ou não. Quando ele deslizou seus dedos por debaixo dela, voltou-se para ele para olhá-lo.

—Aqui está o culpado. —disse ele, empunhando uma peça de madeira dentada da longitude de uma costela de pau.

Os olhos de Anna se abriram amplamente e engoliu em seco.

—Tinha tudo isso cravado aí atrás?

Mostrou-lhe um espaço entre o polegar e o dedo indicador e lhe deu um amplo sorriso.

—Só isto.

Ela se decepcionou que não fora mais. Podia-se pensar que era uma covarde. Era uma covarde.

—Não se mova, vou procurar algo para pôr aí. Depois que ele partiu, Anna observou a



cozinha. Estava surpreendentemente limpa para um homem. Todas as bancadas estavam limpas. Seus pés não se pegavam ao chão. Nenhum prato sujo na pia. Anna de repente se congelou. Por que deveria ela assumir que esta era a cozinha de um homem? Ele provavelmente tinha uma esposa, três meninos e um tigre. Merda. Ela tinha que partir agora mesmo. Poderia pôr a tampa azul ao lado da cerca e saltar sobre ela.

—Consegui algo — chegou sorrindo, sustentando um band-aid grande com um dinossauro na frente. Sim, casado e com meninos, por isso ele sabia como tratar com uma idiota ascensão em uma cerca, que se empalou e queria passar por um gato.

—Se incline outra vez — disse ele. — Limparei o sangue da perna.

Ele se estava oferecendo a pôr as mãos sobre sua perna? Partiria depois que fizesse isto.

Uma folha de papel de cozinha deslizou por cima de seu tornozelo.

Foi lento e suave e Anna deslizou sobre ela entre a mesa e o chão porque tinha perdido o controle de seus músculos. Ele levantou a mão de seu traseiro. Tirou a folha úmida e a jogou na pia. Outra carícia suave, com algo seco e oh, Deus! Seus dedos percorreram seu traseiro nu intacto. Que demônios estava fazendo?

—Só comprovava que estivesse seco, do contrário o band-aid não grudará. —comentou.

Ehhhh podia ler a mente também? Maldito seja por ter uma desculpa razoável, mas não a que ela queria!

Ele pressionou o band-aid e com cuidado roçou ao redor da beirada. Anna imaginou seus dedos movendo-se para baixo, indo à deriva entre suas pernas, parando para acariciá-la.

—Obrigado. —disse e se levantou antes que ela se desse a volta e pedisse foda-me.

Mas então sua mão deslizou em torno de seu estomago e ele a puxou contra ele. Isto não era parte do tratamento de primeiros socorros. Algo comprido, duro e quente pressionava em seu quadril. Anna não precisou fazer muitas ideias. Seu pulso começou a pulsar na zona de perigo. Tinha sido assim do momento em que o tinha visto. Anna tremeu quando ele passou sua incipiente barba no queixo sobre seu pescoço. Seu quente fôlego disparou flechas de luxúria em sua virilha, viajando através de seu coração. Então seus lábios úmidos aterrissaram sobre seu pescoço e se não tivesse estado sustentando-a, ela teria caído.

—Oh, Deus! —sussurrou ela.

Uma mão permaneceu sobre seu estomago, mantendo-a em seu lugar, a outra se aproximando furtivamente de seu seio. Ela ouviu interromper sua respiração quando seus dedos encontraram o mamilo através de seu vestido. Não era um problema para ela. O voltar a respirar. Tinha deixado de respirar totalmente.

Fez girar a ponta que formigou no seio enquanto acariciava o lado de seu pescoço de uma vez que Anna gemia. Sabia que não deveria estar deixando que isto acontecesse, nem sequer conhecia o nome do homem, mas não teria podido mover-se nem para salvar sua vida. Seus lábios trocaram de um lado de seu pescoço ao outro, lambendo, mordendo, beijando o ombro sem alça e ela ficou ali, com os olhos meio fechados, tratando de não dissolver-se em um atoleiro.

Por último, deu a volta e baixou os braços. Anna o olhou fixamente nos olhos e não pôde afastar o olhar. Ela não podia mover-se tampouco, mesmo que uma parte diminuta de seu cérebro dissesse que este era em realidade um lobo diante dela e que tinha que correr. Agora. Rápido. Anna sabia que cada mulher que se deitou com um homem que logo que tinha conhecido, nunca voltava a ouvir falar dele. À exceção dela que encontrou com um homem que não podia desfazer-se dele. Mas que classe de homem era este tipo? Eles estiveram de pé olhando um ao outro,



ambos respiravam rapidamente, nenhum piscava.

Uma luta inútil. Ela o desejava.

—É casado? —perguntou ela.

Seu olhar fixo nunca vacilou, mas sua boca atirava para um sorriso.

—Não, verdade?

—Não.

Sorriu então adequadamente, um sorriso zombador tão atraente e depredador que Anna se perguntou o que haveria feito se houvesse dito que tinha uma esposa e seis filhos. Ela queria acreditar que o teria deixado, mas sua atração por este homem era tão forte que não podia pensar com lucidez. Ele jogou brandamente a cabeça para frente, enviando sua moralidade a um pequeno canto de seu cérebro onde ela a encerrou.

Com o primeiro toque de seus lábios sobre os seus, Anna ficou sem fôlego e sua língua deslizou em sua boca. Quase como se tivesse recebido uma descarga elétrica por permitir tão facilmente, ele se retirou. Um amplo sorriso mais tarde, ele começou a morder seu lábio inferior atormentando o lugar que beliscou com a ponta de sua língua. Suas mãos deslizaram pela sua cintura e a atraiu para si, segurando os braços da Anna entre seus corpos enquanto ele seguiu beijando-a. O homem sabia beijar. Anna se deu conta de como outros homens lhe tinham defraudado. Nenhuma investida de língua lesma, nenhum bico seco, mas sim uma sensual e suave carícia da boca dele, pedindo que abrisse a sua, para render-se, para que cedesse, para que desse tudo o que ela tinha. Se Anna não tivesse pensado que já estava perdida, agora definitivamente estaria. Este homem sabia o que estava fazendo. Seus lábios se abriram, continuando sua exploração, seguindo o bordo dela, encontrando cada lugar com cócegas na boca até que Anna recuperou seu julgamento, deixando de imitar a uma estátua e começou a beijá-lo até o fundo.

Uma vez que ela respondeu, ele moveu seus braços, liberando os dela e suas mãos começaram a percorrer suas costas. Quando ele pressionou seus quadris mais firmemente contra os seus e deslizou e balançou ritmicamente, Anna sentiu uma atração cada vez maior entre as pernas, o desejo de seus quadris de unir-se ao baile. Suas mãos se moveram à cabeça, cravando os dedos em seu cabelo e trocando o ângulo do beijo para fazê-lo mais profundo, mais intenso. Quando ele gemeu, a vibração encheu sua boca, enviando tremores através de seu corpo. Anna chupou sua língua e colocou as mãos sob a camisa malmetida sobre as costas. Sua pele era quente lisa e suave. Quando seus braços subiram sobre os ombros, os músculos das costas estremeceram sob seu toque. De todos os modos seguiram beijando-se, sentindo aumentar sua paixão a fogo lento, transformando a cozinha em uma tormenta de fogo.

Quando foi a última vez que respirou? Anna não estava segura.

Precisava respirar? Não. Por que preocupar-se? Beijar era melhor. Beijar estava bem. Bom, ela não conhecia este homem, mas beijar, Oh! Uma mão deslizou pela parte superior da coxa sã, arrastando as unhas, e as gemas dos dedos deslizando para cima. A pele dela revooou como a asa de um pássaro. Os dedos dele se moveram por debaixo de seu vestido, sua mão deslizava entre suas pernas. Um suave golpe através da renda úmida e ela se desfez em espiral diretamente ao céu.

—Oh, Meu Deus! —Anna se agarrou por seus ombros, os joelhos tremiam quando escondeu o rosto em seu pescoço.

Manteve a mão entre as pernas, segurando o montículo, roçando com o polegar. Se ele se movesse, ela cairia. Seu coração palpitou e Anna tragou, tentando manter o controle de sua respiração. Os dedos de sua outra mão acariciaram sua cabeça, acalmando-a com gestos



relaxantes, mas ela sentia a tensão crescendo dentro dele, seu coração pulsava contra o dele, sua respiração entrecortada em seu ouvido.

—Estou desesperado por foder você — sussurrou, e Anna gemeu.

Depois, de algum modo, moveram-se, beijando-se de novo, os braços e as pernas entrelaçadas quando a tirou da cozinha, em direção à escada. O coração de Anna se debatia entre saltar pela garganta ou cair em seu estômago. Ela não conhecia este homem. Ele poderia ser outro Gareth, outro bastardo repugnante, manipulador, ardiloso. Cada osso de seu corpo dizia que parasse isto, agora mesmo. Mas nenhum dos dois era tão sensato e continuaram movendo-se.

Caíram sobre a escada, mas ele rodou sobre si mesmo para que ela não caísse sobre sua zona machucada, e a embargou uma bondade de enviar tudo ao traste. Seus braços estavam por toda parte enquanto ela estava em cima dele.

—É uma gatinha sexy — sussurrou. — Esta me deixando louco.

—Não nos... conhecemos um ao outro — gaguejou Anna.

—Acaso importa? Sabemos o que queremos. — agarrou sua cabeça entre suas mãos e a fez olhá-lo. — Mas se não, diga-me agora antes que meu super excitado membro vá mais à frente do ponto de escutar meu cérebro.

Anna sabia que tinha que afastar-se, mas não podia. Pensou que nunca tinha estado tão excitada em sua vida. Podia sentir o calor renascer de novo em seu interior. Isso nunca tinha ocorrido antes. No geral, chegava uma vez e isso era tudo, e para ser honesta, inclusive uma vez tinha sido provocado por ela mesma. Ele somente queria sexo. Não havia nenhuma pretensão aqui, não havia ilusões de ir mais longe, mas mesmo assim Anna duvidou. Ela não fazia coisas como esta. Por muito que gostasse de ser selvagem, imprudente e sexy, não o era.

—Está seguro de não estar casado? — perguntou insegura da resposta que queria ouvir.

Ele sorriu.

—Sim, estou seguro. Estou bastante seguro que recordaria se estivesse. Moveu-se ligeiramente por debaixo dela. Anna sentiu o fio duro de seu pênis empurrando seu estômago.

—Se importaria se eu estivesse? — perguntou ela e ele deixou de mover-se.

De onde diabos havia saído isso? Estava tratando de postergá-lo?

—Quer que seja honesto? — perguntou ele. Ela assentiu.

—Não, não me importaria. Não neste momento. Estou muito desesperado para me preocupar. Tudo o que posso pensar é em você e em mim, quão formosa é e a magia que podemos fazer juntos.

Anna se levantou de cima dele e ficou de pé, seu ombro apoiado contra a parede. Ele se inclinou atrás sobre seus cotovelos e elevou a vista para ela, inclinando sua cabeça para um lado.

—Foi uma resposta equivocada? — perguntou ele.

—Não, se for a verdade — tudo o que podia pensar era que ele disse que era formosa e que a desejava desesperadamente. A verdade era que ela o queria.

Sentando-se no degrau a olhou.

—Assim, quer te despir e suar, ou não?

—Eu não suo.

Um sorriso iluminou seu rosto.

E—Nunca teve relação sexual comigo. Ela riu.

—Está bem. É sua escolha, gatinha. Pode descer a escada e sair pela porta principal ou continuar subindo.

Anna não vacilou. Ela subiu um degrau e ele riu.



—A primeira porta à direita. Dois segundos e contando.

Seus olhos escureceram, e os da Anna se abriram e pôs-se a correr para ela, sentindo que seu traseiro estremecia lhe fazendo saber que não estava feliz de se exercitar. Uma lástima, porque havia mais por vir.

—A da direita, não à esquerda — disse ele a suas costas quando Anna tocou o trinco.

Oh Deus, estava desesperada. Anna mudou para a outra porta do corredor e empurrou, abrindo a porta.

Capítulo 2

O coração de Jax palpitava tão forte em seu peito, que suas costelas doíam pelo esforço de deter o órgão saltando nos braços da mulher. O momento no que tinha visto sua perna longa e nua baixando sobre a cerca, a tinha querido. O fato que ela tivesse resultado ser tão sensível aos seus dedos como o papel de seda tocado pela chama, tinha convertido seu membro em uma barra de ferro. Aquela lasca em seu traseiro havia feito querer romper a maldita cerca em pedaços por atrever-se a lhe fazer mal. Ela não se parecia em nada a uma gata, mas era linda como uma gatinha, olhos grandes com a pele mais suave. Jax queria sová-la e acariciá-la e abraçá-la enquanto ela ronronava em seus braços.

Ele entrou no dormitório e acendeu a luz. Ela estava de pé na janela retirando as cortinas, e deu a volta para olhá-lo. Seus olhos eram assombrosos, azul cobalto com bolinhas castanhas, coberto por pestanas escuras e espessas. Seu cabelo tinha vários matizes de loiro, um pouco como o seu, e cortado em um estilo que a fazia parecer como se acabasse de sair da cama. Jax passou os dedos pelo cabelo e sorriu abertamente.

Ela tirou o vestido pela cabeça e sorriu. *Ah, merda.* E ele que tinha pensado que ela poderia necessitar um pouco mais de persuasão.

O sutiã vermelho que fazia jogo com aquela calcinha vermelha rasgada. Seios alegres e um decote que ele queria merda. Deus, como se seu membro necessitasse de mais estímulo. Jax suspirou quando suas bolas se apertaram. Ela era alta e magra, justo o que gostava. Suas pernas eram eternas. Ele imaginou que seus tornozelos se envolviam ao redor de seu pescoço enquanto ele a fodia sem sentido, e seu membro grunhiu com impaciência.

Jax esperava como o inferno que ela não procurasse delicadeza e sexo lento e suave. Embora ele fosse mais que capaz disso, o sexo lento não era o que necessitava naquele momento. Nem ela, supunha. Seus lábios estavam ligeiramente abertos e ele podia ver a ponta de sua língua percorrendo seus dentes superiores. Sua língua se moveu pela beira de sua boca e lambeu o lábio superior. Ela tremeu. Ele também. *Merda.* Estava atualmente conectado para rápido e furioso. Se não a tivesse nos próximos dois minutos, se desonraria e gozaria em suas calças. Já podia sentir uma mancha molhada na ponta de seu membro. Lento e cuidadoso poderia vir mais tarde. Jax deu um passo para ela.

—Tem uma camisinha? —perguntou ela.

Merda, merda e saco.

—Não se mova — disse ele. — Nem um centímetro. Nem sequer sorria até que eu volte.

Jax provou no banheiro ao outro lado do patamar da escada. Seu membro se esforçou por escapar, impulsionando a se apressar. Pressionava tão forte por sair de suas calças que logo teria



uma fantástica tatuagem no zíper metálica por toda a longitude de seu pênis. Jax procurou no estojo de primeiro socorros atrás do espelho, esperando que seu cunhado tivesse uma reserva enorme de camisinha. Nada. *Merda*. Whoa, equipamento de gravidez? Kelly estava tentando ter outro bebê depois daquele monstro que já tinham? Jax sacudiu o pensamento de sua cabeça, esperando que isso não significasse que ia ter má sorte sobre as camisinhas, e baixou até o armário debaixo do lavabo.

Isto não ia passar sem uma camisinha. Ele nunca corria essa tipo de risco. Jax exalou um enorme suspiro de alívio. Um pacote sem abrir de doze em vários sabores. Talvez fosse realmente afortunado. Seu membro tratou de assentir em acordo, mas estava muito confinado.

—Não se preocupe menino. Não demorarei muito. — Jax estremeceu. Desde quando falava com seu membro? E lhe dava um nome?

De volta ao dormitório, Miss Tentação estava de pé exatamente onde ele a tinha deixado, só que a luz principal estava apagada e um abajur de noite aceso.

—Moveu-se. Eu disse que não se movesse — disse ele em um grunhido.

—Tenho assombrosos poderes mágicos. Não tem nem ideia.

Não, ele não tinha, mas logo teria. Uma onda de alívio percorreu Jax porque ela não fugiu. Lançou a caixa de camisinhas no móvel ao lado da cama e a chamou com o dedo.

—Vêm aqui.

Ela pôs as mãos sobre seus encantadores quadris.

—Que tal se você vier?

Jax riu. Ela ficava mais atraente por segundos. Não a louca que poderia ter sido, subindo por uma cerca, ele adivinhou, para escapar de um tipo, a não ser uma sensual tentadora. Ele começou a desabotoar a camisa e olhou como seus olhos seguiam a trajetória de seus dedos. Jax quis arrancá-la e se lançar sobre ela, mas se obrigou a reduzir a velocidade e tomar dois segundos em vez de um.

Quando seus dedos desabotoaram o botão de suas calças, a ponta da língua dela estalou entre seus lábios e ele teve que apertar a base de seu membro para evitar gozar. Jax deixou de olhá-la. Era o único modo que tinha de fazê-lo fora de sua roupa. Tirou os sapatos com os dedos do pé, tirou as meias e deixou cair os jeans. Seu membro se esticou dentro de seus boxers e ele gemeu.

Ouviu que ela exalava um tremente fôlego e elevou o olhar. Olhava-o fixamente, não a impressionante barraca em sua cueca, Vale! Isso influía, a não ser seu rosto, e Jax sentiu que algo modificava dentro dele, uma mudança que o fazia querer realizar uma necessidade física para algo mais à frente. Ele não se emocionou. Nem sua coisa. Mas ficou ali de pé, examinando seus olhos, incapaz de afastar o olhar. Isto era luxúria, verdade? Como poderia ser algo mais?

—Vêm aqui — disse e viu o sorriso satisfeito em seu rosto.

—Me obrigue.

Dois segundos mais tarde ela estava deitada de barriga para cima através da cama e ele estava em cima dela, suas pernas a ambos os lados das dela, apoiado em seus antebraços para evitar esmagá-la.

—Muito fácil — sussurrou ele.

—Só porque te deixei. Jax sorriu.

—O traseiro esta bem?

—Ainda ali.

Os braços dela descansavam em seus ombros e dedos suaves e ardentes amassavam os



músculos dele. Ela tinha deslizado suas pernas para envolvê-las ao redor das suas e tinha enganchado seus calcanhares sobre suas panturrilhas, de modo que as coxas dele estavam entre seus quadris, seu membro duro contra seu ventre. Ele a queria nua. Jax se levantou sobre suas mãos e ela o puxou, pressionando seus lábios contra os seus. Estava perdido. Ela cheirava tão doce, a flores, chuva do verão e luz do sol, e seu sabor fez que sua cabeça desse voltas. A língua dela riscou um mapa de sua boca, provocando em cada espaço, percorrendo seus dentes, explorando cada pendente e beirada e Jax contemplou seu rosto enquanto a beijava, gostando do modo em que seus olhos revoaram sob as pálpebras. Ele permitiu que ela alimentasse a paixão cada vez maior até que o macho alfa nele se fez cargo.

Sua língua se agitou na boca dela, seguindo um ritmo que ele acompanhou com seus quadris, balançando-se contra as dela, movendo seu membro com louca frustração. Jax queria foder tanto que sua cabeça, sem mencionar suas pelotas, ameaçou arrebentar de desejo. As mãos dela deslizaram dentro de seu bóxer e agarrou seu traseiro, os dedos tão perto de sua fenda, que ele teve que mordê-la a exigência para que ela pressionasse mais profundo. Os quadris dela se elevaram até beijar as suas enquanto ele galopava nas dela. Sua mão se moveu até seu membro e o controle de Jax se rompeu com uma forte vibração. Oh Deus, a esta velocidade, ele nem sequer necessitaria uma merda de uma camisinha. Jax rodou e desceu de um puxão os bóxers, deixando-os a um lado antes que se estirasse sobre ela outra vez.

—Senti minha falta? —perguntou ele.

Ela riu e ele quis capturar seu prazer, armazená-lo em seu coração. A áspera renda era um pouco interessante, enrugando-se contra seu pênis, mas ele necessitava de uma vagina quente e apertada.

—Sutiã fora — disse e se moveu, assim ela poderia levantar-se. Ela levou as mãos à costas e ele a deteve.

—Me deixe.

Um puxão e o fecho abriu. Tinha passado um tempo e Jax se alegrou que não tivesse perdido seu toque. Retirou o material de seus seios e soltou um profundo suspiro. Globos suaves, arredondados, mais pálidos que o resto de seu corpo. Muito tímida para tomar sol de topless? Possivelmente nenhuma oportunidade. Não a deixaria usar um biquíni na parte de cima. Queria ela nua a seu lado, tombada ao sol, absorvendo os raios assim sempre que ele quisesse poderia inclinar-se e beijar seus mamilos. Jax queria brincar com eles, mas não podia esperar. Tirou a calcinha e se permitiu um olhar largo. Deus era magnífica. Cachos dourados, além de mais tesouros, que eram seus por toda a noite.

—Necessito-te agora — sussurrou ela.

Jax queria cheirá-la, tocá-la, lambê-la. Queria que os músculos dela abraçassem e apertasse seus dedos, sua língua, seu membro. Queria enterrar seu rosto entre suas pernas e chupá-la até que gozasse, gritando seu nome. *Merda*. Jax serrou os dentes e ordenou a seu sêmen que ficasse justo onde estava. Nada de apressar-se baixando aos túneis escuros para o nirvana porque a coisa não terminaria dentro dela, a não ser sobre seu peito. Só que inclusive isso soava bem. Seus seios cobertos com seu sêmen. Os dedos dela em sua cintura eram tão suaves, ela... Jax tratou de pensar em algo que o distraísse... e não pôde.

Ele rompeu a caixa de camisinhas, pulverizando-os sobre a cama. Agarrando o mais próximo, Jax o rasgou e a camisinha caiu. *Merda!* Então estava entre seus dedos e ela estava tocando seu membro, acariciando, embainhando. Seu membro, vestido e pronto para a ação, já estava empurrando em suas dobras sedosas sem que Jax fosse consciente do que fazia.



Uma mudança de seus quadris debaixo dele, um impulso de seus quadris sobre ela e ele deslizou para dentro, direto, profundo e desejou permanecer ali, lamentou que não fosse três metros de comprimento e ela dois e meio de fundo. Ela estava quente e apertada e molhada e ainda através da maldita camisinha ela se sentia absolutamente perfeita.

— Oh Deus, sinto-me tão bem - Jax fez uma careta ante o tremor de sua voz.

— Tenho que me desculpar antes que trate sequer de me mover. Tome como um elogio o que não vá durar mais de dez segundos. A próxima vez irei devagar, prometo.

Ela moveu a mão de seu ombro para percorrer com um dedo ao longo da costura de seus lábios e ele quase se desfez sem mover-se. Os dez segundos estavam já na conta atrás. Seu membro ofegou dentro dela quando ele começou a mover-se. Jax obteve duas penetrações e retiradas lentas e se afundou. Ele só podia fazê-lo rápido.

Os quadris dela se elevaram para encontrar-se com os seus e ele empurrou nela com tal força impulsora, que se sacudiram em cima da cama. Jax era fracamente consciente de agarrar seus ombros, tratando de mantê-la no lugar, mas seus quadris estavam fora de controle, a fricção urgente era tão esmagadora e agradável, que se perdeu em sua servidão. Muito rápido, mas se sentia tão bem. Ele baixou a cabeça e sua boca arrastou uma linha úmida por sua garganta enquanto empurrava nela. Havia um frenesi selvagem em seu ritmo e Jax esqueceu tudo, exceto o que necessitava naquele momento... que era a ela, fode-la, enchê-la com seu sêmen conduzir-se tão profundamente dentro dela que não houvesse nada mais dele ou dela, só um organismo. Ela puxou dele mais profundo, seus músculos apertando ao redor dele, tão forte que era quase doloroso.

O orgasmo veio de algum lugar atrás de seus olhos, um ponto agudo que se transformou em prazer enquanto disparava através de seu corpo. Fogo líquido baixou ardendo por seus membros, concentrado em sua virilha. Ela gritou debaixo dele, seus músculos apertando seu membro, lançando um grito que ressonou desde sua garganta.

Ele ejaculou dentro dela, sentiu cada jorro de seu sêmen voando da ponta de seu membro. Quando o último delicioso espasmo desvaneceu, caiu sobre ela e o que mais lamentou Jax não era que ele gozou tão rápido, mas sim que tivesse tido que levar uma camisinha porque sentiu a compulsão de marcá-la como dele.

Quando ele pôde mover-se, e necessitaram vários segundos, deslizou ao lado da cama. Livrou-se da camisinha em um lenço de papel e se recostou para estar frente a ela, pondo sua mão plana sobre seu ventre. Seu corpo estava banhado na luz suave, seu rosto avermelhado com a excitação.

— Por favor, me diga que não te fiz mal — disse ele. — Senti que saltava de um trampolim. Não tinha nenhuma opção uma vez que meus pés estiveram no ar.

Ela sorriu.

— Isso não foi uma barrigada.¹

Não, foi uma queda em picado direta para a felicidade.

— Como está seu traseiro?

— Vou emoldurar aquela parte de madeira. Jax riu entre dentes.

— Não, *eu* vou emoldurar aquela parte de madeira.

Ele riscou a linha de sua clavícula com o dedo e depois com seus lábios. Sentiu que os tremores corriam pelo corpo dela. Gostou que tivesse o poder de fazer isso.

¹ Mergulho mal-sucedido de barriga.



—Como se chama? —perguntou ele.

—Anna.

—Sou Jacob, mas normalmente me conhecem como Jax.

—Prazer em conhecê-lo, normalmente conhecido como Jax. Ele beliscou seu pequeno mamilo.

—De modo que, enquanto esperamos que meus trementes membros recuperem um pouco de controle muscular, vai dizer por que subiu sobre a cerca, escondeu-se sob a tampa de uma piscina infantil e fingiu ser um gato?

Anna suspirou.

—Conhece essas latas que não deveria abrir as que têm vermes?

—Como a dos pescadores. Eu gosto bastante de pescar.

—Acredito que nunca estive perto de uma vara de pescar em sua vida.

—Deixa de tentar mudar de assunto. Quero saber por que estava o bastante desesperada para se arriscar a subir por uma cerca desvencilhada. Quem era esse casal que te buscava?

Toda a desgraçada história borbulhou dentro de Anna. Havia se esforçado tanto por manter reprimida, deixar de pensar nisso, mas sobre tudo deixar de explicar o modo que ela se sentiu porque ninguém acreditou. Por que deveria este tipo ser diferente? Abriu a boca e logo a fechou outra vez. Ele pensaria que estava louca. Fez-lhe cócegas sob o queixo.

—Me diga.

Mas Jax não a conhecia. Não conhecia Gareth, o baboso campeão do babosobol. Não havia nenhuma razão para que Jax não acreditasse enquanto que não se deixasse levar e comesse a balbuciar como uma lunática delirante.

Os dedos do Jax percorreram suas costelas.

—Cospe mulher. Preciso me distrair durante um momento para poder me recuperar depois do rápido esforço — fez uma pausa. — Embora notasse que eu não fui o único rápido.

O calor ardeu no rosto da Anna. Gostaria de ter dito que era a vez mais rápida que gozou considerando que já tinha tido um orgasmo explosivo na cozinha.

—De quem fugia? Ela respirou fundo.

—De minha irmã mais nova Beth e seu namorado Gareth.

Ele esperou a que ela continuasse. Anna fez outra imitação de um pescado. Boca aberta. Boca fechada.

—E eles têm o vírus Ébola? —perguntou Jax. Ela lamentava que Gareth não o tivesse.

—Gareth é supostamente meu antigo namorado.

—Supostamente?

—Ele diz que era. Beth pensa que era. Meus pais pensam que era e assim como o fazem alguns de meus chamados amigos, mas na realidade, nunca saí em um encontro com ele.

Jax agora parecia intrigado e se inclinou sobre o cotovelo.

Não solte tudo isto. Parecerá patética. Anna pressionou os lábios juntos.

—Não se atreva a se deter agora. Isto é melhor que a TV. A que demônios estão jogando? Anna desejava saber.

—Venha. Como começou tudo isto?

—Vale. Não esqueça que foi você quem perguntou. — ela meteu o braço sob a cabeça. — A primeira vez que vi Gareth foi faz aproximadamente seis meses, parado na fila do cinema. Eu estava sozinha porque era um filme de terror de vampiros e ninguém iria comigo. Às vezes eu grito.



Olhou-lhe, mas ele conteve a risada.

—Gareth começou a conversar só coisas correntes sobre a fila longa, o tempo, o tráfico. Era um pouco insistente. Fez-me sentir incômoda. Depois de comprar minha entrada, fui ao lavabo, logo comprei uma bebida... em outras palavras, tinha dado muito tempo para que tomasse assento, mas momentos depois que eu tivesse sentado, ele veio e se deixou cair a meu lado. Tinha esperado para ver onde eu ia sentar.

—Talvez tivesse ido ao lavabo e tinha comprado uma bebida e estava só sendo simpático?

Isso foi o que seus amigos haviam dito.

—Parti antes que o filme terminasse em caso que ele estivesse pensando me seguir. Pensei que tinha sido esperta, mas no dia seguinte estava esperando fora do lugar onde trabalho. Eu não disse onde era.

Jax franziu o cenho.

—Tinha te seguido?

—Deve ter feito. Do cinema em casa e logo ao trabalho no dia seguinte. Quando o vi na rua, encarei-o, perguntei o que queria, mas afirmou que era uma coincidência, que esperava a alguém mais. Uma mentira.

Jax agarrou sua mão e apertou seus dedos.

—Continuou aparecendo no mesmo lugar que eu e fingia que tínhamos planejado. Atuou como se estivéssemos saindo juntos. Enviou flores para minha casa e ao trabalho. Eu disse que parasse de me seguir, ameacei indo à polícia e durante um tempo não o vi. Então uma noite, quando retornei do trabalho, encontrei-o dentro de meu andar.

—Merda.

O ritmo do coração de Anna saltou quando ela recordou.

—Comecei a gritar e ele pôs sua mão sobre minha boca. Arrastou-me para o salão. A mesa estava posta, as velas acesas. Tinha cozinhado uma merda de uma comida. Parecia tão agradado consigo mesmo. Não tenho nem ideia de como entrou. Não estava segura do que fazer.

—O que fez?

Anna não estava por dizer ao Jax exatamente o que tinha acontecido, o que o medo a havia feito fazer.

—O persuadi para que partisse e fiz trocar as fechaduras. Ele continuou tropeçando comigo durante semanas. Finalmente fui à polícia e eles fizeram uma visita a ele — ela riu um pouco. — A polícia disse que Gareth afirmava que era eu que o apossava. Em todo caso, tudo isto parou e pensei que tinha terminado. Então, faz um mês, eu estava na casa de meus pais para o almoço do domingo e Beth chegou de mãos dadas com Gareth.

—Ouch - Jax esfregou o polegar ao redor da palma dela.

—Estava tão impressionada, que não podia falar. Debatia-me entre o alívio porque ele já me deixaria em paz, e a preocupação que ele não era adequado para Beth. Supus que ele saía com ela para observar ou algo. Mas, é óbvio Beth o adorava, e ele estava em todas as partes com ela e pensei que estaria bem. Até que averigui que ele tinha mentido e havia dito a Beth e mamãe e papai que ele havia terminado nossa relação. Eu poderia ter sido capaz de enfrentar isto. Entendo o orgulho masculino, mas Gareth continuou dizendo que eu não lhe deixava em paz, que eu incomodava para que voltasse comigo. Isso me pôs furiosa.

Anna estremeceu quando pensou nisso, a cena que havia feito, o modo que tinha gritado.

—Foi uma coisa tão infantil de fazer, o tipo de mentiras que os moços contam na escola quando não querem parecer perdedores diante de seus amigos.



Ela jogou uma olhada para Jax e ele torceu a boca em um sorriso sardônica.

—Cresci - disse ele.

Anna deu um pequeno bufo.

—É um cara, nunca crescerá.

—Continue falando. Quero saber o que aconteceu.

—Gareth afirmou que estava obcecada por ele, ciumenta porque preferiu a Beth. Quando tratei de explicar a Beth e a nossos pais o que ele tinha feito, especialmente todas as coisas arrepiantes, ninguém acreditou. Se tivesse contado de antemão, mas não fiz. Não quis que se preocupassem. Pior ainda, quando as flores chegaram ao trabalho, fingi que *eram* de um namorado.

—Por que a mentira? Anna se arrepiou.

—Porque nunca tinha estado com um tipo que me enviasse flores. Eu gostei. Só eu não gostei que fossem de Gareth. Acredite, se eu pudesse voltar atrás e mudar as coisas, faria. Ele inverteu tudo o que disse para me fazer parecer amargurada e rancorosa porque ele escolheu a Beth e não a mim. Pôs a todos de seu lado.

Anna estava doída pelo modo que sua família não tinha acreditado nela, que ainda não acreditava.

—Mamãe e papai gostam dele. Ele ri das brincadeiras de papai, elogia a cozinha de mamãe e trata Beth como um anjo. Comporta-se como o maldito namorado perfeito.

O bastardo não podia fazer nada mal. Anna sentiu seu punho apertar-se e então a mão de Jax envolveu a sua, atormentando a tensão de seus dedos.

—Então qual é o problema? Deixa-os. Anna soltou uma risada.

—Faria se pudesse, mas ele não me deixa em paz. Ele aparece no mesmo lugar que eu e logo *me* acusa de *espreitá-lo*. Suplicou-me que fosse ao seu apartamento para falar das coisas e contra meu melhor julgamento, estive de acordo. Quando cheguei ali, fingiu que nunca tinha pedido isso. Beth estava de pé ao seu lado, meio me fulminando com o olhar, meio compadecendo-se de mim.

Foi pior ainda, mas Anna havia dito bastante. Meio lamentava haver dito algo.

—O tipo soa como se fosse o rei dos idiotas — disse Jax. Anna sentiu uma onda de esperança.

—Acredita em mim?

—É obvio que sim.

O alívio a alagou como se afundasse em um banheiro quente.

—Ele é um idiota... mas bom, alguns membros são divertidas.—sussurrou ela.

Ela deslizou os dedos pela palha de pelos escuros e enxutos na virilha de Jax e envolveu a mão ao redor de seu grosso membro. Ele lançou um forte gemido.

—Acredito que me prometeu lento. — sussurrou ela e o beijou baixando por seu peito até que seus lábios alcançaram seu pênis.

—Oh Deus, isso só era se eu estivesse no comando, não você.

Capítulo 3

Jax bufou como uma serpente quando a língua da Anna riscou a grossa veia debaixo de seu membro, todo o percurso da raiz até a sensível ponta. Um foco úmido sobre a cabeça e ele



estremeceu embaixo dela.

—Jesus, Anna.

Anna deslizou mais baixo pela cama até que ficou engatinhando sobre a parte inferior do corpo dele. Jax levantou a cabeça, abriu os olhos, logo os fechou outra vez e se derrubou no travesseiro.

—Não posso olhar. Estou realmente no fio, no limite.

Anna baixou a cabeça e primeiro lambeu e logo meteu um pouco o membro na boca, antes de repetir a ação um pouco mais profundo cada vez. Gostava de sentir a aveludada pele contra sua língua, gostava do modo em que podia usar seus lábios para fazê-lo contrair-se e logo distender-se. Jax tinha um membro longo e grosso. Cabia dentro dela perfeitamente, mas Anna não estava segura de quanto poderia meter na boca. Rodeou a base com sua mão e espremeu ao mesmo tempo enquanto punha seus lábios sobre a cabeça e chupava.

Os quadris de Jax se levantaram da cama e ele rodeou sua cabeça com as mãos.

—Ah merda, merda, merda.

Enquanto chupava a ponta, Anna bombeou a parte inferior com seu punho e um pequeno jorro de pre-sêmen golpeou o interior de sua bochecha. Sentiu o sabor forte, ligeiramente salgado, e logo usou esse creme e sua própria saliva para lubrificar o membro enquanto movia seus lábios acima e abaixo. Com cada descida variava a quantidade que metia na boca e mudava a pressão, de duro a suave como um sussurro. A respiração de Jax era desigual, suas pernas se moviam nervosamente e suas mãos passavam de agarrar os lençóis com os punhos a acariciar seu cabelo. Quando puxou o cabelo e acariciou os lençóis, Anna sorriu.

—OH Jesus, que bem me sinto. Baixa as minhas bolas. Não quero gozar ainda. Queria que estivesse fazendo isto toda a noite.

Anna apertou mais forte e empurrou abaixo na raiz do membro com sua mão. Quando se afastou para respirar, ele se inclinou para ela para olhá-la com os olhos entreabertos.

—Está-me deixando louco — disse ele.

A pequena rajada com forma de lágrima na ponta de seu membro soltou outro jorro de pre-sêmen, que gotejou até seu estômago. A língua de Anna o lambeu até que o deixou limpo. Durante todo o processo ela seguiu agarrando firmemente a base do membro.

—Santo Deus. Deus tenho que gozar.

Anna formou redemoinhos com sua língua sobre a coroa de seu membro, logo começou a chupar em golpes curtos, enquanto agarrava suas bolas.

—Você, pequena brincalhona—ofegou ele.

Anna não esperava o que veio depois, por isso Jax saiu com a sua. Agarrou-a, pelas pernas e lhe deu a volta. Ela estava estirada sobre suas costas, com a cabeça pendurando pela beira da cama, com a boca perto de seu membro enquanto ele estava enterrado entre o meio de suas pernas. Sua língua trabalhava, mimando seu próprio botão duro e Anna sentiu esticar seus músculos.

A única vez que tinha estado nessa posição tinha encontrado difícil concentrar-se em duas coisas de uma vez, seu próprio prazer crescente e o de seu companheiro. Mas Anna dirigiu o membro do Jax para sua boca e cada vez que ele chupava seus clitóris, ela o imitava com uma mamada. A ação alternada funcionou, manteve-a concentrada, e o fogo entre suas pernas começou a estender-se por suas veias até todas as partes de seu corpo.

Estavam feitos para isto, pensou ela, um encaixe perfeito, sem pescoços torcidos, ombros encurvados, um casal perfeito. A língua dele piscou em seus clitóris e logo a mordeu ligeiramente.



Anna explodiu em seu clímax. Seu orgasmo a agarrou como uma jiboia apertando, esticando cada um dos músculos de seu corpo antes de cair em uma espiral ao esquecimento. Apertou seus lábios em torno dele, que se derramou em sua boca, a jorros longos, espessos, disparando até que pensou que se afogaria se não parasse ou ela não o tirasse da boca. Anna engoliu e tragou e tentou controlar sua respiração e seu tremente corpo.

Jax foi o primeiro a se mover. Puxou dela de modo que sua cabeça descansasse junto ao seu no travesseiro e a beijou, uma doce passada de seus lábios antes que pressionasse sua boca mais forte contra a sua, deixando que suas línguas se enredassem enquanto intercambiavam seus próprios sabores. Ambos geraram e Jax arrastou a boca até sua orelha.

—Merda, Anna. Que diabos está fazendo comigo? Sente meu membro. A coisa ainda está dura.

—Não me queixo — sussurrou ela—Coloque-me isso. Vejamos quanto demora em abrandar-se.

—Merda, desde que a vi isto não tem estado brando. Se estivéssemos em público, prenderiam-me.

Anna riu, mas não tinha escapado o que se deduzia de suas palavras, que talvez a veria de novo, que sairia com ela. *Por favor, que paseeeee.* Levantou a perna e a passou por seu quadril e apertou seu corpo mais perto, suas mãos percorrendo suas costas enquanto lhe beijava o pescoço. Quando seus dedos acariciaram a parte de cima de suas nádegas, Anna estremeceu.

—Assim? —perguntou.

—Faz-me cócegas.

—Alguma vez foderam seu traseiro?

—Não — disse Anna tragando ar.

—Alguma vez quis?

Seus dedos se entretiveram sobre o ponto onde suas costas se convertiam em traseiro, acariciando-a com cuidado, fazendo-a rebolar contra ele.

—Pensei —*Oh Deus, disse isso em voz alta?*

Tinha tido fantasias eróticas de estar intercalada entre dois homens, um fodendo sua vagina, o outro com seu membro no traseiro, mas isso é tudo o que eram, fantasias.

—Acredito que não... —começou a dizer ela.

—Está bem — disse Jax. — Necessita que te estire antes de tomar um membro em seu doce rabinho. Necessita que seja alguém que saiba que será cuidadoso. Não vou fazer isso contigo agora, mas eu gostaria de jogar, te dar uma antecipação de quão bem se sente. Posso?

Anna era como tola gelatina em suas mãos, temendo que aceitasse algo que ele sugerisse. Mas lhe agradou que não desse por certo seu consentimento.

—Está me oferecendo me fazer sentir bem, assim, por que dizer que não?

Jax riu e a fez rodar sobre seu estômago. Agarrou os quatro travesseiros e os empurrou uma a uma sob seu ventre para que seu traseiro ficasse ao ar. Anna se sentiu cômoda fisicamente, mas não mentalmente, seu traseiro exposto ao escrutínio de Jax.

—Posso acender a luz principal? —perguntou. Anna soltou um chiado.

—De maneira nenhuma.

—Bom. Posso esperar. —Ele suspirou

Haveria uma era glacial no inferno antes que isso acontecesse, pensou ela.

Jax se inclinou sobre suas costas e começou a lhe morder a orelha, fazendo que seu corpo se retorcesse e sussurrando obscenidade que a faziam apertar-se por dentro.



—É fodidamente formosa, Anna. Tem ideia de quanto me acende saber quão úmida está? Mas te quero mais úmida. Quero que sua xoxota jorre em minha cara. Quero que grite que lhe foda e quando o fizer, quero que grite que pare.

Empurrou seus seios contra os travesseiros, seus mamilos duros como diamantes, desesperados por seu toque. Anna dobrou a cabeça e lambeu um.

—OH Cristo, se pode fazer isso, não vou poder evitar gozar em seu traseiro — disse Jax. — Escapa-me já.

—Posso chupar seu membro?

Ele riu.

—Atraente proposta, mas não sou precisamente contorcionista. Necessitaria uma caixa torácica flexível.

—Uma vez vi um tipo fazê-lo em um filme. Era sexy — Anna sabia que estava ruborizando.

Ele beijou seu ombro e logo beliscou o osso angular com seus dentes.

—Você gosta da ideia de meninos chupando membros?

Aquela pergunta não tinha muito a ver, mas lhe seguiu o raciocínio. Poderia dizer algo a este tipo e de algum modo sabia que não lhe transtornaria.

—Sim. Alguma vez chupou a um homem?

Seus lábios fizeram uma pausa na rota por suas costas.

—Sim. Alguma vez o fez com uma mulher?

—Não.

—É esse não, um “nunca tive a oportunidade” ou um “nem me mencione isso”?

—Não quero a possibilidade. Eu gosto dos homens — disse Anna firmemente.

—Bem — resmungou Jax em suas costas enquanto lambia suas costelas. Anna se derreteu sob seu toque, não só pelo roçar de sua língua, ou o de sua barba de vários dias, se não pelo que estava fazendo com suas mãos. Dedos cuidadosos acariciavam e atormentavam seu seio direito enquanto os dedos da outra mão acariciavam ritmicamente sua coxa esquerda.

—Oh Deus. —Anna gemeu quando ele lambeu a união entre suas costas e seu traseiro. Toque como de plumas a cada lado a tinham retorcendo-se debaixo dele.

Então um dedo baixou ligeiramente pela fenda de seu traseiro, até chegar a sua vagina onde recolheu sua nata e fez o caminho de volta, investigando um pouco mais profundamente em seu úmido vale.

—Tão suave, tão doce, tão sexy — cantarolava ele enquanto descansava sua cabeça sobre a parte mais baixa de suas costas.

O seguinte passo de seu dedo foi apertar mais profundamente e os quadris da Anna se dobraram contra os travesseiros.

—Relaxe, pequena gatinha. Não vou fazer te machucar. Só estou acariciando.

A cama se moveu quando Jax trocou de postura. Ambas as mãos estavam em seu traseiro, separando suas nádegas.

—É tão bonita. Esse pequeno buraco franzido justo para mim. Passou seu dedo pelo interior de sua coxa e Anna sentiu o estrondo de sua risada.

—Está tão molhada, merda, está jorrando.

Ela ofegou quando sua cabeça se deslizou entre as pernas e sua boca se colocou sobre suas dobras. Suas mãos agarravam seus quadris, mantendo-a quieta enquanto a lambia. Ondulações de prazer revoaram pelo corpo de Anna, ondas de faíscas ardentes acendendo-a por toda parte. Então sua língua rodeou seu buraco e Anna gritou.



Jax soprou sobre ele.

— Está bem. Relaxe.

Isto era algo que nunca tinha feito, uma sensação nova e Anna se sentia dividida entre a repugnância e o prazer. Ele persistiu, seus dedos cravando-se em seus quadris e Anna se abandonou à experiência. Sua língua empurrou só em sua abertura e ela se viu sacudida por ondas cálidas e úmidas, suas mãos convertidas em punhos agarrando os lençóis enquanto ofegava. Seu dedo substituiu a língua, pequenos empurrões, suaves movimentos que enviavam calafrios por suas pernas até cada um dos dedos dos pés.

— Oh Meu Deus — sussurrou Anna.

— Relaxe, gatinha. Empurra para fora. Será mais fácil, confia em mim.

Anna o tentou e tragou ar pela sensação de ardor ao notar dentro dela seu primeiro nódulo. *Tão bom. Tão mau.* Por que as coisas más eram tão boas? Bem, tinha querido ser má e agora era.

— Está quente e apertada. Eu adoraria foder seu traseiro. Seu dedo deslizou mais profundamente e Anna se esticou.

— Somente um pouco mais, neném. Aguenta. O vou fazer perfeito para você.

Enquanto o resto de seu dedo entrava, outro de seus dedos mergulhou em sua xoxota. Sua cabeça descansou sobre sua parte posterior e ele começou a fode-la com o dedo em ambos os buracos, deslizando em seu ânus e fora de sua vagina. Anna durou menos de dez segundos. Gritou sua liberação enquanto os espasmos se retorciam em seu interior.

— Oh Deus... Deus... Deus.

Ela logo que poderia respirar e menos falar, o êxtase conduziu sua mente para o espaço. De tudo o que era consciente era das intensas sensações de seu interior que desejava que não acabassem nunca.

O pênis do Jax estava tão duro que pensou que ia explodir.

Fazê-la gozar assim havia sido algo que o havia posto incrivelmente quente. De maneira nenhuma ia deixá-la sair de sua vida. Sua mente estava indo já em múltiplas direções, tentando imaginar maneiras de fazê-lo funcionar. Subiu para cima na cama para tomar-se a seu lado e a olhou ao rosto.

Anna ficou imóvel durante tanto tempo que pensou que desmaiou e então ela abriu os olhos e sorriu.

— Asqueroso ou delirante? — perguntou ele.

— Asquerosamente delirante.

— Bem.

Anna deu um sorriso lento.

— De costas.

Antes que ele pudesse mover-se, os travesseiros estavam no chão e Anna o tinha derrubado para sentar-se escarranchado sobre seu corpo. Ela agarrou um pacote metálico e fez rodar uma camisinha por seu pênis.

— Vêm em tamanhos maiores?

— Não sou eu o bastante grande para você? Anna riu dissimuladamente.

— Não é isso o que queria dizer. Seu membro é enorme.

— Você sim que sabe como chegar ao coração de um homem — riu Jax.

Anna se colocou a si mesmo sobre a ponta e se deixou cair. Jax ouviu um gemido retumbar por sua garganta.



—Oh merda.

Inclusive através da maldita camisinha, sentia-se como encaixado em uma apertada luva de veludo. Por um momento ela não se moveu e logo começou a rebolar seus quadris como uma exótica bailarina do ventre. Jax sentiu cada giro, cada sinuoso movimento ao longo de seu membro. Riu em silêncio e imitou o movimento. Anna ofegou e fechou os olhos. Ele estirou os braços para seus seios e os cavou com as mãos, esfregando os mamilos com seus polegares. Ela o espremeu com sua vagina e Jax se mordeu o lábio. *Oooh, que bem se sente isso.*

—Assim? —perguntou Anna.

—Não sei. Faz outra vez.

Ao momento seguinte havia uma ondulante cascata de sensações ao longo de seu membro. *Jesus.* Os tremores fizeram todo o percurso por sua espinha dorsal. Jax acrescentou um impulso para cima e Anna abriu os olhos de par em par e tragou ar.

—Estamos brincando? —perguntou.

—Não posso. Um apertão mais dos teus e estou acabado.

—Me prometeu muito tempo.

—A próxima vez — ofegou Jax quando ela começou a montá-lo.

Ele impulsionou seus quadris para ela enquanto ela fazia pressão. Dentro-fora-dentro-fora, o ritmo lhe fez sentir como seu sêmen se acumulava desde cada parte de seu corpo para suas bolas. Anna gritou, apertando-se nele e ele se derramou nela, uma onda incansável de doce prazer que o conduziu a um grito como o seu. Ela se derrubou nele, como uma manta suave, úmida, e Jax a rodeou com seus braços.

—Eu disse que te faria suar — disse ele.

Anna despertou de repente para encontrar Jax em suas costas, mordiscando seu pescoço, seus dedos dentro de sua vagina e sua ereção roçando contra seu traseiro. Anna esticou a mão e rodeou seu membro. Quando ele deu um pequeno ronco ela compreendeu que estava dormindo e riu. Anna passou sua palma sobre a molhada ponta do membro e ele bombeou em sua mão. Ela sorriu abertamente. Ainda adormecido e ainda assim seu corpo sabia o que queria.

Desesperada por usar o banheiro, Anna escapuliu do braço de Jax, tentando não despertá-lo. No patamar do corredor duvidou entre as três portas fechadas e sorriu quando puxou uma maçaneta para descobrir um banheiro na moda, com azulejos claros de mármore e uma banheira enorme separada. Então o sorriso caiu de seu rosto e se estrelou para romper-se no chão. Tudo estava limpo e ordenado, incluindo o montão de brinquedos para o banho de crianças apoiados no chão em um contêiner de plástico azul.

Oh merda. Anna se sentia dividida entre a cólera e o pesar. *Estúpida. Estúpida. Estúpida.* Tudo havia dito que este homem estava casado. A tampa de plástico onde ela se escondeu. Tirinhas de dinossauro. A cozinha impoluta. Ela tinha ignorado tudo. Inclusive quando pensava que isto seria uma história de uma noite, ainda esperava que ele a quisesse ver de novo. Agora Anna sabia que inclusive se o fazia, ela não poderia, não o faria. Uma onda fria de realidade a atravessou. Talvez não tivesse mentido. Podia não estar casado, mas ter família. Menino ou meninos. Uma onda de náusea a percorreu. De novo, um engano. A vida amorosa de Anna era um mostruário completo de enganos. Ou escolhia aos homens equivocados, ou os homens equivocados a escolhiam.

Apagou a luz e se aproximou da porta que quase tinha aberto quando tinha subido. O dormitório de um pequeno. Uma parede grafite com uma pista de corridas, a cama era um carro de corridas azul. Brinquedos alinhados em estantes. Anna segurou um soluço. Por muito que desfrutasse do sexo, nada poderia desculpar isto. Não sabia nada, mas poderia haver imaginado.



Era a casa de uma família.

Em que diabo tinha estado pensando?

Anna se introduziu no dormitório e recolheu sua roupa. Mais ou menos poderia recompor o vestido rasgado. Uma última olhada a Jax que descansava de lado, o lençol formando redemoinho em seus esbeltos quadris. Um bastardo muito bonito. E logo, partiu.

Jax rodou esperando encontrar um corpo suave e quente. Mediu o lençol com a mão. Uma cama fria. Abriu os olhos, apoiou-se sobre os cotovelos e olhou ao seu redor. Nada de roupas. Anna tinha ido. Suspirou. Talvez fosse o melhor, mas Jax ficou muito decepcionado. O sexo tinha sido espetacular. Esperava ter tido mais. Gostava de Anna. Era divertida e extravagante e Jax tinha começado a cobrir uma pequena esperança que houvesse algum modo de fazê-la fazer parte de sua vida. Claramente ela tinha tido outras ideias.

Ele se sentou, esfregou os olhos e congelou. Cristo esperava que a história que tinha contado sobre seu antigo namorado que não era seu namorado, fosse verdadeira. E se tinha sido o reverso e Anna era a que estava obcecada com o tipo? Jax pensou na ferida de seu traseiro. Tinha estado desesperada para fugir. Não, ela estava dizendo a verdade.

Jax afastou o suado lençol e sorriu de par em par. Teria que pôr na máquina de lavar roupa antes de ir. Não pensava ficar a noite. Sua irmã Kelly, seu marido Pete e seu filho de quatro anos Tom, estariam nos Estados Unidos três meses enquanto Pete trabalhava em um projeto de engenharia no Colorado. Jax tinha instruções de visitar a casa cada duas semanas para comprovar que o carteiro não houvesse deixado a correspondência porque supunha que não tinha que entregar nenhum e assegurar que não tinha havido um escapamento na casa, ou que tivessem entrado ladrões ou tivesse caído em um buraco sem fundo.

Quando uma viagem de negócios a Zurich tinha terminado um dia antes do previsto, Jax decidiu dar uma visita rápida à casa de sua irmã em Greenwich em vez de ir diretamente para casa. Depois que o táxi o deixou, trocou de roupa e tomou uma cerveja no jardim. Jax estava contente de havê-lo feito, se não, não teria conhecido Anna, mas agora não estava seguro de poder tirá-la da cabeça. Supunha-se que Will ia recolhê-lo em Gatwick aquela tarde, assim que Jax precisava chamar e dizer que viesse a Greenwich. Deveria ter chamado a outra noite. Uma onda de inquietação atravessou sua espinha dorsal. Will ia encher o saco com ele. Jax abriu a porta do dormitório e gemeu. *Merda*. A porta do dormitório do Tom estava aberta. Jax fechou os olhos e golpeou a parede com a cabeça. *Merda*. Não era difícil imaginar o que tinha acontecido. Nunca teve a oportunidade de dizer a Anna que a casa não era dele. Mas, tinha havido um montão de coisas que não havia dito.

Capítulo 4

Anna se perguntou se atreveria a ir da casa de seus pais em lugar de ficar para almoçar. Na realidade se perguntava atreveria-se a partir sem dizer adeus. Não tinha dormido depois de retornar e se meteu na cama de sua infância, sua mente imersa com lembranças de Jax e sua família até o ponto que sua cabeça pulsava de dor. Tinha tido o sexo mais fabuloso de sua vida e nem sequer ia ser capaz de recordá-lo agradando devido a que a ira, a culpa e o remorso tinham envenenado sua felicidade. Manteve-se deitada escutando como o resto da casa começava a



agitar-se e esperou a que tivessem baixado antes de arrastar-se até o banheiro. Inclusive depois de uma longa ducha, tinha círculos escuros sob seus olhos e uma gelada pena em seu coração. Anna suspeitou que ambos permaneceriam com ela por um longo tempo.

A ressurreição de suas habilidades da adolescência e a lembrança precisa de qual degrau, do primeiro e o sétimo, chiavam, permitiu a Anna chegar à parte inferior da escada sem que ninguém ouvisse. A porta principal estava à vista. Cinco passos. Não mais.

A cabeça de Anna caiu. Não podia fazê-lo. Merda era uma covarde. Podia livrar do almoço, mas não podia evitar despedir-se. Deixou sua bolsa no corredor e ao chegar à porta da cozinha, escutou seu nome.

—O que tem a Anna? —disse seu pai. — Não acredita que é muito cedo?

—Não queremos esperar. —disse Beth com sua voz gritã de camundongo.

Esperar para que?

Anna empurrou a porta e entrou. Quatro rostos viraram para ela. Olhadas afetadas de seus pais, o olhar culpado nos olhos de Beth, cabelo encrespado², e o sorriso satisfeito do bastardo baboso de Gareth.

—Bom dia, Anna.

Anna apertou os dentes. É obvio que tinha que ser Gareth quem falasse primeiro.

—A que hora chegou? —perguntou sua mãe.

Quantos anos tinha? Dezesseis?

—Não muito tarde — *cerca das três*.

—Oh, estou seguro que te escutei chegar aproximadamente as três — disse Gareth.

Maldito fofoqueiro.

—Ele tem o sono muito leve. —Beth acariciou sua mão.

—Eu não — disse Anna e sorriu, pensando que realmente não tinha mentido. Ela não era de sono leve.

—Onde esteve ontem à noite? Pensei que íamos compartilhar um táxi para voltar — disse Beth.

—Não sei como me perdeu. Estive ali na festa, além de uma hora na casa com o tipo que se parecia com o George Clooney. Sim, sim.

Ninguém riu. Gareth franziu o cenho e Anna resistiu o impulso de mostrar a língua. Por que não podiam ver através dele? A frustração retorceu seu intestino. Não tinha sentido esperar que a atordoada da Beth pudesse ver quem era na realidade, mas por que não seus pais? Eram cegos? Não podiam ver que era um canalha?

Anna suspirou. Muito bem, assim a primeira vista, não parecia tão mau. Gareth era alto, moreno e moderadamente bonito, se você gostava do estilo suave e elegante. Anna não gostava. Ele tinha um bom trabalho na cidade e um automóvel bom. Algum tipo de Porsche. Beth era o bastante superficial para que isso fosse suficiente. Beth era feliz, assim mamãe e papai eram felizes. Não parecia lhes importar que Anna fosse miserável.

Levou um copo de água à mesa e fez uma careta quando seu traseiro golpeou o assento.

—O que acontece, Anna? —sua mãe com olhos de águia perguntou.

—Nada.

² No original diz curly-haired Beth: refere-se a garotas de cabelo encaracolado, loucas e selvagens como seu cabelo, na tradução se perde um pouco o sentido depreciativo da frase.



Anna não estava disposta a explicar que doía cada vez que sentava, porque isso significava que teria que explicar como a lasca chegou ali, a forma que tinha sido retirada e como a vigorosa atividade que seguiu tinha agravado a lesão.

—Então, por que põe essa cara? —perguntou sua mãe.

Todo mundo parecia suspeito. Demônios. Ter uma mãe que durante seus anos de adolescência, tinha afinado suas técnicas de interrogatório até adquirir uma destreza olímpica era uma desvantagem enorme para Anna, que era como um livro aberto.

Desde que tinha saído de casa, o almoço dos domingos tinha sido como mergulhar em uma piscina de tubarões com um pequeno corte. Infelizmente sua mãe só aplicava suas técnicas a suas filhas e não à serpente no ninho, que estava sentada com um sorriso no rosto do outro lado da mesa. Tão desesperados por ver um anel no dedo da mão de qualquer de suas filhas, sua mãe provavelmente teria recebido com gosto Jack o estripador para tomar o chá, se fosse um solteiro disponível.

—Machucou as costas? —perguntou sua mãe.

—Só um machucado — Anna murmurou.

—Com o que?

—Um cabo da porta.

Beth riu dissimuladamente. Anna vendo uma saída a aproveitou.

—Não é gracioso, Beth. Dói-me.

—Me deixe ver — disse sua mãe.

Merda.

—Não é nada.

—Bom qual é? —perguntou seu pai detrás do jornal. — Está bem ou não?

Anna captou o olhar escuro e indagador do Gareth e desviou os olhos.

—Bem — disse Anna.

Durante muito tempo, ninguém falou.

—Como esteve a festa? —perguntou sua mãe.

—Bem.

—Assim passou um bom momento?

—Sim — Anna só resistiu dizendo bem.

—Conheceu alguém?

—Não.

—Ninguém absolutamente? O que acontece esse que parecia como George Clooney?

—Isso foi a ideia da Anna de uma brincadeira, mamãe — disse Beth.

Anna nunca tinha aperfeiçoado seu rosto de “inocente”, mas agora estava esforçando.

—Estou seguro que a Anna finalmente conhecerá alguém que ajude ela a superar isto — disse Gareth e alargou a mão para acariciar a sua.

—Superar o que? —Anna golpeou a mão e a arrastou fora de seu alcance.

—Não há necessidade de ser tão suscetível — disse sua mãe. Anna se voltou a olhá-la.

—Eu não estava...

—Gareth só estava sendo amável — sua mãe a fulminou com o olhar.

—Por favor, não discutam — disse Gareth. — Me sinto muito mal por isso e Anna não pode evitar sentir-se dessa maneira.



Fecha a maldita boca, você completo e absoluto imbecil. Havia um pouco de consolo ao pensar, mas Anna desejaria atrever-se a dizê-lo.

Sua mãe sorriu ao Gareth.

—E vocês não podem evitar ter se apaixonado — ela se voltou para sua filha mais velha, com os lábios apertados. Anna se preparou. — Deveria estar feliz por sua irmã, Anna. Está arruinando este momento tão especial.

Momento especial? A boca da Anna secou. *Cristo.* Beth estava radiante sobre a mesa, luzindo tão feliz, muito agradada consigo mesma. Anna jogaria este jogo, não perguntaria. Alcançou a caixa de seus cereais favoritos, só para descobrir que estava vazia. Sem dúvida Gareth tinha tomado a última maldita porção.

—Anna — sua mãe estalou.

—O que?

—Basta! Beth tem algo importante para te dizer.

Anna olhou a sua irmã e tratou de manter seu rosto neutro.

—Gareth me pediu que me casasse com ele.

—Espero que tenha dito que não — merda, por que havia dito isso?

Gareth rompeu o silêncio.

—Não seja assim, Anna.

Houve outro longo silêncio. Muito comprido. Anna não tinha a intenção de esperar tanto, mas era difícil obter que sua boca dissesse uma frase distinta a que passava por sua cabeça. “Estúpido fodido imbecil!!!” teria tido a sua mãe alcançando o sabão. O rosto decepcionado de Beth apunhalou a consciência da Anna.

—Felicitações — Anna se forçou a soltar a palavra. Se tão somente tivesse sido sincera. Ela desejava o melhor, Beth queria ser feliz, mas isto era um completo engano.

—Na verdade é o que quer dizer? — perguntou Beth.

—Quero que seja feliz — disse Anna, o que não era mentira.

—Me dê um beijo — Beth ficou de pé e abriu os braços.

Anna se levantou, rodeou a mesa e a abraçou. Beth a estreitou.

—Eu também — disse Gareth e puxou da Anna a um incomodo abraço grupal.

Não podia liberar-se sem ficar mal assim Anna se obrigou a não retroceder com seu toque. Seus lábios se dirigiram aos seus e ela tratou de girar a cabeça, mas apanhou a beira de sua boca. Seus dedos escavavam em seu braço através do suéter, unhas afiadas pressionando com força em sua pele. Doía tanto que se retorceu para um lado. Seus pais intercambiaram olhares de preocupação. Por um momento considerou enrolar a manga para demonstrar as marcas que sem dúvida tinha feito, mas qual era o ponto? Diriam que ela tinha feito quando se tornou para trás.

—Assim, quando é o casamento? — perguntou Anna, esfregando o braço onde a tinha machucado.

Gareth a olhou, jogou uma olhada a sua mãe, pondo cara de “o que pode fazer?” e negando com a cabeça. O bode fez tudo o que pôde para fazê-la ficar mau.

—Beth estava pensando em junho próximo — disse Gareth. — Ela queria te dar tempo para que se adaptasse. É todo um encanto.

Anna fechou as mãos em um punho. Por que ia necessitar tempo para adaptar-se? Importava-lhe uma merda. Na fila para o cinema, a primeira vez que o viu, ela tinha acreditado que era muito lindo, mas não era seu tipo. Menos de dez minutos mais tarde, quando tinha sentado a seu lado sem perguntar, soube que não era alguém a quem queria conhecer melhor.



Como é que Beth era tão estúpida?

—Mas não posso esperar. Este Natal me parece perfeito — disse

Gareth sorriu com seu perfeito sorriso.

OH, grandioso. Arruína o Natal também, por que não?

—Importaria-se, Anna? —perguntou Beth.

—Por que teria que me importar? Não me preocupa se casa a semana que vem. De fato, por que não se casam a semana que vem? —disse Anna e em seguida se arrependeu. Seu pai baixou o jornal e lhe deu um de seus olhares.

Gareth pôs o braço sobre o ombro da Anna e ela ficou imóvel.

—É tão boa com isto — sussurrou. Anna queria lhe dar uma patada.

—Quero que seja a dama de honra — Beth olhou para baixo.

Chutar a sua irmã não seria suficiente. Anna queria matá-la. Dolorosamente. Ela e Beth tinham um acordo a muito tempo, que não pediriam isso à outra. Muito para um pacto entre irmãs.

—Gareth quer que você seja, insistiu em que pedisse isso.

Anna ignorou a mensagem de desculpa que Beth estava tratando de enviar. Uma desculpa não o apagaria. Tinham um acordo. No que estava pensando Beth? Só que esta não era Beth, era Gareth manipulando a Beth. Anna estava desesperada por sair da casa e agora não podia, a não ser pensariam que estava aborrecida. Ela *estava aborrecida*, mas não pela razão que eles acreditavam. Obrigou-se a sorrir. *Mostrando todos seus dentes, não?*

—Fará, verdade? —perguntou Gareth. — Sei que Beth não sentirá que o dia está completo a menos que tenha a sua irmã mais velha, cuidando dela.

Quatro rostos à espera de uma resposta. Inclusive seu pai tinha deixado de ler o jornal. *Não*, queria gritar. *Sobre meu cadáver. Quando o Papai se case. Quando George Clooney se case.* Mas Anna não tinha eleição. Não, se queria evitar uma cena.

—Muito bem.

Beth aplaudiu e gritou.

—OH, obrigado!

Anna se sentiu tão pequena como uma formiga, porque não havia forma que caminhasse penosamente pelo corredor levando um monstruoso vestido de cor detestável, especialmente se Beth se casava com Gareth.

—Mostre a Anna seu anel — disse sua mãe.

Beth pôs uma pequena caixa verde sobre a mesa e ruborizou.

— Queria dizer isso antes que o visse. Não queria que o notasse e te incomodasse.

Anna duvidava quês e deu conta.

—Me deixe por. —Gareth tomou o anel da caixa e o pôs no dedo do Beth.

— Nunca tire isso de novo.

Era sua imaginação ou havia uma nota de ameaça nisso? Beth pôs-se a rir assim Anna pensou que devia estar equivocada. O anel, bom, era um anel. Um diamante bastante grande rodeado por um círculo de pedras menores.

—É formoso — disse Anna diligentemente, embora odiava os anéis de qualquer tipo, exceto possivelmente os que perfuravam os mamilos. Ela sempre tinha tido um desejo secreto de prová-los, embora possivelmente não os que passassem nos mamilos. Ela não era tão valente. Em cima de um mamilo estaria bem. Um dia...



—Um dia, terá um próprio — disse Gareth.

Dois, pensou Anna e soltou um sorriso genuíno. Que apagou o olhar satisfeito de seu rosto.

Anna se ocupou preparando o café da manhã, tratando de pensar em uma boa desculpa para sair antes do almoço. Podia ser a aparição da peste bubônica? Os extraterrestres tinham aterrissado na rua de abaixo?

Anna, que estava lubrificando a margarina sobre sua torrada, se congelou quando sentiu os dedos do Gareth em seu braço. Olhou para cima para descobrir que não havia ninguém mais na cozinha.

—Deram-nos um minuto a sós — disse ele.

—Para que demônios? —a garganta da Anna começava a fechar-se.

—Esta realmente feliz por mim, Anna?

—Absolutamente enlevada — ela retorceu o braço e apertou tão duro sua torrada enquanto estendia a geleia que se partiu em dois. *Merda*.

Ele sorriu.

—Esse anel poderia ter sido teu.

—O teria atirado pelo vaso sanitário.

Pôs-se a rir, mas seus olhos permaneceram frios.

—Onde esteve ontem à noite? Estou seguro de te haver visto entrar no jardim, mas parece que desapareceu no ar.

Anna estava tentada a lhe dizer que tinha tido estupendo e brilhante sexo com o tipo do outro lado da cerca. Em lugar disso deu um sorriso enigmático.

—O que eu faça não tem nada que ver contigo.

—Mas eu sou parte da família.

—Inclusive não — murmurou Anna.

—Beth não é tão boa na cama como você. Anna deu a volta para enfrentá-lo.

—O que?

—Ela não me deixa gozar em sua boca. Sigo pensando nisso, Anna. Como se sente ao ter seus suaves lábios úmidos ao meu redor. Como se sente seu cabelo sedoso contra minhas bolas.

Anna estremeceu. *Merda, merda*. Que grande engano tinha cometido! Quando tinha chegado a casa naquele momento e o tinha encontrado em seu apartamento, ordenou-lhe que partisse. Mas ele estava tão transtornado, inclusive chorou que tinha permitido que a obrigasse a comer a comida que tinha preparado e beber o vinho. As coisas saíram das mãos. Ocorreu vagamente que para a quantidade que tinha bebido, estava muito enjoada, mas tinha terminado lhe dando uma mamada, porque não queria que a fodesse.

Só que a mamada piorou a situação. Anna tinha lutado e dito que não, mas sabia que ninguém ia acreditar que não tinha querido o que tinha feito. Teria que ter ido à polícia e lhes dizer que a tinha violado, só que não era exatamente certo. Pensou que poderia havê-la drogado, mas para o momento que despertou, sabia que era muito tarde para fazer nada. Anna queria esquecer o que tinha acontecido essa noite.

—Quando estiver excitada, sabe onde me buscar.

—Preferiria ser fodida por um extraterrestre de três cabeças. Ele riu.

—Vou te possuir de novo. Sabe que me deseja.

—Vai à merda, Gareth — Anna o esbofeteou justo quando Beth entrou.

—Que diabos acredita que está fazendo?

Anna se sentiu ferida porque a pergunta ia dirigida a ela e não a Gareth.



Ele empurrou Beth em seus braços.

—Não se zangue, carinho, mas Anna me pediu que tivéssemos relações uma última vez. O disse que não e ela me golpeou.

Beth franziu o rosto. Anna sentiu sua fúria elevar-se como uma maré viva.

—Pelo amor de Cristo, Beth. Quantas vezes tenho que dizer? Eu não o quero, nunca o quis, se fosse o último maldito homem sobre o planeta não o quereria. Diria que tome, mas você merece algo melhor.

As lágrimas caíram dos olhos de Beth.

—Por que é tão horrível? Por que não quer que seja feliz?

Não era a saída que tinha querido, mas tomou. O fato que seu pai não parecia muito molesto ao vê-la partir e que sua mãe parecia aliviada não lhe fez nenhum bem a sua autoestima. Agarrou sua bolsa e se dirigiu à parada de ônibus.

Quando Anna retornou a seu apartamento de um edifício no Surrey Quays estava furiosa com todo mundo, incluindo ela mesma. Mentiroso Jax, estúpida Beth, pervertido Gareth, molestos pais e patética Anna. Não estava segura de quem a zangava mais. Não, isso era mentira. Se tirava a si mesmo da equação era Jax, porque tinha o poder de fazer que tudo em seu mundo estivesse bem e tinha piorado a situação.

Anna trabalhava em excesso em seu apartamento, fazendo os trabalhos de rotina de fim de semana como a limpeza e lavanderia e tudo o que podia pensar era a maneira em que Jax a havia feito sentir, o roçar de seu corpo contra o seu, seu aroma almiscarado, o gosto de seu sêmen, a forma em que se retorcia quando lambia sua orelha. Por que enganaria a sua esposa? Onde estava? E seu menino? Chegar a isso. Talvez saíssem durante o fim de semana. Anna gemeu. Era inútil tratar de convencer-se que não havia mentido que estava divorciado, que era um ladrão. Era uma casa de família e Jax era um homem de família.

Colocar a roupa suja na máquina fez Anna pensar no Gareth.

Que diabos ia fazer com ele? Estava jogando uma espécie de jogo de poder? Estremeceu ao pensar em seu matrimônio com Beth, mas a ideia que a deixasse esperando no altar era a perspectiva mais aterradora. Anna não queria que Beth saísse machucada, mas estava incapacitada para fazer algo, enquanto Gareth continuasse sendo o menino de ouro.

Uma coisa que podia fazer era encontrar a um homem por sua conta. Isso deteria todos os falatórios sobre ela desejando aquele patético imbecil. Jax não era a solução, por isso teria que procurar outro. Preferivelmente um que fosse tão bom entre os lençóis. Anna mostrou um sorriso nostálgico e tirou o aspirador.

Logo que ouviu seu celular soar por cima do ruído. Comprovou quem a estava chamando. Gareth tinha seu número e embora Anna tivesse preferido trocá-lo, era mais fácil verificar a tela. Era Pen, sua amiga de infância, que tinha vivido na casa do lado, enquanto Anna crescia.

—Olá — disse Anna.

—Olá de novo. Acabo de receber uma chamada de minha mãe com a notícia do compromisso de Beth. Está bem? Anna caiu sobre o divã.

—Bem.

—Não tem que ser valente, já sabe. Quer que me aproxime e bebamos até tirar o bode de seu sistema?

Pen era uma das amigas aos que Anna não tinha conseguido convencer sobre o Gareth. Era culpa dela. Gareth tinha aparecido um par de vezes quando ela tinha saído com o grupo e como



não havia dito a verdade absoluta, quando finalmente o fez, pensaram que estava exagerando. Gareth se havia transformado em um dos moços. Anna se sentiu impotente diante de um mestre manipulador e sabia que era melhor afastar-se de todos eles por um tempo. Lástima que seus amigos fossem tão estúpidos como sua irmã de olhos diamantinos³.

—Estou bem, obrigado, Pen. Realmente não me incomoda que tenham se comprometido — *não nesse sentido*, Anna pensou.

—Bom, chamarei na próxima semana e ficamos de nos ver.

—Bem — disse Anna e cortou a conexão.

—Bem. Bem. Bem — repetiu e rompeu a chorar.

Capítulo 5

Will viu Jax sentado sobre o muro fora da casa enquanto conduzia descendo a rua. Quando Jax o saudou com a mão, imediatamente Will ficou duro e sorriu de orelha a orelha. Estacionou a seu lado e apertou o botão do porta-malas. Jax deixou cair sua bolsa dentro e o fechou de repente.

—Senti minha falta? — perguntou Jax enquanto deslizava-se no assento de passageiros.

Will deu-lhe uma olhada e curvou a boca em um sorriso.

—O apartamento esteve limpo, consegui ver o que quis na TV e comi comida chinesa três vezes. Você acredita?

Jax riu e deslizou sua mão sobre o aumento proeminente nas calças de Will.

—Sim, senti falta de mim.

Will gemeu. Seu membro chorava ao pensar em foder Jax. Tinha estado fora durante uma semana, mas se sentia como um mês. Só tinha que olhar Jax para desejá-lo.

—Foi um bom menino e não fez uma punheta? — perguntou Jax.

—Sim, mas quase me mata.

Will esperava que Jax dissesse o mesmo, mas não o fez. Uma onda de inquietação desceu pelas costas do Will.

—Vá mais devagar, há uma câmera com radar de velocidade mais adiante — disse Jax.

Will soltou um pouco o acelerador. Estava desesperado por recolher ao Jax para poder meter um no outro loucamente, mas já tinha três pontos menos em sua licença. Jax descansou sua mão sobre a coxa de Will, a centímetros de distância da fonte de seu desconforto e Will suspirou. Não estava seguro se queria que a mão subisse ou que a tirasse, mas o calor da palma do Jax queimava através do tecido de suas calças. Will sentia cada dedo. Seu membro começou a lutar contra o zíper que a limitava. Will estava tão duro que doía. Depois que Jax tivesse chamado para dizer que estava em Greenwich e podia recolher quando quisesse, as bolas de Will tinham doído

³ Tempo de cultura: olhos diamantinos, embora não o pareça, é um insulto Shakespeariano. Neste caso Anna está sendo depreciativa, mas existem outros muito mais explícitos: Maldita seja, descarados lascivos (Othello), Substância desprezada de mostrar divino (Romeo e Julieta), Destrói seus olhos com uma nova Gorgona (Macbeth); inclusive se lhes interessa poderão encontrar um dicionário de insultos Shakespearianos. Já podemos começar a amaldiçoar em Linguagem Isabelino!



como se tivessem pendurado pesos de chumbo e esquecido. Não ia dizer isso ao Jax. Talvez quisesse prová-lo.

—Vai ter que mover sua mão — disse Will.

Jax acariciou a coxa do Will com seu polegar e Will aspirou um fôlego entre dentes.

—Tento que cheguemos a casa inteiro — Will ouviu sua voz rouca. Não queria que Jax soubesse quão desesperado estava, mas Jax tinha que estar cego para não ver, nem ouvir. Não era só sexo. Will adorava ter a alguém ao voltar para casa, com o que falar de noite, alguém com quem rir, com quem estar. Jax era tudo o que Will sempre quis: divertido, brilhante, bonito e sexy. Seria perfeito, exceto por uma coisa. Will sabia que não era suficiente para Jax.

Jax era o dominante, embora ninguém que queria seguir com seus dentes em seu lugar consideraria Will um submisso. Will tinha sido o dominante em todas suas relações, até que conheceu Jax, e agora eram mais ou menos iguais. Exceto Will sabia que isso não era verdade. Ele necessitava de Jax mais do que Jax necessitava dele. Permitia ao Jax mandar muito mais do que tinha permitido a qualquer outro companheiro. Mas Jax guardava para si uma parte e Will tentava fazer o mesmo porque tinha medo de assustar Jax voltando-se muito intenso. Assim como também estava assustado de perguntar por que Jax não tinha chamado ontem de noite para lhe dizer que tinha chegado cedo de Zurich. Por que não tinha pedido que o recolhesse no aeroporto? O que tinha estado fazendo na casa de sua irmã? Fodendo a outro cara? Mais gostaria que não fosse isso. As mãos do Will agarraram com mais força ao volante.

—Que tal foi à viagem? —perguntou Will, esperando que Jax omitisse o estalo em seu tom.

—Acredito que conseguiremos o contrato suíço. Seu chefe supremo é um completo idiota, tão cheio de si mesmo que gotejava por cada orifício, mas gostou da apresentação. E também a sua esposa. Ela é a chefe de finanças. Dá medo. Construída como uma parede de tijolo.

Estava sentado ali a imaginando em couro negro, dirigindo um látigo no traseiro pálido de seu marido. Não é uma bonita visão, mas funcionou.

Will começou a relaxar. Um engano.

—Ao menos por um pouco, só que então pensei em seu saboroso traseiro e como se sente quando pego meu membro dentro de você — disse Jax.

Will tragou com força. Enquanto girava pela Tower Bridge, Jax se inclinou e beliscou o lóbulo de seu ouvido.

—Jesus! —Will virou bruscamente, soou uma buzina e Jax riu.

—Não faça isso quando conduzo. Você já é distração suficiente aí sentado. Nada de tocar. Nada de falar. De fato, merda, nem respire.

Mas o dano havia sido feito. A sensação de Jax mordiscando seu ouvido tinha enviado uma onda de sangue correndo pelo corpo do Will diretamente a seu membro. De maneira impossível a coisa cresceu ainda mais. Os dedos do Jax deslizaram um milímetro mais acima.

—Jax! —Will sabia que deveria afastar a mão do Jax, mas se tocava ao tipo, estaria em mais problemas.

Então Jax cavou com a mão suas bolas e o traseiro do Will caiu do assento.

—Merda, Jax — gemeu Will. — Deixe que cheguemos em casa.

—Está seguro que pode esperar todo esse tempo?

Não, Will não estava seguro absolutamente, mas não havia muita opção. Era meio-dia, brilhante e ensolarado para variar, e estavam em um entupido tráfico de Londres. Muito mais toque e Will ia gozar em suas calças. Jax arrastou sua mão ao longo da congestionada longitude do pênis de Will e a espremeu.



—Para, Jax. Vai lamentar me atormentar desta maneira.

—Conto com isso.

Os dedos do Jax desataram o botão das calças de Will.

—Não... —disse Will.

—Não o que? —Jax baixou o zíper e deixou cair a camisa de Will por cima.

Will não podia deter o gemido que escapava de sua garganta. Seu traidor membro enviou uma mensagem de obrigado pelo espaço extra e cresceu ainda mais.

—Vou estrelar-me se não parar — as arrumou para dizer Will. — Me deixe encontrar algum lugar para parar.

—Como onde? —Jax perguntou.

Will suspirou. Não havia nenhum lugar onde parar, bom, nenhum o suficientemente resguardado. Não se podia permitir ser detido. Isso seria o fim de sua carreira como polícia.

—Continue indo. Se concentre em conduzir. Estará bem.

Will não acreditava. Jax tinha metido a mão em seus bóxers e tinha liberado o pênis de Will.

O bastardo tinha tirado a cabeça por debaixo de sua camisa e deu um puxão enquanto perfumava o ar fresco e com a perspectiva de diversão. Will tragou com força. Antes tinha pensado que suas bolas doíam, mas se equivocava. Agora sim que doíam.

—Segue me tocando e te matarei — advertiu Will. — Eu digo sério, Jax.

Pressionou seu pé sobre o acelerador. O apertão do Will sobre o volante era tão forte que duvidava que pudesse voltar a soltá-lo. Conduziu por instinto, logo que registrando as curvas. Já não estavam longe, mas pareciam não chegar nunca. Will sentiu a mão de Jax mover-se antes que o pudesse alcançar.

—Não — soltou. — Eu digo sério. Eu vou gozar em toda minha fodida camisa.

—Eu poderia afastá-la do caminho.

—E como vou explicar a confusão sobre o para-brisa? Jax riu.

—Nem um dedo perto de mim ou te farei lamentar.

Will virou pela rua Wresel e deu um suspiro de alívio. O edifício onde ele e Jax compartilhavam um apartamento de três dormitórios, com uma vista fantástica do Támesis, estava justo diante. Will nunca poderia haver-se permitido tal lugar com seu salário, mas Jax era um advogado de primeira que ganhava mega dólares. Só pediu ao Will uma parte proporcional a seu salário como um inspetor de polícia na Polícia londrina. Will sabia que Jax não necessitava seu dinheiro, mas estava contente que tomasse.

Cayenne Wharf tinha seu próprio estacionamento subterrâneo, e graças a um emissor sobre o para-brisa, a barreira se abriu ao aproximar-se. Will balançou o carro ao redor de uma esquina e estacionou em seu lugar designado com os pneus chiando sobre o concreto tratado. Tirou a marcha. Uma mão apagou a ignição, a outra foi para o pescoço do Jax. Will puxou da cabeça de Jax para frente, duvidando seriamente entre beijá-lo e estrangulá-lo.

A boca de Jax se abriu e a língua de Will mergulhou dentro, um beijo duro, quente, apaixonado pelo que Will esteve morrendo do momento que tinha visto Jax esperando fora da casa de sua irmã. Will conteve a pergunta de por que estava esperando fora, por que não lhe tinha deixado entrar. Jax tinha um sabor doce, de café, pasta de dente, ao Jax. Will o amava muito, e não se atrevia a dizer-lhe porque tinha a sensação que quando essas palavras saíssem de sua boca, sua relação estaria terminada. A língua de Will explorou, retorcendo-se ao redor de sua companheira, antes que caísse no ritmo pulsante que queria imitar com seu membro. Sentiu Jax tentando afastar-se, mas Will não tinha tido suficiente, nunca teria suficiente. Queria lhe devorar,



consumi-lo, fazê-lo uma parte de si mesmo.

As mãos do Jax acariciaram seu traseiro, tentando acalmá-lo. Quando seus dedos atiraram sobre seu cabelo, Will finalmente se separou. Eles se olharam fixamente ao um ao outro, ambos ofegando. Will imaginou que seus olhos tinham o mesmo olhar vidrado que viu no Jax.

—Feche sua calça. Tirarei minha bolsa do porta-malas — disse Jax.

Fechar o zíper era fácil, embora fosse mais fácil de dizer que de fazer. O pênis de Will protestou por ser forçado de novo às calças. Esperava ver como enchiam o saco suas bolas. Enquanto Will saía do carro, tirou o pulôver por cima, tentando cobrir o proeminente vulto de sua virilha. Viu o Jax fazer o mesmo. Sorriram um ao outro.

—Dois minutos e contando — disse Jax ao aproximar-se rapidamente do elevador.

—Nada de tocar — respondeu Will. Seu pênis deu um puxão ao recordar o sexo que tinham tido nesse elevador fazia uns meses. Will ficou com as costas para o painel de controle para evitar que Jax desse ao botão de parada. Fecharam-se as portas.

Jax se lambeu os lábios.

—Um minuto e cinquenta — se inclinou na parede em frente ao Will e o olhou fixamente.

— Logo que posso esperar para rodear com meus lábios seu pênis. Quero te aspirar até o coração.

—Oh merda. —Will estremeceu.

—Vou te lambe da brilhante ponta até seu precioso ânus franzido e, se for realmente bom, jogarei ali um pouquinho. —Os olhos de Jax cintilavam de diversão.

—Cristo, Jax. Merda fecha o bico. —Will fechou seus olhos.

—Um minuto e trinta. Quanto tempo pensa que será capaz de suportar? Minha boca quente, molhada sobre seu duro e aveludado pênis. Minha língua em seu ânus.

Will abriu seus olhos e o fulminou com o olhar.

—Se continuar assim, um segundo. Jax riu.

A porta se abriu no último andar, o quinto, e Will saltou, pinçando em seu bolso procurando suas chaves.

—Um minuto e dez — contou Jax atrás dele. Will abriu a porta. Obrigado, Deus.

—Ah, olá, Sra. Dutton. Como está você? —disse Jax.

Will pôs os olhos em branco pela brincadeira, mas quando se virou, viu sua vizinha meio surda do outro lado do corredor saindo de seu apartamento com um cão que parecia uma bola de cabelo. Era difícil dizer onde acabava um e começava o outro. Era uma rica viúva sobre os sessenta anos, e os dois a adoravam, mas justo nesse momento Will queria assassiná-la. Manteve a parte baixa de seu corpo detrás da porta e saudou com a mão.

—Bom dia, William.

—Bom dia, Mary. Como era aquele número, Jax?

—Trinta — disse Jax.

O par intercambiou umas palavras mais e Will teve que impedir-se de voltar pelo corredor e arrastar Jax ao apartamento. Suspirou de alívio quando Mary se moveu e Jax empurrou sua mala pela porta.

—Cinco — disse Jax e fechou de repente a porta. — Quatro — Will empurrou ao Jax contra a parede. — Três — mas era Will quem foi desabotoado. — Dois — seus boxers e calça desceram de um puxão a vez. — Um.

Will logo que podia conter o ofego de prazer enquanto a mão do Jax apertava em torno de seu pênis.



—Quero-te nu — sussurrou Jax.

Will pisoteou seus sapatos e saiu de sua calça enquanto Jax tirava seu suéter pela cabeça. Will pinçou com os botões de sua camisa enquanto seu pênis o impulsionava a apressar-se. Jax separou de uma patada a roupa do Will e o olhou de cima a abaixo.

—É magnífico — sussurrou Jax.

Espremeu a base do pênis do Will e o grito brusco do Will se ouviu por todo o apartamento. Enquanto Jax caía de joelhos, Will passou seus dedos por seu cabelo. Os olhos grandes e escuros de Jax olharam acima enquanto lambia a coroa de seu pênis. As bolas do Will se apertaram e mordeu o interior de sua bochecha em uma tentativa de impedir de gozar. E se não olhava? Mas como não fazê-lo. A boca de Jax se abriu, rodeou com seus lábios quentes ao desesperado pênis do Will e aspirou com força. O pulso saltou no pescoço do Will e ficou nas pontas dos pés. Seus olhos se foram fechando apesar de suas tentativas de mantê-los abertos.

—Vou A...

Will não pôde pronunciar outra palavra. O orgasmo começou em algum lugar detrás de seus olhos e se dirigiu como um relâmpago por seu corpo, disparando em seu pênis. Will desejava que a sensação de como gozava pudesse durar para sempre, mas quase não teve tempo nem de rezar para que o tempo se detivesse antes que o clímax o golpeasse. Ofegou com cada explosão de sêmen que disparou de seu pênis e orvalhou na boca do Jax. As mãos de Jax deslizaram a suas costas, atraindo-o mais para que pudesse introduzir-se mais profundamente e então esteve na garganta de Jax. Os joelhos do Will tremiam tão violentamente que pensou que cairia.

Quando Jax finalmente o deixou ir, Will ainda estava duro. Não sabia como era possível, mas imaginou que era a maneira em que seu pênis pedia mais. Depois de uma semana de abstinência tinha sido um milagre que não gozasse justo quando Jax entrou no carro. Jax tinha que estar tão desesperado como ele a não ser que... Will não queria ir por aí. Puxou do Jax para cima e o rodeou com seus braços. Suas bocas se encontraram em um suave beijo e Will lambeu seu sêmen dos lábios do Jax.

—É bom o gosto? — perguntou Jax.

—Sim, tenho bom sabor. Jax riu.

Parecia como se Will tivesse estado esperando este momento. Jax só tinha estado fora uns dias, como podia estar tão desesperado? Will se sentiu tranquilizado pelo fato que por uma vez Jax parecia tão entusiasmado como ele. Se tão somente estivesse igual de desesperado pelo compromisso.

Jax se separou de sua boca, mas não de seus quadris. Os dois eram quase da mesma altura, Will talvez uns dois centímetros mais alto. Mas Jax era definitivamente mais amplo. Ele era claro, seu cabelo beijado pelo sol, provavelmente fazia mechas embora Will não perguntasse nunca. Will era escuro, de uma vez que começavam a sair os cabelos brancos. Will rodou seus quadris, esfregando-se contra o duro bordo do pênis de Jax, perfilada sob seu jeans.

—Pensei que estaria cansado com todas aquelas idas e vindas.

De Bruxelas a Madrid e de volta ao Zurich — disse Will.

—E pensava bem. Estou um pouco cansado pela defasagem horário, mas você parece propulsado a motor.

Will ficou rígido e seu rosto se alagou de calor.

—Né! Estou de brincadeira. Pensa que vou mais devagar? Mas necessito uma ducha. Quer me dar uma mão?

Will agarrou os dedos de Jax e puxou dele pelo corredor para o dormitório principal. Tirou o



suéter azul de Jax pela cabeça e o jogou ao chão. Quando Jax alcançou os botões de sua camisa, Will afastou a mão de um golpe.

—Me deixe.

Ao Will adorava olhar o peito do Jax. Abriu-lhe a camisa revelando seus duros abdominais e os arredondados peitorais culminados por escuros e planos mamilos. Deixando cair sua cabeça, Will lambeu um. Este se endureceu e Will sorriu e o esfregou com sua bochecha. Jax posou uma mão sobre o ombro de Will enquanto levantava um pé para tirar o sapato e as meia. Will não pôde resistir a acariciar com sua boca através da calça a ereção de Jax, respirando ar quente por sua longitude, e foi recompensado com um silencioso gemido e uns dedos que se cravaram em seu pescoço.

Quando tirou o outro sapato e as meias, Will se levantou. Seu pênis se sobressaía diante dele, de novo duro como uma rocha, antecipando o que estava por vir. Desabotoou os jeans de Jax e os baixou junto com seus boxers. Finalmente, estavam os dois nus, seus pênis movendo-se. Suas rosadas cabeças roçando-se em tentadores beijos um contra o outro enquanto eles estavam de pé cara a cara.

—Jesus — gemeu Jax.

A cabeça do pênis de Jax brilhava de pre-sêmen, a brilhante ponta estava tentando ao Will, mas teria que esperar a ducha de Jax para que a mamasse.

—Nem pensar — disse Jax, lendo sua mente.

Jax tinha tomado banho na casa de sua irmã, mas ainda podia cheirar a Anna. Não queria machucar Will, mas se soubesse o que tinha feito, sem dúvida alguma Will se sentiria ferido. Não havia marcas no corpo do Jax, mas ele tinha deixado algumas na de Anna. Em nenhum lugar que fosse visível exceto para um amante. Havia feito de propósito, uma maneira de fazê-la sua, para que pensasse nele, só que agora ela devia lhe odiar. Deixou ir um pesado suspiro.

—Muito quente? — perguntou Will enquanto empurrava Jax sob a água.

—Nada que não possa dirigir.

Jax não estava seguro que fosse verdade porque Anna tinha despertado nele uma necessidade que havia estado tentando suprimir. Por muito que Will lhe importasse e que o quisesse em sua vida, não era suficiente. Jax sentia falta de ter uma mulher e agora que tinha tido um aviso de quão bom podia ser, tinha que descobrir uma maneira de ter aos dois.

Will começou a ensaboar o corpo do Jax e Jax deu um gemido rouco enquanto umas firmes mãos masculinas espremiavam e atormentavam seu pênis. Inclinou-se atrás contra a parede curva de cristal da ducha e deixou que Will brincasse com ele, desfrutando ao sentir o tato mais forte de um homem. Will devagar permitiu que o pênis do Jax passasse por seu ensaboado agarre e logo brandamente amassou suas bolas, mas quando Will baixou para pôr sua boca sobre ele, Jax puxou dele para cima.

—Não.

Will o olhou aturdido. Jax se obrigou sorrir.

—Excursão — disse Jax.

Não queria que Will baixasse sobre ele. Queria recordar um pouco mais o modo em que os pequenos e suaves lábios da Anna se sentaram em seu pênis. Pressionou a cara do Will contra os azulejos e se inclinou a suas costas, beliscando o lugar onde o pescoço do Will se unia com o ombro, sorrindo abertamente quando os joelhos do Will se tornaram para frente, golpearam a parede e ele uivou.



Jax deslizou sua mão pelas costas de Will, riscando cada crista óssea de sua espinha antes de parar na dobra de seu traseiro. Só um dedo justo dentro da fenda, escorregando pela linha especial, a delicada tira de pele entre o ânus e as pelotas. Will se esticou, mas suas pernas se abriram mais para permitir um melhor acesso. Os dedos do Jax acariciaram o ponto ultrassensível e logo o jogou atrás para revoar sobre a entrada do corpo do Will. O toque suave como um sussurro sobre o enrugado círculo teve ao Will arqueado contra a parede da ducha.

—Tranquilo, tira — sussurrou Jax.

—Fácil de dizer —ofegou Will. — Estou fodidamente desesperado. Esta parede da ducha esteve me tentando toda a semana. Meus quadris não o podem evitar. Tem o piloto automático posto.

Jax riu. Ele deslizou uma mão pelo pênis de Will, rodeou-a com seu punho apertado e com a outra mão pressionou com a ponta do dedo no ânus do Will. Jax não empurrou para dentro, mas sim se conteve, rodeando-o em círculos, atormentando-o.

—Jax — disse Will com tom de advertência.— Que caralho está fazendo? Tentando me produzir um enfarte?

Enquanto uma mão continuava espremendo o pênis de Will, a outra alcançou o lubrificante que pendurava da prateleira. Jax lançou um jorro sobre o traseiro do Will. Os quadris do Will se tornaram para frente outra vez e gritou quando seus joelhos voltaram a golpear os azulejos.

—Frio? —Jax perguntou.

—Que lhe fodam.

Jax passou seus dedos pelo emplastro do lubrificante e o estendeu pelo vale entre as nádegas de Will, pressionando-o mas não em seu buraco.

—Deixa de me atormentar — ofegou Will.

Jax apertou mais forte na base do pênis de Will e enquanto deslizava seu dedo pela apertada barreira muscular. Will se esticou e logo relaxou. Jax introduziu dois dedos e riu silenciosamente quando notou Will esticar-se uma vez mais.

—Você gosta assim? —Jax pressionou seu rosto contra o pescoço de Will, beliscando sua pele com os dentes.

—Ah Deus.

Jax fodeu Will com os dedos, sentindo a forma distintiva da glândula da próstata e acariciando-a até que Will começou a fazer ofegos ruidosos.

—Jax. Preciso-te em mim. Agora. Por favor.

—Não te dou sempre o que quer?

—Sim, mas não quando quero.

Jax torceu seus dedos, girando um contra o outro uma e outra vez enquanto os bombeava dentro e fora do ânus do Will. Então uniu essa ação a de apertar com o punho ao pênis de Will. Torcendo e bombeando enquanto Will se retorcia e gemia. Observou as mãos de Will tentando agarrar-se aos azulejos e escorregar. Jax sorriu em seu ombro. Will virou sua cabeça, apoiando a bochecha na parede da ducha, e o pênis de Jax deu um puxão ao ver a cara de seu amante escrita com desejo e desespero.

—Agora — pediu Will. — Por favor.

Jax deixou ir o pênis do Will, lavou as mãos sob a água e espremeu outra vez o lubrificante em seu pênis antes de puxar os quadris de Will para trás e de separar suas nádegas. Ele fez rodar a cabeça de seu pênis pela escura fenda e logo dobrou seus joelhos para alinhar-se com a entrada franzida do corpo de Will. O coração de Jax corria, seu pulso dava saltos em seu pescoço,



correspondendo ao batimento de Will.

Um impulso enviou a ponta do pênis do Jax através do restritivo músculo que protegia a entrada do corpo de Will. Jax continuou pressionando, suas mãos agarrando fortemente os quadris do Will e retendo-o enquanto empurrava mais à frente até onde pôde chegar suas bolas apertadas contra as do Will. O fôlego do Jax veio a explosões entrecortadas enquanto descansava um momento, deixando que Will se acostumasse, permitindo aos dois saborear o momento, a pressão ardente, antes que qualquer dos dois começasse a mover-se.

—Bem? —Jax perguntou com um grunhido.

—Somente faça.

Jax sorriu e simplesmente balançou seus quadris um pouquinho, esfregando seu peito contra as costas de Will, antes de tirar seu pênis quase por completo. A larga e dura onda desde atrás fez gemer a ambos. Jax deslizou suas mãos pelo peito de Will para cima, encontrou seus mamilos e os retorceu enquanto golpeava seus quadris para frente, cada impulso mais duro, com mais firmeza, mais forte, mais rápido que a vez anterior, atravessando a malha cheia de terminações nervosas até que obrigou Will a ficar nas pontas dos pés.

—Cristo, Jax — ofegou Will.

Jax não podia reduzir a velocidade, não podia parar. Ele sentiu os músculos retais de Will apertar seu pênis e sabia que ia gozar logo. Jax agarrou o pênis de Will e emparelhou a ação de sua mão com o bombeamento de seus quadris. Ele queria que Will gozasse primeiro.

Ao final, gozaram de uma vez. Will gritou enquanto seu pênis dava puxões na mão de Jax e Jax apertou sua cabeça contra as costas de Will enquanto suas bolas soltavam fogo e enviavam chamas diretamente por seu pênis no corpo de Will. Jax corcoveou involuntariamente enquanto seu pênis continuou expulsando seu sêmen. Isto durou tanto que Jax se perguntou se algo ia mal, só que se sentia tão bem, tão bem. Sua cabeça caiu até o ombro de Will enquanto os espasmos se acalmaram e lhe beijou a nuca.

Capítulo 6

Jax se tombou de lado, os olhos totalmente abertos com o Will fazendo a colher contra seu traseiro. Will dormiu rapidamente mordendo no pescoço de Jax, com um braço possessivo jogado sobre seu peito. Supunha-se que Jax tinha que ser o cansado, mas sua mente corria, pensando em Anna. O que estaria fazendo? Estaria pensando nele? Pensava que era um bastardo? Se Jax dissesse ao Will o que tinha feito, é o que lhe chamaria também.

Tinham acertado não foder a outros homens enquanto estivessem juntos, também haviam acordado compartilhar os detalhes das mulheres com as que foderiam. Nunca desprotegido. Will era o único que Jax fodia sem camisinha. Ele nunca tinha quebrado aquela regra sem importar quão tentadora fosse a mulher. Até agora na relação, todos os relatos suculentos sobre encontros sexuais tinham sido os do Jax e Will escutava o que era parte do atual problema de Jax. Will era tão bi como ele, mas não parecia tão disposto a compartilhar sua cama com uma mulher.

Não é que tivesse tido muitas mulheres desde que conheceu Will. Se Jax contasse, e parecia que estava fazendo, em quase um ano tinha tido quatro confusões. Cinco com a Anna. Jax se perguntou se recordar às mulheres que havia fodido funcionaria como contar ovelhas para dormir. Poderia provar.



Katie tinha sido a primeira. Will levava três semanas e meia trabalhando no turno da noite e Jax se aborrecia. Tinha conhecido Katie na fila para pagar do Marks & Spencer. Ele levava comida para si em sua cesta e ela lingerie de renda na sua. A dela tinha caído ao chão ao pô-la na caixa e Jax tinha recolhido o delicado objeto. Um pouquinho óbvio, mas tinha visto o olhar de vem a mim em seus olhos e gostou da ideia do body transparente.

Tinha-a levado a tomar algo em uma degustação de vinhos próxima e duas garrafas mais tarde, convidou a seu apartamento. Enquanto seu jantar para um descongelou na cesta da compra ele a havia fodido três vezes. Havia-lhe dito que estava disposta a tudo, assim Jax a convidou ao Shifters, um clube de fetiche ao que ia de vez em quando. A beleza de mau gênio se converteu em não estar disposta a nada e Jax teve que levá-la para casa. Não se incomodou em fode-la e não voltou a vê-la mais.

Jax não gostava dos extremos, mas sim experimentar. Ele havia tentado tudo: trios, grupos de quatro pessoas, orgias (algumas só homens e outras mistas). Tinha estado sobre a beira do BDSM. Preferia estar acima, mas também desfrutava estando debaixo. Gostava de roçar os fios do desconforto, mas não sofrer diretamente dor, nem recebê-lo nem dá-lo.

Linnea, e depois da Katie, tinha resultado estar um pouco muito metida em tudo. Esta tinha começado bem. Jax a tinha recolhido no que de maneira eufemística chamavam “loja adulta”. Pelo geral não havia nenhum adulto a venda, mas desta vez, com uns artigos para usar com o Will, Jax tinha recolhido a Linnea. Eles tinham tido diversão, haviam fodido um montão e logo tinha pedido que a golpeasse. Dar açoites no traseiro era uma coisa, mas bater com folhas de barbear era algo totalmente distinto. Adeus Linnea.

Georgia tinha sido uma confusão de uma noite. Recolhida em um bar, levou para sua casa. Tinha um corpo atordoante, um pedaço de mármore negro quente. O sexo com ela foi como arranhar uma coqueira. Genial nesse momento, mas não precisava fazê-lo outra vez. Ela se pendurava muito, estava muito necessitada, não se havia nem deslocado e já estava chateando com quando voltariam a ver-se, aonde iriam, o que fariam... Não havia nada mais efetivo para espantar Jax.

Sandy era secretária em seu trabalho. Ela tinha paquerado com ele durante meses e em um momento de debilidade, Jax tinha cedido ao impulso. Ela ofereceu, ele aceitou, mas Oxalá não o tivesse feito. Outra sanguessuga. Tinha tentado muito lhe agradar e não o deixou ir. Teve que suportar semanas de sms, email, xícaras de café no seu escritório até que – Merda, obrigado!- ela encontrou outra pessoa.

Agora Anna. Um enigma. De pouco caráter, preferia saltar uma cerca para evitar uma confrontação com sua irmã e o namorado desta, mas o tinha surpreendido ao estar pronta para ter sexo com um estranho. Jax piscou enquanto a imagem de seu suave traseiro lhe veio à mente e aquela fodida lasca. Ele havia estado quase permanentemente duro do momento que a viu entrar pela grade. Quando ela fez ver que era um gato ele quis rugir da risada. Mas uma vez a teve na casa, tudo no que pôde pensar foi em fode-la.

Jax desejava que ela estivesse agora na cama com ele. Em um mundo ideal, não só com ele. Com ambos. Intercalada entre eles. Era o que realmente queria. Desejava que ele e Will pudessem fode-la de uma vez, que seu pênis pudesse sentir o pênis do Will dentro do corpo dela, que ela o mamasse enquanto Will o fodia, que ele pudesse enterrar seu rosto em sua xoxota enquanto Will fodia o traseiro dela, que ele pudesse foder ao Will enquanto Will a fodia. Jax soltou um silencioso gemido ao endurecer seu pênis. Não voltaria vê-la de novo. Ela pensava que tinha mentido que estava casado e tinha filhos e talvez, ao final, era o melhor.



Enquanto Jax dormia, Will saiu da cama e começou a esvaziar sua mala. Will era ordenado, Jax não, e em vez de discutir por isso, Will ia recolhendo atrás dele. Roupas sujas no cesto da roupa, jaqueta do traje de volta ao armário, calças no cabide, roupa limpa de volta às gavetas. Will passou sua mão pelos bolsos dos lados, comprovando que estivessem vazios e sentiu algo comprido e duro. Tirou uma lasca larga e magra de madeira. Will a girou entre seus dedos, perguntando-se que fazia uma parte de cerca na mala do Jax.

—É um pedaço de madeira — disse Jax da cama.

Sério, Sherlock? Will se voltou.

—Você gostaria de explicar o que é que está fazendo em sua mala?

—Como amuleto?

Will franziu o cenho.

—Não te ocorre nada melhor que isto? Como você gosta de estar preparado em caso de um ataque vampírico. Talvez seja parte de um quebra-cabeças diabolicamente difícil — olhou para Jax e sorriu.

—Eu... tirei do bumbum de uma mulher.

Will sentiu que seu mundo começava a condensar-se e a madeira caiu de seus dedos.

Jax se sentou e afastou a colcha de suas pernas.

—Não é o que pensa.

Ah Cristo. Então era exatamente o que Will pensava. Jax ficou de pé.

—Ela subiu no jardim de minha irmã e se enganchou na cerca. Tirei a madeira de seu bumbum.

E por que ficou com esta fodida coisa?

—Ah — foi tudo o que saiu da boca do Will.

Will quis afastar-se enquanto Jax dava um passo para ele, mas não fez. Sempre se afastava das discussões, mas não desta vez.

—Você a fodeu — disse Will.

—Sim.

Will mordeu o interior das bochechas.

—Isso não é um problema — disse Jax. — Não deixe que seja um problema. Você sabe o que sinto por você.

Mas Will não sabia, assim que isto *era* um problema. Queria acreditar que Jax o amava, mas as palavras nunca tinham saído de sua boca. Will começava a pensar que o tipo era incapaz de dizê-las.

—Está bem — Jax o acalmou e deu outro passo para ele. — Will?

Will duvidou, mas deixou que Jax o rodeasse com seus braços. Jax apertou seu corpo nu contra ele, pôs seus lábios nos do Will e beliscou-o brandamente com seus dentes.

Não é tão fodicamente fácil. Não sou tão fodicamente fácil.

Will permaneceu frouxo, lutando uma batalha interior porque queria abraçar ao Jax, mas estava muito zangado, não com Jax, se não com ele mesmo por deixar que isto o afetasse. Eles tinham concordado foder a mulheres, assim por que o alterava tanto? Jax passou seus braços por suas costas, de volta a seu pescoço, massageando os tensos músculos, urgindo ao Will a responder. *Por que não fazê-lo?* Os lábios do Jax escorregaram ao pescoço do Will e seus dentes roçaram sua clavícula. Will estremeceu

—Will — disse Jax. — Relaxe, companheiro. É uma fodida parte de madeira. Não vou voltar a vê-la de novo.



O cérebro do Will fez algumas contas e separou do Jax.

—Voltou para Londres um dia antes e não me telefonou. Estava com ela.

Queria que isso não fosse verdade, mas quando Jax não negou, soube que era.

—Vai me dizer que não teria aceito se lhe tivessem dado uma fodida? —perguntou Jax, seus olhos escurecendo, um aviso de seu aborrecimento.

Sim, seria o que lhe diria, se pudesse falar, pensou Will. Havia escutado Jax lhe contar suas histórias de mulheres com as que se deitou, via como isso acendia Jax e sentia os resultados no sexo que tinham depois. Will não estava tão aceso. Ele queria que Jax trouxesse para casa uma mulher que pudessem compartilhar. Will queria uma vida compartilhada em três, não dois e um, porque sabia quem seria o fodido ímpar. Will inspirou forte. Jax apertou seu corpo mais forte contra o seu, agarrou seus pênis com uma mão, roçou o seu ao contrário a do Will, as úmidas cabeças lubrificando seus ventres de pre-sêmen.

—Vamos, Will.

O sexo não ia arrumar isto.

—Quer que te fale dela?

Não, não queria.

—Se afaste de mim, merda —grunhiu Will. Jax não parou.

—Acredito que seu pênis não está de acordo contigo.

O pênis de Will estava duro como o ferro. *Bastardo pênis punheteiro traidor de merda*. Will empurrou Jax. Com força. Jax, assombrado, sentiu a parte de atrás dos joelhos golpear a cama e caiu. Soltou uma gargalhada e se levantou direto à cara do Will.

—O que aconteceu?

Um espasmo de dor revooou através da cara de Will ao pensar que Jax tinha inclusive que perguntar e seu punho reagiu. Jax agarrou seu pulso antes que pudesse lançar um murro.

—Pelo amor de Deus, Will, para já.

—Não.

Jax não deteve o seguinte murro. Will o lançou a suas costelas e Jax se dobrou ao sentir disparado o ar de seus pulmões. Will o puxou sobre a cama, suas mãos agarrando os braços do Jax, tentando segurá-lo. A expressão do Jax passou de surpreendida a fodido, e ao final começou a fazer o que Will queria. Devolver os golpes.

Will estava acostumado aos golpes, provinha de um ambiente onde era comum usar os punhos para sair dos problemas. Seu pai os tinha golpeado a ele e a seu irmão e logo seu irmão tinha golpeado a ele. Will aprendeu de primeira mão o dano que os punhos podiam fazer. Essa era uma das razões pelas que se uniu à polícia, assim poderia deter situações que se deterioravam até o ponto ao que Jax e ele tinham chegado. Ao momento que lançou um golpe pela metade às costelas, sabia que nenhum deles queria isto. Não deveria ter empurrado Jax até aqui.

Virando-se para Jax, Will o beijou. Um beijo rápido e Jax congelou. Os dois se olharam fixamente. Agora que Will queria deter-se, Jax não. Rodou com o Will da cama ao chão. Competiram em uma combinação de luta e jogos bruscus, enquanto se golpeavam, esbofeteavam e excitavam um ao outro dentro e fora da cama. A ira tornou-se paixão. O rígido eixo de Jax golpeava contra Will.

Igualmente o pênis ereto do Will pressionava sobre o Jax. Ambos grunhiram e ofegaram sem fôlego sobre o rosto do outro, cada mão agarrando a seu companheiro, as pernas entrelaçadas, seus corpos empapados de suor golpeando e lutando tratando de colocar-se um em cima do outro. Estavam quase iguais. Will, com seu lar violento e seu histórico como policial tinha a



melhor técnica, mas Jax era ligeiramente mais forte.

Nenhum falou, não sabiam por que até estavam fazendo isto, exceto um deles tinha que ceder. Will continuou a luta. Não seria ele. Sempre era ele quem cedia, desta maldita vez preferiria morrer. Ambos tinham arranhões e marcas, estavam doloridos e sem fôlego, mas seus pênis eram como estacas de ferro, a tensão sexual era tão intensa que era difícil respirar.

Finalmente, Will forçou ao Jax a girar sobre seu estômago, ajoelhou-se em cima de suas coxas e pressionou sobre suas costas com os braços. Jax deixou de lutar. Seu rosto virou para um lado, grunhindo contra o travesseiro. A cabeça púrpura do pênis do Will estava torcida e brilhante pela emoção. Uma pérola de pre-ejaculação emanava do racho com forma de lágrima e caiu dentro da fenda das nádegas de Jax. A necessidade aumentada apertava as bolas de Will e estas puxaram da base de seu duro, firme e vibrante pênis. Will trocou o peso de maneira que seus joelhos ficassem a ambos os lados das coxas de Jax e logo colocou as mãos sob o corpo de Jax enquanto se estendia ao longo de suas costas. As mãos de Will procuraram seus mamilos e os retorceu tão duro que Jax gritou.

—Jesus, Will, toma com calma.

Esse não era o ponto. Will se tornou para trás, apoderou-se da parte inferior de Jax e separou suas nádegas.

Jax tratou de levantar-se e Will o golpeou para baixo. Que diabos era o que tinha metido? Jax era quem acostumava ir à ofensiva, não Will, mas algo lhe dizia que tinha que estender e aceitar isto. Jax escutou o pop da tampa do lubrificante, sentiu o jorro de frio líquido golpear seu traseiro e estremeceu. Pensou em uma centena de coisas que dizer ao Will, mas não expressou nenhuma. Sabia malditamente bem por que Will estava fazendo isto e por que tinha que deixar.

A cabeça do pênis de Will pressionou contra a entrada do corpo de Jax. Quando Jax começou a baixar e relaxar seus músculos para fazer menos dolorosa a intrusão, Will penetrou direto, através do apertado anel de malha restritiva⁴, mergulhou no mais profundo até que Jax sentiu suas bolas golpear contra ele. Jax não pôde evitar o gemido que escapou de sua garganta. Era em parte dor, em parte profunda satisfação. Os quadris de Will atiraram para trás e Jax sentiu cada centímetro sair através da malha ricamente nervada. Apertou para abaixo, tratando de reter ao Will dentro dele, contraindo os músculos ao redor da túrgida carne do pênis de Will.

—Quer mais? —perguntou Will, sua voz rouca.

—Maldição, sabe que sim — ofegou Jax.

Will gemeu e golpeou de novo contra Jax, sacudindo seu pênis dentro e fora, uma e outra vez, mais rápido, mais forte, cada golpe aumentava a necessidade de Jax por gozar. Seu pênis deslizou para trás e para frente sobre o lençol de algodão enquanto Will incrustava a si mesmo dentro dele. Jax tratou de chegar debaixo de seu corpo para alcançar seu pênis, mas Will enganchou um pulso e logo a outra. Imobilizando as mãos de Jax a ambos os lados de sua cabeça,

Will seguiu impulsionando dentro dele, a um ritmo frenético que Jax emparelhou com seus próprios quadris corcoveando sobre a cama.

Jax estava tão perto e repentinamente Will mudou seu ângulo de entrada, seu pênis tocou a glândula do tamanho de uma noz, e Jax esteve mais que perto. Suas bolas explodiram enquanto o ar fugia de seus pulmões. Jorrou sêmen, saiu de seu pênis até que esteve sobre um atoleiro de calor úmido. Por que o prazer tinha que ser tão fugaz? Jax queria que durasse mais tempo, queria

⁴ Ou seja, o esfíncter!! Esta forma poética de falar... nem Shakespeare! hahahah (N. da T.)



memorizar cada prazeroso jorro de liberação. De repente Will ficou rígido sobre suas costas e Jax sentiu seus quadris oprimir-se contra ele. Will gritou e Jax suspirou enquanto o esperma quente de Will orvalhava dentro dele.

Por um comprido momento, Will simplesmente jazeu ali. Jax não podia mover-se com Will atirado sobre ele, até aferrando seus pulsos. Quando o rugido em seus ouvidos cessou, Jax escutou a respiração entrecortada de Will. O menino seguia tenso como um arco. Jax tinha dificuldade para encontrar algo que dizer algo para suavizar a situação, sentiu uma gota úmida golpear seu ombro. *Merda!* Will estava chorando?

—Deixe ir — disse Jax gentilmente.

Will o agarrou mais forte.

—Will.

—Cale-se.

Will tremia pela tensão.

—Por favor — disse Jax com voz tranquila. — Preciso ir ao banheiro. Depois de uns segundos, Will relaxou seu agarre sobre o Jax e rodou sobre suas costas, pondo o braço sobre o rosto, cobrindo seus olhos. Jax se acomodou na cama, afogou um gemido e se cambaleou uns passos sobre o tapete até que suas pernas fizeram o que seu cérebro ordenava. No banheiro, olhou-se no espelho e lançou um pequeno sorriso. Estava devastado. Sua pele estava avermelhada e salpicada. As marcas roxas já começavam a aparecer. Arranhado, golpeado e bem fodido. Lavou o rosto, o pênis e o traseiro e logo pegou uma toalha e voltou para o dormitório. Will seguia exatamente como o tinha deixado.

O pênis de Jax deveria estar brando, mas seu pênis se inchou à vista de Will, todo ele era feito de longas extremidades e músculos magros. Debaixo dos firmes peitorais coroados por tensos mamilos, havia um abdômen marcado⁵ que Will trabalhava duramente no ginásio. Seu pênis, agora suave e usado, descansava sobre um leito de cachos negros. Jax se sentou na cama e começou a limpar Will abaixo, ao redor de seus mamilos e pelo centro de seu corpo até seu pênis. Tomou seu tempo, limpando todos os rastros do que haviam feito com exceção das marcas de batalha que coincidiam com as suas. Isto era algo que Will estava acostumado a fazer por ele. Jax nunca antes o havia feito por Will e se perguntava por que. Sentia-se bem cuidar de alguém a quem amava. Deteve-se na metade do asseio. *Merda.*

Abandonando o pano a um lado, Jax se colocou junto ao Will, inclinado sobre um cotovelo.

—Houve mulheres antes. Por que é diferente desta vez? — perguntou.

—Porque é diferente para você desta vez — Will resmungou.

Jax sentiu uma sacudida em seu coração ao pensar que Will tinha podido ver isso.

—O que te faz dizer isso?

Will moveu seu braço e olhou ao Jax. Seus olhos estavam secos, mas um pouco vermelhos.

—Tenho razão, verdade?

—Talvez.

—Qual é seu nome? —perguntou Will.

—Anna. Você disse, não vou vê-la outra vez.

—por que acredito que isso é só porque não sabe como?

⁵ No original 'washboard stomach', quer dizer 'estômago de tanque' em alusão aos quadros que se marcam no abdômen (uau uauau kkk) (N. da T.)



Jax não o negou. Se soubesse como entrar em contato com Anna, teria feito. Beijou o pescoço de Will.

—Não deixe que isto danifique as coisas — disse Jax.

—De algum modo, acredito que isso não depende de mim.

Capítulo 7

Anna deixou cair sua bolsa em cima de sua escrivaninha no SLS, Superiora Linguagem Solutions⁶, desabou em sua cadeira e estremeceu. Seu traseiro ainda estava dolorido. Ligou seu computador. Eram justo passadas das sete da manhã, assim tinha o escritório somente para ela. Necessitava um momento em calma para trabalhar em uma tradução difícil para o MOD, o Ministério de Defesa⁷, antes que os quatro com quem compartilhava a sala chegassem. Anna não tinha planejado fazer horas extras para este documento, mas não podia dormir, não tinha sido capaz de dormir do anúncio de Beth e Gareth, e muito menos do instante de loucura com Jax. Isso é o que tinha sido uma loucura, embora não um instante.

Fez uma careta com a boca ao recordar o número de orgasmos que tinha tido. Ele não tinha estado desprovido nessa área. Anna jamais tinha conhecido meninos que pudessem gozar tantas vezes. Isto a fez dar-se conta do muito que sentia falta de um homem em sua vida e do muito que sentia saudades do sexo. Por uma vez, sua mãe e sua irmã estavam no certo, tinha que encontrar um homem, um sem esposa nem filhos.

Clicando através do arquivo MOD, Anna encontrou o lugar em que o tinha deixada na sexta-feira e começou a traduzir do grego ao inglês. Tinha estudado grego antigo e moderno na Universidade para o assombro de sua família, já que nunca tinha estado de férias na Grécia. Quando seus quatro anos de estudo terminaram, seus pais esperavam que se dedicasse ao ensino. Sua mãe era professora de física, seu pai era professor de economia, e não viam que mais podia fazer-se com um título em grego. Ensinar a qualquer grupo de idade era quão último que Anna queria fazer. Beth tinha sido a menina boa e treinou para ensinar aos menores de onze. Um inferno na terra, na opinião da Anna. Não é que não gostasse dos meninos, gostava, mas em pequenas doses.

O que adorava a Anna eram as velhas histórias de heróis gregos e romanos. Ela devorava as histórias de Troya, apaixonou-se por heróis como Héctor e Aquiles. Imaginava a si mesmo na Pompeya, quando o vulcão fez erupção, levando às pessoas a zona segura, ou como uma brilhante estudante indo com algum ardiloso ardil para ajudar ao Cicerón a ganhar um caso. Anna era sempre o herói anônimo de suas histórias e sempre tinha sexo fabuloso. As aulas de latim tinham aberto seus olhos a um mundo novo, mas sabia que estudar um idioma antigo a escala universitária não era a coisa mais útil que fazer. O grego antigo e moderno era um compromisso entre o que queria e o que podia fazer e surpreendeu a si mesma pela rapidez com que tinha assimilado o idioma. Adorava o estranho alfabeto grego e tinha passado um ano na Grécia, trabalhando para uma empresa química durante a semana e usando os fins de semana para

⁶ Soluções de Idiomas Superiores. (N. da T.)

⁷ MOD em suas siglas em inglês é Ministry of Defense. (N. da T.)



explorar os brancos povos de sonho, e dar passeios através das ruínas de antigas civilizações. Era fácil sob o céu azul simular ser uma bela escrava cujo amo se apaixonava por ela.

Sua vívida imaginação a manteve acordada, mas com o coração vazio. Anna havia estado esperando o romance e tinha se apaixonado por um garçom de cabelo escuro com um sorriso descarado e dedos mágicos, que trabalhava em um restaurante junto à praia. Stefan deu o melhor de si na cama, onde passaram longas e preguiçosas manhãs, com ela lhe ensinando inglês e ele a ensinando a amar. Até que uma noite recebeu uma mensagem de texto, pedindo para reunir-se com ele depois do trabalho em um pequeno café ao outro lado da cidade. O olhar de surpresa em seu rosto ao vê-la chegar disse a Anna que a mensagem não tinha sido para ela.

Stefan tinha quebrado mais que seu coração. Tinha acreditado nele e a tinha decepcionado. Também o fizeram os seguintes três tipos. Nunca tinha sido fácil que a deixassem, mas parecia que para Anna era mais difícil de suportar. Cada vez demorou mais tempo em superar a dor de seu fracasso. Sentia saudades do quente corpo na cama junto a ela, o falar, a emoção da antecipação. Por último, tinha aprendido a lição. Manteve seu coração fechado e só relações a curto prazo. Nunca se deixou envolver; dessa maneira não sairia machucada. Bom, Jax tinha demonstrado que essa teoria era errada. Uma só noite e ela resultou ferida. Mas a verdadeira ironia é que nem sequer tinha tido uma relação com esse filho da puta do Gareth e ele seguia lhe fazendo mal.

O celular de Anna vibrou em seu bolso. Olhou o número. Beth. Apagou-o. Beth a tinha chamado cinco vezes desde ontem pela manhã para falar da festa de compromisso. Quantas damas de honra queria e que se um cão trotando pelo corredor, levando os anéis em uma cesta, seria o máximo? Como tinha desejado Anna dizer não. Ela sabia que sua relutância a entusiasmar-se pela Beth estava sendo interpretada mal como ciúmes, mas Anna não podia evitá-lo. Decidiu estar de acordo com tudo o que Beth queria, incluído o cão, e tomar algo que a pusesse violentamente doente no dia das bodas. Se terminasse no hospital, tão melhor.

Voltou sua atenção ao documento em sua tela. Sua vida podia ser um desastre, mas Anna poria o melhor em seu trabalho.

—Demônios! O que está fazendo aqui?

Anna elevou o olhar para ver Sabine na porta, com um café do Starbucks fazendo equilíbrios sobre um montão de arquivos.

—Trabalho aqui, lembra?

—A esta hora da manhã? Tenho um trabalho urgente para a companhia de engenharia, ao menos tenho uma razão para estar fora da cama a estas horas. Qual é a tua?

—Não posso dormir.

Sabine colocou cuidadosamente os arquivos em seu escritório e pôs o café a um lado.

—E o trabalho era a alternativa? Você disse que necessitava de um homem.

Anna se sentiu ruborizar e agachou a cabeça. O traseiro de Sabine aterrissou junto a seu teclado e Anna saltou.

—Anna Shelton, o que estiveste fazendo?

—Nada.

—Cospe agora antes que a víbora chegue e tenhamos que manter nossas bocas fechadas. Conheceu alguém nessa festa? Fez-o! E pensar que não queria ir. Solta, solta, solta.

A porta se abriu de novo e Marie Styper, a víbora, entrou com seus, 8 metros em saltos assassinos e traje ajustado. A combinação poderia ter funcionado se não tivesse sido quase tão larga como alta.

A rígida mulher polonesa a cargo da divisão europeia de línguas do SLS era a razão pela qual



Sabine e Anna estavam constantemente em busca de outros trabalhos.

— Bom dia, Marie — Sabine lhe deu um sorriso nervoso e escapuliu de volta a seu escritório.

— Bom dia — disse Anna.

— O que estão fazendo?

— Conspirando para dominar o mundo — brincou Anna, pensando que se arriscaria com uma piada a essa hora da manhã.

A expressão da Víbora não trocou. Tinha sempre os olhos entreabertos, os lábios apertados formando uma magra linha.

— Espera antes que ir para casa. Tenho que comprovar o trabalho para o MOD antes que parta — disse a víbora em seu tom cortante. — Fica até que tenha terminado.

Inclusive a adição de, por favor, não o teria convertido em uma petição.

— É obvio — disse Anna.

Concentrou-se em sua tela. Pelo menos havia evitado responder a Sabine até a hora do almoço, sempre que Sabine não a encurralasse no banheiro.

Como resultado, Anna conseguiu evitar muito Sabine. A víbora pediu que saísse cedo para almoçar e entregasse em mão uma de suas traduções a um escritório de advogados, perto da Tate Modern. À volta, Anna comprou um sanduiche da cafeteria a que sempre estava acostumado a ir e se sentou sob o sol junto ao Támesis até a hora de voltar para o escritório. O único inconveniente foi que quando se sentou ali, sentiu-se obrigada a responder a chamada da Beth, escutar seu bate-papo sobre as bodas de sua irmã, vídeos e carros puxados por burros, e foi forçada a dizer sim à reunião para tomar uma taça depois do trabalho sabendo que teria que parecer e soar como se sua vida fosse perfeita.

Sabine se uniu a Anna no Inlander Bar, depois de haver surrupiado durante uma viagem no meio da tarde ao banheiro, que tinha conhecido a um menino na festa. Anna não acrescentou que o menino tinha o corpo de um deus grego, o toque de um anjo e o pênis de um demônio. Nem que nunca o veria de novo, embora ocorresse a Anna que um casal imaginário poderia tirar todos de cima.

Anna e Sabine pediram uma garrafa de vinho branco e procuraram uma mesa na esquina.

— Não estou segura de quanto tempo mais posso aguentar à víbora — suspirou Sabine em seu copo. — O fato que essa mulher possa trabalhar sem parar, ao dobro da velocidade do som, e sem falar, não significa que o resto de nós possa. Bom, além de você, Senhorita Nippy⁸. Assim solta a sopa. Quero todos os detalhes.

Se não tenho sexo louco e apaixonado, escutar a outra pessoa tendo é o seguinte melhor. E date pressa em me dizer, antes que Eduard e Natalia cheguem. Disseram que deveriam tomar uma taça antes de ir para casa.

Eduard e Natalia eram os outros dois tradutores com quem compartilhavam sua casa, um par de tolos: um terminava as orações do outro.

— E bem? — Sabine exigiu.

— É alto, com o cabelo desalinhado, loiro — disse Anna.

— É bonito?

— Sim.

— Escala do um aos dez?

⁸ Uma Nippy é um tipo específico de garçoneiro associados com o Lyon, J. & CO marca de chá, e suas lojas de chá e cafeterias no Reino Unido. Famosas por sua eficiência. (N. da T.)



—Quinze.

—Oooh — Sabine abriu muito os olhos. — Tem um irmão?

—Quem? —perguntou Eduard, pondo um copo de cerveja sobre a mesa.

Natalia se sentou no assento junto a Sabine.

—Anna encontrou um namorado — disse Sabine.

—O que aconteceu com o que vivia te enviando flores? —perguntou

Natalia.

Três pares de olhos olhavam com espera e Anna gemeu. Seus colegas de trabalho estavam muito interessados em sua vida. Ela não deveria fazer do Jax algo mais do que era, ou seja: uma saída de uma só noite, mas...

—Anna!

Salva por sua irmã. Anna se defendeu com um sorriso e se voltou. Então, todo sorriso se desvaneceu porque Beth não estava sozinha. Gareth estava com ela. Beth, com os olhos brilhantes de felicidade, beijou Anna na bochecha. Quando Anna viu os lábios do Gareth aproximar-se, agarrou o copo e o pôs diante de seu rosto. Ele sorriu, mas retrocedeu.

—Meninos, esta é minha irmã Beth e Gareth. Sabine, Eduard e Natalia.

—Gareth é meu prometido — disse Beth, seu sorriso forçado.

—Oh, está comprometida. Anna não nos disse isso. Demos uma olhada a seu anel — disse Sabine. Por uns instantes Beth, Natalia e Sabine murmuraram juntas sobre o diamante enquanto que um resistente Eduard se detinha a olhar.

—Olhe Eduard, não é...? —começou Sabine.

—...formoso —disse.

—Olhe como os diamantes...

—... cintilam.

Anna pegou sua taça de vinho mais e mais forte. Gareth aproximou a boca a seu ouvido.

—Te teria comprado um diamante maior que esse.

Merda.

Beth se voltou para a Anna, com um olhar ferido no rosto.

—Não posso acreditar que não o dissesse a ninguém que estava comprometida.

—Isso logo que passou ontem — Anna chiou. *Uy, isso soou muito mordaz.* Beth a olhou piscando, com lágrimas nos olhos. *Merda.* Mas antes que Anna pudesse pedir desculpas, Beth falou de novo.

—Suponho que Anna disse a todos que ela ia casar com o Gareth.

—O que? —Anna ficou sem fôlego.

Seus três colegas de trabalho a olharam boquiabertos.

—Vocês não sabiam que eu era o namorado da Anna antes de conhecer sua irmã? —Gareth arrumou para parecer atônito e luzir envergonhado e inocente ao mesmo tempo. *O bastardo.*

—Não, não o foi — disse Anna.

—Só pensou que fosse seu namorado, Gareth — Sabine acrescentou, e Anna sentiu uma sacudida de alívio por seu apoio. Sabine não conhecia toda a história.

Gareth inclinou sua cabeça para um lado e suspirou

—Então estava enviando todas essas flores a uma completa estranha? Sei que te faz sentir melhor fingir que esse era o caso, Anna, mas negar o que tivemos é muito doloroso — olhou ao redor da mesa. — Devo dizer que me surpreende que não confiasse em seus amigos. Sei que vocês



teriam estado ali para ela se lhes tivesse dado a oportunidade.

Anna fervia de fúria. Sabine parecia incômoda, Eduard e Natalia intrigados.

— Está falando pura merda — disse Anna em voz baixa. — Nunca fui sua namorada.

Gareth abriu a boca horrorizado.

— Quer dizer que imaginei nossos encontros, quando sentamo-nos um junto ao outro no cinema a ver esse filme de vampiros e compartilhamos as pipocas, os cafés do Starbucks que bebemos as visitas ao zoológico, o museu, o jantar romântico em seu apartamento? Especialmente o jantar romântico em seu apartamento — piscou um olho. — Devo continuar?

Enquanto Gareth falava, Anna o via acariciar os dedos de Beth. Os olhos da Beth estavam baixos, seu rosto tenso vendo-se muito, muito triste.

— Nada disso foi citado — Anna sussurrou entre dentes, sabendo que deveria calar que quanto mais dissesse, pior soaria.

— Né, você estava aí, eu estava ali — Gareth riu, olhando ao redor da mesa, convidando aos outros a unir-se a ele.

Houve um silêncio por um momento. Anna estava tão furiosa, que agora não confiava em si mesmo para falar. O tipo estava louco, o que outra explicação podia haver?

— Bom Anna tem um novo namorado, assim suponho que isso já não importa — disse Sabine.

Anna sentiu a mão de Gareth apertar seu joelho sob a mesa, seus dedos se cravaram até lhe fazer danífico.

— Sericamente? — disse.

— Oh, Anna, por que não disse? — sua irmã quase saltava em seu assento.

Não havia nenhuma expressão no rosto de Gareth e de algum jeito isso assustava mais a Anna que suas falsas emoções. Mas Beth soava tão desesperada porque fosse verdade que Anna quis golpear sua cabeça contra a mesa. A dela ou a da Beth, qualquer serviria.

— Conheceu-o na festa? — perguntou Beth. Anna assentiu.

— Assim realmente estava acima com o menino que se parecia com George Clooney — Beth pôs-se a rir.

Notou o alívio em seu tom. Apesar de tudo o que Anna havia dito, ou talvez devido ao que disse Gareth, Beth ainda temia que Anna quisesse ao bode.

— Quando o verá de novo? — perguntou Beth.

— Não estou segura.

— Suspeito que é porque não existe — disse Gareth. — Oh, Deus, Anna. Está bem, sabe, não tem que fingir conosco. Somos seus amigos.

Os dedos da Anna ardiam de vontades que tinha de arrancar seus olhos.

— Sim, maldita seja, ele existe.

— Bom leva ao homem invisível a nossa festa de compromisso no sábado — disse Gareth com voz satisfeita. — Todos gostariam de conhecê-lo.

— Por que diabos eu ia querer que ele te conhecesse? Você... você... mentiroso pedaço de escória.

Anna se levantou, tomou sua bolsa e a jaqueta, e partiu.

Capítulo 8



Will se sentou em seu carro tentando decidir o que fazer. Tinha mudado de ideia três vezes desde que tinha estacionado. Soprou. Pensar que era conhecido por tomar decisões rapidamente. Seria tão fácil ir, voltar para Jax e fingir que tudo ia bem. Mas não tinha ido bem ontem à noite nem na manhã e Will imaginava que nada mudaria esta noite. Jax ainda pensava em Anna. O modo em que tratava ao Will era diferente, especialmente depois da briga, como se fosse mais amável e isso o fazia pior. O comportamento de Will também era diferente porque finalmente havia aceito que ele não era suficiente para Jax, e isso doía. Will apertou o volante mais fortemente até que os nós ficaram brancos. Jax se sentia culpado porque sabia que Will estava doído e Will se sentia patético por estar doído. Jesus, que confusão de merda. Mas não fazer nada não ajudava a nenhum dos dois.

Will saiu do carro, fechou-o com o controle remoto e cruzou de um lado da rua. Se houvesse qualquer possibilidade que a irmã do Jax houvesse voltado dos Estados Unidos Will não teria arriscado, mas sabia que a casa estava vazia. A casa ao lado, não e foi aí onde teve a festa. A festa a que Anna foi. Will tinha estado na casa da irmã de Jax uma vez e sabia que a casa do lado pertencia a uns aposentados assim era um singelo trabalho

Ir de porta em porta. Não havia ninguém em casa, assim se sentou e esperou até que viu um tipo e logo a uma mulher que voltavam assim agora alguém responderia a campainha.

Will tocou a campainha antes que pudesse trocar de opinião. A mulher respondeu. Trinta e poucos. Cabelo curto e castanho. Óculos. Ligeiramente redondos, mas com um lindo sorriso.

—Sim? —perguntou.

A mão de Will estava em seu bolso tocando seu distintivo, simplesmente faça. Ele a tirou e a abriu.

—Inspetor de polícia Thorne — disse Will. — Polícia Metropolitana.

Ele viu como o rosto da mulher ficava sem sangue. *Merda. Por favor, que não desmaie.* Isto já lhe tinha passado uma vez e agarrou à mãe por pouco. Will tinha vindo para dizer que seu filho tinha morrido em um acidente de motocicleta. Essa tarde Will tinha esperado até que os dois estivessem em casa para que nenhum pensasse que trazia más notícias sobre o outro, mas ainda e assim, tinham outros familiares. Agora tentou sorrir para tranquilizá-la. Ela ainda parecia petrificada. *Merda, merda.*

—Investigação rotineira — soltou Will antes que as coisas se descontrolassem. Isso era uma brincadeira. Isto não era uma investigação rotineira e a coisa já saía de mão. Estava fora de sua jurisdição, cheio até em cima de merda em uma barco sem remos.

—Melhor será que entre — disse a mulher e Will deu um passo para dentro.

Seu coração palpitou. Estava mais assustado que se estivesse fazendo uma apreensão de drogas. Isto ia contra cada maldita norma do manual. Se lhe pilhavam jogariam. Will seguiu à mulher à sala de estar.

—Simon, é a polícia — disse ela.

—Inspetor de polícia Thorne — repetiu Will. — Sr. e Sra. McCarthy?

Will tinha procurado seus nomes sobre o registro eleitoral. Quando ele viu as linhas aplinar sobre o rosto do tipo, Will sabia que tinha metido a pata.

—Não, McCarthy não. Eles são os anteriores donos. Recentemente que nos mudamos. Nosso nome é Smith. Tenho a nova direção dos McCarthy por algum lado...

—Er, não, é aos inquilinos atuais com quem tenho que falar.



Os dois intercambiaram um olhar, de novo mostrando preocupação em seu rosto.

—Cometeu-se um crime nesta zona no sábado de noite ou talvez a primeira hora do domingo pela manhã e estou tentando localizar testemunhas.

Will esperava que fora o suficientemente vago para satisfazê-los.

—Que tipo de crime? Onde exatamente? —perguntou o tipo.

Merda.

—Temo que não tenho autorização para dar detalhes mas preciso saber se viram alguém atuando suspeito na vizinhança. Olharam o um ao outro.

—Não, mas tivemos uma festa de boas-vindas no sábado de noite e durou até a madrugada. Estávamos ocupados com a festa — disse a esposa.

—Convidaram a seus vizinhos? Não posso localizar os do lado.

—Estes à esquerda estão nos Estados Unidos, mas o cunhado vem para comprovar o lugar de tanto em tanto. Não sei se ele esteve aqui no sábado. Que tipo de coisa deveríamos ter visto? — perguntou o marido.

—Homens espreitando pelos arredores — Will mentalmente cruzou seus dedos. — Podia me dar uma lista das pessoas que estavam em sua festa e os dados de contato?

—Sim que podemos. Queria você uma xícara de chá enquanto espera?

—perguntou ela.

Will sorriu dando obrigado, pensando que preferiria tomar uma coisa um pouco mais forte.

Dez minutos mais tarde, estava de volta em seu carro. Havia só uma Anna, mas dois com seu sobrenome: Shelton. Provavelmente uma irmã. Will diligentemente anotou todos os outros números telefônicos e direções inúteis que tinham os Smith. Eles não tinham o da Anna ou sua irmã, só a de seus pais. Mas os Smith disseram depois de pressionar um pouco que Anna vivia em Surrey Quays. Will sorriu de orelha a orelha. Primeira parte da missão completada. Menos de cem metros mais tarde, seu prazer se tornou ácido ao curvar-se com a agonia da indecisão. Deveria dizer ao Jax o que tinha encontrado? Ou tentava encontrar a Anna ele mesmo primeiro? Talvez devesse calar-se, não fazer nada e esperar que Jax se esquecesse dela. Depois de tudo, por isso Will sabia, Jax não tinha tentado encontrá-la. Suspirou. Não tinha opção. Se quisesse conservar Jax, tinha que arriscar-se a perdê-lo. Encontraria exatamente onde vivia Anna e logo diria.

Gareth agarrou o buquê de flores do assento de passageiros antes de fechar seu Porsche. Havia um tipo alto, de cabelos morenos caminhando para ele enquanto se aproximava da casa dos Smith e ao lhe passar, Gareth apertou os punhos. Sentiu cravar-se com os caules e se estremeceu. Era esse idiota com o que Anna tinha estado no sábado? Deveria perguntar? Gareth duvidou e logo continuou andando.

Foi a lesma esposa gorda a que abriu a porta. Sra. “Amadecasa”, limpando-as mãos em um avental rosado. Quem merda usava aventais hoje em dia? Gareth se espremeu a cabeça recordando o nome. Erin. Sorriu-lhe e lhe deu as flores, mantendo seu agarre por cima dos caules quebrados.

—Olá, Erin, um pequeno detalhe para te agradecer pela grande festa.

—Ah, que amável. Beth não está contigo?

—Não, somente eu — *me convide a entrar, cadela estúpida.*

—Quer entrar um minuto?

—Só durante um minuto. Estou indo procurar Beth.

—tivemos um policial aqui — disse Erin ao fechar a porta.

- Ao parecer passou algo o sábado a noite. Ele não disse que exatamente, mas acredito que



foi um roubo. Querem falar com todos os que estiveram na festa. Tivemos que dar nomes e números de contato. O detetive acaba de ir. Uma pena, porque poderia haver falado com ele, haver economizado ter que entrar em contato contigo.

Assim que esse não é o idiota com o que esteve Anna. Gareth sentiu seus músculos relaxar.

—Perguntarei a Beth e a Anna se viram algo suspeito. Embora nós a perdemos de vista. Lembra que não podíamos encontrá-la para compartilhar o táxi de volta? Beth acredita que conheceu alguém. Espero que o fizesse. Necessita de um homem em sua vida. Oxalá desistisse da ideia de me ter.

Gareth suspirou e se encolheu penosamente de ombros. Erin não parecia comovida.

—Eu não vi a Anna com ninguém — disse Erin com a testa enrugada—E você, Simon?

A TV desligou e Simon se virou para eles.

—Não, acredito que não ficou muito tempo. Ouvi que terei que dar parabéns. Outras bodas na família. Perguntou-me quem será o que nos segue. Bem feito, companheiro.

—Obrigado. Anna não o tomou muito bem. Beth e eu estamos preocupados que ela se ate com alguém inadequado em uma tentativa de nos mostrar que está bem — Gareth fez uma pausa.

— Pareceu-me que ouvi-la falar com algum vizinho pela grade. Talvez do lado?

Simon riu.

—Bom, temos octogenários por um lado e a família do outro estão nos Estados Unidos.

—O cunhado se supõe que joga um olho à casa —disse Erin. — Embora eu não o vi.

Mas Gareth o tinha ouvido. Seu pulso saltou.

—Eles têm um gato?

Erin o olhou como se estivesse louco.

—Bom, não acredito que tivessem abandonado um animal se iam estar fora do país.

Merda.

—Ah não, certamente que não. É somente que Beth e eu pensamos que nos pareceu ouvir um em perigo enquanto estávamos no jardim. Talvez Anna subisse pela cerca para tentar ajudá-lo.

Erin.

—Talvez, mas é Beth a louca pelos animais, não Anna — disse

Merda, como se não soubesse já... Ela o voltava louco a respeito de ir a um centro de acolhida e adotar um cão.

—Bom, será melhor que vá. Vamos marcar um dia para tomarmos algo — disse Gareth. *Ja!! Nem pensar.* Então se recordou da festa de compromisso. — Acredito que um dia me esquecerei até de levar a cabeça posta. Vamos fazer uma festa de compromisso na sábado em Drifters, um clube de Borough. Por suposto estão convidados.

—Oooh, obrigado. Nós adoráramos ir, verdade, Simon?

—É obvio.

—Genial — Gareth colocou um sorriso no rosto. Pelo menos não seria massa e bebidas. Tinha feito um acordo, um preço total de entrada no clube. Havia montões de lugares por onde escapulir-e onde poderia divertir um pouquinho com Anna.

A TV estava outra vez ligada antes que saísse da sala. Erin esperou na porta a que chegasse à rua, assim Gareth teve que baixar a rua, sentar um par de minutos e logo conduzir de volta. Aproximou-se de seus vizinhos e tocou a campainha. Três vezes. Ouviu como se deslizavam os ferrolhos, as chaves giravam e logo silêncio. Gareth deu toques de impaciência com o pé. A porta se abriu com uma corrente posta e um senhor ancião o olhou atentamente através da fresta.

—Lamento incomodar — disse Gareth.— Meus amigos, Erin e Simon Smith vivem ao lado de



—você. Eu estava em sua festa na sábado. Espero que não lhe incomodemos.

—Como?

Surdo ou estúpido? Importava? Gareth deixou de tentar parecer plausível.

—Tento me pôr em contato com os donos da casa ao lado dos Smith. Entendo que eles estão nos Estados Unidos. Você conhece seu cunhado?

—Jacob. Homem muito agradável. Gareth se arrepiou.

—Poderia me dar sua direção?

—Não.

Gareth mordeu o interior do lábio.

—Número telefônico?

—E se você me dá o seu e eu lhe peço que entre em contato com você?

—Possivelmente não esclareci que estou com o policial que o visitou faz uns minutos.

Esqueceu-se de lhe pedir os dados de contato do Jacob.

—Que policial? Como disse que você se chamava?

—Merda, esqueça —bramou Gareth e se largou.

O que merda estava passando? Por que já não ficava a confiança? A polícia não tinha visitado a casa do velhote? Gareth quase tropeçou com o seguinte pensamento. O tipo não era um policial? Retornou a seu carro. Talvez o tipo quem o passou era o idiota com quem se foi Anna. Então o que queria de Erin e Simon? Gareth saiu do estacionamento e enquanto conduzia pela rua, sorriu. O tipo estava tentando dar com a Anna. Pois estava dando golpes de cego. Estava fazendo-se passar por um policial ou era verdade que o era? Não importava. Quem quer que fora, o tipo era história.

Jax suspirou e tocou a campainha. Uma mulher baixa e bonita abriu a porta.

Ele ofereceu sua mão.

—Olá, sou Jacob A Rue. Estou cuidando da casa do lado para minha irmã Kelly e seu marido.

—Erin Smith. Olá — lhe estreitou a mão. — Justamente falava de você. Entre.

Falava dele? Jax a seguiu à sala de estar. Um tipo suspirou forte e desligou a TV.

—Simon, este é Jacob Rue, o irmão de nossa vizinha ausente.

Jax deu um passo adiante e estreitou sua mão.

—Que pena que não viesse um pouco antes —disse Erin, — Eu disse o mesmo ao Gareth. Os dois perderam à polícia.

Jax não estava seguro que palavras o impressionaram mais. Se o nome “Gareth” (o cara pesado do que Anna lhe tinha falado) ou se a palavra “polícia”.

—Ao que parece houve algum tipo de incidente perto daqui no sábado de noite e tentam encontrar testemunhas. O policial queria saber se tinha estado ao lado. Nós não sabíamos seu número. Os velhos do outro lado o têm, verdade? Quer dar isso também, no caso de?

Fecha o bico. Jax quis gritar. Estava tentando concentrar sua cabeça em tudo isto.

—Se vir algo suspeito, assim posso lhe dar um toque — disse Erin. Jax pinçou em sua carteira e tirou um cartão.

—Qual era o nome do policial? —perguntou. *Talvez se equivocasse.*

—Você se lembra Simon? —disse Erin, girando-se para o homem do sofá.

—Inspetor de polícia Thorne.

Então o sangue realmente podia seguir funcionando com o frio, pensou Jax. Sentiu como se



água gelada corresse por suas veias. *Jesus, a que estava jogando Will?*

—Tenho que ir — resmungou Jax e se voltou.

—O que era o que queria?

Jax abriu a boca e logo a fechou outra vez. girou-se.

—Para me apresentar. E desejar que sejam felizes vivendo aqui. Tinha que escapar, encontrar um lugar para pensar.

— Você estava ao lado no sábado de noite? —perguntou-lhe o tipo enquanto Jax se aproximava da porta.

—Sim.

—Oxalá tivéssemos sabido. Poderia haver-se aproximado para tomar uma cerveja. Imagino que o policial querera falar com você também — disse.

—Espero que o faça.

Jax conseguiu chegar ao corredor sem dizer nada mais, mas a palavra escapou antes que Erin fechasse a porta.

—Anna.

Olhou aos olhos.

—É minha prima. Ela estava com você? Jax assentiu.

—Não sei como me pôr em contato com ela.

—Não sei seu número. Pergunte ao policial quando falar com você.

Eu disse seu nome e onde vive. Dei-lhe o número de telefone de seus pais.

—diga-me isso

—Não posso fazer isto. Não sei se Anna quereria que você o tivesse.

A porta se fechou em seu rosto. Jax pressionou sua testa contra a madeira. *Merda.*

Capítulo 9

—Posso cheirar a *coq au vin*⁹? —disse Jax quando entrava no apartamento.

—Não, merda, não pode — ouviu o Will gritar ao fundo. Ele apareceu na entrada da cozinha, sustentando uma taça de vinho tinto. _ Embora possa me persuadir para experimentar —fez um gesto, cavando sua virilha e sorrindo abertamente.

Jax riu. Levantou a taça da mão de Will e tomou um gole.

—Espero que tenha fome. Acredito que cozinhei muito espaguete — disse Will.

—Estou esfomeado.

Jax se sentou-se à mesa e olhou de novo ao Will enquanto este trabalhava, admirando seu traseiro, perguntando-se onde lhes levaria a discussão.

—Teve um dia ocupado? —perguntou Jax. *Vamos me fale, me diga algo.*

—O habitual. O chefe quer que o trabalho administrativo se faça mais rápido, que apanhemos aos ladrões mais rápido e que o que seja, deixe de danificar a placa com seu nome de sua porta.

⁹ Coq au vin: frango ao vinho em francês. Curioso trocadilho entre coq e cock: galo no inglês correto e pênis em “nossas” língua(em espanhol né gente kkk)... (N. da T.)



—Não será você, espero.

Will se virou e lhe dirigiu uma risada atrevida.

—Desta vez não.

Will não disse nada mais e Jax imaginou que esperaria até que tivessem comido para lhe contar onde tinha estado e o que tinha averiguado sobre a Anna. Além disso, Jax enfrentava a um dilema. perguntava ao Will sobre a visita desta tarde, estaria admitindo que tivesse procurado Anna apesar de sua asseveração que não a veria outra vez. Por outra parte, se Will não dizia nada, qual era o motivo pelo que o tinha feito? Por que a fodida razão tinha arriscado seu posto, tinha fingido trabalhar em um assunto oficial da polícia quando o dito assunto não podia ser mais pessoal?

Os dois comeram em silêncio.

—Está bom — disse Jax. — Lástima que seja o único que sabe cozinhar.

—Sim, mas não me quer por minhas habilidades na cozinha.

—Pois por como dança, certamente não é.

Jax riu enquanto a cara do Will avermelhava. Tinha dois pés esquerdos. Dois enormes pés esquerdos.

—Que tal o dia? —perguntou Jax, incapaz de esperar mais.

—Os cérebros criminais estavam todos encerrados hoje. Fiz um montão de trabalho administrativo e seguiu uma reunião informativa de segurança e saúde. Ao que parece, supõe-se que não devemos utilizar o spray de defesa ou o taser¹⁰ para outro uso que o que têm.

—Cristo. Fez algo assim?

—E temos que procurar não nos cravar os dedos com nossas insígnias.

Jax tomou um gole de vinho.

—Outro uso extremamente produtivo do dinheiro dos contribuintes, então.

Will soprou e ficou a recolher os pratos da mesa. Algo dizia ao Jax que não ia contar nada sobre a Anna, e mesmo que, por isso ele sabia, Will não conhecia seu paradeiro exato, Jax desejava que contasse o que tinha feito. Will encheu a máquina de lavar pratos e foi à pia, limpar o que não cabia na máquina. Jax girou sua taça pelo pé e tentou ficar no lugar do Will. Imaginou que Will se sentia inseguro. Desde que Jax havia transado com Anna, tinha estado preocupado pensando nela e sabia que Will o tinha notado. Jax não era bom exteriorizando seus sentimentos. Estava acostumado a fugir a grande velocidade de tudo o que o expunha. Sua petição ao Will para que se mudasse com ele o tinha surpreendido quase tanto como ao próprio Will, embora nunca o tivesse lamentado. Por muito que queria ver Anna outra vez, não queria perder Will.

Jax deixou a taça, ergueu-se e se colocou atrás dele. Rodeou com os braços o peito de Will, pressionando o rosto em seu ombro, soprando ar quente em sua camiseta. Ouviu o fôlego de Will antes que ele suspirasse. Jax levantou a boca para o pescoço do Will e lambeu e mordiscou a pele. Acabava de comer, mas o sabor de Will o fez sentir-se faminto.

Will se esticou enquanto Jax levava uma mão sob sua camiseta e acariciava o triângulo sensível na parte baixa de suas costas. A pele agitada e ondulante enquanto os dedos encontravam a parte superior das calças tocando a parte superior de sua fenda. Will se apoiou contra a pia.

—Sshh — vaiou Will.

—Quero fode-lo—sussurrou Jax. Apertou-lhe o traseiro com as mãos e empurrou com os

¹⁰ Arma de eletro choque, não tem tradução, por isso vejo que os tiras daqui também o chamam assim.



quadris sobre a coxa do Will.

Will se virou e seus lábios ficaram unidos, as línguas chocaram e as mãos os atraíram mais perto um do outro. Então, quase como se compreendessem a vez que estavam muito perto, apartaram-se, ficando tão somente unidos pelas bocas. A roupa começou a cair no chão, as mãos se moveram freneticamente até que estiveram completamente nus.

Jax se inclinou e passou os lábios pelo peito de Will, lambendo um mamilo enquanto sua mão se movia para baixo pelo centro de seu corpo. A pele de Will tremia sob o toque de Jax enquanto os dedos deslizavam para os cachos castanho escuro que encontrou sobre seu pênis. Quando ouviu o golpe da cabeça de Will contra o refrigerador, Jax retirou e seu relógio apanhou uma mecha de cabelo na virilha do Will, que grunhiu ao ficar liberado.

—Jesus, Jax. Que dano. Tome cuidado.

Jax voltou a colocar a cabeça no ombro do Will.

—É isto o que quer?

Os pulmões do Will exalaram ar quente, que chegou até o pescoço do Jax enquanto este lambia a curva da clavícula dele. Uma mão sobre seu quadril enquanto a do Jax rodeava com os dedos o pênis de Will.

—Quer que seja cuidadoso? —perguntou Jax enquanto bombeava, deixando a mão escorregar até a torcida coroa. Gotas de umidade molharam seus dedos e Will começou a balançar os quadris, impulsionando seu pênis dentro do apertado punho do Jax.

—Não — ofegou Will.

—Não o que? Quer que pare? —brincou Jax enquanto fazia rodar a palma sobre a úmida glândula.

—Merda, não.

Jax se afastou e deu um passo atrás. Will levantou a cabeça, abrindo os pesados pálpebras e lhe olhou fixamente.

—Quer que te suplique? —perguntou Will com voz rouca.

—Poderia ser agradável.

—Por favor. Foda-me.

Jax olhou a suave extensão do peito de Will, os fortes abdominais, a maneira em que os mamilos se endureceram e uma onda de desejo o atravessou, enchendo seu pênis com outra explosão de sangue que fez que se alongasse e se engrossasse ainda mais. A vista do pênis de Will, igualmente longo, grosso, com marcadas veias azuis e coroada pela glândula brilhante e púrpura, levou a mão de Jax cheia de desejo até o ponto de luxúria desenfreada.

—Formoso — a voz do Jax soou espessa. Não recordava haver dito nunca e devia fazê-lo. Como é que foi tão simples dizer-lhe a Anna a primeira vez que a encontrou e nunca havia dito a Will?

—O que? Meu pênis?

—Tudo em você — Jax fez uma pausa. — Mas sobre tudo seu pênis.

Will riu. Jax agarrou suas bolas e as fez rodar com cuidado na palma.

—Duras como pedras — sussurrou Jax.

—Me pergunto por que.

Jax empurrou ao Will em cima da mesa, com seu pênis se sobressaindo, retirou a pele para revelar a úmida ponta.

—Gosta de uma sobremesa — disse Jax.



—iogurte grego e mel?

—Frio?

—Está no refrigerador. Jax riu.

—Perfeito.

Tomou o recipiente e tirou a tampa, os olhos do Will se abriram.

—O que fazer? —Jax se tocou os lábios com um dedo. — Molhar e aspirar ou verter e tragar?

—Não pode fazer as duas coisas? —a voz do Will estava rouca de desejo.

Jax tomou o pênis do Will e o banhou no iogurte. Will aspirou um fôlego.

—Jesus, está frio.

Os lábios do Jax rodearam a cremosa ponta do pênis do Will e chuparam.

—Ah Deus, agora não está — gemeu Will.

Jax lubrificou mais o iogurte nas bolas de Will enquanto apertava a base do pênis, lambeu lenta e sensualmente o tenso saco. Will continuava gemendo, seus dedos ou acariciavam ou penteavam o cabelo do Jax.

Jax meteu o saco na boca, com delicadeza fazendo rodar as pelotas de Will antes de as liberar, para depois as aspirar de novo, pressionando o sensível tecido com seus lábios, raspando ligeiramente com o bordo dos dentes até conseguir fazê-lo choramingar.

Jax soltou, empurrado Will para trás para que seus cotovelos descansassem na superfície, então levantou as pernas do Will pelos tornozelos e plantou seus calcanhares sobre a mesa.

—Quanto tempo vai me torturar? —perguntou Will.

—Tudo o que eu queira.

Jax percorreu com a língua da ponta do pênis de Will, descendo por um lado e passando por seu saco até o pedacinho de pele debaixo. Justo nesse ponto sensível da raiz do Will onde se pode tocar a próstata. Com as mãos segurando os joelhos de Will, Jax pressionou a língua com força detrás do saco e chupou.

—Ooh, Jesus — ofegou Will.

Jax não parou, seguiu trabalhando o mesmo ponto, lambendo e chupando, às vezes esfregando com a barba. Todos os poucos segundos a ponta de sua língua media o franzido ânus de Will e o repassava rodeando-o. Cada vez que fazia isso, os músculos das coxas do Will se contraíam e os dedos dele se enroscavam no cabelo do Jax, puxando e logo liberando. Jax sorriu, sabendo que Will se debatia entre afastá-lo e atraí-lo até mais perto. Notou a repentina mudança da respiração do Will, o fio desigual do som e se concentrou no mágico ponto de carne escura, chupando ligeira, ritmicamente. Sobre o nariz de Jax, o saco do Will definiram mais até sua forma e se separaram. Jax olhou como se preparavam apertando a base do pênis de Will e nesse instante, o sêmen explodiu sobre seu peito.

—Ah Deus, merda, merda, merda — a voz do Will tremeu enquanto os jorros de sêmen seguiam saindo.

Ao Jax adorava fazê-lo gozar sem tocar seu pênis, demonstrando assim seu controle sobre ele, mas agora agarrou o pênis e chupou o resto de seu orgasmo. Will tinha sêmen sobre os mamilos, a ao longo de todo seu peito. Depois de terminar com a última gota,

Jax o deixou ir e Will caiu para trás sobre a mesa. Golpeou-se a cabeça e gemeu.

Gotas de sêmen tinham gotejado da ponta do pênis do Jax, formando uma coluna lacrimante de pérolas que cresceu até gotejar para baixo por seu pênis.

Tinha que foder Will, mas queria lhe dar um minuto para recuperar-se, e dar a si mesmo um



momento para recuperar o controle. Jax baixou as pernas de Will que ficaram penduradas. Com seu corpo sobre a mesa e os braços estendidos parecia uma figura sobre um altar. Deixando cair a cabeça sobre o estômago de Will, Jax lambeu uma pouco de sêmen com a língua e o tragou.

—Posso prová-lo? —murmurou Will.

Passando uma vez mais a língua, Jax se apoiou entre as pernas do Will para pressionar a boca contra a de seu companheiro. As línguas dançaram unidas, trocando o sêmen de um ao outro até que Will o roubou. Jax não podia esperar mais. Puxou ao Will dos pés e logo teve que estabilizá-lo enquanto ele se balançava para trás. Jax atraiu o cálido corpo do Will para seu peito, escorregando sobre os restos de sêmen que ficavam entre eles, pressionando seu impaciente pênis contra a virilha de Will.

—Cheira bem — sussurrou Jax.

—A que? A iogurte, sêmen e suor?

—A combinação perfeita.

Jax moveu seu quadril contra o do Will, sentiu como o pênis de Will acendia-se de novo e sorriu. Adorava quão sensível era Will, adorava o olhar que aparecia em seu rosto quando gozava uma mescla de agonia e êxtase. Jax deslizou uma mão entre seus corpos, e se umedeceu os dedos com o sêmen que ficava, agarrou os dois pênis e os massageou juntos, a fricção enviou pulsos elétricos a seu pênis e intensificou a dor de seu saco.

—Ao dormitório. Agora — ordenou Jax. Ergueram-se, Jax esperou a que Will ficasse de pé e manteve as distâncias entre as mãos do Will e seu pênis.

—Ainda não — necessitava um pouco mais de tempo.

—Foda-me — gemeu Will recostando-se na cama.

Will tremia em uma combinação de saciedade e desejo. Jax tinha dado um orgasmo dilacerador e ele queria devolver o favor. Jax fez que girasse e o colocou apoiado nos joelhos. O pênis do Will estava já recuperado, sobressaindo-se de seu corpo, crescendo a cada segundo que passava. Por como se sentia, soube que ia gozar de novo, muito em breve. O musculoso corpo do Jax, quente, suarento, cobria-lhe desde atrás e sua mão voltou a unir outra vez seus pênis esfregando um contra o outro.

Movendo o traseiro para Jax, Will lutou contra o impulso de dizer que O amava. Não estava seguro de ter podido articular palavras de todos os modos, ao menos não coerentemente e não queria que Jax pensasse que era algo que dizia devido só ao momento de paixão. Jax soltou o pênis do Will e retirou, seus dedos começaram a massagear os tensos glúteos de Will, que apertou as nádegas ao sentir o frio contato do lubrificante, nesse momento dois dedos introduziram-se diretamente em seu corpo.

—Tome cuidado — ofegou, mas Jax não fez conta.

Jax torceu os dedos em um movimento brusco e Will se mordeu o lábio para evitar gritar. Levou a mão para seu pênis.

—Deixa seu pênis — rugiu Jax.

Will conhecia esse tom de voz e fez o que ELE dizia. Jax estava zangado por algo e Will averiguaria por que cedo ou tarde. A cabeça do pênis de Jax substituiu a seus dedos e se abriu passagem no apertado canal, um forte empurrão que teria convexo ao Will sobre a cama se não tivesse sido acompanhado pelo agarre do Jax em seus quadris atirando dele para trás. Não deu ao Will nenhuma possibilidade de acostumar-se, já que continuou se chocando contra ele como um touro enfurecido, esmurrando com o pênis o traseiro de Will. Will se inclinou e gritou enquanto Jax se afundava ainda mais profundamente. Jax golpeava com força. Muita força, muito rápido.



Will apertou os lençóis com os punhos e deixou cair a cabeça.

—Pelo amor de Deus, Jax! —ofegou.

A dureza com a que Jax o fodia levava Will para o orgasmo. Uma parte dele queria que Jax parasse, outra parte precisava gozar outra vez antes que Jax o fizesse. O rosto do Jax chegou até seu pescoço e o mordeu com força. Gritou e sentiu como o líquido sedoso saía de seu pênis para cair sobre a cama. Surpreendeu-se que ainda ficasse algo dentro e pareceu que a última grama de suas forças tinha saído disparado de uma vez com o sêmen. Se Jax não tivesse estado sustentando-o, Will se teria derrubado.

—Por que não me disse? —grunhiu Jax enquanto seguia empurrando.

—te dizer... o que...?

—Que procurou a Anna. Merda.

—Para que, Will? Quer espantá-la? Se assegurar que não esteja entre nós?

Will lutava contra um torvelinho de emoções. Jax com um tremendo empurrão final no traseiro do Will bramou seu orgasmo e Will enterrou um grito no colchão. Jax saiu rapidamente dele. Era a primeira vez que tinha feito algo assim. Will jazia derrubado, tentando devolver um pouco de umidade a sua boca. Jax caiu a seu lado na cama, olhando fixamente.

—Bem? —perguntou Jax, sua respiração desigual.

—Pensei que poderia tratar de encontrá-la para você. Disse que não ia vê-la de novo, mas sabia que se tivesse ideia de como encontrá-la, faria. Não ia dizer isso até que não soubesse com segurança onde estava. Quero te fazer feliz, Jax. Merda te quero.

Will podia sentir a ameaça das lágrimas e saltou fora da cama. Não ia chorar e se o fazia, não ia ser diante de Jax. O corpo lhe doía, sentia dor. Jax o tinha machucado. O coração do Will se encolheu como se Jax o tivesse alcançado pelas costas e o tivesse golpeado. Cambaleou na ducha e abriu o registro, pressionando o rosto contra a parede. Se qualquer com exceção do Jax o tivesse tirado deste modo, Will o teria golpeado.

Jax entrou na ducha atrás dele e Will ficou rígido, mas não se moveu, tão só deixou à água quente fluir sobre seu traseiro. Uns dedos indecisos esfregaram seus ombros, massageando os músculos.

—Sinto — sussurrou Jax em seu ouvido.

—Sim.

Will alcançou o gel de ducha e começou a ensaboar o dolorido corpo.

—Me deixe.

Will não estava seguro se queria que Jax o tocasse diretamente naquele momento, mas não disse nada e deixou Jax agarrar o pote.

—Para ser tira, é um pouco lento às vezes. Will apertou a mandíbula.

—Que se supõe que significa isso?

—Pensa nisso, Will. Como pude saber que estivesse solicitando informação sobre Anna?

Sim, tinha sido lento. Will deu a volta para confrontá-lo.

—Também foi à casa.

—Não quiseram me dizer nada. Responderam-me que perguntasse à polícia quando lhe visse. Que caralho estava fazendo? Mostrou seu distintivo?

Assentiu e Jax atraiu a cabeça de Will para seu ombro, estreitando as mãos ao redor de seu pescoço.

—Fodido estúpido. Se o comprovarem, pode perder seu trabalho.

—Quería encontrá-la para você. Jax o abraçou com mais força.



—Desejo-te, Will, mas está bem que deseje a ela também? Vacilou.

—Só passou uma noite com ela. Como sabe?

—Só passei uma noite contigo e sabia.

Algo se rompeu dentro do Will, a última e tênue esperança que as coisas poderiam seguir como estavam. Naquele instante tudo tinha trocado. Não podia se manter entre o Jax e Anna. Seria como tratar de deter um trem em marcha. Destruiu-o. Mas podia sobreviver a isso. Sobreviveria.

—Ela tem uma irmã chamada Beth? —perguntou Will.

Jax assentiu e enquanto via a luz encher seus olhos, Will soube que a dos seus se apagava.

—Chama-se Anna Shelton. Vive no Surrey Quays. Não sei mais que isso, mas posso tentar conseguir seu endereço amanhã.

—Obrigado.

Deu de ombros entre os braços do Jax, com a cabeça cheia de pensamentos aos que não se atreveu a pôr voz. *A quem escolherá? Quando ela se inteire do que somos e de um ultimato, a quem escolherá?*

Capítulo 10

Anna não podia acreditar que estivesse fazendo isto. Já era muito mal estar sentada e sorrir à câmera tentando soar alegre e entusiasmada enquanto descrevia sua miserável vida, sem ter que pagar quinhentas libras pelo duvidoso privilégio. E se estava perdendo sua hora de refeição. Como se fosse um sinal, seu estômago rugiu. Deus esperava que isso não saísse na fita. Anna saiu da sala de vídeo pálida e tremendo. Se alguém se interessava por ela depois desta atuação, seria um milagre.

Janine Lawrence, quem levava a agência de contatos -4-U ¹¹, levou Anna de volta a seu escritório. Anna se deixou cair na cadeira, sua boca ainda congelada no que estava bastante segura parecia um anúncio de um produto que branqueia os dentes, o do “antes”, não o “depois”. Janine devia ter a mesma idade da mãe da Anna e tinha o mesmo corte de cabelo. OH, Deus, poderia ter sido sua mãe. Anna se abateu.

—Bem feito, não foi tão mau, verdade? Estou segura que não terei problemas para te arrumar uma encontro com alguém — disse Janine.

Sem dúvida um cinquentão calvo pretendendo estar nos trinta, cuja noção de uma boa noite seria tomar um par de biritas em um pub seguidas de dois pacotes de batatas fritas, e que esperaria que pagassem pela metade. Era uma ideia louca. Anna sentiu como se a esperança caísse aos pés. Olhou para baixo.

—Temos um grande número de clientes convenientes à caça de alguém como você. Não posso acreditar que não tenha encontrado nenhum jovem agradável. É apresentável, atraente, esbelta, tem um bom trabalho — Janine deu um sorriso feliz — e não é exigente sobre o que quer.

É obvio que sou. Sou exigente como o inferno, mas neste momento estou desesperada. Como

¹¹ 1-4-U se pronuncia em inglês como se estivesse escrito “One For You”, ou “Um para você”...bonito nome para a agência, não? kkkkkkkk (N. da T.)



consequência de não poder ser nada suscetível, Anna tinha marcado todas as opções que aceitaria: mais velhos que ela, mais jovens que ela, calvos, gordos, estrangeiros, com duas cabeças, e qualquer ao que normalmente houvesse dito não. Iria bem se acabava com um pastor de ovelhas setuagenário com uma perna de madeira.

—Não há razão para que ninguém esteja sozinha hoje em dia e a sua idade—disse Janine.

OH Deus, que sorriso mais condescendente. Anna queria ficar doente.

—Bom, tem tanto para oferecer. Vamos ver o que tem escrito — revisou o formulário da Anna. — Esquiar, nadar, passear, colecionar moedas, cozinha gourmet, dança salsa — seu sorriso vacilou um pouco ao seguir lendo. — Tiro ao arco, malabarismos, origami, ler livros de horticultura, remar, comer fogo? —olhou a Anna alarmada.

—Poderia ter posto mais, mas pensei que era suficiente.

—Mais que suficiente, possivelmente poderia tirar uns quantos?

—Mas gosto de todos — mentiu Anna. Enfrentada a necessidade de pôr em uma lista suas afeições, tinha escrito cada uma das coisas que alguma vez tinham chamado a atenção, apoiando-se na ideia que algo disso atrairia a alguém. Rápido. Estava desesperada. Era terça-feira, a festa de compromisso no Drifter's era na sábado e tinha que ter um acompanhante, inclusive se era com um chef calvo comilão de fogo com uma perna de madeira.

—Bem, agora só introduziremos toda a informação em nossa base de dados e estaremos em contato.

—Quando? — perguntou Anna.

—Logo.

—Como de logo?

—Provavelmente em algum momento da semana que vem.

Nãoooooooo.

—Tente esta tarde. Estou muito desejosa de encontrar a alguém. Qualquer irá bem.

Os olhos do Janine brilharam e Anna retrocedeu. Em realidade não estava tão desesperada para aceitar um setuagenário calvo, pastor de ovelhas com ou sem perna de pau. Tinha que ser alguém razoável, se não sua família imaginaria o que tinha feito. Inclusive se os enganava, não enganaria a Gareth.

—Quase qualquer — disse ela.

Janine alargou a mão por cima do escritório para dar leves golpes na mão da Anna como se fora uma menina má.

—Tranquila, tranquila, querida. Não terá que se desesperar-se. Não quer dar essa impressão a um cavalheiro. Aproveitariam de você.

—A mim não me... —Anna tinha estado a ponto de dizer “importa”, mas trocou por—: gostaria que isso acontecesse, é obvio, mas eu-eu estou tão desesperada por encontrar mi... — pausa para criar tensão e aguentar o ato reflito de engasgar-se— alma gêmea.

Mostrou sua expressão mais desejosa. Por sorte Janine era mais fácil de enganar que sua mãe.

—Farei tudo o que possa por você.

Anna retornou ao trabalho com o coração convertido em chumbo no peito. Sem importar com quem a emparelhasse a agência, teria que levá-lo a festa de compromisso e esperava podê-lo enrolar para que mentisse sobre quando se conheceram. Anna ofereceria dinheiro se fosse necessário. Talvez inclusive sexo. Estremeceu-se. Talvez não.

Estava a ponto de entrar de novo no edifício do SLS quando seu celular soou. Beth. Anna



sorriu. Por muito que tentasse ignorar a sua irmã, não podia.

—Anna! —Beth chorou seu nome e rompeu em soluços e soluços.

A Anna lhe arrepiou o corpo todo.

—O que passou?

Sua irmã seguiu chorando.

—Beth, o que há?

Mais ofego histérico. O pulso da Anna começou a ficar pelas nuvens.

—mamãe e papai estão bem?

Havia um “sim” por algum lado no entusiasta pranto.

—Gareth te deixou? —*Por favor, que seja isso.*

O afastamento do ruído foi tão abrupto, que era como se apagou uma catarata. *Oops, coisa incorreta de dizer*, pensou Anna.

—por que... Diria... Isso? —soluçou Beth.

—Está tão alterada, e se não for mamãe ou papai, então eu... — Anna pensou que o buraco era o bastante profundo para enterrá-la. Parou de cavar.

—Meu apartamento se alagou. Chamaram-me no trabalho e tive que vir a casa. Tudo está arruinado.

—OH Deus, Beth, sinto muito.

—O homem de cima deixou aberto o registro da banheira. Disse que não tinha feito, que nem sequer tinha tomado um banho esta manhã, mas o teto se veio abaixo. —Beth começou a chorar outra vez. — Tive que voltar para a escola porque não podem conseguir a um professor suplente para me cobrir esta tarde.

—Há algo que possa fazer?

—Pode ajudar a mamãe a solucionar a papelada?

—Não posso tomar a tarde. Tenho um documento que entregar esta noite. Posso ir depois do trabalho.

—Posso ficar em sua casa? —perguntou Beth com voz lastimosa.

OH, merda. Anna não queria que Beth ficasse com ela. De todos os modos sabia que deveria haver dito “sim” imediatamente e sem vacilar. Agora era muito tarde.

—É pedir muito? —disse Beth, seu tom era de um frio ártico que fez perguntar-se a Anna se antes estava atuando. — Esperava que minha irmã dê uma mão em caso de emergência?

Sim, é muito. Havia um milhão de motivos de por que Anna não queria a Beth em seu apartamento, Gareth era o maior.

—Sabe Anna, poderia seguir dizendo que não está ciumenta, mas é tudo um papel, verdade? Nem sequer disse que você gostava de meu anel.

—Sim o fiz. —*Verdade que sim?*

—Não mostrou o mínimo interesse. Seus amigos do trabalho o olharam mais tempo que você.

—Beth, sabe que eu não gosto de anéis. Não significou nada mais.

—De acordo.

Agora não havia nenhum rastro de lágrimas ou transtorno na voz de Beth. Parecia desagradavelmente tranquila.

—Tem-me feito dano, Anna. Se realmente tivesse superado o do Gareth, teria-me perguntado como se declarou. Sabe que sempre estávamos acostumados a falar de como



aconteceria.

Merda, merda, merda.

—Sinto —era o melhor que Anna podia fazer.

—Assim, posso ficar durante uns dias até que minha casa esteja arrumada?

Chantagem, mas que opção tinha?

—Bem. Deixarei o trabalho a tempo. Estarei de volta lá pelas 6:5.

—Genial — Beth voltou a ser a borbulhante de sempre. — Podemos abrir uma garrafa de vinho e ver um filme de garotas.

—Vale.

—Obrigado, Anna. É a melhor.

Anna desligou seu telefone e subiu. Não queria que Beth ficasse com ela, mas sabia que não tinha opção. Seus pais viviam muito longe para que Beth viajasse dali diariamente ao lugar onde trabalhava. Ensinava em uma escola em Peckham e isso estava mais ou menos na soleira da porta da Anna.

Não tinha sido difícil para o Will conseguir detalhes sobre a Anna Shelton. Agora sabia sua data de nascimento, onde trabalhava, que tinha três pontos menos em sua licença, mas que não tinha carro, nem cartão de crédito nem de débito, nada em seu expediente criminal. Poderia ter averiguado mais, mas quanto mais investigasse, maior o risco que o pegassem. O que realmente precisava era seu endereço em Surrey Quays e agora o tinha.

Retornando de sua entrevista a uma vítima de uma facada, atualmente recuperando-se em um hospital, Will se deixou cair no escritório de Jax. Mostrou sua identificação ao segurança da entrada e lhe permitiu a passagem aos elevadores. Nunca tinha ido ver Jax no trabalho. Perguntava-se como reagiria.

Outra demonstração de sua identificação e a garota do balcão de recepção agarrou o telefone.

—Sr. A Rue, há um policial na recepção que quer falar com você.

Uma pausa. Will imaginou que Jax estava perguntando quem era.

—Inspetor de polícia Thorne — pendurou o telefone. — Agora mesmo sai.

O lugar era todo de cristal escuro e curvas brilhantes. Escritórios elegantes para uma florescente empresa da cidade. Pagavam bem a Jax, mas trabalhava duro por seu salário, a vezes vinte e quatro horas seguidas quando tinha uma data limite de entrega. Will se virou quando abriu a porta e Jax saiu de repente. Levava um amplo sorriso no rosto e se via muito bonito com seu traje escuro que fazia que o coração do Will desse sacudidas. Will não estava seguro se Jax demonstraria que o conhecia. Não sabia se Jax havia dito algo do tipo com o que compartilhava a casa. Ser bissexual fazia a vida difícil.

—Ei, o que acontece? —perguntou Jax.

—Posso falar contigo um segundo?

—Claro. Marcia, estaremos na sala de conferências número três. Cancela minhas chamadas.

Will seguiu a Jax por umas portas duplas e por um corredor. Jax abriu uma porta ao fundo e fez um gesto ao Will para que entrasse primeiro. Assim que Will entrou e fechou a porta, Jax o empurrou para a porta e o beijou. Will estava tão alucinado que ao princípio não respondeu. A língua do Jax pressionou contra seus lábios e Will abriu a boca. Foi um beijo lento e comprido, e quando Jax se separou, tinha os olhos frágéis.

—Justo quando estava me aborrecendo de tentar elucidar como convencer a um cliente que sua companhia estaria melhor sem ele ao leme. Assim, o que acontece? —perguntou Jax.



Will riu.

—Precisa perguntar?

Jax agarrou a mão do Will e a pôs sobre sua virilha.

—Solta.

—Afastei você de algo importante — disse Will.

—Sim, mas me aproximaste algo mais importante — Jax acariciou o pênis de Will.

Uma onda de luxúria fez que ao Will afrouxassem os joelhos.

—Vim para te falar sobre Anna.

Will olhou ao Jax à cara procurando uma mudança de expressão, mas não houve. Nem uma piscada. Will tirou a mão da virilha do Jax, agarrou uma parte de papel de seu bolso e o pôs no do Jax, acariciando.

—Apartamento 5, 3 Sunningdale Crescent, Surrey Quays — disse Will.

Jax assentiu com a cabeça.

—Que mais averiguaste?

—Suspeita-se que é uma assassina em série, uma incendiária, uma envenenadora e cleptomaníaca com três pontos negativos em sua carteira de motorista. Justamente seu tipo.

Jax fez um gesto tenso com a boca.

—Obrigado, Will. Devo-lhe isso. Will deu de ombros.

—Perdoa-me? —disse Jax.

—Por quê? O que tem feito?

—Te entristecer, te fazer sentir menos importante em minha vida do que é — olhou diretamente aos olhos do Will—. Como posso te compensar? Diga-me *que me quer. Deixe-me te amar também. Fale-me sobre fazer um trio...*

—Nada.

Jax suspirou.

—Não te mereço.

Não, certamente que não, merda.

—Não posso bloquear a porta aqui — sussurrou Jax. —Siga -me.

Will abriu a boca e logo a fechou de novo. Seguiu ao Jax pelo mesmo corredor e entraram no banheiro de homens. Jax comprovou os três cubículos e levou ao Will ao do fundo. O pulso de Will saltou em sua garganta quando Jax fechou a porta com o ferrolho. Jax baixou a tampa do sanitário e se sentou antes de aproximar do Will pelos quadris. Quando Jax meteu o pênis do Will através do tecido de suas calças, respirando ar quente por toda sua extensão, Will estremeceu.

Jax puxou do botão de sua cintura e o desabotoou. O pênis de Will tinha convertido seus bóxers em uma pirâmide, com uma manchinha de umidade culminando a ponta. Os boxers negros desceram de um puxão sob seu saco e Jax repassou sua língua pela cabeça do pênis de Will. Will tinha suas mãos apoiadas aos dois lados do cubículo. Embora não houvesse ninguém no banheiro, não podia fazer nem um ruído. Se lhes pilhavam, Jax perderia verdade? Por isso Jax estava fazendo isto, assumindo o mesmo risco que Will tinha tomado ao usar sua identificação de policial para encontrar a Anna?

Então a boca quente e úmida do Jax o engoliu. Will fechou os olhos e deixou de pensar em nada que não fosse o que Jax estava fazendo. Mamadas longas e lentas em seu pênis enquanto os dedos acariciavam seu pênis com toques como de plumas. Will sentia como seu sêmen se estivesse congregando desde seus pés, só que estava tomando um desvio a seu pênis através de sua cabeça. Jax soltou seu saco para levar suas mãos ao traseiro do Will, agarrando mais forte



enquanto começou a tomar mais e mais do pênis do Will na boca. Os quadris do Will desejavam empurrar frente e atrás, mas se manteve com os pés firmes no chão deixando Jax ditar o ritmo. Quando Will sentiu Jax sugar seu pênis, abriu os olhos e olhou abaixo. Deixou escapar um sopro ao ver a loira cabeça de Jax mamar-lhe suas bochechas cavadas enquanto chupava.

De repente se ouviu como se abria uma porta e vozes de homens. Jax não se alterou. Agarrou forte ao Will e trabalhou mais duro. Will tentou conter-se, temendo fazer ruído, mas a fricção era implacável. A necessidade de deixar-se ir crescia como um gêiser tentando explodir. Seus joelhos tremiam pelo esforço de contenção. Will deveria haver-se chamado Old Faithful¹², pelo previsível de seu orgasmo. Apertou os dentes, aguentou o fôlego e apertou mais firmemente suas mãos contra os lados do cubículo. Jax fez revoar sua língua pela ponta e então o levou até a garganta. Will conteve a duras penas um grasnido. Jax sabia perfeitamente que Will era ruidoso quando gozava¹³. Jax abriu os olhos e o olhou e Will perdeu a concentração. Jogou a cabeça para trás e colocou uma mão na boca para tentar conter o grito enquanto disparava jorros de sêmen entre os lábios de Jax. As mãos do Jax aproximaram mais seu traseiro e o chupou mais forte.

Quando o último espasmo se desvaneceu, se ouviu atirar ruidosamente da corrente no banheiro do lado e Will mordeu o lábio para não rir. Jax soltou seu pênis e o devolveu ao interior dos boxers de Will, fechando o zíper e o botão. Ficou de pé e Will o atraiu a seus braços, pressionando seus lábios contra os de Jax, saboreando a si mesmo e um gostinho de café. O som do secador de mãos cessou e Will alargou a mão para o zíper do Jax. Jax afastou-lhe a mão.

—Tenho que voltar para o trabalho — sussurrou ao ouvido de Will.

Will afirmou com a cabeça, mas se sentia doído. Maldição sabia que Jax tinha uma enorme ereção. Por que não queria que ele se encarregasse dela? Isto tinha sido um “obrigado” por encontrar a Anna? Jax se grampeou a jaqueta do traje para ocultar o vulto em sua virilha e saiu do cubículo. Ninguém os viu sair do banheiro.

Jax acompanhou ao Will à recepção.

—Vou chegar tarde esta noite — disse Will silenciosamente. — Estou de vigilância. Não estou seguro de quando voltarei assim não me espere para comer.

—De acordo.

Will queria perguntar se ele também chegaria tarde, se ia ver Anna, esperando que Jax dissesse que não. Sem importar o que Jax respondesse, Will queria que fosse a verdade.

—Obrigado — disse Jax quando chegaram à recepção. — Se necessitar mais ajuda, por favor, venha outra vez.

Dando as costas à mulher, Jax lhe guiou um olho. Will não pôde evitar um sorriso.

Capítulo 11

Gareth viu Beth pegar duas taças do armário de Anna. Oxalá não tivesse um traseiro tão

¹² Nome de um famoso gêiser, conhecido por suas pontuais explosões. O nome significa literalmente “Velho Fiel”. (N. da T.)

¹³ Olhe que gracioso e brincalhão... fazer sofrer ao pobre Will... isto fica cada vez mais quente! (N. da T.)



gordo, embora ao menos tivesse um lugar onde agarrar-se e depois de tudo, uma transa era uma transa. Aproximou-se furtivamente atrás dela, enterrou a cara em seu pescoço e rodeou seus seios com as mãos. Beth tinha umas tetas bonitas, suculentos melões. Gareth gemeu e pressionou sua ereção contra seu traseiro.

—Hora de uma fodida rápida—sussurrou.

Beth ficou rígida.

Merda. Sempre se esquecia que lhe falar assim sempre a apagava.

—Desejo-te, neném — disse ele.

—Anna voltará logo.

—Não durante outros quinze minutos. Olhe o relógio. São só as seis.

Bom, eram-no agora que Gareth o tinha atrasado.

—Acaso não sente o que me faz? —esfregou-se mais duro contra ela.

Beth se retorceu em seus braços.

—Não pode esperar?

—Não. Roupa fora. Agora.

Gareth se surpreendeu quando Beth concordou. Tinha esperado ter que persuadi-la de ficar na cozinha. Para quando esteve nua, seu pênis e bolas doíam. Queria entupir-se na vagina molhado de Beth e esfregar-se até o esquecimento, mas tinha que fazê-lo durar. Gareth desabotoou as calças e tirou seu pênis. Viu alargar os olhos da Beth enquanto se acariciava seu duro pênis e ele sorriu.

—Tem preservativo? —perguntou ela.

—Necessito um, docinho? —enrolou-a Gareth. — Acredito que está tomando pílula e agora estamos prometidos.

Ele tinha uma camisinha no bolso, mas não queria usá-la. Gareth se sentia dividido entre o desejo de pegar um tiro e derramar-se na boceta da Beth ou de orvalhá-lo sobre a mesa da cozinha de Anna.

—Sairá? —Beth perguntou enquanto passava suas mãos ao longo de seu pênis.

—Se for o que quer — em realidade, Gareth faria o que *ele* queria mas o tempo fazia tictac e tinha que estar já quase acabando para quando Anna chegasse em casa. Ele girou a Beth dos ombros e a empurrou de barriga para baixo sobre a mesa.

—Não aqui — disse Beth. — Não podemos ir a um quarto?

—Não.

—Por favor.

—Não, aqui ou em nenhuma parte.

Gareth a moveu até que esteve em boa posição para ele, sua vagina bem aberta, mas seu apertado ânus era mais atraente. Era tentador, mas não a podia assustar, não, se queria que este jogo durasse. Deu-lhe um golpezinho em sua abertura e Beth gemeu. Gareth riu em silêncio.

—O que? —Beth perguntou.

—Eu gosto quando faz todos esses ruídos.

Em certo modo era verdade, embora Beth fosse o foda mais ruidosa que teve alguma vez. Iam voltar louca a Anna. Pressionou mais para dentro e se introduziu na quente fenda de Beth. Gareth gemeu e sentiu a risada dela debaixo dele. A puta idiota.

Anna se assegurou de sair do trabalho a tempo, correu até a estação para assegurar-se de agarrar o trem quanto antes e voltar para seu apartamento como prometeu. Pelo menos já não doía o traseiro. Olhou de baixo a sua janela e se perguntou como as tinha arrumado para deixar-se



acesa a luz. Não era algo que ela esquecesse, já que pagava as faturas. Tinha tentado chamar um par de vezes a Beth, para lhe dizer a que hora chegaria a casa, mas tinha seu telefone desligado.

Anna abriu a porta com chave, empurrou-a e deixou cair a bolsa no corredor. Então se congelou. Podia ouvir a Beth e soava transtornada. Dividida entre a raiva porque Beth tivesse entrado já em seu apartamento e preocupada que ia mal, Anna se precipitou à cozinha.

—Merda — ofegou.

Beth estava nua sobre a mesa da cozinha, a cabeça voltada para ela, suas mãos agarrando-se da parte superior das pernas enquanto Gareth a bombeava desde atrás.

—Anna — Beth ofegou.

Anna tentou mover-se, mas seus sapatos se converteram em botas de concreto. Gareth a olhava diretamente, seus quadris como pistões amassando a sua irmã. Seus olhos se estreitaram, seu fôlego a puxões e logo saiu e orvalhou seu sêmen na parte de trás da Beth. Quando piscou um olho para Anna, esta escapou. Ficou de pé tremendo, perguntando-se como uns segundos podiam parecer horas. Não tinha ficado de pé olhando-os, verdade? Estavam em sua mesa de cozinha? Gareth saiu da cozinha levando duas taças de vinho. Anna tomou uma sem pensar.

—Gostou do espetáculo? — sussurrou. — Sei que você gosta de olhar.

—Que caralho está fazendo aqui? — espetou Anna. Gareth pôs uma expressão inocente em seu rosto.

—Ajudando a Beth, o que se não?

—Por que acredito que é mentira?

—Tinha curiosidade por saber se era aquela mesa ou você o que me teve tão quente aquela noite.

—Acredito que foderia algo, Gareth — disse Anna com uma risada curta.

— De fato, por que não fode só a mesa?

—Pois virtualmente é o que tenho feito. Sua irmã é tão grossa como uma taboa.

O vinho tinto o golpeou totalmente na cara. Ele ofegou e olhou a mancha sobre sua camisa branca.

—Isso foi um engano — espetou.

Beth tirou sua cabeça pela porta da cozinha.

—Irmã o ...? — chegou a toda pressa, alisando-a saia. — Que infernos aconteceu?

—Anna, mostrando sua natureza ciumenta outra vez — disse Gareth.

Os ombros da Anna caíram. Queria que os últimos cinco minutos nunca tivessem passado.

— Tire a camisa para que a possa lavar — disse Beth, mantendo os olhos separados de Anna.

—O que está fazendo aqui? — Anna perguntou.

—Gareth me ajudou a trazer minhas coisas. Bom, tudo o que não estava molhado.

O coração da Anna martelava enquanto seguia a Beth e a camisa à cozinha.

—Estive te ligando para te dizer quando estaria em casa.

Como entrou?

Beth tirou seu telefone da bolsa e o olhou.

—Ah, pensei que estava conectado. Devo havê-lo desligado. Sinto muito. Mamãe me deu a chave. Não pensei que se importaria.

Anna não queria enfrentar a Beth sobre o que tinha estado fazendo em sua mesa de cozinha, mas não podia ignorá-lo.

—Você disse a que hora estaria em casa

—Mas é cedo — Beth jogou uma olhada ao relógio de cozinha.



Anna olhou seu relógio. Ah, Gareth era inteligente, tinha que conceder-lhe Ele o tinha planejado, assim ela teria topado com eles.

—Deixe por uma taça de vinho para a Ana — disse Gareth—Parece como se necessitasse uma.

Anna voltou para a entrada para pendurar seu casaco e pôr seus sapatos sobre a parte de tapete extra que tinha junto à porta para não deixar entrar sujeira no apartamento. Mordeu as bochechas quando entrou na estadia principal e viu que uma bomba chamada Beth tinha explodido. Ordenada e polida não eram palavras que pudessem ser unidas ao conceito de sua irmã nem em um milhão de anos. Beth e Gareth a seguiram dentro.

—Como é que trouxe tanto? —perguntou Anna. — Pensei que isto era só durante uns dias.

A sério Beth precisava trazer-se cada boneca de pelúcia que tinha? O sofá estava afogado entre animais. Caixas dos CDs e DVDS estavam sem desembalar junto à televisão. Dobradura de plástico com as últimas obsessões de artesanatos de Beth haviam sido amontoados sobre a pilha de livros com os borde das páginas dobradas.

—Papai diz que a companhia de seguros pagará para que se arrume e engesse o teto, mas que vai levar tempo conseguir que vão e façam tudo e logo esperar a que façam o trabalho. Haverá um montão de pó.

Anna estava fazendo um cálculo rápido, passando de dias a semanas a malditos meses.

—Espero que não ache ruim, mas pus minhas roupas em seu quarto. Você tem muitas menos que eu, assim pensei que te poderia arrumar com um guarda roupa menor e... bom —Beth se ruborizou.

OH-OH, Anna pensou, sentindo-se como se um tanque lhe tivesse passado por cima. Não precisava perguntar-se quem o conduzia.

Gareth pôs seu braço sobre o ombro de Beth. Anna manteve seus olhos separados de seu peito nu.

—Não pensamos que se importasse que ficássemos com a cama de casal enquanto você dorme na de solteiro. Será só durante uma ou duas semanas — disse Beth.

A cabeça da Anna palpitou. Custava-lhe recordar um momento em que tivesse estado mais zangada.

—Gareth não vai ficar aqui também.

—Certamente que não — disse ele. — Tenho meu próprio apartamento. Ofereci a Beth ficar comigo, mas vivo muito longe de sua escola e isto pareceu uma oportunidade ideal para reuni-las, reconstruir sua amizade e falar do casamento.

Anna não podia acreditar. Queria rir, gritar, chorar. Queria chocar os talões e desejar voltar para Kansas. Primeiro, queria dar com um pau em Gareth.

—Está bem se ficar com seu quarto, Anna? Se não, posso voltar e mudar minhas coisas.

Não, merda, não está bem. Anna tinha ficado temporalmente muda. Seu frenético cérebro tentou calcular as implicações de ter Beth ali, de ter ao Gareth ali. Não importava desde que ângulo olhasse, eram más notícias. Gareth e Beth em sua cama. Beth e Gareth sobre sua mesa de cozinha. Ambos em seu banheiro.

—Poderia ter esperado — disse Anna. — Como se sentiria se eu tivesse aterrissado sobre você e tivesse pego seu quarto?

—Bom, certamente eu teria deixado o ter.

Anna apertou os dentes. O fato que Beth pensasse, e Anna sabia que verdadeiramente o pensava, jogou dúvidas sobre suas suspeitas que fora Gareth o que houvesse manipulado a



situação. Anna abriu a boca para lhe sugerir a Beth que pedisse a sua companhia de seguros que lhe alugasse um lugar e então Gareth lançou a Beth a seus braços.

—Dá um abraço na Anna. Isto é muito amável de sua parte. Seus pais vão estar emocionados ao ver que fizeram as pazes. Enquanto Beth a rodeava com os braços, Gareth olhou fixamente aos olhos da Anna. Ele tirava e colocava a língua como uma serpente, com inequívoca implicação sexual.

—Não sabe quanto significa isto para mim — disse Beth e se retirou do frouxo abraço da Anna para voltar-se ao abraço do Gareth.

—Como gesto de gratidão, vou comprar o jantar, garotas.

O que gosta? Indiana? Tailandês? Pizza? — perguntou Gareth.

—Dá-me igual — disse Anna e escapou ao que era seu novo dormitório.

Fechou a porta e se apoiou contra ela. Toda sua roupa tinha sido arremessada sobre a cama. Beth não se incomodou em pendurar. Anna veio-se abaixo. Isto não ia bem. Não queria Beth vivendo com ela, mas se Gareth pensava que podia ficar e dormir também, era algo totalmente inaceitável. Mas o que podia fazer? Jogar a Beth? Empacotar e encontrar um hotel barato? Se existisse um hotel barato em Londres Anna iria, mas por que tinham que sair de sua casa? *Ponha uma data limite*, pensou Anna. *Duas semanas, não mais. E Gareth não ficaria a passar a noite*. Os fins de semana Beth podia ir para casa de Gareth. Poderia sobreviver duas semanas, *não?*

Uma hora mais tarde, Anna se perguntava se poderia sobreviver outros dois minutos. Gareth e Beth estavam estirados um sobre o outro em *seu* sofá, os bonequinhos atirados pelo chão, vendo o que gostava em *sua* televisão, bebendo *seu* vinho. De acordo, Gareth tinha pago a pizza, mas o bastardo pediu pepperoni em uma e anchovas na outra, e nenhuma das duas coisas Anna gostava. Talvez pudesse criar-se sua própria inundação.

Aquele pensamento a deixou congelada. O apartamento da Beth alagado era um acidente ou o tinha planejado Gareth? Anna golpeou a cabeça com a mão. *De uma pausa*. Estava começando a assustar-se a si mesma. Quão paranoica ia se voltar? Ainda e assim... Beth havia dito que o tipo de cima nem sequer se deu um banho esta manhã e Gareth soube entrar no apartamento da Anna aquela vez. Assumindo que Anna não estava voltando louca e que Gareth tinha orquestrado de algum jeito, que motivo poderia ter para que Beth estivesse em seu apartamento? Ou era *ele* o que queria estar em seu apartamento? Anna empurrou uma cômoda diante da porta. Melhor segurar que lamentá-lo.

Jax se sentou em seu carro olhando o apartamento de Anna.

Havia calculado que janela eram as delas e a luz estava acesa, mas não se moveu. O que ia dizer? Como explicar como sabia onde vivia sem soar como o perseguidor do que ela já se queixou? Provavelmente se assustaria assim que abrisse a porta. Mas Jax esperava que não tivesse que dizer nada. Esperava que ela o olhasse, e desse a oportunidade de contar que não estava casado, que não era sua casa se não a de sua irmã e então ela se jogaria em seus braços. O seguinte era estar nus em uma cama. Recuperando um buquê de flores do assento de passageiros, Jax saiu do carro. Entrou no vestíbulo atrás de outro residente e subiu as escadas de dois em dois. Seu coração revoava de entusiasmo com a ideia de vê-la outra vez. Se não tinha comido, levaria a comer. Se o tinha feito, bom, ocorria algo que a ele gostaria que ela comesse. E ele também. Sorriu. Ao Jax fazia água a boca com a ideia de enterrar seu rosto entre suas pernas, lambendo-a e chupando-a até que gozasse em seu rosto. Revolveu o pênis nas calças.

Chamou duas vezes à porta.

—Sim?



Jax era rápido como um relâmpago, perguntas e respostas voando por sua cabeça. Apartamento incorreto? Não. Era este tipo o namorado de Anna? Ela tinha mentido? Ou Jax estava chegando a uma conclusão equivocada como tinha passado a ela? Seu irmão? Embora ela não tivesse mencionado a nenhum. Não havia nenhuma razão para tornar-se atrás agora.

—Procuro a Anna Shelton.

—Se perca.

Fechou-lhe a porta na cara. Jax ficou de pé olhando-a por um momento, perguntando-se se valia a pena voltar a chamar. E se dessem um murro na cara? Soltou uma risada curta e desceu de novo as escadas.

Will era um perito em ficar nas sombras. Tinha passado muitas horas de sua vida profissional olhando e esperando a que passasse algo, só para descobrir que nunca aconteceu nada. Oxalá esta vez não o fizesse. Jax tinha estacionado na rua do apartamento da Anna, e se sentou no carro durante tanto tempo que Will se perguntava que merda estava passando pela cabeça. Tentando pensar o que ia dizer? Perguntando-se se devia arrancar o carro e voltar para casa com o Will? Quando Jax saiu do carro sustentando flores.

Will suspirou e seguiu esperando. Havia coisas que queria saber, que tinha que saber. Que aspecto tinha Anna, o que era o que tinha ao Jax tão cativado e quanto tempo ia passar Jax ali.

Suas perguntas foram respondidas, mas não da maneira que Will esperava. Jax surgiu um pouco depois que tivesse entrado. Jogou as flores no jardim dianteiro do apartamento, subiu a seu carro, e o pôs em marcha. *Fodidamente depressa, o idiota.* O que havia acontecido dentro? Contaria Jax? Inclusive enquanto Will cruzava a rua e apertava a campainha de Anna, ia dizendo que não devia fazer. Seria fácil inventar um nome e pretender que não tinha estado nunca aqui. Mas a necessidade de fazer o correto estava incutido no Will, inclusive se no processo ele acabava doído. Se Anna não tinha dado ao Jax a oportunidade de explicar que não estava casado, talvez a daria a um amigo.

Will apertou outra vez a campainha.

—Sim?

A voz de um homem, e talvez isso disse ao Will tudo o que tinha que saber. Trocou de tática.

—Inspetor de polícia Thorne para falar com a Anna Shelton. —

Merda, iam lhe pegar por fazer isto.

Soou a porta abrindo-se e Will empurrou. Quando chegou ao andar havia um cara com calças escuras e uma camiseta azul rodeada apoiado contra o marco da porta. Era alto, com cabelo curto e escuro jogado para trás e uma boca que sorria quando seus olhos não faziam. Quando Will chegou, uma loira de cabelo encaracolado ficou ao seu lado. *Anna.* Will estava surpreso. Não era o tipo que pensava que gostaria ao Jax. Era bonita, mas baixa e ligeiramente gordinha.

—Esta é a senhorita Shelton — disse o tipo. — Sou Gareth Kniveton, seu prometido.

Ah, merda.

—Podemos ver sua identificação? —perguntou o tipo.

Will abriu sua carteira. O tipo a olhou atentamente. Muito atentamente, merda.

—Isto é pelo roubo perto da festa a que fomos no sábado? —perguntou.

—Quem disse que foi um roubo? —Will não havia dito roubo, mas supôs que era uma conjectura razoável.

—Chamei para ver os Smith um pouco depois que você os visitou — Gareth se virou para a Anna. — Levei a Erin algumas flores como gesto de gratidão. Esqueci de dizer isso.

—É um completo encanto — disse a mulher.



Will queria desaparecer. Sua voz era gritã. O que podia ver Jax que ele não pudesse?

—Disseram que um policial tinha pedido os detalhes de cada um da festa. Estou surpreso que não nos tenha vindo a ver até agora.

Will estava em areia movediça e o estavam apanhando a grande velocidade. Quanto antes saísse dali, melhor. Se esqueça de pedir para entrar, queria largar-se pelas escadas.

—Viu alguém atuando suspeito? —perguntou Will diligentemente.

—Só a dança do Henry — disse Beth com uma risada tola.

O som atravessou ao Will diretamente.

—Quanto a você? —perguntou ao Gareth.

—Não, nada.

—Correto, agradeço-lhes seu tempo. Deu-se volta para ir.

—Quer me dar seu cartão em caso que me venha algo a memória? —perguntou o tipo.

Não, merda, Will não queria. Levou-se a mão ao bolso como se procurasse e sacudi sua cabeça.

—Ah, dei a última esta tarde. Não se preocupe. Se então não viu nada não precisarei contatar de novo.

Enquanto Will conduzia seu coração se aliviava mais e mais. Anna estava comprometida. Não queria Jax. Jax não a teria inclusive se ela o queria. Ela tinha jogado a última carta ao ar e tinha apanhado Jax em sua rede. Embora Will se perguntasse como Jax tinha podido contatá-la tendo um namorado na reserva. Talvez tenha brigado com ele na festa e por isso subiu a cerca. Não importava. Nada importava porque Anna Sheldon era história.

Will não foi diretamente a casa. Havia dito a Jax que estava de vigilância assim teve que fazê-lo real. Foi ao escritório, uma produtiva hora de trabalho administrativo, e voltou para o apartamento. Jax estava jogado sobre o sofá. Havia uma garrafa meio vazia de tequila junto a uma caixa de suco de laranja sobre a mesinha de café.

—Está bêbado? —perguntou Will.

—Não, completamente sóbrio... completamente sóbrio... Merda.

Will mordeu o lábio, tanto divertido como alarmado. Em todo o tempo que o conhecia, nunca antes tinha visto Jax bêbado. O tipo já tinha suficiente corda sem ter que beber álcool.

—Pensava que estava cravando estacas — resmungou Jax. Will riu.

—De vigilância¹⁴. Vi o que necessitava ver. Conclusão satisfatória.

Jax estirou uma tremente mão para a garrafa. Will a pôs fora de seu alcance.

—Acredito que já teve o bastante, amigo.

Jax parecia como se fora a discutir e logo mudou de ideia. Will afastou as pernas do Jax e se sentou no sofá junto a ele.

—O que te passa?

Jax elevou a vista, olhando-o com seus olhos grandes, escuros.

—Já sabe que merda passa.

Will sentiu encolher o estômago. Não era possível que Jax soubesse que o tinha estado vigiando. Ou sim?

—Anna? —perguntou Will. Jax assentiu.

¹⁴ Trocadilho completamente intraduzível: staked out por stalkeout, quer dizer, “cravar estaca” por “vigilância”. A única diferença é o espaço entre as duas palavras, daí que Will riu. (N. da T.)



—Foi a seu apartamento — o coração de Will palpitava. Em realidade não o tinha formulado em forma de pergunta. Jax assentiu.

—O que aconteceu?

—Um tipo abriu a porta.

—Ah — tinha que ser o prometido que Will tinha visto.

Jax jogou outra vez a cabeça para o bordo do sofá e gemeu.

—Merda, pensava que... Merda, Oxalá a tivesse conhecido, Will. É tão linda. É toda pernas e braços e algo nela me recorda. De fato, merda, é parecida comigo a mim, só que não. Você adoraria. Tanto cabelo desordenado, seios que desfazem na boca, lábios tão suaves e doces, queria comer isso. Estava tão disposta, tão gentil.

—Talvez não fosse o que tinha que ser — disse Will, pensando que isso tinha que ser o mais patético que havia dito em sua vida.

Jax jogou o braço sobre os olhos.

—Ela era exatamente a adequada.

O que? Baixa e um pouco gorda com uma voz que poderia ralar o queijo? Will sempre pensou que fossem as altas de ossos pequenos, uma mulher delicada.

—Alta e muito bonita. Nem sequer me importou que tivesse o cabelo curto. Sei que nós gostamos das de cabelo comprido, mas, merda, era parecida comigo a mim. Jesus.

Will se obrigou a seguir acariciando a coxa do Jax.

—Tem o cabelo curto?

—Como o meu, mas um pouco mais maltrapilho.

Como o do Jax?

—Isto é possível?

Jax afastou o braço para olhá-lo. O pulso do Will saltava. Algo não ia bem.

—O cabelo que cor?

—Como... como o meu.

—Loiro sujo?

Jax soprou. Will somou dois mais dois muito rápido. De acordo, talvez dessem cinco, mas tinha a sensação que tinha somado algo. Gareth Kniveton tinha apresentado à mulher como senhorita Shelton. Will tinha assumido que era Anna, mas parecia provável que fosse sua irmã, Beth. Então o emprego de “senhorita” tinha sido para confundi-lo de propósito? Se era assim, por quê? E merda, o que ia fazer Will? Se dissesse a verdade a Jax, estaria se colocando totalmente na merda. Outra vez. Will olhou ao homem que amava. Não tinha escolha.

—O tipo que viu era alto, de constituição parecida com a minha, cabelo escuro, camiseta azul, calças? Com leve acento do sul de Londres?

Jax se pôs todo reto. Não disse nada, somente olhou fixamente ao Will e piscou.

Will suspirou.

—Seu nome é Gareth Kniveton. Quis saber como era Anna. Vi você ir a seu apartamento, vi como foi e saiu rápido. Subi e pedi para falar com a Anna. Kniveton respondeu à porta e apresentou a sua prometida.

Jax ficou rígido.

—Bonita mulher, mas não há modo de chamá-la alta. Curvilínea e comprido cabelo comprido encaracolado. Imagino que era Beth Shelton.

—Merda.

Will inspirou profundamente.



—Gareth. O bastardo de merda — vaiou Jax. — A puta conspiradora. Eu assumi que... Oh, merda.

Will esperou a que Jax desse o seguinte passo. A pesar do excesso de álcool, não lhe levou muito tempo.

—É meu guardião? —perguntou Jax, sem um só rastro de embriaguez.

—Eu... —Will queria dizer que o havia feito porque o amava, mas não podia encontrar as palavras, não queria as pronunciar sabendo que Jax não lhe diria o mesmo.

—Pensou que eu guardaria isso para mim? Que o separaria de minha vida?

Sim.

—Não sei Jax.

—Ela me falou desse tipo. Ele tenta foder a vida dela. É um perseguidor. Nunca saiu com ele, mas ele finge que sim. Agora está com sua irmã e tenta fazer ciúmes a Anna. Quando o vi, assumi que... Mas sua irmã está ali?

—Sim.

Jax se levantou.

—Quero ver Anna.

—Não esta noite. É tarde. Está bêbado. Jax se deixou cair outra vez no sofá.

—De acordo. Amanhã. Pode averiguar onde trabalha?

—Provavelmente.

—Fará? Por favor? Chamará-me?

A mandíbula do Will se apertou, mas assentiu.

—Vêm aqui — disse Jax.

Will se colocou entre seus braços.

—Somos um casal, Will. Nada fará mudar isso. Oxalá Will pudesse acreditar.

Capítulo 12

Anna despertou de repente. Durante toda a noite tinha dormido de forma irregular e não conseguiu cair no sono profundo, mas desta vez era como se algo a tivesse despertado. Levantou a cabeça e olhou o relógio. As quatro da madrugada. Seria Beth dando voltas? Talvez devesse adotar um gato e chamá-lo Jax. Anna sorriu. O apartamento estava em silêncio e se deu a volta para a janela e se fez um novelo.

A mão sobre a boca veio tão rápido que não teve tempo para gritar, mas repartiu golpes a destro e sinistro, golpeou carne dura e continuou golpeando.

—Para — vaiou Gareth.

Anna sabia que “parar” era quão último deveria fazer, mas lutar contra um peso e uma força superiores era algo inútil, cada vez se sentia com menos força. Gareth a segurou e lhe colocou à força algo suave na boca, pressionando-o dentro até que lhe incharam as bochechas e Anna pensou que se afogaria. Moveu com força a cabeça de um lado a outro, tentando expulsar a mordalha, mas não podia. Gareth se ajoelhou sobre suas coxas, pressionou as mãos contra seus ombros e lhe pôs em cima. Ela sentiu sua ereção pressionando forte entre seus corpos. Anna inspirou profundamente por seu nariz, seu coração palpitando, a adrenalina vertendo-se por todo seu corpo.



—Me escute, puta — disse Gareth em voz baixa. — Faz como digo e não farei mal a Beth.

Anna fez uma tentativa inútil de gritar. O pânico cresceu de tal maneira que teve problemas para inspirar ar em seus pulmões.

—Quer que deixe a Beth e saia de sua vida? —perguntou. Anna deixou de lutar e lhe olhou fixamente.

Gareth sorriu.

—Bem, a não ser que coopere, vou casar com ela e vou fazer de sua vida um fodido inferno.

A cabeça da Anna começou a lhe dar voltas tentando centrar a mente no que estava passando. Uma pergunta lhe vinha à mente: que tipo de cooperação? O que queria que fizesse? Tinha só uma resposta.

—Viu que fácil Anna? Poderia tomar agora mesmo — sussurrou e rodou seus quadris contra os seus, esfregando o pênis contra seu ventre.

Não sem lutar. Na pequena parte de seu cérebro que não estava congelada pelo terror, Anna se perguntou se algo bom poderia sair disto, porque quando fora à polícia e dissesse que a tinham violado então não haveria nenhuma dúvida que classe de tipo era. Arranharia, daria patadas, morderia, cravaria-lhe uma estaca e o mataria.

—Mas não o vou fazer — sussurrou Gareth. — Você virá para mim e pedirá que lhe foda. Vai pedir que pegue meu grosso pênis em sua vagina e que martele até que grite. E quando o fizer, quando me pedir isso, então deixarei a você e a Beth em paz.

A cabeça da Anna se sentia mal. Falta de oxigênio? Não podia pensar bem, só sentir seu peso imobilizando-a, esmagando seus pulmões.

Gareth baixou a cabeça e lambeu sua garganta.

—Mas talvez, talvez não deixarei você em paz —acrescentou e ela começou a tremer. — Pensou de verdade que poderia ganhar este jogo, Anna? Acabo de começar. Separou-se dela de um salto e saiu de repente do quarto.

Anna tirou a mordaca de sua boca e sorveu ar de repente por sua garganta seca. Tinha usado uma calcinha dela. Anna virou o pescoço e a mandíbula, logo ficou de pé e voltou a colocar a cômoda diante da porta. Ele a tinha empurrado e nem o tinha ouvido. Anna se deixou cair ao chão. *Jesus está louco. Está foddidamente louco.* Rodeou-se com seus próprios braços e começou a balançar-se.

Que diabos ia fazer? Não podia deixar Beth casar-se com este tipo. Tinha-a assaltado, assim poderia levá-lo a polícia, mas onde estavam as provas? Umas contusões e uma calcinha molhada de saliva. Ririam na sua cara. Ninguém tinha ouvido o que lhe havia dito. Mas... mas... e se tomava emprestada uma das gravadoras do trabalho e o gravava ameaçando-a? Anna começou a acalmar-se. Era uma boa ideia, um plano sensato que já deveria ter pensado. Não podia permitir que este bastardo a vencesse.

Anna deixou o apartamento antes que Beth se levantasse. Não tinha nem ideia se Gareth estava ainda ali e não importava. Merda, sim, importava. Essa noite diria a Beth que se fosse. Certamente teria alguma amiga com a que ficar. Anna imaginou a resposta de sua mãe: Nem sequer lhe pode oferecer uma cama a sua irmã durante uns poucos dias? O que? E sua mesa de cozinha também? Talvez Anna fosse a que tinha que encontrar uma amiga com a que ficar só que por que caralho tinha que sair-se de sua própria casa? Então Anna pensou em Gareth e trocou de ideia. Foi tomar o café da manhã e chamou a suas amigas. Anna pensou que se lhes incomodava na hora de preparar-se para trabalhar não lhes daria tempo de inventar uma desculpa.

Mau.



Três motivos diferentes, mas compreensíveis. Mira tinha um menino doente. Jenny estava em meio de uma mudança de decoração. O quarto extra da Alice já estava ocupado. Anna teve que admitir que se via bastante patética não querendo ficar no mesmo apartamento que sua irmã. Sabia que não fazia mais que confirmar que estava ciumenta do Gareth. Estava a ponto de confessar que tinha medo dele, mas para que? Pen tinha sido a grande esperança da Anna, mas tinha a seu irmão com ela. Agora, enquanto se dirigia ao escritório, Sabine era sua última possibilidade.

—Não, sinto muito, mas não tenho nenhum quarto extra. Só um dormitório, e o sofá é muito pequeno para que possa dormir nele.

A depressão caiu sobre a Anna como espessa névoa.

—Bem, não importa. Era somente uma ideia. A víbora entrou e as olhou fixamente.

—Bom dia.

—Bom dia — disseram a coro Sabine e Anna.

Estava Anna o bastante desesperada como para pedir a sua chefe? Não exatamente, mas quase. Embora o que sim fez foi agarrar uma das gravadoras e meter na bolsa. Havia um montão de gravadoras. Devolveria-a antes que sentissem falta.

No meio da manhã, quando a víbora fez sua visita prevista ao banheiro, 0:30 em ponto, Anna comprovou se tinha algum correio eletrônico da agência de contatos. Não, mas havia quatro da Beth, um do Gareth – merda, quem lhe tinha dado sua direção de correio eletrônico?– e um de sua mãe. Anna se estremeceu e pulsou o mais antigo.

De: bethsweetiekins@rtinternet.com

Como pudeste? Nunca perdoarei isso.

Anna se perguntou que haveria feito agora. De: ellenshelton498@yippee.com

Chama a sua irmã imediatamente. Estou muito decepcionada contigo, Anna. Terá que pagar o dano.

OH Deus, que dano?

De: bethsweetiekins@rtinternet.com

É uma idiota. Por que não pode se alegrar por mim?

Porque ele é um idiota e você uma idiota, pensou Anna. De: bethsweetiekins@rtinternet.com . Esqueça de ser minha dama de honra.

Finalmente uma boa notícia. Mas Anna podia sentir o pulso lhe palpitando na garganta, ouvia um eco ressonando em sua cabeça. Seu dedo deu ao mail do Gareth, desejando apagá-lo sem lê-lo sequer e a vez perguntando-se que caralho estava passando.

De: garethkniveton@extell.com

Perdoo-te.

Anna estreitou os olhos, mas seguia sem saber o que acontecia. De: bethsweetiekins@rtinternet.com

Gareth diz que não devo te culpar, mas estou realmente alterada. Fez algo terrível.

Anna começava a desejar haver feito o que fora que tinha passado.

Até que chegou a polícia e a deteve.

Jax não teve a chamada de Will até a hora do almoço. A mão tremia enquanto apontava o que lhe dizia Will. Anna era tradutora em “Superior Language Solutions”. Tradutora de grego. Mãe de deus. SLS não estava longe do escritório de Jax. Podia deixar cair por ali, pedir para falar com ela. *Espera. Muito depressa.* Não queria assustá-la. Chamaria, diria que não estava casado, que não tinha filhos e que gostaria de ir comer com ela. Isso soava muito melhor. O coração dançava a



ritmo de tarantela¹⁵ enquanto chamava.

Um grande plano... mas ela não estava no trabalho.

Quando Anna abandonou tarde a delegacia de polícia aquela tarde, acompanhada por seu pai, estava intumescida pelo choque. Tinha sido acusada de destroçar o Porsche prateado de Gareth. PEDAÇO DE MERDA MENTIROSO tinha sido gravado com grandes letras de um lado ao outro do capô. O coração da Anna pulsava tão ruidosamente ao ver a fotografia que pensou que os policiais que a interrogavam deviam ser capazes de ouvi-lo. "Pedaço de merda mentiroso" eram as palavras que tinha gritado ao Gareth no bar diante de um montão de testemunhas. Anna não podia negar que as havia dito.

Seu carro tinha estado estacionado na rua debaixo de seu apartamento. Quando ele e Beth partiram aquela manhã, tinham descoberto o dano. Anna não tinha nenhum modo de provar que não escapou de noite ou inclusive não havia feito isso a seu carro antes que levantassem. Teve a oportunidade. Além disso, o motivo: ciúmes que seu ex estivesse com sua noiva. E os meios: uma faca tinha sido encontrada sob o veículo e, adivinha o que? Era de sua cozinha. Havia pedacinhos de pintura e sem dúvida seus rastros digitais, já que era sua fodida faca. Anna desejou havê-la usado contra sua garganta.

Chegados aquele ponto, Anna tinha pedido para falar com um advogado e uma hora mais tarde contou a um incrédulo tipo a triste historia inteira desde o começo. Sentia-se como apanhada em um labirinto onde Gareth lhe obstruía cada saída. Adiantava-lhe constantemente.

Quando chegou seu pai, estava tão furioso que logo que podia falar. Seu rosto permaneceu de uma vívida cor marrom-avermelhada durante todo o trajeto de carro. Sem importar as vezes que negasse haver feito nada, ele nem se alterou. Anna estava tão doída que deixou de lhe falar. Levou-a seu apartamento e a deixou bruscamente na porta.

Anna quis chamar o Gareth e lhe gritar, mas em troca jogou o ferrolho interno da porta, juntou todos seus potes e painéis e os pôs diante, assim se inteiraria se forçavam a porta para entrar. Desprendeu o telefone e comprovou que seu celular estivesse desligado. Se Beth pensava que ia ficar aí essa noite, merda, já podia ir esquecendo.

Dormir era impossível, Anna serviu uma taça enorme de vinho, preparou a banheira, esvaziou o que ficava da cara garrafa de gel de abacaxi de Beth na tina, e depois de fechar com chave a porta, despiu-se. Anna conteve a onda de cólera que sobreveio ao não poder sentir-se a salvo nem em sua própria casa. Comprovou a temperatura com um pé e se meteu na água.

Ao sentir-se afundada em algo quente se tranquilizou. Um bom gole de vinho e Anna suspirou. Oxalá não se sentisse tão sozinha. Era foddidamente difícil não lamentar-se de sua má sorte quando parecia que todo mundo estava contra ela. Jax não tinha estado. Só que ele não contava. Anna deslizou os ombros pela banheira até que teve o pescoço rodeado de espuma, seus joelhos dobrados de lado. Jax. Soprou à espuma. É que todos os caras eram iguais? Uma transa rápida? Uma fodida e já está? Porque ao final, acaso não era o mesmo com o Gareth? Anna não podia pensar o que outra coisa podia ser. Seu ego não tinha sido capaz de aguentar seu rechaço. Acreditava-se que era tão parecido a um deus que ela tinha que cair a seus pés. Não o tinha feito, e por isso se estava vingando.

Com os olhos fechados, Anna se obrigou a tirar Gareth da cabeça. Inclusive o mentiroso Jax era melhor que ele. Muito melhor. Sua mente vagou a um mundo onde ele não estava casado e

¹⁵ Baile popular italiano muito movido. Quer dizer, que o coração lhe palpita muitíssimo. (N. da T)



não tinha filhos.

—Quero fode-la, pequena gatinha.

Eram as palavras da Anna, mas era a voz do Jax o que ouvia. O apertão familiar entre suas pernas lhe fez afundar-se mais na água, até que lhe tocou a boca. As mãos da Anna passaram de seus quadris a sua vagina. Usou o polegar e o primeiro dedo de uma mão para esfregar seu clitóris e o dedo de sua outra mão para pressionar seu interior com impulsos curtos. Durante um momento se sentiu mal, era uma ação mecânica em que não tinha o coração posto, mas imaginou ao Jax em sua cabeça, seu sorriso com covinhas, seus suaves beijos, seu grande pênis e tudo desapareceu.

Os pensamentos da confusão no que estava se afundaram sob a superfície ao ir à tensão. As mãos da Anna já não jogavam com sua pequena coisa dura, se não que eram os dedos do Jax esfregando, penetrando-a. Anna gemeu quando os tremores a transpassaram. Retorceu-se, ficou de joelhos e agarrou uma toalha para o rosto. Apoiando a frente no bordo da banheira, esfregou-se com o tecido áspero e molhado atrás e adiante entre suas pernas.

—Assim, gatinha?

Sim, gostava. Estava começando um fogo, faíscas disparando do ponto de fricção, o calor derramando-se por seu estômago. Anna empurrou mais duramente o tecido, forte contra seus clitóris e na fenda de seu traseiro. Podia sentir o pulsado de seu coração aumentado, ouvir sua respiração desigual enquanto se levava a liberação.

Ainda não. Deixou cair o pano e se girou para os grifos, ajustou a temperatura e levantou as pernas da água, as estirando em cima da parede do banho.

Anna se inclinou atrás sobre seus cotovelos e manobrou sua parte posterior a frente até que o jorro da água caiu sobre seus clitóris. Com cuidado. Muita pressão era perigosa. Não estava tratando de alagar seu corpo, mas a vibração implacável da água caindo enviava estremecimentos de prazer por toda ela. Já não necessitava dos dedos. Anna deixou cair os braços junto a seu corpo e estirou-se com a cabeça sob o sabão e a água. Gozar ou afogar-se.

Talvez ambas as coisas.

Anna se abandonou a onda sobre a praia. Pequenas e crescentes contrações até chegar a grande onda que a estrelaria contra a areia. Quase não queria que acontecesse, embora lutar contra o orgasmo estava além de seu alcance, seu agarre muito poderoso para resistir. Anna saiu de repente da água, respirando ar fortemente e então caiu de lado e se derrubou no calor, dentro e fora. Despertou de repente e chiou. A água estava quase ao bordo da tina. Anna girou a chave do registro e puxou o plugue. Merda tinha estado perto. Não queria enviar à mulher que vivia debaixo dela a casa de sua irmã, não se saía com um tipo como Gareth. E justo assim o humor da Anna caiu a chumbo como o peso de um elevador. Esconder-se não servia de nada. Tinha que fazer algo.

Anna ficou de pé, agarrou uma toalha e começou a secar-se.

Tinha a gravadora. Meios. Tinha um motivo. Vingança. Precisava criar a oportunidade. Era questão de enrolar ao Gareth para que revelasse o que tinha feito e logo passar à polícia. Não acreditariam que alguém estivesse o suficientemente louco como para destruir seu próprio Porsche e Anna tinha a intenção de mostrar quão equivocados estavam.

Capítulo 13

Quando Jax chegou à estação de metro, havia tantas pessoas lendo o jornal gratuito Metro e rindo, que agarrou uma cópia para ver o que era tão divertido. A página principal mostrava uma fotografia a cor de um Porsche prateado. Rajado, em um lado em maiúsculas estavam as palavras MENTIROSO PEDAÇO DE MERDA. Era de uma vez simpático e nada gracioso. Jax deu um passo para a escada rolante. Quem fora o responsável não tinha sido capaz de colocar todas as palavras em um lado assim que as tinha posto de cima abaixo. Uma completa confusão. Jax estremeceu ao pensar que algo assim pudesse passar a seu carro. Continuou lendo o artigo.

—Ex-noiva Anna Shelton... quem...

O que? OH, Jesus. Jax apertou mais forte o jornal e seguiu lendo. Quando chegou ao final da escada rolante por pouco caiu. Merda. Gareth. Anna. Tinha que ser ela. *Que diabos tinha feito?* Inferno de merda. Jax pensou em seu BMW e deixou de andar. Uma mulher tropeçou com ele desde atrás. Ela o olhou furiosamente e Jax pediu perdão. Assegurou-se de entrar em um vagão diferente do metro. Já tinha atraído a suficientes mulheres loucas para toda uma vida.

Graças a Deus não tinha sido possível contatá-la ontem. Graças a Deus que não sabia onde vivia. OH Deus, pensava que vivia na casa de sua irmã. O que faria com essa informação? *Merda.* Oxalá não a tivesse conhecido. Oxalá... só que não era verdade. Jax não desejava não havê-la conhecido.

O que infernos estava acontecendo? Como havia chegado a conclusão que o havia feito ela tão rapidamente? Que o dissessem os jornais não o fazia verdade. Se acreditasse tudo o que lia, acreditaria-se que os morcegos comiam bebês e que Elvis vivia em Warrington. Anna o havia dito que o tipo era um bastardo. Descreveu até onde tinha sido capaz de chegar. Mas, que tipo lhe faria isso a seu próprio carro? Jax pensou em seu BMW. Nem pensar. Ele não o faria, mas claro, ele não era um bastardo. Bom, não muito. Jax elevou a vista quando chegaram a seguinte parada. Merda, passou a sua.

Quando Anna viu a primeira página do jornal Metro pensou que ia vomitar. Leu o que dizia, leu-o outra vez para assegurar-se que não tinha omitido algum dado importante e em troca passou sua parada. Como tinha se informado a imprensa? Gareth devia haver informado. Justo quando pensava que conseguiria superar, o engenhoso bode se revoltou e tinha dado um bofetão na cara.

A primeira coisa esta manhã tinha sido uma chamada da delegacia de polícia dizendo que Gareth tinha pedido que todos os cargos contra ela fossem retirados. Aparentemente não era tão fácil como isso.

Agora era coisa da polícia decidir se ia adiante ou não. Uma pequena parte da Anna queria chegar a julgamento, mas sabia que não chegaria tão longe. Sem o Gareth atrás, não teria sentido continuar. Mas o dano parecia.

A uns metros de distância do edifício onde trabalhava, seu celular vibrou no bolso. Anna já tinha decidido não responder a nenhum número que não conhecesse, suspeitando que os abutres da imprensa nacional fariam com a história. Era a típica história horripilante que os atraía. Calar se era o único modo de devolver a dignidade. Exceto todos seus amigos saberiam. Todos no trabalho. *Jesus.* Mas não, era a agência de contatos. Esqueceu deles.

—Imagino que sabe por que a chamou — disse Janine, sua voz muito aguda para que fossem boas notícias.

Anna não tinha a coragem de perguntar se tinha conseguido um encontro com o George Clooney, mas não o poria fácil.



—Não — disse ela.

—Os cavalheiros com os que me pus em contato ontem para lhes dar seus dados chamaram para dizer que já não estão interessados em conhecê-la. Não acredito que nenhum de nossos clientes seja conveniente.

Anna contou até cinco antes de falar.

—Entendo. Espero que meu cartão de crédito seja reembolsado hoje.

—Menos nossos gastos.

Janine cortou a conexão antes que Anna pudesse fazê-lo. Quase imediatamente havia outra chamada. Anna se apoiou contra os trilhos fora de seu edifício de escritórios e aproximou o telefone ao ouvido.

—O que? —perguntou Anna a Beth.

—Gareth me chamou para me dizer que havia dito à polícia que não quer que seja processada. Não merece sua caridade.

Anna apertou o interior de suas bochechas com os dentes.

—Não entendo por que se comporta assim. Estávamos acostumados a nos dar bem, verdade? Por que não quer que seja feliz?

—Faço — sussurrou Anna.

—Bem, suponho que se ele pode te perdoar, eu também.

Anna não disse nada. Quase poderia ouvir bulir ao Beth porque Anna não tinha agradecido.

—Ainda queremos que venha a nossa festa no Drifters na sábado.

Ah merda. Outro problema. Anna tomou um gole grande de ar.

—Beth, por favor, me escute. Não toquei no carro de Gareth. Por algum motivo completamente além de minha compreensão, tomou-a comigo. O arranhou ele mesmo. Beth ele está te usando. Por favor, não confie nele. A outra noite ele...

Beth desligou. Anna não recordava haver-se sentido nunca tão mal. Uma vez chegou a seu escritório, a víbora a enviou imediatamente ao diretor administrativo. Anna tinha o pressentimento que logo ia se sentir pior. Ela não era uma desertora, mas escapar ao continente parecia um bom plano. Anna se defendeu diante do MD, mas ele não acreditou. Mais problemas com a lei e eles teriam que demiti-la. Bla bla bla. Resulta que o tipo conduzia um carro. O tipo passou de conduzir ao Porsche. A miséria seguia amontoando-se.

De volta a sua mesa, a concentração da Anna era nula. Traduziu uma carta sobre umas peças de mármore perdidas e quando a leu viu que tinha escrito que a companhia de transportes tinha perdido seus mármores. A Víbora não acharia divertido. Sabine sim, mas agora estava ocupada fazendo ver que Anna não estava na sala.

Will se sentou com os pés em sua mesa, café em mão e uma cópia do Metro na outra e a boca aberta.

—Contente de não ter um Porsche, Agente Thorne? —disse seu chefe.

— Ou uma amante ciumenta, já postos.

Will tirou os pés do escritório e derramou café no jornal.

—Sim, senhor.

—A gente pensaria que estas mulheres têm coisas melhores que fazer. Tem sorte que o cara queira deixar do jeito que esta. É um bom caso contra ela. Pisa na faca, um motivo forte, nenhum álibi. Apostaria cada centavo que tenho por ela. Custará uma fortuna arrumá-lo.

—Que motivo? —perguntou Will.



—Ciúmes. Seu namorado a deixou por sua irmã. Vão se casar. Não há fúria no inferno, né?¹⁶

Assim que o homem maior se foi, Will agarrou o telefone. Dez minutos mais tarde o pendurou de novo. Resulta que conhecia um cara da delegacia de polícia onde tinha acabado o caso. Gareth Kniveton tinha aparecido na quarta-feira pela manhã a vezes exigindo que Anna Shelton fosse detida, jogada ao cárcere e que jogasse fora chave. Queixou-se que o tinha acossado depois que tivesse terminado com ela. Apesar da evidência em seu contrário, Anna, com voz tranquila e persistente, tinha proclamado sua inocência. O amigo do Will disse que não parecia uma louca perseguidora, mas quem conhecia as mulheres? Esta manhã, Kniveton tinha estado igual de vociferante exigindo a polícia deixar tudo. Suspeitava de algo o colega de Will? Mais ou menos. Suspeitava Will? Sem dúvida alguma.

Chamou Jax.

—Tem um minuto? —perguntou Will.

—Para você, dezessete segundos.

—Muito gracioso. Imagino que já...

—Sim.

Os dois disseram as mesmas palavras de uma vez.

—Ela não o fez.

—Merda — murmurou Will.

—Tiraram os cargos? —perguntou Jax.

—Não formalmente, embora provavelmente o façam. A companhia de seguros poderia provar com ela.

—Estou seguro que ela não fez, Will. Explicou-me como era este tipo. Estendeu uma armadilha para ela.

—Sim.

Houve um silêncio comprido.

—Vá vê-la — disse Will. — Ao trabalho ou a sua casa. Ela... ela necessita de um amigo.

—Quero ser mais que isso.

Will suspirou para estabilizar sua voz.

—Sei — desligou o telefone.

Jax agarrou seu telefone uma dúzia de vezes para chamar Anna e ao final não o fez. Tinha que vê-la porque não queria arriscar-se a que desligasse o telefone. Jax estava sem saber o que fazer indeciso. O trabalho, um desastre. Não podia concentrar-se. Tinha que comprovar tudo o que fazia duas vezes. Anna interrompia tudo. Pensamentos sobre seu corpo, de percorrer seus seios com suas mãos, de afundar seu pênis dentro de suas rosadas dobras para fazê-la esticar-se em torno dele enchiam sua mente. A foderia uma e outra vez até que esquecesse todos seus problemas e só recordasse dele.

Quando Jax se encontrou batendo punheta no banheiro de homens, quase se assustou. Mas o que merda passava? Anna certamente não havia voltado a pensar nele. Estava se comportando como um adolescente, assim é como estava fazendo sentir: de novo jovem.

Ao final, marcou o número de seu escritório para comprovar que ainda estivesse no trabalho e logo foi diretamente ali para tomar posição fora na rua. Tinha saído logo do trabalho pela primeira vez em anos, sustentando flores, e umas quantas sobranceiras se arquearam.

¹⁶ Frase inglesa incompleta: Não há fúria no inferno como a de uma mulher despeitada. (N. da T.)



Quando Anna saiu quase a perdeu. Usava um traje de saia cinza, camisa rosa e corria com a cabeça encurvada rua abaixo. Levantou-a uma vez e justo então cinco fotografos estiveram sobre ela, rodeando-a, colocando as câmeras no rosto. Ela se sacudiu, dirigindo-se ao tráfico, e por um momento ao Jax parou o coração ao pensar que a tinha atropelado um carro. Quando começou a caminhar para ela, pôs-se a correr em direção contrária.

—Merda — vaiou Jax, sabendo que ela ia fazer as coisas pior.

Ele seguiu aos sabujos.

Anna não podia correr mais à frente. Seus pés a estavam matando. Seus pulmões dóiam. Perguntou-se por que tinha começado a correr em primeiro lugar, por que não os tinha confrontado. De todos os modos tinham suas fotos. Eles conheciam seu nome. Provavelmente sabiam que papel higiênico comprava e quem a atormentou na escola. Tomou uma boa inspiração de ar e se deu a volta.

—Anna, por aqui.

—Por que o fez?

—Nos dê um sorriso.

—O que vai acontecer agora?

—Há alguma possibilidade que voltem juntos?

Então ela o viu, de pé detrás, um buquê de flores em sua mão, sorrindo. Embora tentou que seu coração não se emocionasse, seguia pulsando. Não queria ter esperanças, mas engasgava a garganta. *Casado. Com meninos. Flores para sua esposa*, disse uma voz em sua cabeça, mas ele caminhava para ela e Anna ficou ali de pé, desejando ser salva ou destruída.

—Já têm suas fotografias. Deixem-na tranquila — disse Jax.

—Foda-se — disse um dos fotógrafos.

—Foda-se você. Estão-na acoassando — Jax tirou seu telefone. — Vou a chamar à polícia.

A imprensa desapareceu como a névoa, mesclando-se entre as pessoas que pararam para olhar até que ao final só ficou Jax.

—Não sou um mentiroso pedaço de merda — disse ele.— Não sou casado. Não tenho meninos. Essa era a casa de minha irmã. Estão nos Estados Unidos e cuido da casa.

Anna deixou ir um comprido suspiro, uma expiração de cada pensamento negativo que tinha tido dele. Suspirou e olhou Jax, recordando cada detalhe do que tinham feito.

Ele deu um passo para ela.

—Mas nem te ocorra pensar em mutilar meu carro.

—Eu não...

—Sei — ele sorriu e lhe ofereceu as flores.

—Para mim?

—Não, para o precioso pássaro atrás de você.

Anna começou a dar a volta e de repente estava em seus braços e a beijava. Lábios suaves apertados contra os seus, sua língua que ia acendendo o caminho para sua boca. Vagamente registrou que já não sustentava as flores e logo Anna deixou de pensar e só sentiu. Os braços do Jax a mantinham a salvo, suas fortes mãos acariciavam suas costas, seu doce beijo, seu corpo firme sob seu toque, seu pênis rígido entre eles.

Uma mão em suas costas, deslizando debaixo de sua jaqueta, a sua pele, fazendo-a arder. Um movimento rápido. Sutiã desabotoado e Jax suspirou em sua boca. Seus dedos se moveram pouco a pouco, com toques como plumas sob seu seio e se aproximou para tocar seu mamilo. Um braço a mantinha perto enquanto jogava com ela, fez que a cabeça desse voltas pela luxúria até



que esteve tão longe do mar que Anna perdeu de vista a praia.

—Busquem um quarto.

A brincadeira os trouxe de volta. Jax se arrancou de sua boca com um ofego e sustentou ambos os lados de sua cabeça com suas mãos.

—Esqueci onde estamos. Fez-me esquecer de onde estamos. Nos prenderão —sussurrou ele.

Anna passou sua mão por sua ereção.

—Não, você será detido.

Ele riu. Ela se inclinou, recolheu as flores e as deu.

—Camuflagem — disse.

—Vem para casa comigo — disseram ao mesmo tempo e riram.

—Por favor — disse Anna e ofereceu sua mão.

Capítulo 14

Jax segurou a mão de Anna. O simples prazer de sentir seus dedos entrelaçados tinha tido seu pênis grunhindo, mas escondido e seguro atrás da mescla de cravos rosados e rosas cor creme. Nunca voltaria a ver flores da mesma maneira.

—Onde vive? —perguntou ela.

—Cinnabar Wharf.

A mente de Jax passou a outra ideia. Pensou em Will, o estado do dormitório e a impossibilidade de fazer o que ele tinha querido que era arrastar a Anna diretamente ali e mostrar quão contente estava de tê-la de novo em sua vida.

—Compartilho com um tipo chamado Will — disse Jax. — É detetive na Polícia londrina. Melhor o chamar e aviso para que baixe a tampa do vaso.

Anna riu.

—Talvez seja melhor que vamos a algum lugar para comer. Temo que se não poderíamos morrer de fome —disse Jax, perguntando-se se isso daria bastante tempo ao Will para limpar.

—Bem.

—Há um pequeno lugar italiano justo na esquina, perto do apartamento. Não é vegetariana ou algo, verdade?

—Vegetariana ortodoxa e extremamente alérgica à salada.

Jax riu em silêncio e apertou seus dedos. Seu pênis ainda protestava, mas não precipitaria nada. Ela merecia mais que uma corrida à cama. O fato era que tinha que chamar o Will e pedir, OH Deus, que tirasse suas coisas. O coração do Jax esmurrava detrás das costelas. Que demônios Wile ia pensar? Jax tinha que falar com ela a respeito do Will e ele, mas acabava de encontrá-la. Não podia dizer tudo ainda.

Com a Anna colocada em uma mesa na esquina, Jax escapou ao banheiro. Will respondeu ao primeiro toque.

—Olá, o que acontece? —disse Will.

—Estou no Gino's com a Anna.

Jax não omitiu a leve vacilação antes que Will falasse.

—Isto é genial.



—Necessito que me faça um favor — disse Jax. — Está em casa?

—Poderia ir — a voz do Will era plana.

—Cristo, não necessito que vá, companheiro — disse Jax. — Ela não entrou em pânico quando disse que era um tira.

—Ta! Ta! Então o que quer?

Agora Jax vacilou. Will suspirou.

—Quer que volte a tirar minha roupa, agarre o anel para o pênis e que saia de sua cama?

—Algo assim — resmungou Jax.

—Não se preocupe. Não te defraudarei.

Will cortou a conexão. Jax inclusive se perguntou por que havia feito a chamada. Poderia ter ido a casa da Anna. Não era que não confiasse no Will, mas Jesus, os lençóis, o lubrificante, as algemas, todos os brinquedos e a parafernália... não queria espantá-la.

—Eu gostaria de uma pizza quatro queijos — disse Anna quando ele se sentou.

—E de beber? Anna vacilou.

—Branco ou tinto ou algo suave? — perguntou Jax.

Olhou e seus lábios se curvaram em um sorriso. Jax suspirou.

—Não posso remediar. Não podia levar as flores ao banheiro — ele entreceitou os olhos. — Embora você pudesse me dar uma mão.

—Logo, se for bom. Tinto, por favor.

O garçom fez o pedido, Jax aproximou sua cadeira mais a Anna e lhe passou o braço pelo ombro.

—Que tal está seu traseiro?

—Muito melhor.

—Bem, assim enquanto meu cérebro ainda especula me diga que demônios esteve acontecendo desde que desapareceu de minha cama sem me dar um beijo de adeus.

—Abreviando — disse Anna e tomou um fôlego profundo. — Gareth e Beth agora estão prometidos. A casa da Beth se alagou. Ela se mudou para minha casa. Gareth diz que tenho que lhe suplicar que me foda ou fará da vida de Beth um inferno. Para demonstrar que vai a sério, ele danificou seu próprio carro e disse à polícia que fui eu.

—Nada fora do normal, então?

Isso arrancou um sorriso dela. Jax retorceu os dedos em seu cabelo.

—Não disse que Gareth podia ficar com Beth em minha casa, mas suponho que deveria ter sabido que aconteceria. Ele me assustou. Entrou em meu dormitório e pensei que ele...

Jax agarrou seus dedos.

—Em seu dormitório? Te fez mal? Anna sacudiu a cabeça.

—Não realmente. Já disse que ele quer que eu lhe suplique sexo. Isso não vai acontecer.

Jax foi às nuvens. Que merda pensava que estava fazendo esse tipo?

—Sei que isto vai soar paranoico, mas estou segura que Gareth organizou o da inundação de Beth. Acredito que entrou no apartamento do menino de cima e deixou abertos os registros do banho. Tive que deixar Beth ficar. Depois do tema do carro foram ontem de noite, mas... posso ficar contigo esta noite? Talvez uns dias?

Jax afirmou com a cabeça e a beijou.

—É obvio que pode.

Jax chamou Will a vozes quando abriu a porta do apartamento. Não houve resposta.

—Wow, este lugar é enorme — disse Anna.



—Três dormitórios neste nível, um salão no seguinte, e uma terraço no terraço de cima. Mostrarei-lhe isso.

Jax ainda a tinha agarrada da mão. Queria começar pelo dormitório, mas não. E se Will...? *Vê sobre seguro*, disse-se.

—O terraço — Jax puxou dela para as escadas.

Ele estava só meio escutando os comentários da Anna. Não só não havia sinal do Will no seguinte nível, se não que o lugar estava impecável. Havia champanhe em um balde com gelo na cozinha. Uma sincera demonstração por parte de Will para dizer que tudo ia bem, ou uma punhalada para fazer sentir culpado ao Jax? Verteu duas taças do espumoso e alargou uma a Anna.

—Não posso acreditar que haja dois homens vivendo aqui —disse ela. —Isto está tão ordenado. Tem uma faxineira ou algo?

—Ou algo. Vem e olhe o terraço.

Conduziu-lhe pela escada e Anna ofegou quando saiu ao terraço.

—Vista e um jacuzzi? —disse.

—E você — Jax beijou seu pescoço. — Gatinha, não estou seguro de quanto tempo mais poderei evitar te arrancar a roupa. Meu pênis não está muito impressionado por meu controle. Suspeito que minhas bolas estão martelando na garganta e não posso recordar a última vez que me senti assim por foder com uma mulher. E quero te foder, gatinha. Quero meu pênis dentro de sua quente vagina e seu lindo rabinho.

Anna choramingou. Jax a fez virar de frente ao Tâmesis e a apertou contra seu peito.

—Você gosta quando falo sujo? —sussurrou-lhe ao ouvido.

—Estava falando? Sinto muito, não estava escutando. Jax riu.

—Não estou seguro que qual pedacinho seu quero provar primeiro. Suas lindas orelhas, seu sedoso pescoço, esses alegres mamilos ou sua vagina. Descida ver de quantas maneiras posso fazer que goze e quão alto posso te fazer gritar. Esteve em minhas fantasias desde que te vi se pendurando daquela grade, mas quero fazer realidade. Pergunto-me quão valente é.

—Uma vez me queixei porque meu bife era muito grande. Jax sorriu de orelha a orelha sobre seu cabelo.

—Deixa de tentar me distrair. Estou pensando em couro negro e cinturões apertados e sexo duro e...

—E o que?

—Mais tarde — murmurou.

Sua mão se moveu para seu peito e o espremeu. Anna, estremecendo, deixou escapar o fôlego.

—Eu gosto de seus seios — sussurrou Jax. — O meu pênis gosta dos seus seios. Quer fazer uma cama entre eles, roçar ao longo desse suave vale e logo explodir contra sua garganta. Quero meu sêmen por toda parte sobre você, sua nata por toda parte sobre mim. Ah merda, tem que tomar pílula. Não quero usar camisinha. Quero te sentir em meu pênis.

Ela tremeu contra ele.

—No que pensa? —perguntou ele.

—Tem que deixar de me falar. Jax riu.

—Posso confiar em você? —perguntou ela.

Jax enterrou seu rosto em seu pescoço. Confiar nele? De que modo? Mas só poderia dar uma resposta.



—Sim.

—Estou tomando pílula. Ele se ondulou contra ela.

—Deixa de me falar.

—Você está limpo, Jax?

Não realmente, mas sim o era no sentido que ela perguntava.

—Estou limpo, sim.

Anna se retorceu para olhá-lo.

—Já basta de conversar.

Então ela o beijou. Nada de um doce roçar de seus lábios e os dela, se não um beijo poderoso que golpeou ao Jax como um trem. Fodeu a boca com sua língua. Seu desejo por ela passou de intenso a absoluto. Era pela combinação de anjo e demônio, sua doce inocência e sua malvada mente? Jax lhe gemeu na boca. Ia voltar-se o louco.

Anna tinha o olho posto na jacuzzi, mas Jax a propulsou abaixo duas escadas ao primeiro andar.

—Qual é o banheiro? —perguntou Anna. — Não quero cometer nenhum engano, no caso de ter um armário cheio de cabeças de mulher.

Jax acariciou seu queixo.

— Começa a notar minha barba azul?

Anna passou seu polegar pela barba de dois dias.

—Sim e é muito sexy, mas não quero que me arranhe. Já tenho o rosto o suficientemente vermelho no trabalho.

—Me barbearei rápido. Cada dormitório tem seu próprio banheiro.

Empurrou e abriu a porta, olhou dentro e a fez entrar. Anna perguntou-se se não o tinha imaginado, mas pensou que tinha ouvido um pequeno suspiro de alívio. Tinha que deixar de suspirar constantemente de alívio. Jax não estava casado. Tinha-a encontrado.

Tinha-a salvado de uma manada de cães. Só que como a havia encontrado? O jornal não dizia onde trabalhava. O sorriso se desvaneceu.

—Espera aí. Faz ver que é uma estátua — disse ele.

Anna caminhou para uma janela. Outra grande vista do rio. À esquerda podia ver no céu a grande luz laser do Greenwich Observatory. Perguntou-se se Beth e Gareth estariam em seu apartamento, se lhes importaria onde estivesse ela.

O dormitório do Jax era o dobro de tamanho que a sala de estar da Anna. Uma cama enorme coberta por um edredom azul. Guarda-roupas embutidos com portas de espelho. Gabinetes de madeira clara e gavetas. Uma grande TV de tela plana fixada à parede.

—Acredito que você foi um desastre no teatro quando estava na escola — disse Jax atrás dela. — Se pôs a correr por todos os lados quando lhe disseram que fizesse uma árvore?

—Não sou boa ficando quieta.

—Tampouco eu — levou a mão dela para seu rosto e a deixou sentir sua barba barbeada.

—Obrigado.

—Acredito que eu gostaria de um “strip-tease” lento — disse Jax e se deixou cair na cama, colocando-as mãos atrás da cabeça.

Anna se aproximou do pé dele.

—Né! Mas não eu.

—Posso te despir devagar.

Tirou-lhe o sapato, logo com cuidado, tirou as meias de seu tornozelo, puxou dele com o



passar do pé e com ele açoitou os dedos do pé. Quando lhe massageou o pé, Jax gemeu. Anna esfregou e torceu cada dedo do pé, usou seus polegares para apertar sob seu arco e logo deslizou suas mãos dentro de sua calça a cada lado de suas panturrilhas e amassou os músculos.

—Ah Cristo. O que está fazendo?

—Um lento e provocador strip.

Anna repetiu a ação com o outro pé e enquanto ele tinha os olhos fechados, ela se livrou de seus sapatos e jaqueta.

—Proibido tocar — disse ela enquanto se inclinava para desabotoar sua camisa branca. Anna deslizou os dedos pelo seu peito, excitando sua pele com uma carícia emplumada antes de ir para baixo. Quando sua camisa esteve aberta puxou de suas calças, logo se inclinou para lambar um mamilo marrom, desenhando-o entre seus dentes,

Chupando-o com cuidado antes de estalar sua língua sobre o duro pedaço. A mão de Jax tocou seu quadril.

—Né! O que lhe disse? —disse.

—Se for mau, me castigará?

Anna o olhou nos olhos. Jax era alguém que empurrava os limites. Empurraria com ele ou seria empurrada?

—O que preferiria? —Anna perguntou. — Recompensa ou castigo?

Ela não tinha nem ideia do que falava, mas quando Jax tinha jogado aqueles fotógrafos, seu entusiasmo tinha saltado como um cais. Era de novo uma menina em véspera de natal, sabendo e não sabendo o que ia vir. Um olhar a Jax acendeu sua luxúria ao máximo. Não somente seu aspecto físico era ele. Poderia ser perigoso, mas algo lhe dizia que podia confiar nele.

—Escolhe você — disse ele, sua voz rouca.

Anna sacudiu sua cabeça. Ah Deus, se ele a tocava agora, ela se desfaria. Podia sentir a umidade em sua calcinha. Um toque a enviaria a voar. Seu clitóris zumbia, seu coração martelava. Quase era uma surpresa que recordasse como respirar. O que diria ele? Que diabos ia fazer ela? A recompensa ou o castigo poderiam ser o mesmo. Ele nunca saberia.

—Castigo — sussurrou ele e Anna poderia ter jurado que lhe obscureceram os olhos.

Ela se inclinou um pouco mais perto de sua cabeça.

—Que buscas? —Jax perguntou.

—Presas.

Ele riu e se sentou enquanto ela puxava sua camisa.

—Acredita que sou um vampiro?

—Homem lobo.

Anna tirou a saia e a pôs sobre o respaldo de uma cadeira. Logo sua camisa. Teria que usar a mesma roupa outra vez amanhã. Quanto menos enrugada, melhor. Voltou-se para confrontar Jax levando seu sutiã de cetim azul pálido e seus correspondentes, ambos os artigos rematados com um laço negro.

—Ah Cristo — Jax soprou.

—Nada de tocar, recorda.

Anna pôs seus joelhos a cada lado dos dele e pinçou no botão de suas calças.

—Coloca a barriga para dentro. Não posso abri-lo, está muito gordo. Jax grunhiu.

—Você sabe malditamente bem que não é isso o que acontece. Há um presente para você ali. Estive mantendo-o seguro.

Anna abriu o botão e baixou o zíper. O suspiro de alívio do Jax, quando o teve totalmente



abaixo, fez-lhe soltar uma risada. Seu pênis se sobressaía anguloso de uns tentadores bóxers.

—Ohh, uma das pirâmides menores egípcias — disse Anna.

—Anna!

Então ela meteu o pênis na boca, expirou quente fôlego por ela através de seus bóxers e o calou de repente. Provou o salgado pre-sêmen da mancha úmida e chupou o tecido, atirando da cabeça de seu pênis até que ele levantou os quadris da cama. Suas mãos agarraram a cintura dela e Anna se tornou para trás.

—Menino travesso. Disse não tocar.

Jax deixou cair suas mãos na cama.

—Me castigue. Posso suportá-lo.

—Tem pinças?

—Não.

—Ah, essa resposta foi muito rápida, Jax. Está mentindo. Anna estava passando bem. Não estava muito seguro se ela estava tirando o sarro e a mudança de menino totalmente crédulo a um nervoso, mas disposto a que ela tomasse o controle o fez sentir faíscas por todo o corpo. Tirou suas calças e as dobrou cuidadosamente antes de colocar no respaldo de uma cadeira.

—E o que tem que um látego? —perguntou ela.

—Acredito que pode ter um no armário.

Anna ofegou e ele riu dissimuladamente. Quase a tentava a olhar.

—Assim qual é meu castigo? —perguntou.

—O que é a pior coisa que te vem à mente? —Anna deslizou suas mãos por seus bóxers e os separou de seu pênis e os desceu por suas coxas.

—Pinças.

—Além de pinças.

—Que me deem com uma pá no traseiro. Anna riu.

—Isso não me apaixona. Pensei em algo que realmente você não gostará.

Ele parecia tão preocupado que Anna teve que morder os lábios para conter a risada.

—Nada de sexo. Vamos dormir um ao lado do outro e sem nos tocar — disse.

Jax soltou um ruidoso grunhido e a gota de pre-sêmen que se estava formando na ponta de seu rosado pênis caiu sobre sua barriga.

—Não, não, não, não — se queixou e se levantou sobre seus cotovelos para fulminá-la com o olhar. — Se acabou o jogo. Quer em cima ou em baixo? Essa é toda a escolha que tem.

—Vamos.

Anna desabotoou o sutiã, tirou a calcinha e avançou lentamente em cima do corpo de Jax, deixando cair beijos ao longo de sua pele, brincando com o pelo do interior de suas coxas com seus lábios até que ele se retorceu e a agarrou pela cabeça. Seu saco estava cheio e pesado, a enrugada pele firmemente estirada. Anna arrastou seu dedo ao redor, riu quando se juntaram e separaram-se. Os quadris de Jax se levantaram da cama.

Ele puxou dela para que deslizasse por seu corpo e a pudesse beijar. Uma mão sustentava seu queixo, a outra a colocou entre suas pernas. Um golpe de seu polegar perto de seu clitóris e Anna gozou, cega por um momento, espirais de impulsos elétricos percorrendo seu corpo, unindo-se às contrações de sua vagina. Jax apertou mais fortemente seus lábios contra os dela e engoliu seu orgasmo enquanto ela ofegava uma e outra vez em sua boca.

Anna é mais linda que uma gatinha, pensou Jax enquanto tremia contra ele. Desfez-se como um merengue, toda suave e doce. Seu saco doía tanto que não estava seguro que alguma vez lhe

perdoassem o perpétuo baile entre a dor e o prazer, mas, desesperado como estava, havia um par de coisas que queria fazer antes de fode-la. Jax deu um suave empurrão nas costas. Seus mamilos estavam duros, projetando-se para sua boca para chupar, lambe, beliscar. Ninguém poderia haver resistido. Ele grunhiu profundamente em sua garganta e os agarrou. Só quando se sentiu satisfeito ao havê-la posto em um estado de frustrante desespero, deslizou para baixo.

Anna cheirava a sexo, a luxúria e paixão, e o pulso de Jax saltou ao pressionar seu rosto contra suas dobras e lambeu. Sua gostosa nata cobriu sua língua e fez água a boca. Seu pênis soltou um jorro de advertência que a areia quase tinha chegado à ampulheta¹⁷. Jax usou seus ombros para separar suas coxas e afastou suas inchadas dobras com os lábios para poder capturar o clitóris com os dentes. Ela deu um coice quando ele beliscou, seus dedos se enroscaram em o cabelo dele, mas não o afastou.

Enquanto Jax jogava com o diminuto pedacinho de carne, ele estendeu os braços até que colocou as mãos em seus seios, girando seu dedo indicador e polegar sobre seus mamilos. Marcou um ritmo, um contato duro depois de outro, do seio aos clitóris ao seio, cada vez mais rápido até que Anna se retorceu baixo ele, ofegando seu nome, e Jax soube que se não se metia dentro dela nos próximos segundos, gozaria por todo o lençol.

Com um fluido movimento, deslizou debaixo, colocou-a sobre seu furioso pênis e deixou que ela se empurrasse para baixo. O indescritível prazer, a sensação de chegar em casa, de sentir-se quente e bem, fez que explodissem estrelas em sua cabeça. Jax se tombou e a deixou montá-lo até levá-lo a esquecimento. O fato que ia gozar já não importava se ela ia com ele, e a respiração rápida e entrecortada da Anna indicava que faltava pouco.

Seus quadris se levantaram Jax não podia evitá-lo, e conduziu seu pênis em sua suave e sedosa vagina, deixou-a apertá-lo contra ele antes de retirar-se para dar o seguinte empurrão inclusive mais duro, mais eletrizante. Trabalharam ao mesmo tempo, seus movimentos perfeitamente emparelhados, e Jax deixou de se conter. Fracamente consciente do grito de Anna, um grito estrangulado explodiu em sua garganta. Fogo branco disparou a sua virilha e ele a encheu de um fervente rio de seu sêmen, jorro atrás jorro enquanto ela tremia, ordenhando seu pênis.

Ela caiu sobre seu peito e Jax a rodeou com seus braços, convertido em um satisfeito montão de músculos frouxos. Não uma gatinha, uma tigresa.

Capítulo 15

Will se tombou de costas em seu quarto, que quase nunca usava, em sua cama, que nunca usava e escutou Jax foder Anna. Nunca tinha imaginado quão finas eram as paredes, mas claro, nunca antes tinha acontecido nada em nenhum outro quarto. Will tinha tirado todas suas coisas do quarto de Jax, e tinha arrumado todo o apartamento. Will não podia evitar se perguntar se a próxima vez que trocasse suas coisas seria para as devolver onde estavam antes ou para as tirar do apartamento.

Deveria ter saído e haver-se apresentado quando Jax e Anna tivessem chegado, mas Will não havia estado seguro de poder comportar-se civilizadamente. Tinha passado por sua cabeça sair, encontrar uma mulher e trazer só que não gostava. Desejava que Jax sáísse e o levasse com ele,

¹⁷ Refere-se a um relógio de areia (N. da T.)



desejava aos três juntos... Will tirou as pernas da cama e ficou de pé. Nem mulher para compartilhar nenhuma mulher para ele somente; havia só uma maneira de livrar-se dessa ereção.

Entrando no banheiro, Will abriu a ducha fria. Isso deveria funcionar. Uma mão sob o gelado jorro de água e mudou de ideia, girando o registro à água quente. Havia outra maneira de se livrar do problema, e fazia um ano desde que ele fez isto sozinho no banheiro pela última vez não importava esta noite. Will usou sua mão para amassar seu pênis antes que seu cabelo estivesse molhado. Com a frente apoiada nos ladrilhos, os olhos fechados, um prático aparelho de ar condicionado e um pênis grosso e sensível. A mente de Will estava cheia de Jax, mas com a imagem adicional de um corpo suave entre eles, redondas curvas e seios suaves, pele sedosa e mãos doces. Os dedos de Will apertaram mais e moveu seu punho mais rapidamente.

Com suas longas e marrons pestanas descansando sobre suas bochechas e seu rosto depravado enquanto dormia, Anna pensou que Jax parecia anos mais jovem. O edredom tinha acabado aos pés da cama no calor da noite e os dois estavam esticados juntos lado a lado. Jax tinha uma mão rodeando seu próprio pênis e a outra repousava entre as pernas de Anna. Sua respiração relaxada assegurava que estava dormido, mas quando tentou se mover, sua mão pinçou mais profundamente e gemeu. Anna riu dissimuladamente. Golpes de excitação a atravessaram quando o olhou. Seu peito bronzeado e musculoso e suas longas e poderosas pernas eram perfeitas. Seu desordenado cabelo, perfeito. Seus olhos escuros, perfeitos. Anna tentou pensar se havia qualquer parte dele que não gostasse. Devia haver imperfeições, mas esperava que fossem perdoáveis.

Anna tinha a sensação que Jax era tão alfa dominante como podia ser um menino sem chegar a ficar a rugir e golpear o peito, mas a noite anterior havia se contido, sem pressionar. Perguntava-se se tinha que ver com o que lhe tinha tagarelado a respeito de Gareth. Talvez Jax se desse conta que era um mau momento para assumir o controle. A Anna não importava que a cuidassem, mas não o necessitava. Ainda e assim, gostava que Jax quisesse fazê-lo.

Suas necessidades eram mais físicas. A exigência de usar o banheiro se fez muito forte para ignorá-la, e arrumou para sair da cama sem incomodá-lo. Anna vestiu a camisa branca de Jax e grampeou os botões. Era o suficientemente longa para cobrir seu traseiro, assim se esqueceu da calcinha, o que parecia bem, já que as que tirou metade da noite estavam ainda molhadas. Uma vez resolvido seu necessidade imperiosa, Anna morria por uma xícara de chá e imaginou que poderia preparar uma para os dois.

Vamos, a luz entrava em torrentes pelas janelas. Outro dia cinza de Londres, mas Anna pensou em quão genial era que o apartamento não fora muito visível, a não ser que alguém tivesse um telescópio ao outro lado do rio. Ela se virou, subiu a camisa e mostrou o traseiro pela janela. Rindo, entrou na zona da cozinha, tudo liso, mármore reluzente e aço gentil, e revolveu entre os armários até que encontrou xícaras e saches de chá. Anna tirou o açúcar e duvidou.

—Não, ele não toma.

Anna apertou mais forte o pote e se deu a volta para encontrar-se com um homem alto e de cabelo escuro. Tinha os olhos mais preciosos que tinha visto em sua vida e as sobrancelhas franzidas mais desagradáveis. Quão único tinha posto era uma calça de pijama cinza. Seu peito era todo curvas e planos com uma linha de pelo escuro que conduzia A... levantou rapidamente o olhar.

—Assim que você é Anna.

—E você Will.

Ela deixou o açúcar e ofereceu a mão. Ele vacilou um momento e logo deu um passo



adiante. Por causa da expressão de seus olhos, Anna esperava uma saudação superficial, mas Will tomou forte e segurou sua mão. O que ela não esperava foi o raio que disparou desde seu braço e atravessou o coração, passando por entre suas pernas, antes de tocar terra. *Meu Deus. Que diabo foi isso?* Soltaram-se de uma vez e pelo que viu na expressão da cara do Will, ela não tinha sido quão única havia sentido algo. Eletricidade estática?

—Quer uma xícara de chá? —perguntou ela.

—Eu a faço — disse Will.

Anna captou o tom brusco e se perguntou o que ela teria feito.

—Sei como ele gosta — murmurou Will.

—Espero que não ache ruim que fique um pouco de tempo — disse ela ao seu muito agradável traseiro. Ooh... era um tatu o que aparecia por suas calças?. — É só até que consiga tirar a minha irmã de meu apartamento.

Anna não imaginou a rigidez de seus ombros. Ele não disse nada.

—Nota promissória a comida e o aluguel — sua voz se apagou. Talvez devesse ter deixado Jax se encarregar disto.

Ele se virou e empurrou as duas xícaras para ela.

—Para você sem açúcar, não?

Na realidade, a Anna teria gostado de uma colherada, mas não se atreveu a dizer.

—Obrigado.

Ela escapou para baixo.

Jax despertou quando ela pôs as xícaras sobre a mesinha de noite. Abriu os olhos e sorriu.

—Minha própria criada. Terei que te conseguir um uniforme.

— Will as preparou.

Anna não passou por cima da mudança no Jax. Ficou rígido.

—Ele? Não estou seguro que ele levasse o avental.

—Parece agradável — disse ela, embora na verdade não estivesse segura do que pensava sobre ele. Bonito, com uma personalidade de merda, mas não queria fazer um julgamento apressado.

—Ele é agradável a não ser que seja uma criminosa.

Anna riu.

—Tem um corpo agradável também. Jax a puxou para ele.

—Melhor que o meu?

—Não sei. Não vi tudo.

—Levava posta a roupa? Normalmente Will anda nu pela casa.

Anna sentiu que lhe punha a cara vermelha.

—Talvez por isso não soasse especialmente contente comigo me mudando uns dias.

—Estará bem. Já falarei com ele.

Anna se aconchegou no Jax, passou sua mão ao longo de seu peito e a repousou no quadril, fazendo desenho com o dedo sobre sua pele.

—Tenho que te pedir um favor — sussurrou ela.

Jax a aproximou mais para que ela sentisse sua ereção entre os dois.

—Beth e Gareth vão fazer uma festa de compromisso no sábado de noite no Drifters. Disse que levaria uma pessoa.

—A quem ia levar?



—Pois tinha posto o olho em um pastor de ovelhas calvo e coxo da agência de encontros 1 - 4-U, mas lhe preocupava que eu ralasse o trator.

—No sábado — disse Jax com um suspiro.

—É um problema? Realmente não quero ir. Poderia fingir estar doente.

—Temos que ficar muito tempo?

—Só o suficiente para que vejam o fabuloso, fantástico, bonito e sexy lobo que é.

—Então um abrir e fechar de olhos, não?

—Essa é a ideia — disse Anna e rodou em cima dele.

Will se sentiu doído quando se deu conta que ia ao trabalho sem despedir-se dele. Saiu de seu dormitório quando ouviu abrir a porta principal.

—Jax, posso falar contigo um momento? —disse Will. Os olhos de Jax foram de Will a Anna.

—Em privado.

—Vejo-te logo. Vou chegar tarde — disse Anna e escapuliu. Will fechou a porta de repente atrás dela.

—Que merda te passa? —perguntou Jax.

Will lutou para se controlar. Que tivesse que perguntar ainda enfurecia-lhe mais.

—Mas bem o que é que acontece contigo. Jax o fulminou com o olhar.

—Cospe-o, Will. Por que está tão zangado? Esteve de acordo com isto, o que mudou?

—Deve viver aqui.

—Só uns dias. Até que consiga tirar a sua irmã de seu apartamento.

—Merda, Jax. Uma vez que a tenha aqui não a deixará ir.

Will resistia enquanto Jax tentava aproximá-lo de seus braços.

—Venha, Will. Será genial, já verá. Ponha a funcionar seu encanto com ela. Não seja tão idiota. Será genial tê-la aqui.

Will se sacudia para liberar-se e apertou mais os punhos.

—Genial para quem? Nem sequer me perguntou merda. Os olhos do Jax se estreitaram.

—Não tenho que te pedir permissão. Este é meu apartamento.

Will pensou que já tinha começado, Jax podia lhe apunhalar no coração. Tornou-se atrás cambaleante contra a parede.

—Não brinque com a nossa — soltou Jax.

Will não se incomodou em ocultar o dano que as palavras do Jax tinham causado.

—Estou fodendo a vida? —perguntou Will. — Bom, imagino que isso me coloca em meu lugar. Perdoa que tenha forçado meu pênis em sua garganta, perdoa que obrigasse a foder meu traseiro.

Jax abriu a porta e logo se virou para enfrentá-lo, seus olhos duros e frios como Will não os tinha visto antes.

—Vou sair com Anna amanhã de noite.

Quando a porta se fechou de repente, Will caiu de joelhos. No sábado fazia um ano que ele e Jax estavam juntos. Eles tinham planejado... Oh Deus, sua vida se fazia em pedaços.

Anna não ligou o celular até que esteve quase no escritório.

Dez chamadas perdidas de Beth e uma de sua mãe. Outras vinte de números não reconhecidos que Anna imaginava que estariam relacionados com o do carro de Gareth. Uma vez mais, com a esperança que Beth houvesse finalmente visto a luz, Anna a chamou.

—Onde esteve? —chiou Beth.

Anna sustentou o telefone a distância de seu ouvido enquanto Beth destrambelhava.



—Estivemos doentes de preocupação. Pensávamos que faria alguma estupidez. Onde estava? Por que não veio para casa?

Casa? Anna se arrepiou. Era seu maldito apartamento.

— Fiquei com um amigo.

—Poderia ter chamado e nos dizer isso Gareth e eu tínhamos cozinhado uma comida com camarões-rosa, assim poderíamos ter tido uma conversa e esclarecer coisas. Esperamos e esperamos.

Anna se perguntou por que os camarões-rosa eram importantes. Mas não perguntaria e não pediria perdão. Não era ela a que estava equivocada.

—Ainda está em meu apartamento?

—Bom, sim. Gareth saiu com seus companheiros esta noite, mas disse que talvez passasse mais tarde. A que hora volta?

—Não volto até que os dois tenham saído do meu apartamento.

Anna desligou o celular. O que havia dito a Beth não era de tudo verdade. Depois do trabalho voltaria para empacotar algumas roupas e sua escova de dente. Inclusive se ao final não ficava com o Jax, não ia voltar até que pudesse trocar as fechaduras.

Will sabia que tinha que arrumar as coisas com Jax. Não era sábio esperar que o menino se desculpasse. Will não estava seguro que Jax soubesse fazê-lo. Não queria estar ciumento, mas como não estar? Parte dele queria que os três se encarassem pitassem juntos à cama e outra parte dele queria que Anna desaparecesse. Will se dirigiu ao quarto de Jax e abriu a porta. Jax estava de pé em frente ao espelho, passando os dedos pelo cabelo. Olhou a seu redor e jogou ao Will um pequeno sorriso. Isso era todo o estímulo que Will necessitava. Moveu-se atrás de Jax e beijou a parte de trás do pescoço.

Conhecia o lugar justo que o deixava louco, e para assegurar-se de conseguir a resposta que queria, as mãos do Will se dirigiram para o sul.

—Não posso Will — disse Jax. — Anna estará aqui a qualquer momento.

Will se assegurou de não demonstrar o dano que aquele comentário tinha causado. Massageou o saco de Jax por cima de suas calças.

—Desejo-te.

—Deixa-o já. Não quero ter uma ereção quando abrir a porta.

—Poderia falar de nós.

—Não.

Will deixou cair as mãos da virilha de Jax.

—Tem que ser paciente, companheiro. Não quero precipitar nada

—Jax se virou e passou seu polegar pelos lábios de Will.

—Deixa-a aqui com uma pizza e sai comigo — disse Will.

—Fique e comeremos juntos. Dê-lhe a oportunidade de te conhecer.

Will se separou dele. Soou o intercomunicador. Will foi para seu quarto e fechou de uma portada. Maldita seja se ficava aqui e os ouvia foder outra vez. Certamente podia entreter-se com algo melhor que masturbar-se na ducha. Will se deixou cair sobre sua cama. Não se relacionava socialmente com seus companheiros de trabalho. Tinha alguns colegas, mas desde que Jax tinha aparecido cada vez os tinha visto menos e menos. A coisa era que não queria sair com seus colegas. Ele queria Jax e como Jax o tinha vexado, ele queria chatear Jax.



Sabia exatamente o lugar aonde ir.

Jax estava deitado no divã, com a cabeça da Anna contra seu peito, quando soou seu celular. Agarrou-o da mesinha de centro. Will.

—Olá, companheiro. O que... —Jax podia ouvir alguém falando e não era Will. Sentou-se e afastou Anna— Will? —havia mais que uma voz e não se distinguiram. Música de fundo. Gemidos. Merda.

—O que acontece? —perguntou Anna.

—Shh.

Jax pilhou só partes. Perguntava-se se Will se sentou sobre seu telefone sem proteger as teclas e o havia chamado acidentalmente.

—Will! —gritou.

Jax não estava seguro de por que sabia que algo ia mal, mas sabia. Will estava em problemas. Escutou atentamente. Anna aproximou sua orelha à sua. Depois de uns momentos, Jax ficou de pé de repente.

—Está no Silva's.

—O que é o Silva's?

—Um clube. Você fica aqui.

—Não, eu vou.

Jax não tinha tempo para discutir. Em todo caso queria agarrar o carro e Anna podia ficar sentada e assegurar-se que não lhe faziam uma armadilha ou o levava a grua.

Correram pelas escadas até a garagem e Jax lhe passou seu telefone.

—Continua escutando no caso de dizer algo coerente.

As mãos de Jax tremiam enquanto saía do estacionamento subterrâneo. Agarrou mais forte ao volante. Nunca pensou que Will voltaria para Silva's, e se o fizesse não iria sozinho, mas talvez Jax deveria ter imaginado que faria algo estúpido. Will teria estado bem se não bebia, mas Jax estava seguro que Will estaria bêbado. E um Will bêbado era muito diferente de um Will sóbrio. Especialmente no Silva's. Um Will bêbado pedia problemas a gritos.

—Ouvir algo mais? —perguntou Jax.

—Will dizendo "não" — sussurrou Anna. — Que classe de clube é?

—Somente um clube noturno — *OH Deus, oxalá fora isso verdade.*

Jax estacionou em uma zona de não estacionar na rua do clube, deixou a Anna com as chaves e instruções de conduzir ao redor do edifício se alguém aparecia com uma braçadeira ou um caminhão grua. Subiu a toda pressa os degraus e apertou o interfone. O clube parecia qualquer casa normal e simples, mas dentro estava muito longe de ser. Ali era onde Will e ele se conheceram. Sua primeira vez, e tinham estado de acordo em que fosse a última. Um clube de BDSM extremo onde podia passar quase algo. Jax tinha estado procurando algo diferente, mas não perigoso e os homens e mulheres do Silva's lhe assustavam. Tinha encontrado ao Will, boquiaberto ao fundo de uma habitação de domesticação enquanto um cara estava suspenso no ar e uma máquina o fodia por toda parte. Uns vibradores grandes e gotejantes se introduziam em sua boca e traseiro enquanto uma manga mecânica trabalhava seu pênis. Jax tinha estremecido, tinha visto o Will estremecer e partiram juntos.

Que merda pensava Will que estava fazendo? A porta se abriu e Jax fez o gesto de entrar, mas uma mão o impediu.

—Clube privado, senhor.

Jax se preparou no modo de ataque.



—Sou advogado. Tive uma chamada de meu cliente quem me pediu que o tire daqui. Ele é policial. Agora me deixe entrar.

Jax se surpreendeu que isso funcionasse. Entrou no clube.

—Senhor A Rue — disse uma voz a sua esquerda. — Perguntava se voltaria.

Jax se deu volta para ver um tipo alto com o cabelo comprido e negro que se frisava sobre seus ombros. Patrick Silva. Jax teve entrevistar-se com ele para entrar no clube fazia um ano. Jax se surpreendeu que Silva o reconhecesse. Isso o preocupou.

—Procuro...

—O seu policial, William. Chamou-lhe, verdade? Estão proibidos os telefones celulares.

—Então melhor não deixá-lo entrar na próxima vez — disse Jax. Silva riu.

—Está encima. Terceira porta à direita.

Jax voou. O quarto estava disposto como a loja de um sheik opulento, tecidos vaporosos dispostos para criar a ilusão de um lugar menor que incluía uma cama enorme coberta de travesseiros, almofadas bordadas e corpos nus retorcendo-se. Mais homens que mulheres. Jax encontrou ao Will feito um novelo em uma esquina com uma ferida sangrando em sua bochecha. Afastou-lhe o cabelo e Will o recebeu a golpes.

—Não.

—Sou eu — disse Jax.

Os olhos do Will se abriram e Jax viu que lhe custava enfocar.

—Parte.

—Te levo para casa.

Jax tentou levantar, mas Will caiu de novo com um comprido e ruidoso arroto. Jax tossiu ao sentir o bafo da cerveja rançosa. Will riu como se isso fosse a coisa mais esperta que houvesse feito jamais e Jax suspirou e tentou lhe pôr de pé. O botão das calças de Will estava desabotoado, o zíper baixado e a calça escorregou pelos quadris quando Jax o ergueu. O coração de Jax reagiu como se lhe tivessem dado um eletrochoque.

—Não me olhe assim — resmungou Will.

—O que tem feito fodido tolo?

—Nada.

Jax fechou o zíper e o abotoou. Sentiu como se endurecia o pênis de Will com seu toque. Jax levantou seus olhos para os do Will.

—Fique aqui comigo — pediu Will.

—Anna está fora no carro.

— Já falou? Jax estremeceu.

—Ainda não.

—Por favor, fale de nós para ela.

—Assim que possa.

Jax puxou Will quando ele tentou afastar-se.

—Venha Will. Vamos para casa.

Puxou do braço de Will sobre seu ombro e o conduziu fora do clube. Quando deram um passo no quente ar noturno, Will gemeu.

—Não se atreva a vomitar — disse Jax.

Olhou abaixo, à rua, aliviado de ver o carro onde o tinha deixado. Will se apoiava pesadamente sobre ele enquanto faziam zigue-zague pela calçada. Jax teve que seguir segurando-o enquanto Will tropeçava.



Ao aproximar-se do carro, Anna saiu de um salto.

— Está bem?

— Bêbado. Poremo-lo na parte de trás.

Um pouco mais fácil de dizer que de fazer. Anna abriu a porta de trás, mas tentar colocar a longitude beligerante do Will, uma vez que ele tivesse decidido não cooperar, teve-os aos três brigando. Jax não estava seguro de como tinha feito para Anna cair dentro do carro com o Will sobre ela, mas de repente havia quatro pernas pendurando da porta traseira e o chiado agudo não tinha provindo do Will. Ao menos Jax esperava que não.

Jax se inclinou para tentar levantá-lo, assim Anna poderia subir mais livre, mas Will tinha seus braços apertados ao redor da cintura dela, sua cabeça pressionando sua barriga. Durante um segundo Jax se perguntou se Will estava tão bêbado como aparentava. Jax duvidou e logo, em vez de tentar tirar o Will, colocou o resto dele dentro.

— Anna, está bem aí com ele?

— Mais ou menos, com tanto que ele não vomite.

— Se vomitar em meu carro, matarei-o.

Jax fechou a porta de trás e entrou pela da frente. Anna se esticou torpemente através do assento, esmagada com o Will atirado em cima dela. Perguntava-se o que tinha acontecido no clube, mas duvidava que Jax explicasse. Will parecia tão doce enquanto respirava pesadamente em seu estômago. O fôlego de cerveja era menos atraente. Ao menos não estava franzindo o cenho para ela. Ela acariciou seu cabelo. Era suave e liso e caía sobre sua fronte.

— Está bem? — perguntou Jax.

— Roncando como um porco pançudo.

— Não — resmungou Will.

Anna riu. Ela tinha imaginado que estava acordado. Gostava de ter sua cabeça sobre seu estômago, verdade? Estava com ciúmes de Jax? Disso ia tudo isto? Ou lhe estava escapando algo?

— O que aconteceu com sua bochecha? — perguntou, tocando o roço.

— Porta.

— Will, é um idiota estúpido — disse Jax.

Anna sentiu Will ficar tenso. Sua mão se aproximou da dela onde a tinha apoiada no assento. Anna a agarrou e a apertou brandamente.

— Quanto teve que beber? — Jax perguntou.

— Não o suficiente.

— Já sabe ao que te expõe quando passa da segunda cerveja.

— Foda-se — resmungou Will em seu peito, mas Anna viu o espionista de um sorriso em seu rosto.

— Farei a todos um bonito sanduiche de bacon quando chegarmos — disse Jax e Will gemeu ruidosamente.

— Está tentando que vomite? — perguntou Anna, Estes são meus melhores jeans. — Ficaria melhor sem eles — sussurrou Will.

— O que disse? — Jax perguntou.

— Que não os danificará.

Oh Deus.

Capítulo 16



Anna se apoiou contra a parede mais separada do elevador enquanto Jax empurrava Will dentro e o mantinha agarrado. Os dois pareciam chateados, mas não da mesma maneira. A cara de Will estava mais que pálida, tinha um tom verde como uma árvore a princípios da primavera. Seguiu tragando ar e Anna suspeitava que isso fosse o prelúdio antes que começasse a vomitar.

—Nem te ocorra, merda — rompeu Jax.

Will engoliu com força e apertou os lábios.

Quando se abriram as portas, o par saiu dando tombos seguidos pela Anna.

—Pode tirar as chaves do meu bolso? —perguntou Jax.

—Não me... encontro... bem... —resmungou Will enquanto Anna abria a porta.

Jax o colocou dentro de um puxão, mas Will se liberou dele e foi para seu quarto a tropicões.

Um segundo mais tarde lhe ouvia vomitar. Anna olhou ao Jax. Agora era ele o pálido.

—Merda — disse ele. — Não me dou bem...

Deram-lhe arcadas e Anna o afastou do quarto do Will.

—Eu irei ver Will — disse ela.

—Não posso... —ao Jax deram mais arcadas. Anna lhe deu um empurrão.

—Parte e pensa em outra coisa.

Jax quase correu pela escada. Anna deu a volta para a porta do Will e, suspirando, entrou. Não se encontrava no dormitório, o que era uma boa coisa. O tapete parecia caro.

Estava sentado no banheiro, em meio de vômito aquoso, suas pernas e braços abraçando ao vaso sanitário. Ao se aproximar, vomitou de novo. Ao menos agora apontava.

Anna puxou da cadeia. Ele não se moveu. Ela encheu um copo de água e se inclinou ao seu lado.

—Aqui, Will, bebe isto.

—Onde está Jaaax? —pronunciou mal.

—Estava a ponto de te imitar assim o despedi. Enxague a boca.

A água o fez vomitar outra vez. E outra vez. Anna pressionou outro copo em sua mão.

—Quanta mais água bebe melhor se sentirá.

—Não tem por que me fazer de fodida enfermeira.

Mas não protestou quando Anna tirou seus sapatos e as meias, logo desabotoou sua camisa e jogou tudo na banheira. Agora ela tinha uma vista clara de sua tatuagem, uma faca complicada, a folha dirigida para o traseiro. Ela limpou o chão, pôs a toalha de banho junto com a camisa dele e abriu os registros. Will se manteve curvado sobre a branca porcelana. Não disse nada até que Anna lavou seu rosto com uma toalha úmida.

—Quero que vá a merda.

—Quero que tire a calça. Os olhos dele se abriram ainda mais. Anna se encolheu.

—Estão cobertas de vômito.

Will a olhou fixamente um momento e logo brigou com sua calça chinesa caqui, deixando-o vestido com bóxer negros. Anna os jogou na banheira e fechou o registro. Voltou junto ao Will e tentou limpar suas mãos. Ele se afastou.

—Não tem que fazer nada por mim. Não quero que faça.

Anna não lhe fez caso e, esfregando o sabão em um pano, limpou cada dedo, limpando as palmas até que o único aroma foi a coco.



—Acredita que pode se levantar? —perguntou ela.

Com sua ajuda, ele ficou direito e os dois cambalearam até sua cama. Ele se deixou cair de costas com um gemido, seus pés sobre o tapete. Anna lutou para movê-lo. Finalmente ele se colocou bem, sua cabeça sobre o travesseiro. Jogou o edredom por cima e caiu no beira do colchão, respirando pesadamente.

Will abriu os olhos e a olhou em meio da penumbra.

—Amo-lhe.

— Sei.

Anna não estava segura de quando se deu conta. Era uma ideia que foi se aproximando, como um fantasma, “alguma coisa” que um não quer admitir que fosse real. Dois meninos realmente bonitos vivendo juntos. A belicosidade do Will. A preocupação de Jax. Will tinha ido ao clube, embebedou-se e o tinham feito dano. E tudo por causa dela. O coração da Anna reagiu como se um punho espremesse-o. Engoliu a pontada de dor.

—Ele não me ama — sussurrou Will.— Ele tampouco te ama. É incapaz de amar a alguém. Você e eu somos iguais. Somos estúpidos, tristes bastardos porque nos fodera e nos abandonará.

Will deixou sair um soluço e jogou o braço pelo rosto.

—Shh — Anna afastou seu braço e tomou a mão.

—Vai me abandonar — sussurrou Will. — Não quero ficar sozinho. Fica comigo.

Anna ficou junto a ele e o abraçou.

Will despertou, esperando sentir-se doente e em troca se sentia contente e a salvo. Também esperava estar sozinho na cama, mas tinha seu rosto embutido contra um cabelo sedoso e seu braço jogado sobre um corpo suave. Anna. Will tragou. Ao menos ela não estava na cama com ele, estava somente arremessada ao seu lado. Não queria encher o saco do Jax. Will deixou ir um silencioso suspiro.

Anna tinha cuidado dele, não Jax. Ela tinha ficado com ele e não tinha ido com o Jax. Não era estranho que Jax fizesse sua retirada. Fazia um mês, quando Will se intoxicou com um curry de um posto de ruas, Jax vomitou e Will acabou cuidando dele em vez de ser ao reverso.

Desta vez Anna se encarregou dos cuidados. Will aspirou o floral perfume de seu cabelo e mordicou na parte de trás de seu pescoço. Seu pênis começou a cobrar vida e a inchar. *Oh, merda! Baixa agora mesmo!* Anna meneou seu traseiro para trás, e até com as mantas entre eles, senti-la mais perto enviou uma onda de sangue diretamente a seu pênis. Parte de Will não queria que gostasse. Queria odiá-la por ficar no meio de Jax e dele, só que não podia. Via o que gostava Jax dela e também gostava. Muito mais que a atração física, embora essa fosse forte. Ela iria estar entre eles? Queria ela estar entre eles? Dependia dele? Will lhe tirou o braço de cima e se deu a volta. Ela se aconchegou contra suas costas e ele passou de gemer a rir. Talvez não dependia nem dele nem de Jax.

Jax despertou para encontrar-se deitado sobre o sofá. Sentou-se, gemeu pela dor nas costas e comprovou o relógio. Quatro e quarenta da madrugada. Esperava que Anna viesse e o encontrasse depois de encarregar-se do Will. Jax desceu as escadas. Não estava em seu quarto. Riu silenciosamente quando a encontrou esticada junto ao Will, os dois profundamente adormecidos. Will estava sob o edredom e ela encima. Jax tocou a ferida da bochecha de Will e suspirou. Não acreditava que Will fizesse nada estúpido no clube, mas o Silva's era o lugar para fazer o estúpido se isso era o que queria fazer. Jax teria preferido a Anna em sua cama, mas talvez deixá-la com Will faria o milagre de economizar a ele qualquer explicação.



Olhando-os aos dois e um junto ao outro, inclusive embora Anna estivesse vestida, deu a Jax uma furiosa ereção. Duvidou em despir-se e unir-se na cama, mas se Will vomitava, então ele também o faria, e Anna não estaria muito feliz. Poderiam funcionar as coisas entre os três? Jax sabia que Will estava com ciúmes, mas não tinha por que. Desejava ao Will tanto como antes de conhecer a Anna, mais, talvez. Mas Jax também desejava a Anna. Ela era independente e batalhadora, mas o fazia tirar o instinto protetor. Esse fodido idiota do Gareth passou dos limites, e muito. Jax imaginava que o cara quase a tinha violado na outra noite. Vê-se que se esquentava controlando mulheres, mas tinha escolhido mal desta vez.

Jax retornou a seu próprio dormitório. Despiu-se, deixou as roupas pelo chão e olhou a ereção. Com uma carícia lenta procurou aquele comichão em seu saco. Acendeu uma lamparina de noite e ficou diante do espelho do armário. Lento ou rápido? Já não estava cansado. Pois lento. Separou um pouco os pés, rodeou com seus dedos a base do pênis e apertou. Jax se sentia dividido entre olhar a mão ou olhar-se ao rosto. Seu olhar posou na mão e começou a deslizar-se pela suave pele de seu rígido pênis, para cima e para baixo.

Imaginou aos outros dois com ele. Os lábios firmes do Will ao redor de seu pênis, os suaves da Anna. Os dois brigando pela protuberante cabeça, passando de uma boca a outra, suas línguas chocando, bocas beijando-se uma à outra e a ele. A mão de Jax se apressou, pre-sêmen derramando-se em seu punho, o lubrificante já preparado. Agora Anna dava lambidas, Will... a cara do Will estava atrás dele. A mão do Jax deixou de mover-se quando cheirou o fôlego mentolado do Will.

—Necessita de uma mão? —Will perguntou.

—Necessito de um traseiro — disse Jax.

Will se colocou diante dele, apoiado para frente e colocando suas mãos sobre o espelho. Jax lambeu lentamente, deixando um rastro, do molhado cabelo do Will pelo meio de seus ombros, por cada osso de sua espinha, com o passar da faca tatuada antes de se deixar cair de joelhos. Jax abriu as nádegas de Will, sorriu por como o escuro buraco tremia e logo estalou sua língua sobre a franzida abertura. A respiração de Will, já rápida e entrecortada, voltou-se mais ruidosa. Quando Jax deslizou a ponta de sua língua dentro do ânus de Will, este ofegou e tremeram os joelhos.

O coração esmurrando e seu pênis pulsando, Jax pressionou sua língua mais profundo e Will começou a balançar-se atrás contra seu rosto.

—OH merda, merda — gemeu. — Tão bom.

Jax obrigou ao Will a abrir ainda mais as pernas e lambeu desde o ânus até o mágico triângulo de seu saco, saboreando o gosto, tomando-se seu tempo. Agarrou amavelmente o saco do Will com sua boca e o sabor diferente enviou uma nova remessa de sangue o pênis do Jax. Um pouco mais torcida e a maldita coisa ia explodir como uma salsicha no micro-ondas. Ainda de joelhos, Jax virou ao Will, pressionou-o de costas contra o armário e lambeu e beijou a face interna de suas pernas, sua virilha e sob suas bolas. Sem tocar o pênis.

Will agarrou com sua mão a parte de atrás do pescoço do Jax, o pôs de pé e pressionou seu rosto contra o seu. A língua do Will entrou na boca de Jax e o beijou com uma lenta deliberação que mandou o pulso do Jax a níveis de ataque ao coração. O forte sabor da pasta de dente ardia na língua de Jax. Sua mão foi ao duro pênis de Will, e com seu polegar para baixo, começou a puxar dele. A mão do Will fez o mesmo com o seu. Suas línguas chocaram, deslizando-se e brigando enquanto se beijavam. Abriram os dedos e suas mãos compartilharam o agarre pelos pênis enquanto se esfregavam um contra o outro.

Em segundos, seus corpos se retorciam um junto ao outro, um baile sujo e frenético de



bocas, línguas, pênis e pênis enquanto eles lambiam, bebiam, gemiam e tragavam ar. Finalmente Jax se retirou ofegando e olhou ao Will aos olhos, seus narizes quase se tocavam. Beijou a bochecha danificada do Will.

—É um fodido estúpido. Poderia ter acabado muito pior. Por que teve que ir sozinho?

Will soltou o pênis de Jax e tentou separar-se. Jax se aproximou procurando seu traseiro e o apertou mais perto. Sentir o quente pênis do Will contra a sua provocou ao Jax soltar pre-sêmen.

—Assustou-me — sussurrou Jax. — Não posso tratar com a ideia que esteja ferido. Já é bastante mau que seja um tira sem ter que arriscar também a vida em sua vida privada.

Will tragou ar ruidosamente

—Deseja-te — disse Jax. — Não deixei de te desejar. Nunca o farei. Está escutando?

Will assentiu com a cabeça.

—Mas necessito de Anna também e quero que você a necessite. Posso esperar te deixar conhecê-la, só que não vou deixa-lo ir, Will.

—Quanto tempo esperaria?

—Que seja. Will sorriu.

—Que mentiroso é.

O coração do Jax pulsava no estômago.

—É incapaz de esperar nada — disse Will.

—Sim, merda, claro que posso.

—Não o necessita. Por que prolongá-lo? Se ela não me quiser, pois podemos averiguar agora.

Jax passou seu dedo ao longo dos lábios do Will.

—Ela te querará. Como não poderia?

—Jax, isto não é tão simples como o faz soar.

—Sim, é. Somente tenho que saber que não diz que sim porque é o que quero. Tem que ser o que você queira também. Tem que desejar Anna. Não deixarei que lhe façam mal — Jax se retirou um pouco e olhou ao Will aos olhos. — A desejás?

Agora seu coração estava usando seu estômago como se fosse um trampolim. Merda, o que ia a fazer se Will dizia que não? Um assentimento de seu companheiro e o mundo do Jax deixou de inclinar-se. Will sorriu e Jax se uniu a seu sorriso com um próprio.

—Deseja-me? — perguntou Will e se dirigiu para a cama. Deixou-se cair e se estirou com as pernas abertas. Ver o Will aí deitado, seu pênis brilhando com sêmen, de seu próprio punho meneando-a com vagos golpes fez que Jax ficasse sem fôlego. Quando Will apoiou os pés na cama e abriu os joelhos, Jax teve que apertar as bolas para não gozar.

—É irresistível — disse Jax. — Como pôde pensar que não te desejo?

Ele se inclinou e lhe rodeou o pescoço com as mãos, jogou-o sobre seu corpo, devorando sua boca com um beijo tão duro e profundo que Jax soube que logo lhe doeriam os lábios. Mas se abandonou ao Will, sua cabeça girando enquanto suas línguas se batiam em duelo. Ainda sentia o sabor da pasta de dente, um aviso da estupidez de Will e a idiotice do Jax mas esqueceu esse pensamento ao perder-se em a compulsão do beijo.

Anna deixou de se mover, mas dentro de seu imóvel corpo descansava um coração que martelava acelerando seu sangue e revolvendo o estômago. Ao final, piscou. Não houve diferença. Ainda estavam ali, um nos braços do outro, nus, beijando-se. Eram... maravilhosos. Torsos brilhantes, ondulantes músculos, seus corpos enredados entre si de tal maneira que fazia difícil



dizer onde acabava um ou começava o outro. Anna desejou estar com eles ali. Bom, estava ali, só que eles não sabiam. Escondeu-se atrás da porta e os podia ver pelo espelho. Não os observaria. Sabia que estava mau, mas não havia forma que Anna se movesse.

Jax se liberou e se tornou para trás. Anna poderia ver seu peito subir e baixar, os tendões apertados em seu pescoço, seus lábios entreabertos enquanto arrastava o ar em seus pulmões. Ele jogou um jorro de lubrificante na mão e o esfregou pelo pênis. Anna sentiu um revelador apertão entre as pernas.

—Foda-me. —ofegou Will. — Faça, Jax. Agora.

Jax dirigiu seu pau entre as nádegas de Will, deslizando para baixo pela fenda e o gemido do Will quase fez que Anna gemesse também. Enquanto Will abria mais as pernas, Anna as apertava mais.

A mão de Will se dirigiu o seu grosso pênis, seus dedos apertando-o mais enquanto atirava dela a frente e atrás. Jax pressionou mais forte contra seu ânus e Anna observou a turgente carne desaparecer no buraco de Will centímetro a centímetro. Ouviu os gemidos de Will, viu as nádegas de Jax apertar e soltar, esticar e flexionar enquanto empurrava mais longe e saía, cada vez acabando um pouco mais profundo.

—Sinto-te tão bem — disse Jax com um grunhido. — Por que pensou que eu deixaria isto, deixaria-te? Preciso de você e você precisa disto.

Anna deslizou sua mão a sua boca e afundou seus dentes em um lado de seu dedo, com medo de deixar-se ir. Estava tão quente que tinha a calcinha empapada. Os dois eram formosos. Observou cada impulso dentro e fora do traseiro de Will, viu a tensão na cara de Jax, o prazer na de Will. Tinham os olhos fechados, que era o que Anna deveria ter feito, mas em vez disso a cegueira deles a animava a continuar olhando. Jax empurrou os joelhos de Will mais para trás, lhe dobrando na cama, seus movimentos de quadril fazendo-se mais longos e duros. Então, de uma vez que Jax empurrava mais profundo, começou a rodar a pélvis, provocando um ruidoso gemido no Will.

—OH Deus — ofegou Will. — Faz outra vez.

Anna engoliu ar quando Jax penetrou Will com um movimento retorcido. Um impulso poderoso, aceso, no ânus do Will antes que Jax saísse para trás uma vez mais. Anna estava hipnotizada. Se o edifício tivesse estalado em chamas, não acreditava que fora capaz de mover-se até que eles fizessem. Pela Internet tinha visto meninos ter sexo, mas em geral era uma transa sem emoção, e se tinha som, era o câmara falando sujo. Jax e Will estavam fazendo amor. Podia vê-lo em seus rostos, em seus toques, e se sentiu culpada por haver-se metido no meio, culpada por olhar. Jax disse que não estava casado, mas estava. Com o Will.

As costas de Will se arquearam na cama enquanto aproximava sua virilha ao impulso de Jax e os músculos de Anna se apertaram em sua vagina. OH Deus, eram quentes. Importaria-lhes se soubessem que os estava observando? Jax se estirou mais sobre o Will, usando seus braços para apertar os joelhos do Will atrás para o peito. Ele empurrou mais rápido e mais rápido e a vagina da Anna tremeu espasmodicamente em torno de nada, desejando que o pênis de Will estivesse dentro dela em vez de em seu punho. A mão do Will estava imprecisa, amassando seu pênis enquanto Jax o martelava. Seus rostos eram uma mescla de prazer e dor. Will mordeu o lábio enquanto Jax continuava seu frenético assalto.

—Merda, goza agora — ofegou Jax.

O corpo do Will se esticou e com um enorme gemido, jogou um jorro de sêmen em seu



ventre, e logo outro que chegou até o mamilo. Anna lambeu os lábios enquanto ele ordenhava a si mesmo, fios de sêmen cobrindo seu peito. Um último impulso furioso de Jax e ele gritou enquanto se enterrava no traseiro de Will.

Anna sabia que deveria mover-se, mas seus pés estavam pegos ao chão. Jax saiu do Will e lhe baixou as pernas, acariciando os músculos de suas coxas. O olhar de ternura entre eles secou a garganta de Anna. Jax se tornou junto ao Will, girou-lhe o rosto pelo queixo e o beijou, uma carícia suave e gentil.

—É um fodido estúpido —disse Jax, esfregando sua mão no sêmen sobre o peito do Will, estendendo-o sobre ele, rodeando seus mamilos. Logo levou a mão à boca e chupou os dedos, deixando que Will também o fizesse.

Anna jamais se havia sentido mais intrusa. Este era seu momento, não o dela. Moveu-se pouco a pouco para trás. Will provavelmente mudou deste quarto quando ela tinha aparecido. Não era de estranhar que não gostasse. Tinha que ir. Só que era muito cedo pela manhã e sua bolsa estava no quarto de Jax.

—Anna. Vem aqui — chamou Jax e Anna reagiu como se houvessem jogado água do ártico. Ficou completamente congelada.

Capítulo 7

—Não é bom ficar escondida ai fora. Sei que está aí.

Merda, merda, merda. Sonambulismo. A ideia veio em um instante.

—Anna. Sei que não é sonâmbula. Sei o que viu. Podia nos ver pelo espelho — disse Jax.

Não havia maneira que pudesse ler sua mente. Anna pensou rápido. Combustão espontânea. Sentia-se o suficientemente quente. *Por favor, agora!*

—Anna, vem aqui.

Sequestrada por alienígenas. *Estaria bem agora, em qualquer momento. Teletransportame, Scotty*¹⁸.

—Não me obrigue a ir por você. Deslocou-se de novo pela porta aberta, deu um passo para dentro e fixou seus olhos em algum lugar longe da cama.

—Sinto muito—murmurou.

—De verdade?—perguntou Jax. Anna não respondeu.

—Thomasina bisbilhoteira¹⁹ — disse Jax.

Ela sentiu seu rosto avermelhar.

—Vou procurar minha mala e irei embora— deslizou pelo canto do quarto.

Jax se levantou de um salto e Anna retrocedeu tão rápido que golpeou a cabeça contra o armário. Estava sobre ela em um instante, os antebraços apoiados a ambos os lados dos ombros.

¹⁸ "Beam me up, Scotty!" É uma frase originada na cultura pop da série televisiva de ficção científica Star Trek. Provém da ordem que o Capitão Kirk dá a seu engenheiro chefe, Montgomery "Scotty" Scott, em que necessita que o teletransporte para voltar para a nave.

¹⁹ O Peeping Thomasina/ Peeping Thom: Alguém que a outros enquanto estão envolvidos em algum tipo de conduta lasciva. Deriva-se da lenda de Lady Godiva, quando percorria as ruas da cidade nua. Deu-se instruções às pessoas do povo para não vê-la, mas um, conhecido simplesmente como Tom, apareceu e foi imediatamente cegado



Aproximou seu rosto ao dela.

—Por que diabos ia querer que fosse?

Jax a tomou em seus braços e a beijou. Sua língua formava redemoinhos na comissura de sua boca, riscando a rota para sua cálida caverna, cada toque enviava uma onda de fogo por suas veias, reacendendo sua paixão. Podia saborear o sêmen de Will, o gosto do Jax. *OH, Deus*. Jax gemeu em sua boca, sustentando-a com força contra ele, suas mãos varrendo suas costas. Seu pênis endurecido enquanto se beijavam. O tipo era insaciável. Ofegaram procurando ar quando se separaram. Anna pensou no Will deitado na cama, olhando-os, e se perguntou no que estava pensando.

—Sente o que me faz? —disse Jax. — Pensei que havia esgotado meu pênis e agora está de novo como o aço. Não me respondeu. Por que ia querer que fosse?

—Will não me quer aqui — sussurrou Anna. — Partiu, embebedou-se e foi ferido por minha culpa.

—Não é certo. Will estava aborrecido comigo, não contigo. Diga, Will. E talvez antes de falar, é melhor que recorde quem limpou seu vômito, lavou-te lá abaixo e esteve ao seu lado em caso que engasgasse. Uma pista. Não fui eu.

—Não vá, Anna — disse Will.

Que opção tinha dado Jax? Will diria algo para mantê-lo feliz.

Jax suspirou.

—Tinha grandes planos para ontem à noite. Sexo, jacuzzi, sexo, champanha, sexo. Mais sexo. Não recorde que estivesse em meus planos lutar com amantes doentes. Ou com os tímidos que não querem admitir o que lhes excita.

Ele a olhou fixamente nos olhos e outro fluxo de líquido encharcou sua calcinha. Não acreditava que as mulheres pudessem gozar como os homens, mas talvez estivesse equivocada. Anna queria... não sabia o que queria, exceto não desejava ir.

—Jacuzzi? —murmurou.

Jax apoiou a testa contra a sua.

—De verdade está quente a água? —perguntou Anna. Ele sorriu.

—Sim.

O coração pulsava tão forte, que pensou que Jax devia ser capaz de ouvi-lo. O que ela dissesse agora ia trocar as coisas para sempre.

—Habitação para três?

Ouviu o ofego afogado do Will, sorveu o gemido em sua garganta e deixou cair a cabeça para trás para olhar diretamente ao Jax. Seu rosto se iluminou como um menino em seu aniversário.

—Temos um par de horas até o amanhecer. Vou conseguir toalhas — disse Jax, com a voz rouca de desejo.

Anna deixou um rastro de roupa todo o caminho até o terraço. Pôs-se de pé nua na porta contemplando o curto percurso até o caramanchão coberto que continha a jacuzzi. As luzes na beira do piso de madeira estavam apagadas. Sua necessidade de estar na água antes que o casal chegasse era afligida pela ideia que alguém em algum edifício próximo pudesse ver, se é que estiravam o pescoço e ficavam de pé sobre uma cadeira e penduravam de sua janela. Anna saiu correndo.

A água estava deliciosa. Não muito quente. Borbulhando por vários motores. Deslizou para



baixo até que cobriu seu pescoço. Jax e Will apareceram em batas azuis. Will levava champanhe e três copos. Jax carregava um montão de toalhas brancas. Deixou-as cair em um banco e Will pôs as taças, o champanhe e uma tigela de morangos sobre a madeira.

—Quem é a fraca inundada no jacuzzi? —disse Jax.

—Por que não entra e averigua? —Anna cuspiu um bucho de água sobre eles.

Jax tirou a bata, sentou-se no beira e balançou as pernas. Deixando cair, alcançando seus joelhos lhes deu um puxão, e Anna se afundou. Levantou-se tossindo e cuspidando.

—Oh Deus, minhas lentes — balbuciou.

—Oh, merda, não sabia que usava lentes de contato. Anna escapou de volta a seu assento.

—Por sorte para você, não uso.

Will riu. Tirou sua bata, verteu o champanha e deixou cair um morango em cada taça. Anna não podia afastar os olhos dele. Estava tão cômodo com sua nudez como Jax.

—Não estou seguro que deva tomar mais álcool — disse Jax quando Will lhe entregou uma taça.

—Está bem, papai — Will sentou na água e tomou um grande gole.

Anna os olhava, de um a outro. Por que não tinha notado que eram um casal? Mas, isso onde a deixava? Tomou seu próprio grande gole.

—Oh Deus, alguém mais que não saboreia sua bebida — Jax estalou a língua. Anna arrotou.

—Perdão.

Will soltou uma gargalhada. Anna podia sentir seus dedos esfregando-se contra ela.

—Anna, temos um problema — disse Jax.

Seu coração se deslizou até seu estômago.

—Um problema?

—Bom, um dilema —s e corrigiu.

—Um dilema — *Jesus, soava como um louro*.

— Gosta de ambos — disse Jax.

Gosto de ambos, Anna repetiu em sua cabeça. Permitiu-se ser um louro se não a podiam ouvir. Não estava segura que gostasse de Will, mas por que era isso um problema? Estavam-na olhando e sentiu avermelhar seu rosto. Tinha entendido mal? Perdeu algo óbvio, ou estava interpretando algo que não era?

Cristo. Ambos a desejavam? Anna se afundou até o queixo e tratou de pensar. Por que tinha assumido que Will era gay e Jax bi?

Não teria mais sentido que Will fosse bi também? Assim quando Jax disse que o Will gostava, ele não só queria dizer gostar como a qualquer pessoa —não é que acreditasse de todos os modos-gostava dela. *Merda*. Jax estava lhe pedindo que escolhesse entre eles? Talvez não fosse necessária uma escolha. Exceto de um por ela. Deveria ir ou ficar?

Anna estava tão excitada, que se sentia arder. Jax comeu um morango e a olhou como se queria comê-la. Will parecia ansioso.

Ele a apanhou entre seus pés e Anna lhe olhou.

—A estas acoossando. —Will murmurou.

— Conte a Anna sua fantasia, Will — disse Jax, seus olhos fixos em Anna.

Houve uma longa pausa antes que Will falasse.

—Três de nós — sussurrou. — Jax, uma mulher e eu. Uma mulher para amar, para cuidar,



alguém que esteja pendente de mim. De nós. Vivendo juntos, falando, jogando, compartilhando tudo. Alguém por quem vir para casa cada noite. Alguém que cuide de nós.

Anna apertou as coxas.

—Talvez meninos — disse Will, sua voz rouca. — Um menino e uma garota.

A forma em que Jax de repente o olhou fez pensar a Anna se Will havia dito isso antes.

—E uma casa no campo. Quero isso contigo.

—Não me conhece. —disse em voz baixa.

—Jax sim.

Por um par de dias? Anna não estava segura que fosse suficiente, mas o deixou passar.

Jax esclareceu garganta.

—Em minha fantasia somos você, Will e eu. Você no meio, entre nós, meu pênis em seu traseiro, o pênis do Will em sua vagina. Os três gozando até gritar. Você chupando o pênis de Will enquanto eu o estiro, Will e eu lambendo sua vagina juntos, compartilhando sua nata. Você, Will e eu em todas as combinações possíveis. Fodendo até o céu.

Olharam-na e Anna sentiu como se a metade inferior de seu corpo se derretesse.

—E o que Will disse — Jax adicionou. — Só que eu coloco os nomes aos meninos.

—Não acredito — disse Will.

—Que valente é, gatinho — Jax disse. — E sem brincadeiras a respeito de carne pouco cozida. Qual é sua fantasia?

—Minha fantasia — Anna tragou saliva. — Minha fantasia é ganhar na loteria nacional e acredito que já o fiz. Quero dizer, estou fora, no centro da cidade, em um terraço fabuloso, sentada em uma jacuzzi quente, bebendo champanha. Quero dizer, que mais posso desejar?

Jax lhe beliscou a coxa.

—Ouch. OH, sim, me esqueci, um caranguejo cozido para o jantar. Pôs-se a rir.

—Há algo mais na fantasia? —Jax perguntou.

—Bom talvez dois meninos arrumados. Assim que essa parte está arruinada.

—Vem aqui — disse Jax e se moveu para deixar um espaço entre ele e Will.

Anna, escorregou, mantendo seu corpo de baixo da água, sentando-se entre eles. Jax voltou à cabeça e roçou seus lábios sobre os dela. Anna gemeu. Mordiscou seus lábios até que se abriu a ele, continuando, aprofundou o beijo, afundando-se ritmicamente em sua boca até que Anna sentiu a sua vagina responder. Jax retrocedeu e sorriu.

—Vira para o Will — disse.

Anna virou seu rosto para ele. Cada órgão em seu corpo jogava a brincadeira das cadeiras musicais²⁰ O que acontecia se não gostava do modo em que ele beijava? Que se ele oooh... Will era gentil, firme, suave e doce tudo em um. Sentiu-o suspirar em sua garganta e suas mãos se moveram em suas costas, aproximando-a. Anna deixou que a puxasse para que ficasse escarranchada sobre suas pernas. Ajoelhou-se junto aos seus quadris e obrigou que seus seios rodassem por seu rosto, molhando-o. Uma boca em seu mamilo e ela sustentou sua cabeça, o manteve também chamado chupando. Suas mãos ao redor de seus quadris, roçando os ossos

²⁰ Vou a Jerusalém”, é um jogo no que os jogadores partem ao som da música em torno de duas filas de cadeiras colocadas costas com costas, há uma cadeira a menos que o número de jogadores, sendo o objeto encontrar uma cadeira quando a música se detém bruscamente. O jogador em não fazê-lo se retira do jogo, junto com uma cadeira, em cada intervalo.



arredondados com os polegares. Seu pênis empurrando seu ventre.

Se de repente o que precisava era a ela ou simplesmente a uma mulher não importava, porque Anna tinha sua própria missão. Dois tipos quentes, dois deliciosos meninos sexy que desejavam a ela e eram todos deles.

—Ponham seus traseiros na beira — disse, e subiu do outro lado do jacuzzi.

O casal se olhou um a outro e se impulsionaram para sentar-se coxa a coxa no bordo. Suas ereções se estendiam no ar da noite, o vapor elevando-se em nuvens de vapor. O pênis de Jax luzia um pouco mais comprido mas o de Will era mais grosso. Seus corpos eram musculosos e tonificados, com um abdômen plano, peitorais esculpidos e fortes coxas. Anna se perguntou se a água se pôs mais quente, ou talvez fosse ela chegando ao ponto de ebulição.

—Está nos olhando? —perguntou Jax. — Vamos devolver.

—Uni, duni, tê, Salamê, mingüê... agarra um pênis e não dois—Anna começou com o Will e terminou com o Jax.

—Primeiro Will — disse.

Will juraria que seu pênis cresceu um centímetro mais. Seus dedos apertados na beira da jacuzzi enquanto a mão da Anna puxava a enrugada pele para a cabeça de seu pênis. Um esforço bastante inútil já que a cabeça em forma de ameixa voltava a sair. Seus dedos enviavam pulsos elétricos saltando por suas costas. Quando ela se inclinou colocando os braços na beira e lambeu lentamente de acima e abaixo toda sua longitude, Will gemeu e estremeceu. Jax se pôs a rir a seu lado. Will desenredava o cabelo molhado da Anna com seus dedos enquanto Jax lhe esfregava as costas. Adorava a sensação de seus lábios sobre ele, sua pequena boca sobre seu grosso pênis, as veias palpitantes de prazer. Ela balançava sua cabeça acima e abaixo, com a boca apertada ao redor da ponta, a dor nos testículos intensificou. Um olhar a seus olhos enquanto ela o chupava e o mal-estar nos testículo se tornou em uma dor prazenteira.

—Não tem ideia de quão bem me sinto — disse Will.— Que delícia ! Oh Cristo! Só pensá-lo dispara minha luxúria, sai da escada.

—Fecha os olhos — disse Jax.

—De maneira nenhuma.

A mão da Anna apertava ao redor da base do pênis do Will, um agarre que o impedia de gozar. Seus suaves lábios deslizando-se acima e abaixo por sua longitude. A ponta de sua língua entrou na ranhura de seu pênis, saboreando a pre-ejaculação. Deixou que cobrisse seus lábios, lambendo-a por completo e Will começou a ofegar. Anna correu a palma sobre sua glândula, esfregando-o com o centro de sua mão, dando voltas até que as unhas do Will se afundaram na beira da jacuzzi. Então, sua boca se retirou, mas sua mão manteve a pressão.

Will viu como lambia a Jax, mordiscando ao longo como se fora uma barra de chocolate. Jax se agarrou as bolas e puxou delas e Will pressionou sua mão sobre a da Anna para evitar gozar. Jax se aproximou e Anna tomou ambos os pênis, trocando sua atenção de um a outro. A boca quente, o ar frio, os lábios suaves, o úmido pênis do Jax, cada sensação serpenteando, tão apertado que sua cabeça pulsava, o estômago doía.

—Fechem os olhos — disse Anna.

Eles obedeceram.

—Jesus chorou²¹ — Will elevou seu traseiro ao sentir o frio banhar seu pênis. Junto a ele, Jax

²¹ É uma famosa frase da Bíblia que aparece no evangelho de São João sobre a morte de Lázaro: Jesus chorou diante da tumba do Lázaro, continuando, ordenou às pessoas que tirasse a pedra que cobria a



ofegava. Abriu os olhos. Anna tinha aos dois pênis na boca. O pequeno demônio tinha tomado um gole de champanha e logo tomou um bocado deles. Jax baixou seu traseiro e Anna os liberou.

—Podia nos haver advertido — disse Jax.

—E onde estaria a graça? —perguntou. As mãos entrelaçadas na base de ambos os pênis. — Quer que o faça de novo?

—Mmm — Jax entrecerrou os olhos. — Assegure-se de deixar algo na garrafa.

Ela tomou outro gole de seu copo. Apesar de que esta vez o esperava, Will se estremeceu quando a corrente de frio líquido correu por cima dele. A sensação de diferentes temperaturas, o ar, o jacuzzi, o champanha e a boca da Anna puseram a seu pênis e seu testículo em um estado de incerteza disparar ou esperar. Anna liberou Jax e tomou tudo o que pôde do Will em sua boca ao ponto que este deixou de respirar. Seus dedos cravando-se em seu cabelo enquanto ela se apartava e tomava ar.

—É tão formosa — disse ele.

—Não funcionará — ela respondeu.

Will se pôs a rir. O som se apagou quando ela o envolveu, tragando seu pênis até que sentiu que golpeava a parte posterior de sua garganta. Ele tratou de retirar-se, mas ela agarrou seus quadris e o manteve onde estava. E isso era em sua fodida garganta! Não podia acreditar. Como o obteve? Tragou de novo e Will sentiu uma onda elétrica correr ao longo de seu pênis. A corrente lhe golpeava nas costas e endurecia seu saco. Um par de vezes mais e logo ela se afastou e tomou uma taça de champanha.

—Eu, eu, eu — disse Jax.

Olhar era quase tão bom, pensou Will, dividido entre manter seu olhar no rosto do Jax, ou em seu pênis, adorava a forma em que Anna o chupava. Estavam feitos um ao outro, mas havia um pouco de vulnerabilidade na doce Anna que a fazia excitante. Soltou ao Jax ofegando.

—Menina má — sussurrou Jax.

—Sou?

—OH, sim. Como aprendeu a fazer isso? —perguntou.

—Busquei no Google.

Will e Jax riram. Will não estava seguro de acreditar²².

—Quando vai deixar que a gente goze? —perguntou Jax.

—Na alvorada — Anna apertou.

Will estava desesperado e podia ver que ao Jax não ia melhor. Perguntou-se quanto mais os faria esperar. Ela jogou com eles, sua boca deslizava acima e abaixo de seus pênis. Às vezes os sustentava na boca enquanto bombeava com o punho. Logo mudou, manteve a mão apertada ao redor da raiz e chupou duro na ponta. Às vezes ela se confundia, mas o que ela fizesse, ao Will gostava. Sua respiração se fez mais irregular e seu pênis seguia pulsando. Jax gemia. Will não podia suportá-lo.

—Anna, Anna, Anna — se queixou. — Doce Jesus. Deixe-me gozar.

Ela se movia rapidamente de um pênis ao outro e Will sentia o clímax subir por seu corpo, aumentando de velocidade, como um avião na pista, chegando, chegando, disparou em sua boca,

tumba, rezou em voz alta a seu Pai, e ordenou a Lázaro que saísse.

²² Ele devia acreditar pois no google se acha de tudokkkkk (revisora lu avanço) só pra provar kkk
<http://www.nacamacomfry.com.br/manual-do-sexo-oral.html>



em seu rosto, jorro atrás jorro de esperma, mesclando-se com o do Jax e com cada dilaceradora liberação se sentia como no céu.

Anna se inundou sob a água, Will olhou ao Jax e tomou uma profunda respiração antes de falar.

—Ela vai nos matar.

Capítulo 8

Quando Will a levantou da água, a alvorada se rompia ao leste. Uma pintura vermelha se abatia debaixo das nuvens e Anna estremeceu com o ar frio. Will depositou um beijo em seus lábios e sorriu. Quando ela ficou de pé sobre a coberta, Jax a envolveu em uma toalha.

—Agora seu turno — disse Will.

O coração de Anna palpitou. Will deve ter visto a preocupação em seu rosto porque beijou a ponta de seu nariz e a abraçou. Jax lhe passou os dedos pelo cabelo molhado.

—Ninguém vai te machucar, gatinha. Entendemos o que significa “não”. Só queremos te dar tanto prazer como você nos deu — disse Jax.

—Mais —disse Anna e estremeceu quando compreendeu que havia dito em voz alta.

—Ah, isto é um desafio se alguma vez ouvi um — Jax riu entre dentes.

Anna olhou seus olhos e foi presa do pânico.

—Ao esconderijo. Conta até cinco milhões — disse e saiu correndo.

Necessitava de um par de minutos para recuperar a compostura.

Ficar ou correr? Enquanto se lançava escada abaixo lhe ocorreu que revolucionar desse modo ia piorar as coisas, mas já era muito tarde e, francamente, não queria correr. Abriu a porta do armário no dormitório principal, acendeu-se uma luz e se meteu dentro. Anna encontrou à altura de seus olhos com o que pensou que era um matagal de cinturões de couro. Ah, cinturões não!

Algum tipo de equipamento. O que pendurava ao lado dela era o látigo que Jax mencionou. Então, não era uma brincadeira. O coração da Anna deu um pequeno salto. Que mais havia aqui?

Quando a porta se abriu , sentou-se rodeada de brinquedos sexuais, sustentando uma mordaca de bola e um anel para o pênis.

—Ups — disse ela.

—Pilhada — riu Jax.

—Vocês gostam de jogar, moços?

Anna não perdeu o tremor do Will nem a flexão ascendente de seu pênis.

Jax agarrou a mordaca e o anel dela.

—De vez em quando. Não estamos nisso todo o tempo, mas pode ser divertido.

—Em realidade, Jax, os anéis para o pênis não são uma má ideia.

Podemos atormentá-la durante minutos em vez de segundos.

—Se assegure que me de o correto desta vez — disse Jax ao Will, dando uma palmada nas costas.

—O que aconteceu? —perguntou Anna.



Will se afastou do meio quando Jax estirou a mão para lhe golpear.

—Teve que sentar-se em um banheiro frio durante trinta minutos para conseguir tirar essa coisa.

Anna riu dissimuladamente e Jax a fulminou com o olhar.

—Posso olhar como os põem? —ela saiu do armário.

Will agarrou o que sustentava Jax e Jax colocou a mão no armário para agarrar outro. Ambos eram feitos de couro negro. Anna se aproximou enquanto se tocava com as mãos seus próprios seios.

—OH Deus, Anna, se fizer que me ponha um pouco mais rígido não serei capaz de pôr isto — disse Will.

—Sinto muito.

Will colocou a pele de seu saco pelo anel, logo colocou seu saco um por um. Dobrou seu pênis, empurrando a ponta sob a correia de couro e depois puxou do anel para cima, ajustando-o até que foi cômodo.

—OH, se vê bem—disse Anna—. Muito sexy — passou o dedo ao redor das pelotas de Will e logo em cima da cabeça de seu pênis. Esta se levantou e cresceu.

Ela riu bobamente.

—Minha avó sempre dizia que eu tinha dedos verdes²³.

—Dedos mágicos — sussurrou Will.

Anna se virou para olhar ao Jax e ele fez exatamente o mesmo que Will. Mas muito mais rápido. Anna lhes sorriu astutamente.

—Se tivesse um par de pequenas correntes, poderia lhes levar por aí de seus pênis.

—Não necessita correias. Faz-o de todos os modos — disse Jax.

—Mas esta vez você está a nossa mercê — acrescentou Will.

A Anna gostou da ideia de ser temporalmente submissa. O pensamento de lhes deixar fazer tudo o que eles quisessem, transformou-a em uma fonte. Literalmente. Sua vagina se transbordou. Ela gemeu convencida que sua nata gotejava por suas pernas. Sabia que eles logo que teriam que tocá-la para que se desfizesse. Com apenas respirar sobre ela provavelmente o obteria.

—Coloque-se de costas — disse Will.

Anna subiu lentamente à cama e meneou o traseiro antes de dar a volta. Não tinha nem ideia do que passou com nela. Esse pensamento a fez rir. Sabia exatamente que passou com em ela. Will ficou a um lado, Jax no outro e baixaram as cabeças a seus seios. Will lambia, usando cada parte de sua língua, ponta, inferior e superior. Ele deslizou sobre sua pele em varridos curtos e longos, para trás e para frente depois rodeando o mamilo, introduzindo-o na boca com seus lábios úmidos. Seus dedos, ligeiramente mais ásperos que os do Jax, atormentaram-na também, lhe fazendo cócegas no peito, incitando a carne em sua boca. Jax utilizou os dentes, mordendo brandamente e depois acalmando golpeando com pequenos beijos. Sua mão suave a acariciaram formando redemoinhos. Afligida pelas diferentes sensações, áspera e delicada, dura e suave, Anna retorcia-se debaixo deles. Sabiam o que o outro estava fazendo?

Eles trocaram e Will foi o que mordeu mais duro do que Jax tinha feito, o bordo de seus dentes puxando seu sensível mamilo, arrastando outra onda de calor em sua encharcada vagina, enviando fogo elétrico dançando ao longo de seus nervos. Anna ofegou ruidosamente.

²³ Se refere à facilidade para fazer que as plantas cresçam (mas o que cresce aqui é outra coisa, kkkkkk) (N. da C.)



—Assim, bombom? —perguntou Will.

Anna jogou a cabeça para trás e ele riu contra ela.

Jax mamava como um bebê, uma boca úmida movendo-se em círculos por seu seio antes que ele pegasse seu mamilo e sugasse. Anna fechou os olhos e se deixou levar. Era como estar em um parque de diversões, sentada sobre um disco voador que girava, antecipando parte da diversão, as primeiras curvas para construir a excitação, sabendo que o melhor ainda estava por vir e ela não poderia descer embora quisesse.

Anna deslizou as mãos em seus cabelos puxando do fino do Will, lisas mechas por seus dedos, enredou-se por um momento no encrespado matagal do Jax. Seus pênis seguraram suas coxas completamente, mantendo as pernas abertas, enquanto suas bocas continuavam seu implacável assalto. As mãos deslizaram de seus seios a suas costelas. Anna moveu suas mãos também, as passando por seus pescoços, retorcendo o frágil cabelo de suas nuças antes que arrastasse os dedos mais abaixo por suas musculosas costas. Quando suas bocas abandonaram seus seios para seguir a suas mãos por suas costelas e beijar a seu passo pela suave curva de seu ventre, Anna se arqueou em seus abraços, seus gemidos cada vez mais ruidosos.

Dedos suaves se arrastavam para o vale de sua virilha e os quadris da Anna resistiram.

—Se acalme, gatinha — sussurrou Jax.— Estamos chegando ao bom. Dedos masculinos se encontraram e se uniram e se moveram sobre suas inchadas dobras, estendendo sua nata, atormentando sua carne, e os músculos da Anna apertados e restringidos, trataram de puxar eles.

—Oh, Deus — ofegou ela.

Dois dedos trabalhavam em seu interior ao unísono, inundando-se em sua apertada vagina, movendo-se em círculos e esfregando seus clitóris, sem possibilidade de tomar uma pausa, sem parar, e Anna se desfez. Ela se desfez sob suas carícias, endurecendo e retorcendo cada músculo e suas mãos pressionavam suas costas, esperando que eles não se detivessem.

Jax a levantou enquanto Will se colocava no meio da cama. A cabeça de seu pênis estava de um vermelho furioso, uma gota de pre-sêmen brilhava na ponta. Ele tocou a ajustada banda de couro que apanhava seu pênis e testículo e depois se acariciou, estendendo a pérola de pre-sêmen, deslizando sua mão para cima e para baixo de seu grosso eixo.

—Foda-me, Anna — disse Will com uma voz rouca.

Anna se sentou escarranchada sobre seus quadris. Will sustentou a base de seu pênis enquanto Jax agarrava as coxas dela e logo a baixava ao Will enquanto ele empurrava nela. A penetração era tão profunda que Anna pensou que tinha golpeado seu coração.

—OH, merda — ela tragou ar ruidosamente.

Por um momento, ninguém se moveu, o único som era a respiração pesada. Will tinha fechado os olhos, agora os abriu e o olhar que lhe jogou arrastou uma forte contração para a vagina da Anna. Will vaiou.

Jax puxou dela para trás em seus braços enquanto se ajoelhava atrás dela. Ele deslizou suas mãos em seus quadris, seu pênis pressionava contra suas costas enquanto a ajudava a mover-se para cima e para baixo. Anna levantou as mãos, as envolvendo atrás do pescoço de Jax e lhe deixando montar seu corpo. Suas malhas delicadas foram estiradas até o limite pelo ângulo e o contorno do Will enquanto golpeava nela. As mãos de Will substituíram às do Jax em seus quadris e as mãos de Jax se apoderaram de seus seios, amassando os mamilos, sua cabeça sobre o ombro dela. O som da respiração entrecortada e do golpe de carne úmida fez Anna subir mais alto. Quando Jax deu uma dentada forte no pescoço,

Anna gritou e se meteu totalmente no orgasmo, apanhada no torvelinho de voltas e voltas



enquanto seus músculos se apertavam em seu frenesi. Se Jax não tivesse estado sustentando-a, teria caído.

O pênis do Will palpitava dentro de sua vagina, orvalhando quente sêmen tão profundo e forte que ela sentiu cada jorro. Jax pegou seu peito contra seu traseiro, agarrando-a com força.

—Meu Deus, Anna — ofegou Will.

Ela baixou as mãos e ele entrelaçou os dedos com os seus.

—Sinto como se sua vagina tragasse meu pênis — disse Will.

—Quero prová-la — Jax a levantou tirando a do Will e a deitou a seu lado.

Enquanto Will pressionava seus lábios contra os seu em um beijo suave, Jax enterrava seu rosto entre suas coxas. Sua língua fez um comprido e lento varrido desde seus clitoris a seu traseiro e Anna gemeu na boca de Will.

—Está bem, amor? —perguntou Will.

Anna não estava segura que alguma vez fora a estar bem de novo. A língua de Jax a estava deixando louca. Sua vagina estava tão sensível que o roçar mais leve fazia saltar seu pulso como se ele tivesse um raio disparando em sua boca. Então Will deslizou para baixo para participar e Anna deu um gemido lastimoso. Quando sentiu o dedo de Will —bom, pensou que era o do Will- em seu ânus, o gemido aumentou em volume e se converteu em uma série de pequenos espasmos.

Jax mudou de posição, deu a volta, colocou-a sobre sua parte superior, empalando sua vagina com seu pênis e mantendo suas pernas abertas com seus pés. Will se tombou aos pés da cama. Anna lhes deixou fazer o que quisessem. Tudo era bom. O dedo de Will empurrou insistentemente em seu traseiro e a pressão fez que Anna arqueasse seus quadris.

—Pressiona para fora, gatinha — disse Jax.

Ela sentiu a pressão e o ardor, e então Will teve todo o dedo em seu interior. Anna gemeu e começou a ofegar.

—Faço-te mal? —perguntou Will.

—Não. Está bom — murmurou ela, sem estar segura de ser coerente.

—Posso sentir seu pênis, Jax — disse Will em voz baixa. — Pode me sentir?

Ele girou o dedo e Jax e Anna gemeram ao unísono. Will se pôs a rir.

—Tomarei isso como um sim.

Com a palma de sua mão no traseiro dela, ele se deslizou dentro e fora do traseiro da Anna e a sensação de seu dedo e do pênis de Jax fodendo-a, reavivaram as brasas de seu clímax. Anna sacudiu os quadris. Jax começou a impulsionar-se mais rápido e mais profundamente. Will levou um dedo à parte dianteira do corpo dela para esfregar seus clitoris. Anna queria tudo mais duro, mais rápido, mais profundo e sem que ela dissesse uma palavra, isso foi o que passou.

Fechou os olhos e algo explodiu dentro de sua cabeça. Sentiu como se estivesse sendo tocada por toda parte. Seus corpos em cima dela, suas bocas lambendo, mãos acariciando, cabelos roçando. Eles se moveram até que já não soube quem a tocava nem onde, a quem sentia. As contrações se apoderaram dela, arrastando-a para frente. Sentiu os dedos do Jax tirando o anel e ele lançou jorros em seu interior com grunhidos de profunda satisfação. O clímax da Anna foi tão forte que ela deixou de respirar. Os espasmos morderam uma e outra vez. Estava perdida, não podia ver, não podia pensar.

Braços fortes a abraçaram, uns lábios a beijaram e ela se deixou ir.

—Vê-se bonita quando dorme — disse Will.

Jax olhou a Anna estendida de barriga para baixo sobre a cama, seu traseiro ao descoberto,



a cicatriz da lasca era uma linha vermelha sobre a pele branca. Tinha as mãos colocadas sob seu corpo e sua cabeça virada.

—Acredito que a esgotamos — sussurrou Jax.

Fechou a porta do dormitório. Ele e Will estavam com seu equipamento de correr, camisetas e calças curtas. Sempre corriam nas manhãs de sábado.

—Está seguro de fazer isto? —perguntou Jax quando saíam do apartamento.

—Sim. Acredito que a maratona de sexo venceu a ressaca.

—Terei que recordá-lo — Jax sorriu abertamente.

O casal baixou as escadas pelo lado do edifício e saíram ao atalho que corria junto ao Támesis.

—Vamos fazer uma aposta? —perguntou Will.

Jax deixou de esticar-se, de pé sobre uma perna e atirando de seu pé para seu traseiro.

—Will, nunca me venceu.

—Talvez te deixasse ganhar.

Jax sorriu. Will estava tramando algo.

—O que tem em mente?

—Se chegar ao Canary Wharf antes de você quero seu traseiro primeiro.

Jax viu a determinação nos olhos de Will. Poderia haver dito que não. Fisicamente, Anna teria menos problemas com seu pênis que com o do Will, além disso, Will não era o único que queria ser o primeiro. De todos os modos Will nunca lhe tinha derrotado e ao Jax gostava de um desafio. Por que não correr para ganhar —Bem —disse Jax e começaram a correr.

— Embora tenha que dizer que acredito que está sendo um pouco infantil — Jax jogou um pé no tornozelo do Will para lhe fazer tropeçar e escapou.

—Bastardo — gritou Will e Jax o ouviu ressonando detrás dele.

Jax sabia que o ritmo que tinha posto era ridículo. Eles eram corredores de fundo, não velocistas, mas Will ficou em seus calcanhares, impulsionando-se em todo tempo. Jax se perguntou sobre o comentário do Will que tinha estado deixando ganhar. Era certo? Era um estranho casal, Jax sabia. Seus outros companheiros tinham sido submissos, mas a força de Will era uma das coisas que atraía a Jax. Ele não era uma pessoa fácil de convencer. Mas colocar a Anna na equação tinha sido um risco. A noite anterior tinha sido uma das melhores transas de sua vida mas necessitava que Will fosse parte disso. Se Will tinha o traseiro de cereja da Anna, faria isso uma diferença? Devia deixar que Will ganhasse? Jax pensou no doce traseiro da Anna e decidiu não fazê-lo. Se Will o queria, teria que lutar por isso.

As brilhantes torres do Canary Wharf estavam à vista. Sempre corriam para o mesmo ponto, uma placa de anúncios na plataforma que dizia 'não nadar'. Cristo, como se alguém quisesse. Uma vez viram um cão morto flutuando na água, seu corpo inchado, o colar apertado ao redor do pescoço. Will tinha chamado para informar disso. Jax sorriu. Ele sempre estava de guarda. Pelo geral, ficavam de pé e contemplavam a água um pouquinho e logo voltavam fazendo footing. O tempo era perfeito para correr. Um ligeiro calafrio no ar. Jax respirou fundo.

Isso foi um momento antes que desse conta que Will o tinha passado. Muito ocupado pensando no maldito tempo e não no delicioso traseiro da Anna. Jax aumentou o ritmo. Assim o fez Will.

Era um bom trabalho, não havia muitas pessoas ao redor. Os dois estavam espreitando agora e ao Jax doía tudo. Seus pulmões ferroavam, suas pernas eram de chumbo. Adiantou ao



Will enquanto viravam a última curva. O ponto de chegada estava à vista. A uns cento e oitenta metros. Jax pôs tudo o que tinha nisso. O suor cobria seu rosto. Sua camiseta estava ensopada. Sua respiração se ouvia por todo o lugar, ofegos desiguais enquanto seu pulso palpitava em sua cabeça. Quarenta e cinco metros e Will tomou a dianteira. Jax nunca o alcançou. Por só uns segundos, mas Will tinha ganho.

Nenhum dos dois podia falar. Inclinar-se sobre o corrimão, esforçando-se por introduzir ar em seus pulmões. Jax olhou ao Will e lhe deu um pequeno sorriso. Inclusive suarento e esgotado, Will tinha bom aspecto, seu cabelo negro estava úmido e se pegava a seu reluzente rosto. Disparou ao Jax um sorriso triunfal, seus olhos brilhantes e excitados. Jax assentiu com a cabeça. Não podia falar. Will deu-se a volta e se apoiou de costas ao corrimão. Jax sentiu uma onda de luxúria. Queria saltar sobre o Will. Com aquelas calças curtas cinza por debaixo de seus quadris, suas pernas longas e musculosas estiradas e sua garrafa de água inclinada em sua boca, o cara parecia um modelo para um anúncio de bebida esportiva. Jax gemeu enquanto seu pênis esticava suas calças curtas. *Merda.*

—Podemos voltar andando? —perguntou Jax.

—Você pode andar — Will ficou em marcha outra vez.

Jax suspirou seus olhos no traseiro do Will. Havia algumas compensações para ser o que o seguisse.

Quando retornaram, Jax se sentia cansado e dolorido, mas sua cabeça estava limpa. A vida parecia magnífica. Era bom que Will tivesse ganho. Anna seria sua de um modo que era especial. Seu alívio que Will tivesse aceito Anna era enorme. Jax não queria pensar o que teria feito se o par se odiasse um ao outro.

Anna era... Oh Deus, era fantástica. Divertida, doce, suave... perfeita. A forma em que tinha aceito seu estilo de vida o tinha emocionado. Que ela fora tão sexualmente aventureira ia além de suas esperanças mais selvagens. Jax queria protegê-la, cuidar dela, abrigá-la, não deixá-la ir nunca. Se isto era o que tinha estado procurando, e pensava que era, então Jax sabia que suas vidas não seriam fáceis. Uma casa com três poderia não levantar suspeitas, mas, finalmente, os pais queriam saber por que seus filhos e filha não estavam casados. Os três nunca poderiam ser carinhosos em público fora de sua própria companhia. Jax e Anna como casal estava bem. Assim como estava Anna e Will. Mas nenhuma outra combinação.

Jax seguiu ao Will à cozinha. Will lhe deu uma garrafa de água da geladeira e Jax bebeu a metade, depois apoiou a garrafa fria em sua testa. Gotas de condensação corriam por seu rosto. Will tirou a camiseta e o fôlego entupiu na garganta do Jax. Grunhiu. Will se virou para lhe olhar e riu. O suor se emaranhou nos cabelo do peito do Will e os olhos do Jax percorreram a linha escura até que caíram por debaixo da cintura de suas calças curtas. Um roce contra o pênis do Will e se inchou na mão do Jax. Sentiu a resposta ressonando em sua virilha.

—Somos normais? —perguntou Will.

Jax deu de ombros.

— vai bem assim.

Anna escavou mais profundo sob o edredom. Quente e confortável, não queria mover-se porque quando o fazia, excitava-se. A cama cheirava ao Will e Jax. A sexo. Deus, quantas vezes gozou ontem à noite? Os meninos eram insaciáveis, incansáveis e muito criativos. Riu em silêncio no travesseiro. Resultou que ela também o era. Anna estava vivendo uma fantasia sexual. Dois caras que queriam fazer que gozasse uma e outra vez. Sentiu um comichão familiar entre suas



pernas. Inclusive só pensar no Jax e Will a punha quente.

O colchão se afundou e arrastou a Anna mais perto da consciência. As mãos do Jax eram mais suaves que as do Will, mas os dedos do Will eram mais longos e grossos. Os sussurros a empurraram para o estado de vigília, mas então o som se desvaneceu e ela se relaxou outra vez, colocando a mão debaixo do travesseiro. Suas bocas eram encantadoras. Jax beijava mais duro que Will, como se tentasse perder-se nela, mas ambos beijavam melhor que qualquer homem com o que tivesse estado antes.

Anna imaginou mãos que separavam suas coxas. Um gemido escapou de sua boca. Lábios úmidos roçaram sua vagina e Anna choramingou. Uma língua quente lambeu suas dobras inchadas e a dor se voltou prazer. Sentia-se tão real, mas é que eles a atormentaram tão sem piedade, que a cabeça da Anna estava confusa. De modo que agora era fácil imaginar agradando-a. Um sopro leve de ar sobre seus clitóris e Anna tratou de rodar. Um corpo firme a deteve. Um braço se envolveu ao redor de seu peito e a jogou para trás para uma dura crista de músculo. Ah, não era um sonho.

—Bom dia, tigresa — sussurrou Jax ao ouvido e seus dedos estendidos sobre seus seios, roçando seus mamilos erguidos.

—Uh — grunhiu Anna, ainda nadando para a superfície.

A língua de Will atormentou suas dobras molhadas, sorvendo ruidosamente o trajeto até seu clitóris e massageando-a com pequenos movimentos até que Anna inspirou procurando ar. Os dedos do Will se uniram a sua boca e Anna sentiu esticar o pênis do Jax entre suas pernas. Um deslizamento suave e liso e Anna se encontrou empalada sobre o pênis de Jax. Ele rodou para que ela se deitasse com as costas contra seu peito e manteve suas pernas separadas com os pés.

—Bom dia — murmurou Will entre suas pernas.

Jax tinha uma mão sobre cada seio, espremendo os delicados montículos brandamente com seus dedos, apertando seus mamilos, mas sem mover seu pênis, até que Anna começou a menear-se contra ele. Jax deslizou as mãos por seu corpo e a baixou lentamente sobre sua ereção enquanto Will enterrava a cara entre as pernas deles. Anna sabia que ele chupava ao Jax ao mesmo tempo em que trabalhava nela. Jax lançava pequenos ofegos em seu ouvido. Ele liberou suas pernas para poder movê-la mais facilmente e a esfregou acima e abaixo por seu pênis quente.

O orgasmo de Anna se estrelou sobre ela como uma onda gigante, arrasando tudo a seu passo. Sua mente se alagou com o primitivo prazer enquanto montava cada contração. Jax a abraçava forte e derramou seu sêmen nela com grunhidos ruidosos.

Will continuou mamando seus clitóris, seu cabelo suave e úmido roçando suas coxas, suas bochechas suaves pressionando contra ela. Anna o desejava. Agora. Cada músculo se esticou até o ponto da dor. Quase como se Jax soubesse o que tinha estado pensando, soltou-a e lhe deu a volta para que estivesse de barriga para baixo sobre a cama. Will agarrou seus quadris e puxou dela para cima. Ele esteve dentro dela em um instante, deslizando-se através de sua nata e do sêmen de Jax, conduzindo-se profundamente dentro dela. Deus, ele era enorme. Anna choramingou quando o pênis do Will saiu dela em um comprido e lento deslizamento antes de voltar a entrar.

Jax estava ao seu lado observando, seus dedos acariciando o cabelo dela.

—Mais duro — ofegou Anna e Will se esforçou.

Tinha levantado os quadris da Anna assim que ela estava sobre seus joelhos e empurrava atrás para ele enquanto ele atirava para frente nela. Anna se sentiu remontando outra vez. Raios



fundidos desceram por suas costas e sua vagina se contraiu ao redor dele, arrastando o orgasmo de seu pênis. Anna sentiu cada disparo, cada jorro quente e gritou.

—Deus, Anna, isto é tão bom — ofegou Will.

No momento em que se retirou Jax se deixou cair, seus lábios lambendo sua vagina. Will girou o rosto de Anna para o seu e a beijou, um beijo profundo e apaixonado, e ela se derreteu. Eles iriam mata-la.

Capítulo 9

—O que vai vestir esta noite? —perguntou Will.

—Tem que ser algo sensacional — disse Jax. Anna suspirou.

—Não tenho nada sensacional. E de todos os modos não vou. Não posso caminhar.

Will pôs-se a rir e pôs um sanduíche diante dela.

—Não é divertido. —disse Anna.

—Acredita que deveríamos exigir um reembolso? —perguntou Jax. — Uma noite e ela já está quebrada. Isso não pode ser correto. Necessita de pilhas novas?

Anna logo que tinha energia para lhe lançar um olhar furioso.

—Posso te levar as compras? —perguntou Will. — É o turno de Jax ir ao supermercado.

Jax gemeu quando Will entregou a lista.

—Se assegure de conseguir tudo. Não use sua imaginação, se não o têm — olhou a Anna. — Jax pensa que qualquer molho pode ser usado para marinhar, que todos os cortes de carne são iguais e que o champanhe é um alimento básico.

—Não é? —perguntou Anna, falhando ao esquivar a casca que Will lhe jogou.

Estava fascinada pela forma em que se integrou à harmonia interna. Will estava tão feliz que quase saltava. Jax se mantinha lançando olhadas longas e afetuosas aos dois quando pensava que não o estavam vendo. A Anna adorava os pequenos toques que lhe davam, carícias em seu braço, palmadas nas costas, beliscões no traseiro. Ia ter marcas roxas. Como se não tivesse provas suficientes do muito que a desejavam.

Will a levou ao Covent Garden. Segurou sua mão todo o caminho, de vez em quando esfregava a palma com o polegar, lançando pequenos sorrisos e de vez em quando se detinha para encosta-la contra uma parede e beijá-la. Anna se sentia nas nuvens, maldito clichê, assim era como se sentia. Tudo tinha estado mau e agora tudo estava bem.

—Aqui — disse Will e a empurrou a uma das lojas dessa rua.

Isto era uma novidade para a Anna, um menino interessado nas compras, mas se ela fizesse seu percurso normal, entrando em cada lugar que pudesse encontrar para logo retornar ao primeiro ainda vacilante, talvez ele seria menos entusiasta.

—Este, este e este — disse Will, tirando três vestidos.

Todos vermelhos. Hmmm.

—Segure minha carteira — disse Anna.

Will a olhou como se estivesse pedindo que sustentasse a uma cobra cuspidora.

—Quer que saia e lhe mostre isso? Então tem que cuidar minha bolsa. Tirou a jaqueta de couro e escondeu a carteira debaixo. Se via tão preocupado, Anna pôs-se a rir.

O primeiro vestido era curto e ajustado. Alto no frente, baixo nas costas.



—Esse é o escolhido - disse Will.
O seguinte era longo com babados e fita brilhantes.
—Não, esse é o eleito — disse. Anna torceu os olhos.

O último vestido chegava até o joelho, recolhido na parte dianteira e as costas com um largo cinturão de couro ao quadril.

—Não o diga — Anna lhe advertiu. O rosto do Will caiu.
—Mas eu gosto.
—É o melhor?
—Todos eles.

Anna não estava segura. Queria parecer mortalmente grandiosa. Tinha a necessidade de provar seu ponto.

Ate o momento já tinham entrado em cinco lojas, Will seguia cheio de energia e Anna murchou como um jacinto recém colhido. Estava disposta a levar o seguinte vestido que vestisse, mas Will a fez provar outros quatro. Estiveram de acordo com o último. Um vestido curto, vermelho, ondulado com uma jaqueta tipo bolero de veludo negro.

—Quero lhe comer — sussurrou Will ao ouvido.
—Acredito que tem um fetiche pelas mulheres em vestidos vermelhos.
—Tenho um fetiche por você. Necessita de sapatos?
—Não, tenho uns de cor negra que servirão.
Anna levou o vestido ao balcão e tomou ao Will pelo braço.
—Posso comprá-lo para você? Ela negou com a cabeça.
—Está bem, Will. Posso me permitir isso.
—Eu gostaria de pagá-lo.
—Compra um bolo e um café em seu lugar.

Will a acomodou na esquina inferior de uma confeitaria e foi comprar as bebidas. Era encantador, Anna pensou. Olhos doces e sonhadores com um sorriso que iluminava seu rosto. Will era o sensível e reflexivo. Fácil de ferir e agradar. Era aberto e ingênuo, enquanto que o impetuoso do Jax se reservava parte de si mesmo. Não é que não pudesse ser ferido, mas Anna suspeitava que ele fizesse algo para não demonstrá-lo. Ele era o Grande Lobo Mau e Will era o vampiro. Anna se deslizou em um sonho.

Will voltou com uma bandeja. Dois cafés e seis tortas.

—Merda, Will!
Deu-lhe um tímido sorriso.
—Não estava seguro do que você gostaria. Anna lambeu os lábios.
—Posso escolher primeiro?
—Sempre.

Deu-lhe um rápido olhar e logo pegou o creme cheia de merengue. Tinha a boca feita água antes de dar o primeiro bocado. Will estendeu a mão, limpou-lhe uma gota de creme de seus lábios e lambeu o dedo.

—OH Deus, não deveria ter feito isso — sussurrou.

Anna deslizou a mão sobre seu joelho sob a capa de sua jaqueta, o duro vulto na virilha era inconfundível.

—Uy! —disse ela.
—Isso não ajuda. Mãos fora.



Anna se pôs a rir e moveu os dedos.

—Assim me fale do Will Thorne — disse ela. — Quanto tempo esta na polícia?

—Desde que me graduei. Meu pai estava na força da mesma forma que meus dois irmãos.

—Sempre quis ser policial? —perguntou Anna. Will sorriu.

—Sim, sempre. Bom, eu queria ser detetive, não patrulheiro. Papai tinha interesse em que fizesse algo diferente, mas me voltei viciado nas séries policiais da TV e as novelas policiais de bolso. Qualquer outra coisa parecia mundana.

—Assim que você gosta.

—Pode ser frustrante. O trabalho às vezes é tão aborrecido que tira a merda de mim, e a papelada, bom, quanto menos fale a respeito, melhor, mas tenho uma necessidade de fazer bem. Sei que não é muito a grande escala, mas a minha maneira, posso fazer uma pequena diferença. Eu gosto das pessoas. Acredito que basicamente as pessoas são boas e necessita amparo da escória que não é. Tenho uma grande equipe trabalhando comigo e para ser honesto, além de foder-te, não posso pensar em que outra coisa poderia fazer.

Anna se pôs a rir.

—Wow! Estou impressionada.

—E você? Tradutora de grego, como se meteu nisso?

—Como sabe? —Anna franziu o cenho e logo suspirou—

Ah! Jax te pediu que averiguasse sobre mim. Assim descobriu que meu segundo nome é Mildred.

—Em que demônios estavam pensando seus pais?

—No nome da avó.

—Ah.

—Averiguou que estava acostumada a ser uma bailarina de pole dance ²⁴? —mentiu. Os olhos do Will se abriram um pouco mais.

—Poderíamos comprar um Tubo esta tarde. Há um lugar que conheço perto daqui.

Anna sorriu e escolheu outro bolo. Ela não ia desperdiçá-los. Simplesmente não comeria os próximos três dias.

—Estive pensando em pôr um piercing — disse Will em um sussurro.

Agora foram os olhos da Anna os que se abriram e jogou uma olhada a seu colo.

—Em qual? Engasgou-se com seu bolo de amêndoa.

—Não ali, Jesus, não estou louco! Estava considerando um mamilo.

O que te parece?

A xoxota de Anna formigou.

—Acredito que seria sexy. Seu peito é grande, mas um anel se veria bem.

Will sorriu.

—por que quer fazê-lo? —perguntou.

—Tenho um dos trabalhos mais restritivos que poderia ter. Sigo as regras, asseguro-me que outros sigam as regras. Não quero ser aborrecido, quero algo que me recorde que sou um pouco rebelde em meu interior.

Anna estendeu sua mão e lhe apertou os dedos.

²⁴ Pole dance: também conhecido como barra americana, dança do poste ou Table Dance é uma forma de dança/ginástica. Trata-se de uma dança sensual utilizando como elemento um poste ou tubo vertical sobre o qual a bailarina realiza sua atuação. Este termo é usualmente mais associado ao âmbito dos strip clubes.



—Will, é tão doce que poderia te comer. Viu sua noz subir e baixar.

—Por que não faz outra tatuagem? —perguntou. — Eu adoro a adaga.

—É doloroso.

—Deus, Will, acredito que perfurar um mamilo vai doer.

—Sei, estou brincando. Não me importa a dor. De fato, estou totalmente... —ficou olhando-a fixamente.

—Jax me disse que não te assustasse.

A emoção alagou as veias da Anna e sua boca se secou.

—Você gostaria de sustentar minha mão enquanto me colocam isso? — perguntou Will.

—Quer ir agora?

Will deixou cair o garfo.

—Agora?

—Está perto?

Ele assentiu com a cabeça.

—Vamos — Anna recolheu sua compra.

Era muito perto e Anna se perguntou se era por isso que tinha trazido para Covent Garden. A sala de piercing estava na parte traseira de uma loja de venda de toda classe de parafernália sexual. Os passos da Anna diminuíram enquanto a percorria e seu pulso se acelerou. Talvez pudesse comprar algo. Não havia maneira que ela colocasse um piercing, mas gostava da ideia de pinças decorando seus mamilos. Estremeceu-se.

—me ajude a escolher o piercing. —disse Will.

—Nada muito grande — disse Anna. — Que tal esse? Assinalou uma barra de prata.

—Muito bem.

Tão fácil de agradar, Anna pensou e sorriu.

Will se sentou em uma cadeira, mas ela não podia ver quando o tipo o fizesse. Anna fixou seu olhar no rosto do Will e sustentou sua mão tão forte, que fez uma careta.

—Anna, faz-me mais danífico que o piercing.

—Sinto muito.

Quando os ombros de Will relaxaram, Anna correu o risco de olhar. O tipo estava limpando o sangue.

—Ooh, vê-se bem, Will.

Will sorriu.

—Sim, assim é. Talvez faça outro.

O olhar da Anna se deslizou mais baixo.

—Não, Anna, isso não. Não, a menos que ambos... Anna se encolheu.

—De maneira nenhuma.

Will recebeu um folheto sobre o cuidado do piercing e se vestiu.

—Como se sente? —perguntou Anna, quando voltaram para a loja.

Will segurou sua mão, colocou sobre seu entreperna e inclinou a cabeça.

—Se não estivéssemos em um lugar público, arrancaria-te a roupa e lhe foderia.

—Me beije em seu lugar — disse Anna.

Podia sentir o piercing através de sua camisa, sentia o pênis de Will pressionando contra seu ventre. Introduziu a língua em sua boca, um beijo duro, profundo, enquanto a sustentava com força nos braços.

Anna se separou quando sentiu o golpe no ombro e sabia que não era Will. Uma mulher de



sua idade com o cabelo comprido rosa pressionava um cartão na mão e lhe piscou o olho. Anna o olhou.

—Show Offs²⁵ — o deu ao Will, riu e o pôs em seu bolso.

—O que é? —perguntou Anna.

—Direi isso mais tarde. Há algo que queira enquanto estamos aqui?

Anna deslizou até as pinças para mamilos. Era difícil decidir o que gostava mais. Não tinha ideia que havia tantos tipos. Os que vibravam os que se enlaçavam aos clitoris, aqueles que eram para atormentar, espremer, chupar, morder e que tocavam uma melodia.

*O que?*²⁶

Will tinha atirado um montão de coisas sobre o balcão. Anna olhou de esguelha e não pôde afastar o olhar. Não sabia ao certo quais dessas coisas eram para ela, mas pensou que poderia adivinhar.

—Decidiu? —perguntou Will.

Anna apontou um par de pinças de estrelas de prata que poderiam ajustar-se. Will as acrescentou à pilha. Esta vez ela o deixou pagar. Não falou até que saíram.

—Anna, está bem? —perguntou.

—Excitada — ela assentiu.

Will gemeu e tomou em seus braços.

—Não quero te levar de volta. Quero-te para mim um pouco mais, mas não há um lugar onde possamos ir.

Que tão mal pode ser?

—Talvez haja. Uma loja de departamentos. Os vestiários estão sempre cheios, mas não é muito difícil entrarmos juntos sem que ninguém nos veja.

—Rápido e acalmado — disse Anna. Will pareceu preocupar-se.

—Muito tarde — disse ela, desabotoou suas calças e tirou o pênis de seus bóxers. Um beijo na ponta fez que Will arqueasse as costas e apertasse os lábios. Anna tirou seu vestido pela cabeça e o pendurou em um cabide. Will baixou a calcinha vermelha e se inclinou para beijar seus clitoris. Voltou Anna de cara ao espelho. Ambos tinham os olhos muito abertos e respiravam rapidamente. Will apoiou suas mãos no espelho e lhe beijou a parte de trás de seu pescoço. Anna virou diante do beijo, girando em seus braços.

Os dedos do Will se deslizavam sobre suas lisas dobras.

—Está tão molhada — sussurrou.

Um dedo dentro dela e Anna afogou um grito. Duas e sua cabeça caiu para frente. Tinha encontrado o lugar correto, o lugar perfeito. Em um instante pôde sentir sua vagina contrair-se ao redor de seus dedos. Will riu brandamente em seu ouvido e logo posicionou seu pênis para deslizar dentro dela. Um duro empurrão e Anna ouviu como seu saco golpeava contra sua carne. Seu pênis, duro e quente em seu interior, encerrados juntos.

—Doce Jesus — disse Will em voz baixa.

²⁵ Lugar para voyeristas e exibicionistas, www.uk-showoffs.com, fiquei-me sem palavras, agora sei por que Will diz que o explicará mais tarde.

²⁶ O mesmo digo eu... **O que!** Corretora final ampliando sua cultura



—Fode-me, Will.

Cada empurrão enviava chamas dançando através de suas veias. Sua respiração se acelerou enquanto Will ofegava em seu ouvido. Ver-se um ao outro através do espelho era quase tão excitante como sensual. Will ainda vestido, ela com a calcinha em volta de seu tornozelo. Os dedos do Will empurraram o sutiã e suas mãos cavaram seus seios, jogando com seus mamilos, torcendo-os com força como ela esperava que fizessem as pinças para mamilos. E ela gozou, aguentando a respiração para conter o grito, de alguma maneira se intensificaram as contrações que pareciam vir por todo o corpo, impulsionando sua virilha, espremendo o pênis do Will. E ele gozou, bombeou dentro dela, correntes de esperma que esquentaram sua vagina e jorraram por suas coxas.

—Posso ajudar em algo? —perguntou uma voz fora.

Anna se endireitou e rodeou com seus braços no pescoço de Will.

—Não, tudo está perfeito, obrigado — disse.

Capítulo 20

Jax levantou a vista quando entraram no quarto. Deixou a um lado os arquivos que estava lendo e ficou de pé.

—Por que acredito que se fizeram algo mal?—disse.

—O que nos delatou? —perguntou Anna.

—Olhadas satisfeitas.

Anna se lançou aos braços de Jax e o beijou. Suas mãos a agarraram pelo peito e a empurrou mais perto dele. Seu pênis começou a inchar. Perguntou-se quanto tempo passaria antes que isto não passasse ao tocá-la.

—O que está tramando?

—Comprei um vestido e Will... fez algo.

Jax deslizou suas mãos pelo vestido da Anna para suas costas, logo para suas pernas.

—Mmmm! E que fez Will? Além de foder-te.

Levantou a vista enquanto Will tirava a camisa. Havia uma gaze branca sobre seu mamilo esquerdo. Will a separou.

—Sabe, vais ativar o detector de metais quando sairmos de férias — disse Jax.

Uma pequena risada saiu dos lábios de Will.

—Tive que o fazer trocar de opinião sobre perfurar o pênis. Queria cinco barras, mas eu disse que você deveria fazê-lo primeiro — disse Anna.

Jax soprou.

—Como se isso fora a passar.

Aproximou-se do Will para olhar seu peito.

—Doeu, companheiro?

—Esteve bem. Tenho que ser cuidadoso durante umas semanas.

—Como se sente? —perguntou Jax.

—Quente.

—Vê-se quente.



Jax baixou a cabeça e deu um beijinho por cima do mamilo perfurado. Will grunhiu e o pênis do Jax despertou pelas suaves curvas da Anna ao receber uma onda de sangue.

—O que há na bolsa? —perguntou Jax.

—Meu vestido para esta noite.

—Não, essa bolsa — piscou os olhos Jax.

—Um presente para a Anna. Bom, e também para nós — disse Will.

Jax a abriu e olhou dentro. Olhou ao Will e sorriu.

—Me mostre o que vai usar esta noite gatinha — disse Jax.

Anna tirou seu vestido. Antes que levantassem sua cabeça, estavam sobre ela. Jax empurrou o resto do vestido sobre seus ombros e Will a jogou à cama.

—Né! Pensei que queriam ver o que tinha comprado!

—Não, queríamos verte nua — disse Jax.

—Não estou... OH.

Will desabotoou seu sutiã e Jax rasgou suas calcinhas.

—Né essas eram...

—Shh — disse Jax.— Comprarei mais. Anna suspirou e estreitou os olhos.

—Bem. Façamos uma corrida para ver quem pode despir-se primeiro. Ao três. Fez uma pausa.

—Três.

Jax ganhou, mas só porque trazia sapatos e meias. Saltou à cama a um lado da Anna.

—O que ganhei? —perguntou.

—Como prêmio pode me vestir. Jax jogou uma olhada ao vestido vermelho.

—Por que ia querer voltar a pôr roupa?

—Não isso — disse Anna. Estirou-se pela outra bolsa, mas Will tomou e tirou dela um pequeno pacote. O lançou ao Jax. Olhou-o e riu.

—Sabia que foi má. Quanto apertam?

Tentou agarrar a Anna. Sua pequena gatinha chiou e se escondeu detrás de Will. Jax estreitou os olhos.

—Will não vai te salvar.

Momentos mais tarde, tinham-na deitada na cama sobre suas costas, segura pelas pernas. Will, de fato, já estava acariciando com o nariz seu mamilo. Jax olhou a língua de seu amante formar redemoinhos ao redor do bico, jogando com a dura jóia.

Jax lhe estendeu uma das estrelas.

—Cada um se encarrega de uma.

Jax cobriu o mamilo com sua boca, chupando gentilmente, e Anna arqueou-se na cama. Tinha seus dedos no cabelo deles enquanto lambiam e limpavam sua pele. Quando amarraram as estrelas em seu lugar, ela choramingou.

—Muito apertado? —perguntou Will.

—Não o suficiente — disse Jax. — cairão. Anna os quer mais apertados.

Como sabia?

—Fazem-lhe mal?—perguntou Jax.

—Sim.

—Bem. Muito?

—Não. Jax riu.

—Bom.



O rosto da Anna avermelhou. Seus olhos se fecharam e começou a respirar em pequenos ofegos. Quando sua mão se deslizou para baixo por seu corpo e sobre seu estomago, Jax agarrou seus dedos.

—Olhe o que Will comprou para você — sussurrou.

Anna abriu os olhos e tragou duramente. Will sustentava um jogo de três plugs anais, de material gelatinoso e negro, coberto de rugas em um extremo, e pontos levantados no outro.

—Muito grande — sufocou Anna. Will sustentou o menor.

—Muito pequeno — disse Jax.

—Então este é o correto, Crespo de Ouro.

Will deslizou o plug de tamanho médio sobre sua boca.

—O pequeno me parece o correto — disse Anna.

—Alguma vez já...? —começou Will.

—Não — Anna lambeu o final do plug.

—Vai usar isto na festa desta noite — disse Will. — Não posso estar ali, assim que isto te recordará o que estará te esperando ao retornar.

—E se cair?—perguntou Anna.

—Seria um tema interessante de conversa — disse Jax e riu. A boca da Anna se apertou.

—Não cairá. Estará bem — Will beijou seu pescoço.

—Que mais há na bolsa? —perguntou Anna.

—Depois — resmungou Jax enquanto descia da cama.

Não tinha esperança, pensou Anna, no momento que suas mãos estavam sobre ela não podia fiar dois pensamentos juntos. Imaginava que era como estar drogada, intoxicada com descargas, incapaz de resistir a ânsia de outra prova, incapaz de fazer outra coisa que deixar-se levar pela corrente onde quer que a levasse. Ao demônio o que a sociedade pensasse sobre um grupo de três, duraria isto? Importava-lhe? Anna pensava que não, mas o fazia. De fato, já se tinha apaixonado pelos dois mesmo que a parte sensata dela sabia que era um engano.

Will se apertou contra suas costas enquanto Jax pressionou seu rosto entre suas pernas. Sentia a gaze no peito do Will esfregando-se contra suas costas e tentou ficar para frente mas Will a agarrou bruscamente.

—Está bem. Não dói — sussurrou ele.

Will levantou sua coxa sobre si para que Jax pudesse aproximar-se mais. Podia sentir a umidade da bulbosa cabeça da ereção de Will deslizando sobre seus úmidos lábios, e a língua de Jax também, lambendo-os a ambos. Anna gemeu quando Will levantou ainda mais alto sua perna e enterrou até as bolas seu grosso pênis de um só empurrão. Em seguida Jax virou, seu rosto ainda seguia em sua vagina, mas seu rígido pênis golpeava contra sua boca. Will se inclinou e agarrou a base do pênis de Jax, guiando-o para os lábios da Anna. Ela balançou seu enrugado saco e deslizou sua língua pela larga veia sob seu pênis, o pulso acelerando-se sob sua carícia.

Anna estava alagada de sensações. Will entrava e saía lentamente de seu quente núcleo, esfregando seu corpo contra o dela. Jax grunhia contra sua vagina e ela sentia a vibração dentro de si. Anna usou o líquido pre-seminal do Jax para cobrir seu pênis, deixando-o deslizar-se por seus dedos antes de empurrar-se e provar a cabeça gorda de Jax grunhiu outra vez e ela o envolveu agarrando firmemente a base enquanto o colocava e tirava de sua boca com o mesmo ritmo com o que Will se introduzia entre suas dobras.

O orgasmo quase a pegou de improviso, estava tão concentrada no prazer de seus amantes,



mas o clímax explodiu como uma tempestade elétrica, convertendo-a em uma massa de carne. Jax chupou mais forte seus clitoris, jogando e torcendo-o. Will esticou suas costas, incrementou a velocidade de seus impulsos. A língua da Anna se deslizou pelas apertadas bolas do Jax para a longitude de sua ereção, saboreando a sedosa pele, o salgado sabor pre-seminal até que encontrou a pequena abertura e chupou. Outro jorro de um nada e um grunhido gutural demonstrou seu prazer.

—Jesus — ofegou Will. — Jax.

Anna sabia que Jax estava fazendo algo a Will ao mesmo tempo em que jogava com ela. Sentia-se tão bem ser enchida com o pênis de Will e ter a língua de Jax trabalhando no ponto em que ela e Will estavam unidos. Will se derrubou em um desenfreio coloca e tira sua respiração pesada em seu ouvido e então estremeceu e ela sentiu o úmido jorro de seu esperma enchê-la.

—Jax, merda. — ofegou Will.

Anna podia ouvir uns lábios chupar ruidosamente enquanto Jax pressionava mais forte onde o sêmen do Will estava saindo dela. As pernas de Anna se abriram mais enquanto a cabeça de Jax movia-se mais dentro. Will começou a fazer ruídos e ela se perguntou o que estava passando fora de sua vista.

—OH Deus, Deus — grunhiu Will.

A mão de Will a rodeou para jogar com um de seus mamilos. A pequena dor quando apertou a pinça fez Anna segurar-se mais forte nos dois pênis. Um jorro de nata molhou sua vagina, Jax beijou sonoramente seus lábios e Anna riu ao redor de seu pênis.

Will mudou o ângulo da cabeça da Anna enquanto que Jax flexionava seus quadris e seu pênis se cravava tão profundo em sua boca que quase teve arcadas. Quando não se retirou, o instinto a fez engolir e seu pênis tocou o fundo de sua boca, deslizou-se através da barreira de músculos até sua garganta. Will de novo começou a entrar e sair dela.

Jax murmurou incoerentemente e ela sentiu uma explosão de fluido quente golpear em sua garganta. Ia se afogar, mas não lhe importava. Anna tragou e tragou e cada vez que o fazia Jax grunhia contra ela. Quando o último jorro de nata desceu por sua garganta, Jax saiu de sua boca. Anna agarrou fôlego e logo seu pênis, deslizando por sua língua desde seu suave saco até a rosada cabeça limpando-o.

Will ajudou sua língua enredando-se com a da Anna.

Quando Jax retomou seu trabalho em seus clitoris, Anna ofegou. Will deteve sua coxa, sussurrando em seu ouvido.

—Sexy Anna, doce Anna. OH merda, vai fazer que goze outra vez.

Os dentes de Jax jogaram com a pequena protuberância nacarada entre suas dobras e Anna se partiu e gritou. Como se uma galáxia tivesse explodido em sua cabeça, Anna não podia ver mais que uma luz brilhante através de seus olhos fechados. O grosso pênis de Will moveu-se mais rápido enquanto sua respiração se fazia mais rouca e difícil. As contrações de sua vagina arrastaram ao clímax a Will, seu corpo rígido atrás do dela. Cada espasmo da vagina da Anna tinha eco em um jorro de sêmen de Will. Anna se perguntou como podia gozar de novo tão rápido e depois o pensamento se desvaneceu.

Três corpos suarentos, três peitos exalando, três mãos unidas. Jax tinha virado assim jazia ao lado deles. Deixou cair sua testa brilhante no ombro dela e a acariciou com o nariz. Will beijou sua bochecha, desenhando uma figura com sua língua. Um coração. O coração da Anna se esmurrou. Nenhum deles falou. Respirar era o único que podiam fazer. Mas Anna se sentia segura e



protegida. Os dedos da outra mão do Will estavam em seu quadril, enquanto Jax agarrava seu seio. Gentilmente tirou as pinças e Anna suspirou.

—Anna? —murmurou Jax.

—Uh.

—Dá-te conta que alguma vez lhe deixaremos ir?

—Que tal estou? —perguntou Anna enquanto virava em seu novo vestido vermelho e a pequena jaqueta negra.

—Sensacional — disse Will.

Estava ajeitado na cama enquanto Anna e Jax preparavam-se para a festa. Jax se inclinou e o beijou nos lábios.

—Perdoa-me? —perguntou. Anna olhou fixamente ao par.

—Está bem. — disse Will. — Podemos celebrar depois. Já me deste um grande presente.

—O que está mau? —perguntou Anna.

—Nada. —disse Jax.

—Me diga, por favor. Jax olhou ao Will.

—Hoje faz um ano que nos conhecemos.

Um nó se fez na garganta da Anna.

—Oh Deus, e estou levando Jax a uma festa de compromisso a que nenhum de nós quer ir. Olhe, esqueçam. Ficarei aqui e vocês dois façam o que querem fazer.

Will saltou da cama.

—De maneira nenhuma. Vai provar que não está interessada no bode e uma vez que te veja com o Jax, deixara você em paz.

—Podemos fazer uma festa na próxima semana. —disse Jax.

—De mascara? —perguntou Will.

—Se quiser —riu Jax— O que quer ser?

—Pirata. Você em um traje de bondage e Anna como uma pequena demônio, um biquíni de linho vermelho e chifres.

Jax e Anna ficaram boquiabertos.

—O que? —perguntou Will. — Estive pensando nisso. Eu gosto de me disfarçar. Prepararei uma lista de convidados enquanto vocês estão fora.

Anna e Jax chegaram até a porta antes que Anna se detivera e golpeasse a testa com a palma.

—Merda. Não tenho um presente. Há algum lugar aberto...?

—A estação de serviço. Poderia conseguir uma bolsa de carvão ou um fornecimento de um ano de aromatizantes — disse Jax.

—Que tal o porta-retrato digital que nos deram de presente com a câmera?

Will abriu uma gaveta e tirou uma caixa.

—São caros. Não posso lhes dar isso — disse Anna.

—Embrulharei. —disse Will. — Nos faria um favor. Eu gosto. Jax o odeia. A ambos gosta. Problema resolvido.

Anna teve que tomar o pacote quando Will enredou a fita em três de seus dedos. Inclusive tinha um postal que combinava com o papel. Anna tomou uma caneta, sem saber o que escrever.

—Que tal algo como que *Vocês fodam-se e morram?* —disse Jax.

Will lhe deu uma cotovelada.



—Beth é a irmã da Anna.

—Ah sim. Bom, *Esperamos que veja logo o caminho correto* — sugeriu Jax.

Anna pôs os olhos em branco e escreveu: *Felicidades por seu compromisso. Com amor, Anna.*

—Quase faz me esquecer —disse Will. — Você tem que pôr algo.

—O que? —perguntou Anna, mas sabia.

Jax apertou seus dedos antes que entrassem no Drifters.

—Esta muito formosa — disse. — Não deixe que ninguém te incomode. Esta aqui comigo e vamos sorrir e atuar educadamente. De acordo?

Anna assentiu. Era difícil pensar em outra coisa que não fora quão cheio estava seu traseiro e as pinças em seus mamilos. O plug se deslizou facilmente com muito lubrificante e um pouco de dor. A coisa não era do tamanho de um pênis, mas mesmo assim a preocupava. Mas fazia pensar na Anna como seria ser fodida pelo traseiro e a vagina ao mesmo tempo e o puro pensamento a fazia estremecer de excitação, a pele de suas coxas estavam arrepiada.

O ruído e o ar quente os golpearam no momento em que entraram. Corpos, cerveja e hormônios, tudo misturado. Jax perguntou a um segurança pela festa e apontou uma porta na esquina mais afastada. O quarto privado estava cheio de gente. Anna reconheceu a uns amigos da Beth, mas não havia sinais de sua irmã ou Gareth. Jax a guiou para o bar. A música ressoava nas paredes, o chão e através do bar fazendo vibrar os copos.

—O que gosta de tomar? —gritou-lhe.

— Anna gosta do zinfandel²⁷ branco.

O arrepio explodiu outra vez sobre sua pele quando escutou a voz de Gareth.

A resposta do Jax veio rápida e hábil.

—Prefere champanhe — ordenou uma garrafa.

—Deve ser um homem imaginativo — disse Gareth.

—Você deve ser um imbecil.

Anna quase podia ver a testosterona chispando no ar. Tinha o gravador de voz do trabalho na bolsa, mas havia um obstáculo maior no plano. Não queria estar a sós com Gareth.

—Anna provavelmente te disse...

—Não gaste seu fôlego — disse Jax, aproximando um passo de Gareth para que os dois estivessem nariz com nariz. — A única razão pela que estamos aqui é Beth. Nenhum de nós está interessado em nada do que tenha para dizer.

Jax golpeou o balcão com o dinheiro e pôs as taças na mão da Anna. Recolheu o champanhe e com um braço sobre o ombro da Anna afastaram-se. Ana viu uma mesa desocupada ao outro lado do quarto e se sentaram.

—Acredita que me...?

—Esteve grandioso — disse Anna e o beijou.

²⁷ **Zinfandel** é uma uva tinta da família das *Vitis vinifera* conhecida na Europa como **Primitivo**. Foi levada para os Estados Unidos por imigrantes italianos e seu cultivo se tornou muito popular na Califórnia.^[1]



Jax a atraiu mais para ele e aprofundou o beijo. Seus dedos se enroscaram em seu peito e suspirou.

—Sabe em tudo o que posso pensar é no plug anal.

—Eu também.

—Anna, Anna.

A voz gritã da Beth soou sobre a música alta. Envolveu seus braços ao redor de Anna e a abraçou. Depois olhou fixamente ao Jax.

—Esta é minha irmã Beth. Este Beth é Jax. Trouxe-te um presente. Toma.

Anna o empurrou para suas mãos.

—Olá, Anna!

Anna olhou ao redor. Oh Deus, seus pais.

—Olá, Mamãe, Papai. Este é Jax. Jax se levantou e ofereceu sua mão.

—Muito gosto em conhecê-los Sr. e Sra. Shelton.

—Oh olhe mamãe, olhe o que Anna nos trouxe.

—Muito lindo — disse sua mãe.

—O que é?

—Um porta-retratos digital. Grandioso. Obrigado Anna.

—Não ficaremos muito tempo — disse sua mãe.

—Esperávamos que os pais de Gareth pudessem estar aqui, mas não puderam vir.

Que surpresa, pensou Anna. Ela sabia que este casamento não se realizaria que Gareth não o faria.

—Alguma vez falou com eles, Beth?—perguntou Anna.

—Nossa canção — Jax levou Anna à pista de baile. — Detenha — disse no ouvido. — Não se misture. Só comigo.

Sabe dançar Swing?

—Será um horror.

—Não, não será.

Levou-a para dançar. Anna tinha aprendido swing uns anos atrás com aulas noturnas. Os programas de celebridades dançando na TV tinham tirado cada possível solteirona de seu ninho, muitas mulheres e não os suficientes homens. Anna não era boa, mas não o necessitava porque Jax era fabuloso. Anna se deu conta que outros saiam de seu caminho, que os estavam olhando. Deixou Jax fazer o que quisesse, deixou-o guiar, apertou tão forte como podia seu traseiro e ele assumiu o controle de todo o resto.

Quando a canção terminou e se transformou em outra, houve uma ronda de aplausos. Anna olhou o cenho franzido de Gareth e seu coração se encolheu. Não podia desfrutar sem sentir-se culpada. Inclusive o vestido novo era um engano. As enroladas e cinzas teriam sido melhor.

—Vamos, dama de vermelho. Vejamos se roubaram nosso champanhe.

Anna deixou que Jax a levasse para a mesa. Sua bolsa e a garrafa estavam onde os tinham deixado. Anna sabia que não devia deixar a bolsa. Embora fora uma festa privada, bolsas sozinhas era uma tentação.

—Vou me refrescar —disse Jax e beijou seu ouvido. — Não fale com estranhos.

Quando Jax escutou a porta abrir-se detrás dele, supôs que seria Gareth. O menino os tinha estado observando desde que chegaram. Jax se sacudiu, subiu o fechamento e se dirigiu para os pia.

—Já lhe chupou isso? —perguntou Gareth.



—Deixa-o.

—Quanto te pagou para ser seu acompanhante? Jax apertou os dentes.

—Ela é escória.

Jax imaginou os dentes de Gareth descendo por sua garganta e enxaguou o sabão de suas mãos.

—Sabe o que fez a meu carro?

Jax se moveu ao secador de mãos. Um nariz sangrando arruinaria aquela camisa nova.

—Gracioso, pensei que a polícia encontrou seus rastros na faca — disse Jax.

—Isso é impossível — respondeu bruscamente Gareth.

—O que? Apagou, fez-o?

Jax se chocou contra ele enquanto saía, golpeando seu ombro fortemente contra o do Gareth.

Uma mão o virou, mas o golpe em seu estomago pego por surpresa. Ofegou e se inclinou, agarrando-a cintura.

—A que merda vem isto? —ofegou.

Gareth o elevou e depois o deixou ir.

—Porque a cadela é minha.

Jax nunca saiu atrás em uma briga, mas não podia ser provocado quando tinha outras coisas na agenda. Imaginou a reação diante de seus nódulos machucados e a cara sangrando e controlou sua cólera. Jax acomodou suas mangas e se endireitou.

—Se puser uma mão nela, amarrarei e apertarei um arame ao redor de suas bolas até que caiam.

—Você e que exército? Jax riu.

—A coisa é, imbecil, eu posso ter um exército, mas você não.

Jax saiu. Era uma fileira de mentiras, mas esperava que funcionasse com o Gareth.

Anna estava sozinha, via-se preocupada e formosa. Jax tomou sua mão e a levantou.

—Para casa — disse ele.

Capítulo 21

Jax e Anna chamaram para pegar pizza e levar e estiveram de volta no apartamento às dez. Quando entraram na sala de estar, Will vadiava sobre o sofá com a metade de seu zíper baixado, olhando a TV.

—Senti falta da gente? —perguntou Jax, vendo o prazer no rosto de Will.

—Só foram algumas horas. Cheiro pizza?

—Sim.

—Vou pôr-me um pouco mais cômoda — disse Anna. — Não quero danificar este vestido.

—Ah não, disso nada — disse Will. — Não vai sair de minha vista. Deixe isso ainda um momento, sim? Anna deixou cair os ombros.

—E as pinças nos mamilos?

Ela afirmou com a cabeça.

Will tirou sua camisa azul de algodão pela cabeça e a puxou.

—Os deixe postos e ponha isto.

Eles olharam como vestia a camisa e tirava o vestido sem revelar um centímetro a mais de pele do necessário. Will e Jax olharam um ao outro e sorriram com satisfação.



—Não funcionou — disse Jax. — Ainda está incrivelmente sexy. A boca de Anna se crispou.

—Deixe os sapatos — disse Will.

Os três se tombaram sobre o sofá, Anna no meio.

—O que olhamos? — perguntou enquanto dava uma dentada na pizza.

—Um filme sobre homens lobo — disse Will.

—É divertido? —Anna perguntou.

Jax tentou converter uma risada em uma tosse.

—Espera e verá.

Em só dois minutos Anna tinha seu rosto enterrado no peito de Jax. Will levantou seus pés e os levou a seu colo e brincou com os dedos que apareciam ao final do sapato. Jax não sabia que Will tinha uma fixação com os saltos altos, mas julgando o aumento em suas calças, estava preparado e pronto para disparar.

Jax acariciou o cabelo da Anna e aspirou ao aroma floral de seu xampu. Adorava quão diferente cheirava e sabia do Will. Ela se moveu para olhar a tela e Jax sentiu levantar-se seu pênis. Anna era a única deles que prestava atenção ao filme. Will tinha progredido até seus tornozelos e Jax pensava no que estava por vir. Cada poucos minutos se encontrava com o olhar do Will e sorriam.

—Pelo amor de Deus, corre! —chiou Anna. — Ah Deus, está em cima do carro. Sob o carro. Vão agarra-la.

Will pôs sua mão sob as calças para ajustar o pênis. Se Anna não estivesse tão pega a ele, Jax faria o mesmo.

—Não posso olhar. —Anna disse e apartou o rosto da tela. — Digam-me quando tiver terminado.

—Agora — disseram Jax e Will ao unísono, justo quando o homem lobo afundava seus dentes no pescoço da mulher e começava a sacudi-la. A tela jorrava sangue.

—Ah bastardos! —disse Anna com um gemido.

—Pensei que gostavam de filmes de terror? —Jax perguntou.

—E eu gosto.

—Não está desfrutando desta? —Will perguntou.

—É encantadora. Quase prefiro uma xícara de chocolate. Algo que me relaxe antes de ir dormir.

—Não vai dormir, assim não passa nada — disse Jax.

Fez- um sinal ao Will para que trouxesse mais de beber. Eles precisavam dela relaxada. Jax tinha que estar relaxado. Seu coração ricocheteava em seu peito como uma bala em uma cova. Que modo de celebrar seu primeiro ano com o Will. Jax nunca pensou que encontrariam a alguém como Anna. Necessitava de alguém muito especial para aceitar o que eles ofereciam. A vida sempre seria difícil. Jax rezou a Deus para que dentro de um ano pudessem estar celebrando doze meses com ela. Só que talvez não com uma pele de homens lobo na televisão. Jax desejava poder dizer a ela como se sentia, desejava poder dizer ao Will, mas não podia arriscar-se. Admitir quanto os amava era um passo muito grande.

As reações de Anna ao filme fizeram Jax querer rir. Ela tinha pinçado com tanta força sob seu braço, que estava quase atrás dele, mas ainda assim queria vê-lo. Chiava e ofegava pela menor coisa, incluindo o grunhido inesperado do Will em um momento tranquilo no que Jax teve que admitir que também o fez saltar. Quando Jax tinha sugerido parar o filme e deitar-se, ela se tinha negado rotundamente.



—Se não vir o final, ficarei assustada que venham e me agarrem. — disse ela.

—Anna, isto é um filme. —Jax riu e tentou puxá-la para pô-la de pé, mas ela rechaçou mover-se.

Will se via como se pudesse estar brincando com seus pés até a alvorada assim esperar ajuda de sua parte era inútil. Ocorreu a Jax que talvez Will estivesse nervoso. Havia fodido a alguma mulher pelo traseiro anteriormente? Não era o momento de perguntar. Os três se sentaram e olharam até que saíram os créditos e o homem lobo se transformou em um homem e morreu. Anna soltou um suspiro profundo e bebeu.

—Não pode estar chorando — disse Jax. — Faz um minuto o queria morto.

—É triste. Ele não podia evitá-lo.

—Hora de deitar-se — disse Jax e se desenredou para levantar-se. Anna se enroscou, em certo modo vendo-se menor e o fôlego ficou entupido na garganta do Jax. Ele ia aproximar dela para lhe dizer que tudo ia bem mas Will a agarrou entre seus braços.

—Vem aqui, pequena coisinha branda — disse Will. Beijou sua testa, suas bochechas, por todo seu rosto, logo sustentou sua cabeça entre as mãos, parece-te bem? —Will perguntou. — Não tem que fazer nada que não queira. Sem pressão, Anna. Podemos nos divertir sem isto.

—Vocês dois já fizeram isto antes? — perguntou.

—Duas ou três vezes antes de conhecer o Will — disse Jax.

—Nunca. — Will deu um suspiro profundo.

—Mudou de ideia? —Jax perguntou. Ela sacudiu sua cabeça.

—Em tudo no que fui capaz de pensar desde que aquele dilatador entrou em meu traseiro é em como seria ter cada uma de seus pênis dentro, os dois em meu corpo. Poderiam sentir um ao outro, verdade?

Jax afirmou com a cabeça. Ofereceu sua mão. Anna tomou e agarrou com a outra ao Will.

—Cama — disse ela.

O coração de Anna ia mais rápido do que nunca o havia sentido golpear antes. Ela puxou o Jax e Will para baixo, para o dormitório, logo se sentou na beira da cama e os olhou se despir. Will baixou sua calça e seu bóxer de uma vez e seu pênis se alargou rígido e orgulhoso para o seu umbigo. Debaixo, seu saco penduravam pesados e baixos, a linha divisória sobre o saco obscurecia a luz dos abajures. Os dedos de Jax pinçaram nos botões de sua camisa e Will deu um passo a seu lado para ajudá-lo. Anna os viu olhar-se aos olhos e logo beijar-se, um abraço terno que ficou mais difícil engolir.

Estavam de pé diante dela nus e Will puxou-a até levantá-la. Desabotoou a camisa enquanto Jax se agachou para tirar os sapatos. Seus homens foram muito devagar, a antecipação da Anna se fazia insuportável. Seus dedos acariciaram a pele, enviando tremores a suas terminações nervosas, cada toque repetido em um puxão entre suas pernas. Sua vagina molhou, sua parte traseira doía, seus mamilos tão sensíveis que não estava segura que pudesse suportar se eles os tocavam. Não usava sutiã e agora estava de pé com a fina tira da tanga, as tiras vermelhas de algodão e as estrelas de prata.

—Seus seios —Jax tragou ar— são tão formosos.

Ela suspirou de alívio quando as pinças foram tiradas, gemeu de sorte quando bocas úmidas acalmaram a pele dolorida ao redor de seus mamilos. Línguas molhadas lambendo enviaram brilhos chamejantes atravessando seu corpo. Os joelhos de Anna tremeram. Os ornamentos haviam feito seus seios mais sensíveis e valia a pena levá-los postos, mas só durante períodos curtos, embora Anna tinha gostado de como se via com eles. Jax afastou o edredom e ela ficou

atrás diante da cama.

Suas línguas quentes continuaram lambendo seus mamilos. Anna rodeou suas cabeças com os braços enquanto eles a chupavam, arqueando suas costas animando-os a tomar mais. Jax e Will uniram suas mãos e acariciaram seu corpo, os dedos seguindo o rastro sob seus seios, descendo pelo centro de seu peito até seu ventre onde sua pele revoou sob seu toque. Ela os sentiu rir quando encontraram o lugar que a fazia saltar e seguiram voltando até que a tiveram explorado por todas as partes, menos no lugar onde Anna necessitava. Suas mãos afastaram a tanga, uns dedos se deslizaram dentro da tira de tecido e o desceram por suas pernas e pés até que desapareceu.

Começaram por seus pés, os dedos do pé em suas bocas e o comichão familiar fez dar um tombo no estômago e nas pernas, avisando que estava por começar sua escalada. Dos dedos do pé à planta aos tornozelos às panturrilhas. Centímetro a centímetro. Competiam por ver quem podia ir mais devagar? Anna pensou em perguntar, mas a ideia se afundou nas ondas de prazer que varreram sobre ela. Joelhos, a frente e atrás, as pernas dobraram, coxas sob suas mãos e bocas, lábios e beliscões e lambidas, e Anna começou a tremer.

—Ah Deus, o que estão fazendo comigo? —ofegou.

Ela começou a golpear com seus braços e Will a jogou contra a cama, permitindo agarrá-lo enquanto a beijava. Sua língua firme pressionou sua boca enquanto os dedos de Jax escorregaram em sua deslizante vagina, pinçando em sua nata, usando-a para fazê-la molhar-se mais. Então, não com seus dedos a não ser com sua língua, deu um varrido comprido e sensual ao longo de suas dobras antes de começar a invadi-la, explorando cada oco e canto. Will empurrava sua língua em sua boca enquanto Jax retirava sua língua de sua vagina, um dueto de simetria perfeita.

Quando Jax introduziu o plug anal de uma vez que pinçava em sua vagina, Anna choramingou. Com cada uma de suas terminações nervosas ultra sensíveis, o mais ligeiro dos toques a deixava louca. Subia mais rápido, mais alto, brigando por chegar ao topo para poder atirar-se dela. Jax aspirou seu clímax em sua boca e Anna saltou da montanha. Caiu, uma queda ao nirvana acompanhada por gritos de alegria.

Will acariciou sua bochecha, acalmando-a enquanto ela voltava para seus sentidos. —É maravilhosa — sussurrou. — Estou tão desesperado por você que estou a ponto de explodir.

Jax avançou lentamente por cima da cama, seus lábios e queixo brilhando com seus sucos e um amplo sorriso zombador sobre seu rosto. —Seu sabor fodidamente delicioso.

Anna lambeu sua nata de seus lábios, esfregando a língua por sua boca e Jax tomou. Will se agachou entre suas pernas, lambendo sua vagina, atormentando seus clitóris, pressionando o plug com seus dedos, tirando um pouquinho e logo o empurrando para dentro. As ondas de desejo começaram outro baile lento dentro dela.

Jax separou sua boca e enquanto Anna, com a vista velada, moveu sua cabeça para encontrá-lo de novo, ele apertou sua mandíbula.

—Uma pequena xoxota tão quente — sussurrou. Retirou-se, aproximando-se de Will e os dois colocaram um travesseiro embaixo do traseiro dela. As mãos de Anna se agarraram aos lençóis quando eles brincaram com ela. Ao cabo de um momento já não sabia a língua de quem estava onde, ou de quem eram os dedos que atormentavam seus clitóris, ou os dedos de quem tiravam o plug de seu traseiro. Alguém agarrou sua mão, colocou-a entre suas pernas e a urgiu a colocar um dedo dentro de sua vagina, unindo-o a outro. Continuada a pressão em seu ânus fez Anna esticar-se.

—Está bem, gatinha — acalmou Jax. — Empurra para baixo.



Então já não era um dedo senão lábios beijando seu traseiro, uma língua incitando-a. Anna sabia que isto era mau, mas se sentia tão bem! A sensação deliciosa de lambidas quentes e úmidas fez tremer seu buraco. Sentia falta do plug, queria-o. Apenas pensou, sentiu um dedo entrar nela. Seus músculos se esticaram fortemente, tentando rechaçar ao invasor e lutou por empurrar tal e como Jax o havia dito. O dedo se introduziu dentro mais profundamente, o desconhecido ardor excitando-a, estimulando-a.

Anna se obrigou a abrir os olhos. Jax estava em sua parte posterior,

Will lambia sua vagina. Jax a olhou nos olhos e esse olhar foi tão selvagem que o lábio de Anna tremeu. Ela apertou em seu interior com uma necessidade tão forte, que doeu.

—Quero que goze outra vez — Jax sussurrou e apoiou a cabeça sobre seu estômago.

Seu dedo entrou mais profundo em seu traseiro enquanto ele ofegava sobre seu ventre. Anna gozou no meio de uma explosão de estrelas, seus olhos completamente abertos em vez de fechados, com contrações não só em sua vagina, se não por toda parte em seu corpo, espremendo cada onça de prazer de cada um de seus poros. Deixou de respirar e seu coração também parou. O gemido de Jax vibrou por seu corpo e Anna agarrou seu cabelo, levando sua mão para Will e ele se aproximou para beijar seus dedos.

—Está bem, Anna? —sussurrou Will.

Ele a olhou nos olhos e ela sabia que se tivesse dito não, não passaria nada. Mas Anna não queria dizer não. Desejava isto mais do que nunca tinha desejado nenhuma outra coisa. Uma fantasia feita realidade.

O travesseiro caiu no chão, Will ficou a um lado dela e Jax no outro, mordiscando seu pescoço. Anna elevou seu braço para agarrar o pênis de Will, mas ele se tornou atrás.

—Sem tocar. Estou perto de uma detonação nuclear aqui.

Jax levantou sua perna com sua coxa e ela sentiu escorregar entre seu traseiro seu grosso pênis enquanto se aproximava de suas outras dobras. A mão do Will colocou seu ventre em posição para que o pênis de Jax estivesse contra sua vagina. Jax dobrou seu quadril e de um comprido escorregão e com uma cálida exalação que fez cócegas na orelha, ele cravou toda sua longitude dentro dela. Anna inclinou seu quadril para ele e Jax a agarrou pela cintura.

—Sou! Will não é o único no fio do escarpado e acabo de dar conta que para que isto vá bem estamos mal colocados.

Os três começaram a rir. Jax levantou Anna e rodou sobre seu traseiro.

—Você tem que estar em cima — disse ele.

Anna olhou abaixo para seu rígido pênis, brilhante com sua nata, o prepúcio jogado atrás revelando a delicada cabeça com forma de ameixa e o olho piscando. Uma gota de pre-sêmen se deslizou.

—Anna, se me olhar assim, vou me perder antes que me coloque dentro de você —disse Jax.

Will agarrou a base do pênis de Jax e a sustentou toda reta enquanto Anna se afundou abaixo. Fez devagar, sentindo que Jax tremia enquanto ela se abria para ele, seu pênis alargando-a, obrigando-a a aceitar primeiro sua largura e logo seu comprimento, enquanto ela continuou empurrando para baixo. Os dedos de Will lhe deram uma carícia rápida e desapareceram e Jax estava tão dentro dela como era possível, seu saco apertado contra seu traseiro. Ela espremeu seus músculos e ele a olhou furiosamente.

—Esqueça isso. Ainda não — disse.



Ele a jogou para baixo, assim que ela descansou sobre seu peito, com suas mãos acariciando-a desde sua cintura até agarrar suas ardentes nádegas.

—Olá preciosa! —sussurrou.

Anna sentiu o frio lubrificante contra seu traseiro e estremeceu. Tentou olhar para trás, mas Jax agarrou sua cabeça.

— Relaxe — disse ele e a segurou.

Os dedos de Will formaram redemoinhos ao passar lubrificante sobre seu ânus. Um dedo penetrou dentro dela e Anna corcoveou pela sensação. Jax gemeu e estremeceu.

—Está segura, Anna? —Will perguntou.

—Segura — ela sussurrou.

A rígida ponta do pênis do Will tocou a abertura de seu corpo. Ela sentiu como os músculos das coxas dele se esticaram quando ele apertou para dentro.

—Ah Deus. —Will deu um gemido que retumbou.

Anna tragou ar quando ele forçou sua entrada de músculos pouco dispostos.

—Empurra para fora, gatinha — disse Jax.

—Isto queima — ofegou Anna. Will deixou de mover-se.

—Está bem — Jax acariciou seu cabelo é normal. Continua empurrando para fora.

Anna sentiu cada milímetro de movimento enquanto a larga cabeça do pênis de Will pressionava dentro dela, esticando-a. Parte dela queria dizer “faz de uma vez”, mas Will tomou seu tempo, não a apressou. Seu traseiro ardia como fogo enquanto ele apertava com cuidado, movendo-se só um pouco mais longe cada vez, mais profundo com cada impulso. Então a pressão e a dor se uniram quando a grossa ponta bulbosa de seu pênis entrou duramente através de sua barreira de músculos.

A dor rapidamente foi atenuada por um agradável calor e o conhecimento que o melhor estava por vir. Ela tomou uma longa inspiração e logo a deixou ir. O pênis de Will transpassou o anel de seus músculos e entrou na estreita passagem de seu traseiro. Os três gemeram.

A sensação de plenitude deixou a Anna O. K., tão cheia com pênis por seus dois canais que não podia nem se mover.

—Oh merda, está tão estreita — Will exclamou. — Fica quieta. Tem que se acostumar a isto.

Anna subiu acima e abaixo sobre o peito do Jax enquanto ele ofegava. Seus mamilos como rochas eram dois duros pontos, roçando contra ele enquanto ela respirava entrecortadamente.

—Podem sentir um ao outro? —sussurrou.

—Sim — Jax sorriu.

Seus olhos entrecerrados pareciam drogados de sexo.

—Isto se sente tão bem — Will gemeu. — Mas fodidamente apertado.

—Quando você vai se mover ? —perguntou Anna.

Ela sentiu sua risada disparar através de seus pênis e ela apertou seus músculos internos.

—Jesus, Anna — disse grunhindo Jax e colocando suas mãos ao redor de seus quadris.

Ela o viu olhar a Will e afirmar com a cabeça. Will foi o primeiro a se mover, retirando-se assim só a ponta de seu pênis ficava dentro dela, mas quando empurrou dentro de novo ele tirou ao Jax de seu corpo. Começaram um baile rítmico, Jax metendo-se em sua vagina enquanto Will saía de seu ânus. Anna não podia fazer nada mais que apertar quando eles estavam dentro dela e



inclusive isso era difícil. Dentro e fora, dentro e fora e os três grunhiam e gemiam, respirando entrecortadamente quando podiam.

Brilhavam suarentos enquanto a carne molhada golpeava contra carne molhada. Anna gozou uma vez, um mini orgasmo que conduziu a outro um pouco mais forte, e soube que seu corpo estava a ponto de desfazer-se completamente. Suas bruscas respirações e o forte aroma almiscarado do sexo apareceram na mente de Anna. Não ter nada de controle no momento da liberação, era algo diferente. O corpo da Anna estava o bastante tenso para romper-se. Tiras de relâmpago se agarraram a sua espinha e irromperam em seu cérebro. Ela perdeu o tato em suas pernas, tinha muito sentindo entre suas pernas. Os meninos perderam o ritmo e Anna deixou de respirar. Cada um deles escravo de seu orgasmo saltaram para a linha de chegada. Jax jogou os braços dela para trás por cima de sua cabeça. Will uniu seus dedos com os deles e por um momento o mundo deixou de girar...

—Anna, respira — disse Jax.

Ela viu dois rostos preocupados, abriu sua boca e nada aconteceu. Jax lhe deu um bofetão e ela tomou ar. Ele a abraçou.

—Sinto muito, sinto — ele chorou. — Ah Deus, não quis te golpear, mas é que não respirava.

—Está bem. Estou bem — ela ofegava.

O par se derrubou aos dois lados dela.

—Pensei... —começou Jax. — Jesus.

Anna recuperou o fôlego e rodou de modo que ficou de barriga para cima. Colocou sua cabeça entre seus braços cruzados e os olhou.

—Nunca em minha vida me tinha deslocado assim — disse. — Foi...

Eles abriram os olhos e a olharam.

—Foi a sensação mais intensa que tive. Durante um minuto não soube onde estava. Somente gozava e gozava e gozava.

Ambos sorriram um pouquinho.

—Sabem quando sentem que quão único querem fazer é seguir gozando? Bem, pois se parecia com isso. Não parei — ela se sentou. — Merda, temos que fazê-lo outra vez.

Capítulo 22

Quando Anna chegou ao trabalho na segunda-feira pela manhã, lamentou não ter pego um táxi como Jax tinha sugerido. Cada passo era um esforço. Doía-lhe tudo depois de ter caminhado quarenta e um quilômetros por uma boa causa, tinham-lhe dado agulhadas nas pernas depois daquela sessão de maratona no ginásio quando tinha tentado tirar Gareth da cabeça, mas nunca seu corpo se havia sentido tão... assombrado, tão sobressaltado. *Estas são as palavras mais adequadas*, pensou Anna. Seu pobre corpo não sabia o que o tinha golpeado. Sorriu de par em par, porque seu cérebro sim sabia. Dois tipos em forma, quentes. Consolava-a saber que nenhum deles tampouco andava direito. Anna sorriu abertamente. Teriam que declinar o ritmo ou estariam mortos em uma semana.

Anna empurrou para abrir as portas de vidro e sorriu ao cara da segurança sentado no escritório. Estava feliz. Tinha passado muito tempo desde que se havia sentido tão contente. Inclusive ver a víbora no trabalho cedo e ninguém mais no escritório para diluí-la, não danificou o



humor da Anna.

—Bom dia — disse Anna.

—Ah, Anna. Uma coisa.

Anna inalou um fôlego mais de felicidade, no caso de precisar. Aproximou-se devagar ao escritório de sua supervisora.

—Gravadora — disse a Víbora e estreitou os olhos. — Falta uma.

—Sim, tomei emprestada — disse Anna imediatamente. — Eu sinto muito. Sei que não devia, mas isto era importante.

—Para que a necessitava?

Várias desculpas revoaram pelo cérebro da Anna. Todas elas mentiras, mas ao final disse a verdade.

—O homem que me acusou de danificar seu carro está como me espreitando, mas ninguém acredita em mim — *sinto, Jax e Will*. — A próxima vez que fale comigo, quero gravá-lo para poder demonstrar o que está fazendo.

Anna recolheu sua bolsa e tirou a magra máquina negra.

—Já o tem feito?

Anna sacudiu sua cabeça.

—Consegui evitar estar a sós com ele.

—Ele ainda a molesta?

O fazia? Anna não podia acreditar que Gareth se rendesse.

—Provavelmente.

A víbora devolveu a máquina a Anna.

—Fique por agora.

Anna ficou com a boca aberta.

—Não a quebre ou terá que pagá-la.

—Obrigado — disse.

—Se necessitar um lugar para ficar, tenho uma casa livre.

O coração da Anna se encolheu.

—Ah, não, mas obrigado, Marie. É realmente amável.

Cada documento que Anna abriu foi como uma brisa. Trabalhou como uma possessa. Inclusive as complexidades das caldeiras de combinação não a desconcertaram, embora a aborrecessem. Logo que podia acreditar sua sorte quando viu que o seguinte trabalho era traduzir ao grego, para um dos principais editores britânicos, uma novela erótica intitulada 'Majikal'. Uma história sobre dragões, demônios e caçadores de sonhos e Anna ficou enganchada desde a primeira página. Quando Sabine, Eduardo e Natalia foram almoçar, Anna ficou em seu escritório.

Enquanto a víbora estava fora do escritório, Anna ligou seu celular. Uma chamada de sua mãe, três da Beth, um sms do Will e um do Jax. "*Olá, Gatinha. Dói-me por toda parte. Podemos fazê-lo outra vez? Beijos Jax*". Anna riu. "*Olá, Linda. Estou com saudade. Amor, Will. Beijos-beijos-beijos.*"

Anna queria dizer a todos quão feliz estava, mas não podia.

Compartilhar seu corpo com dois tipos estava muito por baixo da linha de respeitabilidade do que se podia contar às pessoas. Anna sabia do que a chamariam. Porca, prostituta, puta. Pior. Will com suas origens de policial tinha que ser ultra-cuidadoso. Jax estava em um trabalho proeminente e não podia se permitir nenhum escândalo. Enquanto Anna vivesse com eles em seu



apartamento, eram simplesmente três amigos que compartilhavam alojamento, mas demonstrar seu carinho abertamente como trio seria pedir problemas. De maneira nenhuma sua mãe aceitaria que Anna namorasse com dois homens. Nunca.

Anna adivinhou que a chamada de sua mãe seria sobre Jax.

—Olá, sou eu — disse Anna.

—Olá, querida.

Anna apertou os dentes. Não podia recordar a última vez sua mãe a tinha chamado querida.

—Passou bem no sábado de noite? Partiu sem dizer nem adeus. Queria pedir a você e a seu jovem para que viessem almoçar ontem.

—Não estamos nessa etapa da relação — disse Anna, sabendo que seu tom era mais agudo que o que deveria ser.

—Nenhum casamento duplo então? —sua mãe riu.

—Não — Anna cravou os dedos em seu braço para evitar dizer alguma coisa sobre o Gareth.

—Não acredito que tivesse necessidade que saísse de seu apartamento.

—Não?

—Se tiver um encantado jovem...

—Perdoe, mamãe. Tenho uma chamada de trabalho. Anna a cortou. Agora somente tinha que suportar uma chamada a Beth sem chamar o Gareth bastardo com merda em vez de miolos, e todos estariam bem.

—Olá, Beth. Queria algo? —perguntou Anna.

—Não tive a possibilidade de falar contigo na sábado. Seu tipo se via agradável — Beth esperou que Anna dissesse algo, mas Anna não disse nada. — Er, Gareth e eu nos perguntamos se vocês gostariam de sair a comer.

—Não.

Anna imaginou a Beth exalando.

—Não há nenhuma necessidade de comportar-se assim. Não somos nós os que nos estamos comportando mal — soltou Beth.

—Não me estou "comportando" de nenhuma maneira. Perguntou-me se queríamos sair para comer e disse que não.

—Terá que aceitar Gareth cedo ou tarde. Ele vai ser parte da família.

—Estão ainda em meu apartamento?

—Sim.

Anna pressionou o botão vermelho e logo desligou o telefone. A vida era muito curta para falar com idiotas.

Fez uma pausa em sua tradução da novela erótica e em mudança começou uma leitura rápida em grego quando seu telefone de escritório soou.

—Senhorita Shelton?

—Sim.

—Sou Archie Milhares, do Seguro Rapidline Geral. Estou chamando com relação a destruição no Porsche de nosso cliente.

O estômago da Anna fugiu sob seu escritório e se escondeu.

—Enquanto entendemos que o Serviço da polícia não vai perseguir um caso contra você, a chamamos para informar que isto se transformou em um assunto civil. O custo de repintar o carro foi loteado em três mil duzentas e vinte libras. Uma carta foi enviada a sua casa solicitando o pagamento dentro de vinte dias ou nos obrigará a cercar um pleito.



—Eu não o fiz.

—Bem, então sugiro que contrate um advogado e a veremos no tribunal. Bom dia, senhorita Shelton.

Anna pôs o telefone em seu lugar com mão tremente. Ah merda.

O bom humor arruinando na hora do almoço. Tinha o dinheiro para pagar a nova pintura, mas por que demônios tinha que pagar? Por outra parte, contratar um advogado e perder poderia custar mais que a fodida reparação. Podia perguntar ao Jax, mas ele não era esse tipo de advogados. Anna suspirou. Não era justo. Ela olhou sua bolsa. Pensou no que havia dentro, como poderia usá-lo e agarrou o telefone. Então devolveu de repente o telefone a seu lugar e abriu sua bolsa. Talvez a vida fosse amável e ele diria algo estúpido agora mesmo. Anna pressionou o botão para registrar, comprovado que funcionasse e logo marcou.

—Olá Anna!

Inclusive sua voz a fazia encolher-se.

—Gareth.

—E a que devo o prazer desta chamada?

—Acabo de falar com sua companhia de seguros por telefone e me pede mais de três mil libras para pagar por um dano que não causei.

—Bom, em realidade consegui três preços. Este era o mais barato.

—Mas você sabe muito bem que eu não o fiz.

—Eu?

Merda. Anna deveria ter estudado isto atentamente, ter planejado a conversa.

—por que está fazendo isto? —perguntou.

—Já sabe por que.

—Explica outra vez.

—Porque destróçou meu carro.

Merda. Não era a resposta que necessitava.

—Quero te ver — disse ele. — Podemos esclarecê-lo.

—Bem.

Anna queria também a Beth ali, mas ele não diria a verdade com sua irmã cerca.

—Isto está sendo um pouco muito fácil, Anna.

—Não tenho três mil libras — soltou ela. Gareth riu.

—Bem. Seis e trinta. Westies na Rua Conault no Soho. Conhece?

—Encontrarei.

Anna cortou a conexão e telefonou para Will. Teve que deixar uma mensagem de voz, mas disse quando e onde ia encontrar com Gareth e o que tinha intenção de fazer.

Quando Anna virou a esquina na Rua Conault, suspirou e logo exalou. Abriu sua bolsa, colocou a mão e conectou a gravadora. Esperava que deixar o zíper do bolso de acima fosse bastante para recolher as palavras incriminatorias que ia tentar que Gareth pronunciasse.

Anna desceu a rua para Westies. Parecia um café jamaicano. As mesas e cadeiras estavam colocadas fora e o local estava cheio. Isto tranquilizou-a. Estava aproximadamente a quatorze metros de distância quando um carro se aproximou rapidamente e o vidro se deslizou para baixo.

—Né! Anna. Não há nenhum lugar para estacionar. Entra e iremos a outra parte.

Ah merda, Anna pensou. Que diabos ia fazer agora?

—Não posso estar muito tempo porque Beth me chamou — disse Gareth.

—Necessita que a recolha de uma reunião em sua escola. Eu não gosto que ela fique



esperando naquela vizinhança.

Porque poderia ser atacada e isto também seria culpa de Anna.

Tudo gritava: não *suba a seu carro*, mas ela o fez.

Gareth arrancou antes que ela pusesse o cinto de segurança. Anna o enganchou em seu lugar enquanto ele dava a volta à esquina. A menos de vinte metros de distância havia um estacionamento livre.

—Ali — disse ela, assinalando-o. Ele passou reto.

—Acredito que neste bairro tendem a arranhar os veículos. Anna se ofendeu pela indireta.

—Por que se preocupa? Suponho que isto é um carro de cortesia.

O pequeno três portas era muito humilde para um cretino pretensioso como Gareth. Anna viu apertar sua boca.

—Você sabe quanto amo aquele Porsche. Não entendo como pensou que poderia haver saído com a tua.

—Curta essa merda, Gareth. Você e eu sabemos que você mesmo o fez.

Ele a olhou

—Por que caralho faria eu isso a meu carro? Por que ia querer ser um bobo?

Uma pequena fresta de dúvida começou a abrir-se passo na confiança de Anna.

—O fez para me colocar em problemas, então poderia intervir e me liberar disso. Eu estaria tão agradecida que contasse à polícia que não queria que eles perseguissem o caso...

—*Fecha o bico, idiota*. Ela necessitava que ele dissesse. Sentia seu telefone vibrando em sua bolsa, mas não se atreveu a tirá-lo.

—Você o que? —perguntou ele.

—Diga-me isso você.

Mas ele não fez. Anna mordeu o lábio inferior. A máquina estava gravando ar vazio.

—O que quer Gareth? O que posso fazer para fazer desaparecer tudo isto? Para te fazer desaparecer?

—Para começar, pague a reparação de meu carro.

Anna pensou que estaria bem disposta a fazê-lo se ele desaparecesse.

—Que mais?

—Você em minha cama uma vez à semana fazendo tudo o que quero que faça.

Pilhou-o. O arrepio explodiu sobre o corpo da Anna como se a tivessem jogado em um ninho de serpentes.

—O que consigo em troca?

—Deixarei Beth.

Por favor, que isto esteja gravando. O telefone vibrou outra vez.

—Me explique isto porque realmente não entendo por que o faz.

—Merda, porque você disse NÃO — ele grunhiu as palavras e Anna se aproximou mais à porta. — Você desejou aquela noite. Sei e você sabe. Não pode me apagar como um interruptor.

—Isso foi um engano — *Não deixe de gravar*.

—Chupou meu pênis. Uma verdadeira super mamada. Por que faria se não me desejava?

Merda, merda, merda.

—Para me desfazer de você. Pensei que fosse me violentar. Ele riu.

—Isso seria um jogo interessante para jogarmos juntos. Mais diversão se resistir. Você vai fazer minhas fantasias realidade e quando *eu* tenha tido bastante de você, então teremos terminado.



Ele se dirigiu a uma área de estacionamento subterrâneo e Anna se sentou rígida de repente.

—Pensei que íamos recolher Beth. Onde estamos? —ela não tinha estado prestando atenção.

—Em minha casa. Podemos começar esta noite. Beth pode esperar. Se cooperar, prometo que a abandonarei para sempre. Anna tentou fazer retroceder a onda de pânico.

—Quanto tempo vai me fazer isto? —perguntou.

—Até que queira.

Anna manteve sua bolsa na mão. Em um momento, ele ia tirar seu celular. Com tudo o que era, não era estúpido. Gareth desceu a rampa e se dirigiu a um oco de estacionamento. Antes que o carro tivesse deixado de mover-se, ela soltou seu cinturão e saltou do carro. Os joelhos da Anna raspavam pelo concreto, mas ficou de pé e correu para a rampa. Sapatos incorretos! Essas coisas saíam dos pés. Muito frenética para livrar-se a patadas deles, muito torpe para correr com eles, Anna tropeçou.

Uma mão no pescoço de sua jaqueta e ela se chocou com o peito de Gareth. Pôs-lhe um braço ao redor da garganta, outro ao redor de sua cintura e a arrastou. Sua bolsa estava ainda enganchada ao redor de seu braço, com seu celular dentro, mais importante agora que a máquina de gravação. Anna cavou seus dedos em seu braço, tentando afrouxar seu apertão sobre sua garganta, mas respirar se transformou em um problema e começou a resfolegar.

—Agora, vai ser sensata ou estúpida? —sussurrou Gareth em seu ouvido.

— Sensata não doerá, estúpida sim.

Anna deixou de lutar.

—Muito melhor. Uma hora em minha cama e pode partir. Acredito que começaremos com a fantasia da violação. Atarei-te.

Anna tentou ignorar a dura crista apertada contra seu traseiro. Quanto mais lutasse, mais ele se excitaria. Deixou cair as mãos, seu corpo flácido e Gareth relaxou seu agarre. Uma patada na tíbia com seu calcanhar, um cotovelo no peito e Anna correu.

Viu brilhantes luzes cegadoras, mas não viu o carro até que se deslizou por cima da capota.

Capítulo 23

—Anna!

Ela abriu seus olhos e elevou a vista. Will. Ela sorriu e logo franziu o cenho. Por que tinha seu traseiro sobre o chão maciço? Gareth. Anna tentou sentar-se bem e Will o impediu com uma mão.

—Fica imóvel. Pedi uma ambulância.

—O que aconteceu?

—Golpeei-te com meu carro.

—Joguei-me contra você. Onde está Gareth? —Ela suspirou.

—Alí.

Anna voltou a cabeça. Gareth estava algemado, com os braços estirados ao redor de um pilar. Ele a olhou com ódio.

—Como sabia onde estava? —perguntou.

—Quando não apareceu no Westies e seu telefone deixou de fazer sinal, decidi vir a casa



deste idiota.

Will passou sua mão ao longo de uma perna, e logo depois da outra. Anna se deu um impulso para sentar e se apoiou contra o lado do carro.

—Estou bem. Acredito que somente me roçou. Nada quebrado. Ah, exceto o salto de meu sapato. Merda.

—Que diabos estava pensando para entrar em seu carro? — Will perguntou e Anna ouviu o matiz de cólera de sua voz isso foi idiota de sua parte.

Certamente que sim.

—Sinto muito - resmungou ela.

Will mexeu o cabelo com os dedos. Tremia. Jogou uma olhada rápida ao Gareth e logo a ela, e logo baixou o tom de voz.

—Siga o jogo.

Anna olhou a seu entorno.

—Onde está minha bolsa?

Will procurou sob o carro e o tirou. Estava muito esmagado. Anna abriu-o. A máquina de gravação tinha uma fenda na capa. Seus ombros caíram.

—O que acontece? —perguntou Will. Anna lhe mostrou a máquina.

—Registrei-o. Ele disse que se lhe deixava foder-me uma semana, abandonaria a Beth. Ia me violar. —A voz da Anna se foi apagando quando a realidade da situação começou a lhe fazer trinca.

A boca do Will se apertou

—Fica quieta. Não diga nada. —aproximou-se de Gareth.

—Reconheço-lhe — disse Gareth. — Você veio por um roubo na noite que estávamos em uma festa. Como é que conhece Anna?

—Ela sai com o homem com o que compartilho o apartamento.

—Então como é que você não sabia...

—Anna informou de sua perseguição faz um tempo. Estivemos lhe vigiando. Gareth Kniveton detenho-o por assalto a Anna Shelton. Tem direito a permanecer em silêncio. Algo que diga poderá ser usado contra você no tribunal. Tem direito a consultar a um advogado e/ou a ter a um presente quando for interrogado pela polícia. Se não puder contratar a um advogado, será-lhe designado um para representá-lo...

—Foda-se. Não fiz nada. Foi você quem a golpeou com seu carro. Nós só estávamos enganando.

—Ela gravou tudo —disse Will. — Tudo o que você disse.

Anna viu como se desvanecia a cor da cara do Gareth.

—Não o dizia de verdade — disse Gareth.— Era uma brincadeira, jogando a pôr uma irmã contra a outra. Um pouco de diversão. Mas ela fodeu meu Porsche.

Anna podia ouvir as sirenes ao longe, o som fazendo-se mais forte. Tentou ficar de pé e se apoiou contra o veículo do Will.

Ele se precipitou para seu lado e a aproximou de seus braços.

—Anna, não deveria se mover. Tem que ver um doutor.

—Estou bem. Acabou-se. Todo o fodido assunto do Gareth finalmente se acabou. Anna não podia acreditar. Bom, quase. Paramédicos pouco dispostos aceitaram que ela não queria ir ao hospital, mas tinha que ir à delegacia de polícia e dar uma declaração. Will insistiu em levá-la pessoalmente.



—O que era tudo aquilo, Will? —Anna perguntou. — Gareth te conhecia.

—Vou estar em problemas — disse Will com um gemido.

—Se explique. Agora.

Will disse o que ele e Jax fizeram para encontrá-la e ela se debatia entre estar emocionada e horrorizada.

—Eu não estava de serviço, mas fingi que sim. Inventei um crime que não existia. Tudo por motivos pessoais.

—Tudo pelo Jax.

Will jogou uma olhada e assentiu. Então ele soltou uma risada.

—Estou contente de havê-lo feito.

—Erin e Simon não dirão nada se o peço. Assegurarei-me que Beth tampouco. Não tinha por que ser um assunto oficial. Estava perguntando por uma amiga.

—Não quero que ninguém minta — disse Will.

—Quem vai pedir, Will? Se Gareth disser algo, parecerá que ele tenta enredar mais as coisas. Inventar um crime é pior. Posso fazer que desapareça.

Anna tirou o celular. A capa estava rachada mas havia sobrevivido à topada melhor que a máquina de gravação. Ela chamou Erin e lhe contou tudo. Quase tudo. Então se voltou para o Will.

—Foi a sua casa me buscando pelo Jax. Eles acreditam que é doce.

Will gemeu.

—É doce.

—E como vai persuadir a sua irmã?

—Me deve — disse Anna e fez outra chamada.

Na delegacia de polícia Anna lhes deixou tirar fotografias de suas feridas, cada arranhão e contusão. A gravadora estava quebrada, embora dissessem que o laboratório de polícia provavelmente poderia ressuscitar o que tinha gravado. Anna pensou no que tinham falado sobre a mamada e estremeceu. Mas depois de todo o esforço, isso provavelmente não importava. Will veio para lhe dizer que Gareth tinha cantado como um participante do Pop Idol²⁸ e, como quase todos, não tinha impressionado aos juízes.

Anna havia dito muito pouco no carro por telefone a Beth, somente que Gareth tinha sido detido por assaltá-la e onde estavam sendo levados os dois. Quando Beth chegou com os pais a reboque, Anna pediu ao Will que ficasse na sala com ela.

—Isto deve ser algum tipo de engano — disse sua mãe quando entrou. Anna tentou ocultar sua decepção.

—Não há nenhum engano — disse Will. Anna suspirou.

—Se o Agente Thorne não tivesse chegado, Gareth teria me violado.

Isto fez que sua mãe soltasse um ofego e que seu pai apertasse os dentes. Beth rompeu a chorar ruidosamente nos braços de sua mãe, mas o pai da Anna se aproximou para rodeá-la com o braço. Ele abraçou-a forte e a balançou. Anna se sentia como se uma parte de mármore grande tivesse preso na sua garganta.

—Sinto muito, Beth — disse Anna. — Sei que amava Gareth, mas ele não era o que você pensava.

—Era realmente agradável comigo — disse Beth entre soluços. — Disse que me amava.

Isto não ia a ser fácil. Anna suspirou. Todos se sentaram ao redor da mesa. Não passou com

²⁸ Programa juvenil tipo Operação Triunfo, X Fator, American Idol, etc.



Anna que ninguém perguntasse se ela estava bem. O braço de seu pai estava agora ao redor da chorosa Beth. Anna sentiu que o joelho de Will a tocava sob a mesa, o mais parecido que podia lhe dar de um abraço.

—Você veio ao apartamento — disse Beth, olhando ao Will.

—O Agente Thorne é o companheiro de apartamento de Jax. Estava me procurando. Você e Gareth o deixaram pensar que você era eu.

—Não me dei conta. —O queixo de Beth tremeu.

—Posso falar com Beth a sós? —perguntou Anna. Will acompanhou seus pais para fora.

—Sinto muito — disse Beth. — Ainda não posso acreditar.

—Ele é um enganador nato — você *é uma idiota*. — Beth, não quero que diga a ninguém que o Agente Thorne veio ao apartamento me procurando. Will mentiu para ajudar Jax e eu não quero que ele se meta em problemas. Isto não trocará o que acontecerá com Gareth, mas sim me importa.

Beth assentiu com a cabeça.

—Acredita que poderei ficar com o anel? Anna mordeu as bochechas.

—Talvez devesse devolvê-lo. Poderia vendê-lo e pôr o dinheiro para reparar o dano que fez a seu carro.

Os olhos da Beth se alargaram.

—Como soube?

Anna não tinha estado segura. Agora o estava.

—Não havia nenhuma razão pela que Gareth negasse havê-lo feito. Seguia insistindo em que tinha sido eu. Por que o fez, Beth?

As mãos do Beth tremeram.

—Pensei que isso o faria te odiar, que seria totalmente meu em vez de só em parte.

—Aqueles correios eletrônicos foram um bonito toque. Uma jóia.

—Sinto muito.

—E ia deixar que chegasse aos tribunais?

—Não teria chegado a tanto. —Beth se ruborizou. Anna queria acreditar.

—O que vai acontecer com ele? —Beth suspirou.

—Não sei.

—Acredita que o Gareth gosta ao menos um pouquinho de mim?

Ah Deus, me dê forças, pensou Anna. Algumas pessoas estavam muito cegas para ver três em um burro.

—Não, Beth. A verdade é que nunca gostou. Uma vez que eu disse que não. Seu ego não podia suportar. Ele foi atrás de você para me fazer mal. Tudo isto foi para vingar-se de mim.

—E o de seu carro o que?

—Sua companhia de seguros me pediu mais de três mil libras para pagar o dano. Se não pagar em vinte dias, me levarão aos tribunais.

O rubor da cara do Beth desapareceu.

—Não posso demonstrar que não o fiz, Beth. A metade do bar me ouviu chamar o Gareth mentiroso de merda. Você usou uma faca de minha cozinha. Tenho o motivo e nenhum álibi. Inclusive se um juiz pensasse que tinha justificativa para fazê-lo, o fato é que eu seria declarada culpada.

—Pagarei — resmungou Beth. — Tenho aproximadamente dois mil no banco. Conseguirei o resto com papai.



Anna sentiu um grande alívio percorrê-la.

—Amigas de novo? —perguntou Anna e Beth assentiu.

Os nervos do Will estavam a mil. Uma reação tardia aos acontecimentos daquela tarde. Nunca havia conduzido tão devagar em sua vida. Provavelmente a polícia o pararia. Quão embaraçoso poderia ser? Um tira indo muito lento. Mas sem seu inato piloto automático Will se tivesse derrubado feito uma pilha tremente. Poderia tê-la matado. Esqueceu que ela entrou correndo na trajetória de seu carro, a Deus obrigado que logo que tinha estado movendo-se, mas poderia havê-la atropelado. E se Will não tivesse seguido seus instintos, Gareth poderia havê-la violado. Talvez assassinado. Will soltou um profundo suspiro.

—Will, já acabou. —disse Anna.

Ele grunhiu algo incompreensível. Cristo, nem sequer podia falar coerentemente.

—Chamou Jax? —perguntou ela.

—Não. —Porque, que merda ia dizer a ele? Olá, Jax, quase matei a Anna. Sim, isso poderia ir bem.

—Já o chamo — Anna tirou seu telefone. — Olá, Jax... Não, Will está me trazendo. Tivemos uma pequena aventura.

Will a ouviu explicar os acontecimentos da tarde. Sua versão, não a dele. Ela disse que Will tinha salvado sua vida e o coração de Will havia se sentido tão esmagado como sua bolsa. Ele não era um herói. Quando cortou a chamada Will se sentiu ainda pior.

—Will, deixa — disse Anna. — Você é meu herói. E se tivesse ficado no Westies sentadinho uma hora em vez de ir a casa do Gareth?

—E se não tivesse levado ali? Poderia te haver levado a qualquer outra parte. Nunca deveria te haver deixado fazê-lo.

—Não teve a oportunidade de fazê-lo.

—Como se isso importasse.

Ele esperava uma boa bronca de seu chefe quando se inteirasse. Esta confusão lamentável não ia desaparecer. Só o fato que sua chegada tinha salvado a Anna, ao final, possivelmente o liberasse.

Will entrou no estacionamento subterrâneo de Cinnabar Wharf.

—Foi minha decisão, não a sua. Agora deixa estar — disse Anna. — Sinto um grande alívio que tenha terminado. Quero ver caras felizes, não preocupadas.

Will se aproximou para ajudá-la a sair do carro. Ele fechou a porta e rodeou seu rosto com as mãos. Inspirou profundamente, mas um pouco a tropicções.

—Te amo — disse. O alívio que sentiu ao dizer o fez ofegar. — Não tem que dizer também. Somente queria que soubesse.

Anna riu, inclinou-se e o beijou. Will liberou seu rosto e deslizou os braços ao redor dela, abraçando-a forte. Tentou ser suave, mas ao segundo se beijavam como se isso fora a última coisa sobre a terra que conseguiriam fazer. Sua língua dançava em um frenesi ao redor da sua e ele perdeu a capacidade de pensar.

Foi a tranquilizadora mão de Anna em suas costas o que lhe devolveu à realidade. Ele se retirou sua respiração descompassada, mas com um sorriso zombador em seu rosto.

—Eu também te amo — disse ela.

Os joelhos de Will tremeram. Graças a Deus seu traseiro estava apoiado contra o carro.

—Me ama? —sussurrou. Anna assentiu.



—Ah Will, como não poderia? É doce e amável. É um homem bom. Arriscou tudo por mim e não te deixarei perder tudo. Faz-me feliz. Quando me olha, me desfaço viva.

Ele riu.

—Não é exatamente o efeito que você tem em mim.

Anna dobrou seus quadris nos dele, esfregando seu pênis, e este palpitou em resposta.

—A vida não vai ser fácil, verdade? —disse Anna. — Não para nós três. Não podemos dizer a ninguém, ir a qualquer parte. Meus pais pensam que Jax sai comigo e isso não é justo para você.

—Podemos fazer que funcione —disse Will. — Há outros como nós. Podemos ir de férias, comer fora, ir ao cinema, ao boliche o que queira. Faremos funcionar —ele exalou um tremente fôlego— Sabe quanto tempo venho desejando que alguém me ame?

—Bom, Jax...

—Ele não pode dizer. Não sei por que. —Will tentou e não conseguiu engolir a angústia de sua garganta.

—Perguntou? —disse Anna. Will soltou uma risada curta.

—Jax não tem esse tipo de conversa. Ele faz uma brincadeira e se torna atrás.

Anna tomou a sua mão.

—Trabalharemos nele. Dois contra um.

Capítulo 24

Assim que Jax ouviu abrir a porta, precipitou-se para baixo e voou para a Anna. Envolveu-a com seus braços e logo a beijou devagar, tomando seu tempo para saborear seu gosto, o roçar suave de seus lábios, seu doce suspiro.

—Sente quanto senti sua falta —Pressionou seus quadris.

Contra as suas até que sentiu cada centímetro de seu rígido pênis.

Anna se separou de sua boca e riu. Jax se derreteu. Como poderia alguém continuar zangado com ela?

Will estava atrás e Jax o chamou com a cabeça, então o incluiu no abraço.

—Nada de mais proezas assim — disse Jax. — Já tenho bastante com me preocupar com o 007, sem você correndo por aí tentando conseguir que os tipos maus confessem em uma fita. Está segura que está bem?

—Estou bem.

—Atropelei-a com o carro — soltou Will.

Jax olhou Will e logo a Anna e logo Will outra vez.

—Um golpe oblíquo. Quase nem senti — disse Anna. — Não foi culpa de Will. Saltei sobre a capota. Amassei com meu traseiro.

—Jesus —Jax a voltou a apertar contra seu peito.

—Will me salvou.

Will acariciou seu cabelo com os dedos.

—Deveria haver feito mais para detê-la. Jax franziu o cenho.

—Já basta de recriminações. Acredito que é de obrigação uma cuidadosa inspeção corporal, mas primeiro comamos. Cozinhei. Não quero que se danifique.

Ele tinha preparado a mesa de cristal do fundo do salão, havia baixado as luzes e tinha



disposto velas. O champanha estava no gelo, a música soava. Will assobiou quando entrou no quarto.

—Wow, o que vamos comer? —perguntou Anna.

—Sanduíches de queijo — disse Jax. Will riu.

—Seguiu a receita?

—Certamente.

Will se virou para a Anna.

—Jax acrescenta coisas. Gosta de experimentar. —Farejou. — Cheira como a moussaka.

Jax sorriu abertamente.

—Isto é um bom princípio — ofereceu uma cadeira a Anna e roçou sua cabeça com os lábios.

Will abriu o champanha, verteu três taças e se sentou junto à Anna.

—Não pode haver-se equivocado com a salada — disse Anna olhando a tigela grande de folhas sortidas no centro da mesa.

—Não toque no alinho — sussurrou Will.

—Ouvi isso. —Jax pôs os pratos de moussaka sobre a mesa, sentou-se do outro lado de Anna e levantou sua taça.

— Pela Anna no meio.

Eles chocaram as taças.

—Nunca me porei no meio de vocês — disse ela.

—Espero que o faça — disse Jax com um sorriso zombador. Houve um momento de silêncio e logo voltaram todos a rir.

A moussaka estava melhor do que Jax tinha esperado. Mais ou menos tinha seguido a receita, somente tinha agregado um pedaço de chocolate que tinha encontrado no armário. Anna estava faladora e Will calado, mas considerando o que tinha acontecido, não era uma surpresa. Jax queria que Anna se mudasse com eles. Podia ter seu próprio dormitório, pagar aluguel se quisesse. Jax tinha economizado cada centavo que Will tinha dado. O plano era levar Will de férias a Austrália e Nova Zelândia. Levar Will e Anna. Jax sorriu.

—Necessito de uma ducha — disse Anna enquanto afastava seu prato vazio.

—Quer uma taça de chá? —Will perguntou. — Sem açúcar, verdade?

Anna se ruborizou.

—Uma colherada, na realidade.

—Mas disse... Ah! Bem, farei. Jax Anna viu sair.

—Ela está bem? Você está bem?

Will apoiou os cotovelos sobre a mesa e pôs a cabeça entre as mãos. Jax se trocou à cadeira da Anna e pôs seu braço sobre o ombro de Will.

—Poderíamos havê-la perdido — sussurrou Will. — Esse bastardo...

Eu...

—Você a salvou.

—Eu poderia tê-la matado.

—Mas não o fez, Will. Deixa-o já. —Jax puxou da cabeça do Will para cima e o beijou. Um terno golpezinho a seus lábios e Will gemeu.

—Quero pedir que se mude para cá —Jax disse, recordando quando antes tinha ferido ao Will com o comentário sobre que este era seu apartamento.— Te parece bem?

O sorriso no rosto do Will fez ronronar o pênis de Jax de alegria.

Anna se dirigiu para o fluxo de água e a deixou cair em cascata sobre ela. A corrente de calor



acalmou seus músculos doloridos e levou as preocupações de sua cabeça. A questão com Gareth estava terminado. Sabia que acabaria saindo sob fiança, mas tinha sido acusado de seu rapto e assalto. Todos aceitaram que ela havia dito a verdade e se aproximava de novo estaria em graves problemas. Talvez a estúpida da Beth ainda o quisesse, mas Anna pensava que seu pai teria algo que dizer sobre isso.

A porta da ducha se abriu detrás dela. Deu a volta enquanto dois corpos firmes entraram Will com sua pele bronzeada e seu físico magro como um lâtego e Jax com seu cabelo despenteado e seus olhos brilhantes. A cascavel no mamilo de Will estava super quente, Anna sentiu endurecer seus mamilos e soltou um ofego estrangulado. Nem sequer tinham tido que tocá-la.

—Pensamos te fazer companhia — disse Jax.

—O sabão e eu estávamos nos sentindo um pouco sozinhos. —Anna riu.

Ela beijou o mamilo perfurado de Will com muito cuidado e ele tremeu. Eles começaram a lava-la dos pés para cima, mãos sabonete escorregando por sua pele. Quanto tempo passaria antes que se cansassem dela? Poderia alguma vez voltar a sentir assim de bom? O que faria quando eles decidissem que já tinham tido o bastante? Muitas perguntas para relaxar. A ansiedade correu descontrolada por sua mente, dispersando perguntas em sua esteira.

Como podia sentir-se tão apaixonada depois de um tempo tão curto? Will lavou seu traseiro, seus dedos percorrendo suas costas e seus ombros.

—Mude conosco — disse Jax enquanto ele brincava com seus mamilos. — Pode ter seu próprio quarto, pagar o que for que esteja pagando de aluguel.

Ele realmente havia dito isso? Tinha pedido que se mudasse com eles?

—Prometemos ser limpos e ordenados. Pode pôr coisas... rosas por aí — disse Jax.

—Você... vocês não me conhecem.

Jax riu.

—Deus, Anna, não fica uma parte de você que não conheçamos. Ela franziu o cenho.

—Tenho alguns maus hábitos.

—Bom —Jax disse e sua boca desceu em picado para seu seio.

—Tais como...? — perguntou Will enquanto esfregava xampu em seu cabelo.

—Eu gosto de country e a música do oeste. —Jax e Will estremeceram.

— Tenho uma necessidade patológica de ver filmes de garotas uma vez à semana com dois tipos sentados a cada lado. — Anna agachou sua cabeça sob o fluxo de água e Will repassou a espuma. — E eu gosto de dançar nua quando há lua cheia.

—Genial — disse Jax.

—No Trafalgar Square — ela acrescentou.

—Mentirosa —Jax beliscou seu nariz. — Bem, o que diz? Quer viver conosco?

Anna tinha que pensar. Ela adorava a ambos. Poderia se arriscar? Desfrutava do agora inclusive se o futuro não estiver claro. Seu coração respondeu.

—Sim, por favor.

Imediatamente se viu intercalada entre eles, o duro pênis de Jax contra seu ventre, o eixo igualmente rígido de Will contra seu traseiro. Jax agarrou sua cabeça e sua língua e pegou a sua boca para lhe roubar um beijo antes de virar para o Will. Ainda sustentando Anna entre eles, Jax pressionou seus lábios contra Will. Anna adorava vê-los se beijar. Havia algo tão atraente nisso, e enquanto a água caía a correntes sobre eles e gotas se pulverizavam por sua pele, viam-se ainda



mais formosos. O cabelo molhado se pegava a seus rostos, as pestanas pesadas com a água, pareciam deuses.

Escorregadia pelo sabão, Anna deslizou entre eles e pôs uma mão sobre cada um de seus traseiros para aproximá-los mais. Deu um beijo sobre a ponta de ameixa do pênis de Will e logo outro na de Jax, e as agarrou pela raiz com seus punhos, brincando com a língua em uma e logo em outra. O gosto era similar, mas o bastante diferente como para que pudesse dizer quem era quem. Enquanto ela rodeava com seus lábios a Jax, Will ficou livre e se ajoelhou a seu lado. Jax se inclinou atrás contra os azulejos e apoiou suas mãos sobre suas cabeças.

Anna e Will tinham seus rostos a cada lado do pênis de Jax, acariciando com a boca seu eixo, e seus úmidos narizes e línguas esquentavam a ele e mutuamente. Quando eles alcançaram a ponta, eles o trocaram de uma boca a outra e Anna sentiu cravar os dedos do Jax em seu cabelo. Will agarrou o pênis de Jax e golpeou contra a bochecha de Anna.

—Jeee... sus —Jax pronunciou um gemido gago.

Will deu ao Jax um golpe atrás de seus joelhos e o trouxe para o chão da ducha. Will estava convexo de costas baixo ele, as pernas sobre a parede da ducha, sua boca ao redor do pênis de Jax. Isso deixava a boca do Jax situada no pênis de Will e Anna se viu com um tentador traseiro. Ah Deus, poderia? Estendeu suas mãos sobre as bochechas molhadas do Jax e viu tremer seu buraco anal. A cara de Will surgiu de entre as pernas de Jax e afirmou com a cabeça. Anna olhou para cima e viu o lubrificante.

Jax gemeu quando Will voltou a chupar seu pênis. Anna agarrou o lubrificante e se ajoelhou. Beijou as pequenas covinhas que Jax tinha ao final de suas costas e logo passou a racha de seu traseiro; sua boca, e logo a língua, deslizou para baixo à escura linha. O tremor do Jax e o fôlego retido a animaram a aprofundar. A franzida entrada de seu corpo se moveu sob seu toque e ela pressionou a ponta de sua língua contra ele. Will jogou sua mão para trás para acariciar seu peito e quando apertou seu mamilo a ponta de sua língua deslizou no ânus de Jax. O gemido profundo a animou e ela incitou e brincou, avançando e retirando-se enquanto trabalhava sua língua mais profundo dentro de Jax.

—Ah Deus, Anna, está me matando — ofegou Jax. — Os dois. Cristo.

Ela o atormentou um pouco mais então lubrificou seus dedos e deslizou um no interior, empurrando com cuidado até que seu nódulo transpassou o músculo restritivo e o absorveu. Anna fez círculos com seu dedo e sentiu uma glândula arredondada, com forma de noz, e pelo modo em que ele se moveu e gemeu, Anna adivinhou que era a próstata de Jax. Ah, gostava de atormentá-lo.

—Leves golpes ou pressão? —ela perguntou.

—Pressão —e Jax ofegou.

Anna manteve seu dedo estável enquanto Jax envolvia o pênis de Will com sua boca. Mais lubrificante dois dos dedos da Anna e Jax ofegava no pênis de Will. Anna apertou mais duro e momentos depois Jax ficou rígido com um grito rouco. Ela apertou as coxas enquanto uma onda de contrações revoava por sua vagina. Jax dobrou sua cabeça para o pênis de Will e Anna retirou seus dedos para lavá-los sob a água. Will se esticou para agarrar os quadris dela e esfregou seus braços enquanto ele gozava na boca de Jax. Por um instante ninguém se moveu então Jax se virou para sentar-se com as costas na parede de vidro e Will baixou suas pernas e se sentou. Alcançou a Anna, atraiu-a a seus braços e a estreitou, assim que os três estavam apertados juntos, pernas entrelaçadas, braços unidos sob a água. Will deixou cair um beijo sobre o pescoço de Anna, mordiscando na suscetível área sob seu ouvido.



—Te amo — disse, logo beijou Jax nos lábios. —Amo aos dois.

Anna sentiu Jax ficar rígido e logo relaxar outra vez.

—Eu nunca tinha estado apaixonado até que te encontrei — ele disse a Jax.

— Agora não sei como poderia viver sem você. Quero-te por ter encontrado Anna. Seja o que seja que nos proporcione o futuro, obrigado pelo que temos agora.

—Eu também amo aos dois — disse Anna. — Isto simplesmente faz com que me sinta bem. Sou a pessoa mais afortunada no mundo.

Jax tirou de entre seus braços, levantou-se e saiu da ducha. Will suspirou. A reação de Jax não o tinha surpreendido, mas sim a Anna. Tinha os olhos como pratos quando viu o Jax agarrar uma toalha e sair do quarto. Levantou-se.

—Deixe. Estará bem—disse Will.

—Não.

Anna saiu da ducha, secou o excesso de água, deixou cair a toalha e saiu do quarto. Will fechou os registros e a seguiu. Jax estava sentado na parte mais afastada da cama de costas para eles. Anna avançou lentamente por detrás dele e pôs sua mão sobre seu ombro. Ele a ignorou.

—O que vai mal? Por que não nos permite te amar? — perguntou.

O coração do Will subia e baixava entre sua garganta e seu estômago. Anna desceu da cama e caiu de joelhos aos pés do Jax.

—Fala comigo.

—Sim que permito que me ame — disse ele com voz baixa. Will se sentou sobre a cama atrás dele.

—Mas você não pode te permitir nos amar — disse Anna. Jax se levantou de um salto.

—Né! Eu gosto dos dois. Eu gosto muito. Mas amor...

Ele começou a passear, logo parou e se apoiou contra a parede, olhando-os.

—O que aconteceu? —perguntou Anna. Jax soltou uma risada curta.

—Agora sei por que evitei acrescentar uma mulher a isto. Não sabe quando deixar as coisas em paz — ele fulminou Will com o olhar. — Esta se aliando contra mim?

—Jax, não faça isso — disse Anna.

—Estive apaixonado uma vez. —Jax apoiou sua cabeça atrás contra a parede.

— Seu nome era Samantha, Sam. Eu disse que a amava e ela assumiu que isso significava ser um casal e não um trio. Mike, o tipo com o que eu já estava mais de um ano antes de conhecê-la, ouviu um pouco da conversa, mas não tudo. Ele pensou que queria a ela e não a ele. Seu corpo foi encontrado no rio no dia seguinte. Tinha estado bebendo, assim poderia ter sido um acidente e não suicídio. Nunca saberei — trágico ar. Will estava horrorizado, não sabia nada.

—Assim é mais seguro não dizer que ama a alguém, não confiar a eles seu coração — disse Anna.

—Confio no Will. —Jax olhou diretamente e Will sentiu um pouco de segurança.

—Você o ama — disse Anna. — Só que não dirá. A respiração de Jax se descompassou.

—É muito egoísta, Jax — disse Anna. Ele a olhou furiosamente.

—Não sou um fodido egoísta. Sou a pessoa menos egoísta que conheço.

—Não nisto. —Anna se moveu para sentar-se sobre a cama ao lado de Will.

Will tomou sua mão.

—Deixa-o, Anna. Ela sacudiu sua cabeça.

—Isto não vai funcionar se não formos honestos, Jax. Se não me amar, não quero me mudar.



É muito difícil a não ser que eu tenha seu coração e você tenha o meu. Eu assumi o risco. Agora é seu turno.

A dor se refletiu nos olhos de Will. Anna tinha forçado esta confrontação e embora ele quisesse que Jax respondesse, Will sentiu que os muros se desmoronavam a seu redor.

—Vem aqui — disse Anna com voz tranquila.

Will olhou para Jax. Depois de um comprido minuto Jax deu um passo para ela. O coração de Will suspirou de alívio. Anna agarrou a mão de Jax e o atraiu à cama. Will caiu a seu outro lado.

—Poderia te torturar — sussurrou Anna.

Ao estender o sorriso pelo rosto de Jax, o coração do Will começou a pulsar mais rápido. Jax soltou uma pequena risada. Will puxou a toalha da cintura de Jax e a jogou ao chão. Aconchegou-se a suas costas e pressionou seu rosto contra seu pescoço. Anna apertou pelo outro lado. Eles que ficaram tombados entre os braços enlaçados.

—Está bem ser vulnerável às vezes — sussurrou Anna. — Isto não o algema a nós. Te oculta, Jax, e não há nenhuma necessidade de se ocultar da gente que te ama.

Anna esperava não ter ido muito longe, mas havia dito a verdade. Tinham que se amar mutuamente para que isto funcionasse. Olhou fixamente nos olhos de Jax e não viu distanciamento. Ele suspirou, apoiou-se para frente e lhe deu um beijo tão profundo, que roubou seu fôlego da garganta e um tremor de desejo zumbiu em sua vagina. Ela enganchou sua perna sobre ambos e Will a agarrou pelo calcanhar.

Já encharcada com sua nata, os gordos lábios de Anna se abriram ao torcido pênis de Jax. Ele empurrou tão profundamente nela, que parecia como se ele tivesse alcançado sua garganta. Ela se esforçou por respirar. As sensações que percorreram seu corpo dominaram tudo exceto a necessidade de gozar, mas conteve o impulso. Ele abriu sua boca e Anna deu uma sacudida quase imperceptível de sua cabeça e jogou uma olhada ao Will. Jax deu uma cabeçada diminuta e ela riu. Ela não devia ser a primeira em ouvir as palavras.

—Acima ou abaixo? —Jax perguntou.

—Abaixo, mas não me esmaguem — disse Anna.

—O que? Nossos muito magros corpos? —disse Will.

Jax fez Anna rodar para pô-la abaixo dele, seu pênis ainda encaixado dentro dela. Ele se apoiou sobre seus braços e pressionou seus joelhos no colchão.

—Está tão molhada e suave—sussurrou Jax. Anna apertou seus músculos pélvicos e ele gemeu, logo riram. — E apertada — acrescentou.

Ela viu Will estender lubrificante sobre seu pênis, lubrificando toda sua longitude e logo limpou seus dedos na fenda do traseiro de Jax. Quando pressionou contra o ânus de Jax, Anna sentiu a mudança no corpo deste. Ela pôs suas pernas sobre os quadris de Will enquanto ele começava a empurrar devagar. Quando Will se introduziu em Jax, Jax colocou seu pênis mais profundo na Anna, estirando seus músculos apertados e o fazendo gemer. Seu clitóris palpitou já engordado, excitando o capuz pela sedosa coroa de belo ao redor de seu pênis. Dois rostos a olharam, ainda molhados pela ducha, e um líquido desejo brilhante alagou sua vagina. Will se moveu mais duro e mais rápido em Jax, quem introduziu de repente seu pênis mais duro e mais rápido na Anna. Will gemeu contra o pescoço de Jax e Jax trocou o ângulo de seu impulso.

—Oooh, não pare de fazer isto — ofegou Anna.

Seu torcido pênis tinha acariciado algum lugar diferente dentro dela e os dedos de Anna arranharam as costas de Will enquanto Jax deslizava seus braços debaixo dela para sustentá-la. Jax bombeou mais e mais rápido, conduzindo a longitude inteira de seu grosso pênis dentro e fora.



Tiamat World

Barbara Elsborg
Anna no Meio

Cada movimento conduzia a Anna para o céu. Um foguete, esperando o momento de explodir.

—Will, mais duro — gritou Jax. — Oh Deus.

Com um rugido ruidoso, deu um último e destruidor empurrão e seu corpo ficou rígido, apertando braços e pernas. De uma vez que Will esvaziava-se no Jax, Jax gozou dentro da Anna como uma explosão de água, uma corrente incansável de sêmen que alagou sua vagina. O foguete da Anna finalmente se detonou e estrelinhas de cores explodiram atrás de seus olhos, os brilhos relampejantes de felicidade elétrica destroçando cada uma de suas terminações nervosas enquanto ela chorava de autêntica alegria.

Então ela se encontrou entre eles em vez debaixo deles e a cobriam com beijos, cobriam um ao outro com beijos. Jax agarrou a cabeça de Will.

—Will —disse Jax— Te amo. Sou um é...

Will não deixou Jax acabar. Um par de lábios se encontrou com outro e Anna se viu esmagada no meio. Ela nunca tinha sido mais feliz. Jax a colocou em cima e a beijou docemente.

—Anna, também te amo.

Não, ela se equivocava. *Agora*, ela nunca tinha sido mais feliz.

FIM



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>

Formatado: Inglês (EUA)

Código de campo alterado

Formatado: Inglês (EUA)

Formatado: Inglês (EUA)